

maria immacolata vassallo de lopes

ORGANIZADORA

**VINTE ANOS DE  
CIÊNCIAS DA  
COMUNICAÇÃO  
NO BRASIL**

**AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS**

 **INTERCOM**

UNIVERSIDADE



SANTA CECÍLIA

**SÃO PAULO  
1999**

**Maria Immacolata Vassallo de Lopes**

**(organizadora)**

**VINTE ANOS DE  
CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO  
NO BRASIL**

---

**AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS**



**Santos  
1999**

**VINTE ANOS DE CIÊNCIAS  
DA COMUNICAÇÃO NO BRASIL**

*Avaliação e perspectivas*

**Copyright © 1999:**

**Intercon**

Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
Caixa Postal 11.052-3 — CEP 05422-970 — São Paulo - SP  
Avenida Professor Lúcio Martins Rodrigues, 443 — Bloco 9  
CEP 05508-900 — São Paulo - SP  
Fone/fax: (011) 818-4088 — E.mail:intercom@edu.usp.br

**Edição de texto**

*Waldemar Luiz Kunsch*

**Projeto gráfico**

*Bruno Basso*

**Fotolito**

*Tec Art Editora Ltda*

Catálogo preparado no SIBi — UNISANTA - Sistema Integrado  
de Bibliotecas

Vinte anos de Ciências da Comunicação no Brasil: avaliação e  
perspectivas / Organizadora Maria Immacolata Vassallo de Lopes.  
— Santos: Universidade Santa Cecília, 1999. 296 p.

I. Comunicação-Brasil I. Lopes, Maria Immacolata Vassallo de

CDD 302.2981

Nenhuma parte desta obra pode ser gravada, armazenada em sistemas eletrônicos,  
fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou quaisquer outros meios,  
sem autorização prévia dos editores e dos autores.



Esta obra foi impressa na  
**Editora Unisanta**  
em agosto de 1999

## Sumário

Prefácio,

*Silvia Angela Teixeira Penteado e Lucia Maria Teixeira Furlani*, 7

Vinte anos de Intercom (1977-1997), 9

*Maria Immacolata Vassallo de Lopes*

### I

---

1

Vinte anos de pesquisa *ou* das certezas para a ambivalência, 15

*Armand Mattelart*

2

Lo que la investigación latinoamericana de comunicación debe al Brasil:  
relato personal de una experiencia intercultural, 31

*Jesús Martín-Barbero*

3

A constituição da comunidade acadêmica brasileira no campo das  
ciências da comunicação, 49

*José Marques de Melo*

### II

---

1

Os vinte anos da Intercom, 75

*Carlos Eduardo Lins da Silva*

**2**

Os três eixos da história da Intercom, **83**

*José Salvador Faro*

**3**

Pluralismo e globalização, marcas da identidade da Intercom, **87**

*José Marques de Melo*

**4**

As parcerias da Intercom: canalizando a sinergia da integração, **93**

*Margarida M. Krobling Kunsch*

**5**

A Intercom e as Ciências da Comunicação no Brasil, **103**

*Maria Immacolata Vassallo de Lopes*

**6**

Portcom: a Intercom registrando a produção científica brasileira em comunicação, **111**

*Dinah Aguiar Población*

## **III**

---

**1**

A pesquisa em jornalismo no Brasil: trajetória e perspectivas, **117**

*José Marques de Melo*

**2**

A pesquisa em jornalismo no Brasil: contribuições da Intercom, **125**

*Paulo Roberto Botão*

**3**

A pesquisa acadêmico-científica no campo das relações públicas e da comunicação organizacional no Brasil, **137**

*Margarida M. Krobling Kunsch*

4

A pesquisa sobre rádio no Brasil nos anos oitenta e noventa, **161**

*Sonia Virgínia Moreira, Nélia Del Bianco*

5

A pesquisa de recepção no Brasil: em busca da influência latino-americana, **171**

*Nilda Jacks*

6

A comunicação rural nos congressos da Intercom:  
balanço para entrar no século XXI, **185**

*Angelo Brás Fernandes Callou*

7

Estudios de comunicación rural:  
un recorrido desde la disciplina por los distintos escenarios latinoamericanos, **203**

*Gustavo Cimadevilla, Edgardo Carniglia*

## IV

---

1

Um panorama da pesquisa em comunicação na região norte, **221**

*Luiz Roberto V. de Jesus*

2

Balanço da pesquisa em comunicação na região nordeste, **233**

*Luiz Momesso*

3

O estado da pesquisa em comunicação na região centro-oeste, **247**

*Maria Helena Antunes*

4

A pesquisa em comunicação na região sul, **263**

*Marli Hatje, Eugenia Barichello*



# Prefácio

O desenvolvimento pleno de uma nação tem como eixo básico sua infra-estrutura na área de Comunicação. Quanto maior o leque de opções nesse setor, melhores as possibilidades de a população exercer o seu papel de cidadania.

Mas nem sempre o acesso a um grande número de informações implica no desenvolvimento sócio-cultural do indivíduo. É necessário que as pessoas selecionem a massa de mensagens que as atingem diariamente, absorvendo seu conteúdo com olhar crítico. Só assim haverá condições de uma leitura contextualizada da realidade em que se vive. Fundamental, portanto, é o trabalho de qualificação daqueles que vão desempenhar funções à frente dos veículos de Comunicação.

Por essa razão, é motivo de orgulho para nossa instituição poder reunir, em uma única obra, contribuições tão significativas à ciência da Comunicação Social. Resultado do trabalho profícuo da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Immacolata Vassallo de Lopes, a coletânea dos textos contidos nesta obra (muitos deles apresentados quando da realização do 20º Intercom, evento que honrosamente abrigamos em nossa universidade), revela a face mutante que acompanha o pensamento neste campo, como não poderia ser diferente. Afinal, a história da comunicação se confunde com a da humanidade. Mesmo que de forma instintiva, a evolução humana foi acompanhada pelo desenvolvimento das técnicas da comunicação. Por meio de gestos, registros primitivos e, posteriormente, através do aperfeiçoamento da codificação linguística e das tecnologias que envolvem os meios de difusão, o homem sempre buscou manifestar seu pensamento como forma de se interrelacionar com o outro e o mundo externo.

Mesmo que com a única pretensão de retratar o momento vivido, todos registros feitos serviram como documentos para a posteridade, dos quais o homem se vale hoje para conhecer suas origens e sustentar as ações que visam preparar seu futuro.

Mas foi a partir deste século que vimos nascer e se desenvolver os sistemas denominados como Meios de Comunicação de Massa. As mídias impressas (como os livros, os jornais e as revistas), os sistemas de radiodifusão, o cinema e a televisão se revelaram instrumentos eficientes na criação de conceitos globais e de mobilização social.

Mas qual seria o real papel que a Comunicação deve assumir no próximo milênio, visto que ela cada vez mais representa um elemento indispensável para colaborar com o esforço do homem no sentido de melhorar sua produtividade, sua expressão pessoal, suas necessidades de vínculos pessoais, enfim, sua qualidade de vida? Ela terá, obrigatoriamente, que exercer papel



preponderante. Instrumento de educação permanente, deverá colaborar para ampliar a participação da população nos assuntos econômicos, políticos e que envolvam interesses nacionais; no fomento à educação, de forma a aprimorar os conhecimentos teóricos e práticos do cidadão comum; e, principalmente, na tarefa de inculcar o sentimento nacional de valorização de nossa identidade cultural, com uma proposta voltada ao desenvolvimento equilibrado e em harmonia com o ambiente em que o homem eternamente terá de prover sua existência.

Sem a comunicação há poucas esperanças de se alcançar objetivos urgentes, especialmente quando as metas são compartilhadas pelo conjunto da sociedade. Assim, este livro se revela como uma indispensável contribuição da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação (Intercom), que vem nos seus últimos 20 de existência dando o tom nessa área de pesquisa. É uma obra que reúne o transpirar de pesquisadores em seus momentos de maior inspiração intelectual.

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sílvia Ângela Teixeira Penteado  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lúcia Maria Teixeira Furlani

Reitora da Universidade Santa Cecília - UNISANTA  
Presidente do Instituto de Educação Santa Cecília - ISESC

## Vinte anos de Intercom (1977-1997)

*Maria Immacolata Vassallo de Lopes*  
*Presidente da Intercom no biênio 1995-1997.*

O extraordinário impulso dos estudos de comunicação nos anos oitenta faz destes os anos de “grande despertar” para a pesquisa em comunicação, pois revela a tomada de consciência da necessidade de se refletir sobre o que se estava e como se estava pesquisando. Este dado, no Brasil, refletia uma situação que era semelhante em outros países da América latina, conforme foi apontado por Jesús Martín-Barbero e Luis Ramiro Beltrán.

Partia-se, no início da década, numa conjuntura de transição política, marcada pela “distensão” do regime militar, para o reconhecimento do caráter dependente da teoria e da pesquisa em comunicação; passava-se a criticar a dicotomização estéril – teorismo X pragmatismo – indicando-se a descontextualização das problemáticas e abordagens em ambas as tendências; apontava-se para a insuficiência da crítica epistemológica aos paradigmas científicos, principalmente ao funcionalismo, mas também a certas teorias como a da Escola de Frankfurt e aos esquemas estruturalistas da Semiologia. Propunha-se então como alvos básicos a busca de alternativas teóricas e metodológicas e a priorização de certos temas de estudo como as novas tecnologias de comunicação, as políticas de comunicação e as formas populares de comunicação.

Já a entrada nos anos noventa dá-se sob o signo do malogro do socialismo real dos países do leste europeu e o avanço do capitalismo neo-liberal. O processo de globalização e a revolução da informática fornecerão as balizas materiais aos estudos de comunicação, enquanto a “crise dos paradigmas” levará a mudanças nas visões teóricas pela incorporação dos trabalhos de autores pós-modernos (Loytard, Baudrillard, Sfez, Virilio, Maffesoli etc.).

Para a comunidade brasileira de pesquisadores da comunicação, é particularmente intenso o desafio colocado pelo confronto entre os novos processos universalistas da globalização e as tradicionais referências da questão nacional e das classes sociais, entre a cisão de mundo teoricamente desenraizada e fato de pensar que se integra ao movimento concreto das coisas.

A centralidade que hoje toma a comunicação faz do seu campo de estudos uma arena fértil para onde conflui o debate sobre o “espírito do tempo”. O desafio que se coloca é saber trabalhar, dentro de uma enorme variedade de incitações, com aquelas que levem ao fortalecimento do campo da comunicação e não

à sua diluição. E isso exige um trabalho conseqüente e inovador, teoricamente imbricado nas contradições e impasses provocados pela modernidade em países de profundas desigualdades como o nosso.

Esta preocupação prende-se à visão histórica que temos do campo da comunicação como campo científico em autonomização (Bourdieu) dentro do campo maior das Ciências Sociais e Humanas, ao mesmo tempo em que se afirma como objeto interdisciplinar.

É nesse contexto que se insere a Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, que, fundada em 1977, agora completou vinte anos de existência. A comemoração dessa efeméride aconteceu durante o XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, o Intercom 97, que propiciou uma oportunidade ímpar de refletir sobre o papel da entidade no processo de institucionalização da comunicação como campo de estudos brasileiros. Vale dizer, sobre sua atuação enquanto entidade que organiza uma comunidade científica, formando parte do quadro que se convencionou chamar de condições de produção de (uma) ciência.

Seguindo a tradição de sediar o congresso a cada ano numa região, o deste ano realizou-se em Santos, que tinha acolhido a primeira edição do evento, então chamado de Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. O primeiro ciclo, promovido em conjunto com a Faculdade de Comunicação de Santos, hoje integrada à Universidade Católica de Santos teve por tema “Ideologia e poder no ensino da comunicação” e, segundo documentos, contou com a participação de 43 professores e pesquisadores.

Atualmente, a estrutura do congresso é bastante complexa, integrando-o eventos científicos de diferentes temáticas, do que decorrem as múltiplas e diversificadas contribuições ao panorama das Ciências da Comunicação. Ele é hoje, sem dúvida, a principal reunião científica da área no País e também a mais concorrida, tendo participado do Intercom 97 cerca de 3.500 pessoas, entre pesquisadores, professores, profissionais e estudantes de comunicação do País e do Exterior. Aliás, uma característica que tem se acentuado é a dimensão internacional do evento, que, recebendo já de forma rotineira pesquisadores sul-americanos, amplia a cada ano relações com as comunidades de comunicação de países de outros continentes.

Em virtude das dimensões desse quadro, pela primeira vez, o congresso se realizou em conjunto com três instituições de ensino de uma mesma cidade. Assim, participaram de sua organização a Universidade Católica de Santos (Unisantos), a Universidade Santa Cecília (Unisantanta) e as Faculdades da Associação Educacional do Litoral Santista (Aelis), cujo processo de transformação em Centro Universitário Monte Serrat (Unimonte) se achava em curso na ocasião. A coordenação geral esteve confiada a Rafael Souza Silva, professor da Unisantos.

O tema central do Intercom 97 foi “Vinte anos de Ciências da Comunicação: avaliação e perspectivas”, que se projetou nas atividades de seus principais eventos internos (XX Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação e VIII Encontro dos Grupos de Trabalho), mas também nos simpósios de pesquisa da comunicação realizados, antes do congresso, nas cinco regiões do País (VI Sipec da Região Sudeste, V Sipec da Região Sul, V Sipec da Região Nordeste, III Sipec da Região Centro-Oeste e II Sipec da Região Norte).

O XX Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação teve, assim, dois painéis. O primeiro representou um marco na história da entidade, por reunir três autores que exerceram expressiva influência na trajetória dos estudos brasileiros e latino-americanos de comunicação: Armand Matterlard, Jesús Martín-Barbero e José Marques de Melo, que debateram aspectos da constituição e do desenvolvimento desse campo. Sua presença constituiu-se, ao mesmo tempo, num reconhecimento da importância de sua obra e da maturidade que os estudos da comunicação vêm ganhando. O segundo painel apresentou um quadro da pesquisa de comunicação em cada região do País, acolhendo os resultados do mapeamento feito, no primeiro semestre, nas escolas de comunicação brasileiras, pelos coordenadores dos diversos simpósios regionais. Além disso, as reuniões dos dez GTs monotemáticos e dos dezessete GTs multidisciplinares da Intercom, durante o XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, estiveram voltadas para a recuperação da trajetória da pesquisa em sua respectiva área ou temática, mediante trabalhos previamente preparados, que avaliaram a produção científica levada a efeito ao longo da existência de cada um deles.

Enfim, o que se tinha em vista era um ambicioso e inédito mutirão intelectual, por meio do qual uma comunidade de pesquisadores tentou traçar a identidade de seu campo, lançando um olhar investigativo sobre vinte anos de sua história. A presente obra reproduz, dentro da limitação do espaço disponível, o que de mais significativo e abrangente se produziu na ocasião.



---

*Increver na ordem do dia a multidisciplinaridade.  
Não aquela das grandes construções prometêicas  
de uma nova Enciclopédia,  
mas aquela que provoca o encontro  
em volta de um mesmo objeto de estudo de pesquisadores  
pertencendo a metodologias múltiplas.  
Estabelecer com eles alianças,  
aproveitando o prestígio atual da comunicação  
e prevenindo-se contra as tendências  
á hegemonia das antigas disciplinas.*

*Armand Mattelart*



## Vinte anos de pesquisa *ou* das certezas para a ambivalência

*Armand Mattelart*

*Professor pesquisador da Université Paris 8.*

*Tradução: Jacques Vigneron*

*Universidade Metodista de São Paulo (Umesp).*

“A liberdade somente existe onde a inteligência e a coragem conseguem dar uma mordida na fatalidade”.

*Correspondência entre Roger Caillois (Paris)  
e Victoria Ocampo (Buenos Aires), 1956*

### I

Onde estamos? Qual é o destino da interdisciplinaridade? Eis aqui as perguntas irreprensíveis, percebidas como tais pelos professores pesquisadores e pelos estudantes de ciências da informação e da comunicação de áreas geográficas e culturais bastante diferentes. Prova de uma convergência transnacional: este tema estava inscrito nas ordens do dia da sessão magna de encerramento do congresso da Société Française des Sciences de l'Information et de la Communications - Sfsic que se realizou em Grenoble, no mês de novembro de 1996. Estava também presente no XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em Santos no mês de setembro de 1997, pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação (Intercom), que queria assim celebrar seu vigésimo aniversário. Dos dois lados do Atlântico, tive o privilégio de ser convidado como palestrante para tratar deste assunto.

Quando a presidente de Intercom, Maria Immacolata Vassallo de Lopes me convidou no mês de novembro de 1996, durante a reunião da Sfsic para



*faire le bilan*<sup>1</sup> de vinte anos de pesquisas, o primeiro ponto no qual tropecei foi a palavra *bilan*. O vocábulo evocava para mim uma contabilidade de duas colunas, com passivo e ativo, desembocando em saldos globalmente negativos ou positivos. Pois, analisando o ensinamento dos anos passados, nenhuma avaliação das mudanças e das inflexões das problemáticas de pesquisa podia ser feita a partir da binariedade. As teorias críticas foram durante muito tempo obcecadas pela repartição muito rígida do verdadeiro e do falso, que no plano político se assimilava à oposição entre a linha correta e a linha desviante, o bom e o ruim, a verdade e o erro. O que se questionou foi o caráter de certeza bruta e unívoca ligada a este tipo de categorias. A figura da ambivalência contribuiu para apagar as linhas de demarcação e ao mesmo tempo tornou mais difícil o trabalho de avaliação dos progressos e dos regressos. Destacamos com muita força que esta ambivalência permitiu compreender melhor o caráter polissêmico do real e dos atores que agem.

Houve mudanças radicais, até sismo. Para entender o que ganhamos e perdemos na transição de uma visão para outra, temos que fazer um retrato rápido dos dois anos limites propostos à nossa reflexão.

1977: o ano da fundação da Intercom culminou a idade de ouro da crítica do sistema de comunicação mundial. Foi também, para numerosos países do Cone Sul da América Latina, um dos anos de chumbo dos regimes ditatoriais. Usando experiências políticas concretas, unidas ao estado avançado dos sistemas tecnológicos do subcontinente em relação com o resto do chamado terceiro mundo, os pesquisadores latino-americanos assumiram um papel determinante no questionamento do princípio do *free flow of information* e do projeto de uma Nova Ordem mundial da Informação e da Comunicação. Foi o primeiro passo em direção à apreensão das lógicas de desterritorialização inerente ao sistema econômico mundial. A idéia da necessidade de uma regulação do espaço comunicacional internacional legitimou-se ao mesmo tempo que o conceito de política nacional e regional de comunicação. Dois exemplos podem ser emprestados do Brasil. No mês de julho de 1977, reuniram-se em Brasília os cineastas de dez países com a finalidade de criar um *mercado comum* do filme latino-americano e de exigir políticas de quotas; até mesmo se propôs integrar neste projeto os cineastas dos países latinos da Europa.. No mesmo período, os profissionais brasileiros do tratamento da informação recusaram ser reduzidos à mera condição de *vendedores de tecnologias estrangeiras*. Eles começaram a mobilizar-se para uma política voluntarista (transferência de tecnologias e criação de um mercado reservado para os computadores nacionais), a fim de garantir a independência tecnológica.. No campo oposto, foi o ano da confusão e da incompreensão, que revelou o crescimento das reivindi-

---

<sup>1</sup> *Faire le bilan*: fazer o balanço.

cações contra o intercâmbio desigual no campo da comunicação e de tecnologia. Nos relatórios oficiais, a palavra *crise* era a palavra-mestra das análises. A comissão trilateral que reuniu mais de duzentas autoridades da América do Norte, da Europa Ocidental e do Japão lhe deu o nome de *crise de governabilidade das democracias ocidentais*. A comissão processou explicitamente as mídias, ao mesmo tempo em que ficou preocupada com o desafio potencial de desestabilização das *antigas formas de controle social* que os intelectuais críticos esfregavam na cara das *democracias ocidentais*. A ação desses intelectuais foi julgada mais visível que a ação dos *intelectuais mais orientados para as decisões* acusados de aderir ao sistema. Na Europa, sem nenhuma relação com a rebeliões que vinham do Sul, os ministros da Cultura tomaram consciência da concorrência desigual entre as políticas públicas de democratização cultural e os novos caminhos de difusão intensiva dos bens culturais pelo mercado. O conceito plural de indústrias culturais apareceu no mesmo tempo em que, depois de posições bastante críticas, se constituíram as bases de uma economia política da comunicação que queria ser uma alternativa à concepção monolítica que a Escola de Frankfurt tinha da indústria cultural e às análises inspiradas da semiologia da primeira geração fechada nos corpus. Na Inglaterra apareceram as primeiras polêmicas e os primeiros desentendimentos entre este projeto de economia política e os *cultural studies*. Na França o relatório Nora-Minc sobre a informatização da sociedade (1978), primeiro documento prospectivo elaborado por um grande país industrial sobre os desafios sociais e econômicos das novas tecnologias da informação, falava de *crise de civilização* e o caminho que propôs, para sair dela, iria ter uma profunda ressonância sobre as políticas de independência tecnológica em países como o Brasil.

1997: chegamos ao final de um decênio caracterizado pela desregulamentação selvagem dos sistemas técnicos de informação e de comunicação, mas não ao final da espiral do processo de desregulamentação que na realidade instalou uma regulamentação durável que privilegiou os interesses e as iniciativas dos atores do mercado. Então, liberados das ditaduras militares, os países do Cone Sul adotaram o modelo de ajustamento econômico neoliberal. Este caminho adquiriu sua credibilidade em primeiro lugar no Chile da ditadura do general Pinochet aconselhado pelos *Chicago boys*. Nos países que no passado estavam na frente das reivindicações para um reequilíbrio dos intercâmbios, o conceito mesmo de *política pública* foi deslegitimado pela adesão ao *todo liberal*. O Brasil abriu amplamente seu mercado às empresas de informática estrangeiras. Mesmo se alguns cineastas ainda criam alguns filmes, a cinematografia latino-americana foi podada. No mundo, a política da *exceção cultural* no campo do audiovisual defendida pelo governo francês tornou-se uma exceção que confirmou a regra do intercâmbio livre. Anunciando novas

formas de rebelião a partir de *bolsões de resistência*, como aqueles que prefiguraram as lutas dos zapatistas, o subcomandante Marcos escrevia no mês de agosto de 1997: “*A quarta guerra mundial começou. O neoliberalismo, como sistema mundial, é uma nova guerra de conquista de territórios (...). Como todos os conflitos, este obriga os estados nacionais a redefinir a sua identidade. A ordem mundial voltou aos antigos tempos das conquistas da América, da África e da Oceania. Estranha modernidade, que avança recuando. O crepúsculo do século XX assemelha-se muito mais aos séculos bárbaros do que a um futuro racional descrito pelos romances de ciência de ficção*”. Em todos as latitudes fala-se de *aposentadoria geral dos intelectuais*. Neste mesmo mês de agosto de 1997, o romancista espanhol Juan Goytisolo faz referência a esta situação escrevendo no *Monde Diplomatique* um artigo intitulado “Da submissão dos intelectuais ou os pombos domesticados”.

Uma coisa é certa: a *market mentality*, exposta tempos atrás pelo historiador da economia Karl Polanyi, penetrou todos os sedimentos das nossas sociedades, introduzindo a confusão no nível dos conceitos mais diversos. Primeiro, os de democracia e de liberdade de expressão, postos em tensão com a *democratic marketplace* e a liberdade de expressão comercial.

Esta visão contrastada pela comparação dos anos 1977 e 1997 faz logicamente oscilar os diagnósticos sobre a evolução do globo e dos sistemas de comunicação e de informação chamados globais entre a apologia e a denúncia, a hagiografia e o catastrofismo e influencia necessariamente os dispositivos teóricos encarregados de analisá-los. O problema é que temos aqui somente duas fotografias e que a história não é uma fotografia, mas um filme e que o filme continua rodando.

Deixemos agora de lado este diagnóstico em preto e branco para voltar a dar ao processo em desenvolvimento as cores da ambivalência. Para entender os transtornos dos vinte últimos anos, uma periodização é necessária. Distinguirei pelo menos dois períodos, de duração igual, sendo que as lógicas que trabalharam no primeiro não desapareceram magicamente no segundo e que também temporalidades específicas observam-se em função dos espaços geográficos e culturais de pesquisas

## II

A lenta erradicação das teorias monolíticas do poder elaboradas durante a segunda guerra mundial caracterizou o primeiro período, que vai de 1977 a 1987. Um dos temas centrais abordados pela Intercom na sua assembléia de 1981, à qual comparei a convite de meu colega Marques de Mello, tinha como título *Hegemonia e comunicação*. Era uma clara referência à leitura gramsciana dos dispositivos do poder. A volta de Gramsci foi um símbolo. O filósofo

italiano foi um *passer*.<sup>2</sup> Sua influência foi, por exemplo, flagrante nas pesquisas desenvolvidas nesta época pelos *cultural studies*. Poder-se-ia conservar a palavra *hegemonia* para definir este período, sem, portanto, reduzir a riqueza conceptual e teórica do período a uma equação do primeiro grau.

Na história da construção do campo das ciências da informação e da comunicação, o período 1977-1987 foi, do meu ponto de vista, um período privilegiado. A partir de lugares e de temporalidades múltiplos, procurou-se estabelecer passarelas entre os termos das dicotomias que desde o início das ciências sociais estruturavam e desnaturavam as *grande questões* sobre a comunicação: natureza/cultura; indivíduo/sociedade; ator/sistema; livre arbítrio/determinação social; produção/consumo; micro/macro; local/nacional/mundial. Esta transformação profunda operou-se num contexto de interrogação geral sobre a concepção de história/progresso/modernidade/desenvolvimento que sustentaram os paradigmas da mudança social como processo necessário, fatal e linear. No coração da crise que alterou a confiança no unívoco, houve uma crise dos modelos racionais, do verdadeiro e das normas que atravessavam o *logos* ocidental.

O que criou o problema foi a linearidade postulada pela teoria matemática da comunicação. Foi a unilateralidade das teorias estruturalistas-funcionalistas, interessadas em exigências sociais exteriores ao indivíduo e consagrando o primado da *sociedade* sobre o sujeito, da estrutura sobre a prática e do instituído sobre o vivido. Assim, progressivamente, afirmaram-se as tentativas que votaram outras unidades de análise à pessoa, ao grupo e às relações interpessoais na experiência do quotidiano. As abordagens circulares do processo de comunicação encontraram-se dotadas de uma pertinência nova. As explicações abrangentes foram substituídas pela constatação dos fatos. Seguiu um questionamento sobre a fetichização dos macro-sujeitos, em primeiro lugar do Estado, e também da reificação do poder. A noção de *poder negociado* fraturou a imagem do poder localizado num único ponto da sociedade, visível e unívoco, quer dizer, fraturou a imagem do poder central perfeitamente articulado com a periferia. Sucedeu-lhe uma imagem de redes complexas, de espaços onde o entrelaçamento tornou complexa a formação das decisões. A reabilitação do sujeito tomou a forma de uma volta aos procedimentos do consumismo. Ainda, a noção de *prazer*, durante muito tempo banida das referências críticas, reapareceu na análise dos costumes. A participação das teorias geradas pelo feminismo foram decisivas. Com a reabilitação do prazer, a força mais íntima da indústria do entretenimento, começou a iluminar a face negligenciada da realidade concreta e vívida da relação do pú-

---

<sup>2</sup> "*Passer*": aquele que ajuda outro a atravessar uma fronteira; neste sentido Gramsci ajuda a passar de uma época para outra.

blico com o espetáculo. A chegada de novas gerações e de novas sensibilidades sobre a questão da cultura e das mídias estavam em relação com as novas obras abertas para a pesquisa e a tendência decorrente de privilegiar métodos de pesquisas mais adaptados para captar o *ordinário do sujeito*.

Estas novas problemáticas introduziram com força o tema da cultura e das culturas. Penso por exemplo na abertura do campo de pesquisa sobre a mediação entre as culturas populares e a produção televisiva, particularmente sobre as *telenovelas*<sup>3</sup>, que ocorreu na América Latina e que marcou a volta da análise dos processos de produção que Gramsci chamava de *nacional-popular*. Assim as tradições de pesquisas autonomizaram-se, afastando-se progressivamente dos paradigmas da modernidade marcados pela única experiência da modernidade euro-americana. A especificidade cultural das problemáticas de pesquisa foi reconhecida. Mesmo se precisava conservar as nomenclaturas e as identidades esboçadas, era possível estar de acordo com o antropólogo francês Marc Augé, que afirmava que se os franceses têm esta particularidade de ser apegados à história, anotando que ela desenvolveu um papel *constitutivo* da nação, na América latina, outras disciplinas das ciências humanas são primordiais e em primeiro lugar a etnologia. Mas talvez seja bom minimizar esta observação em relação às ciências da informação e da comunicação na França, que geralmente não prima pelo *fevor histórico*.

Durante este período, reemergiram as correntes minoritárias. Penso, por exemplo, na volta das obras do sociólogo alemão Georg Simmel, afastado durante muito tempo pela sociologia de Durkheim, mas penso também nos estudos pioneiros que durante os processos de mudança revolucionária foram confrontados com a questão da recepção dos produtos da cultura industrial. Vimos particularmente a irrupção de novas abordagens interdisciplinares; penso particularmente no papel desenvolvido pelas ciências do conhecimento, pela cibernética, pela participação dos biólogos com noções como a de autorregulação. A diversidade das abordagens chamadas *interpretativas* (interacionismo simbólico, fenomenologia social, etnometodologia), não obrigatoriamente redutíveis umas às outras, foram prolongadas nas disciplinas mais diversas das ciências sociais, não somente no campo dos *cultural studies* mas da geografia à antropologias passando por certos aspectos da economia política. Esta última não esperou o aparecimento meteórico da noção redentora e de múltiplo uso, a *globalização*, para apontar as insuficiências da noção de imperialismo cultural, nascida do calor dos compromissos políticos do fim da década de 1960. Desde o fim dos anos setenta, o conceito de mediação atuou nos ensaios de articulação entre o local, o nacional e o internacional. É preciso ser muito mal

---

<sup>3</sup> "Telenovelas": palavra usada em português, pelo autor, no texto original em francês.

informado ou bastante desonesto no campo intelectual para defender hoje o contrário.

Um dos efeitos mais visíveis dessas mudanças é a abundância de estudos sobre os usos que o consumidor faz não somente dos produtos culturais mas também das máquinas de comunicar na vida quotidiana. De maneira geral, estes estudos fazem redescobrir os mecanismos da formação do *sensu comum* entre os sujeitos-atores, as formas de conhecimento quotidiano, a organização dos raciocínios práticos que se desenvolveram na vida quotidiana dos indivíduos. Este progresso teórico que consagrou o protagonismo do indivíduo e fez da interação e da intersubjetividade dos atores sociais o fundamento da significação das coisas foi capital quando se sabe quanto as sociologias macro-estruturais contribuíram para induzir uma percepção da sociedade como *teatro sem sujeito*.

Lógicas científicas, talvez. Mas também lógicas industriais e sociais. No nível das estratégias industriais, havia uma busca de sinergia entre o momento da concepção-produção do produto e aquele da difusão-recepção ou do uso, enfim a aproximação da oferta e da demanda, que se tornou um imperativo maior para a empresa no meio crescente ambiente competitivo em que os comportamentos dos consumidores eram cada vez mais difíceis de entender. As lógicas sociais referiam-se às novas condições nas quais se organizava a vida nas democracias.. Elas eram indissociáveis das questões que formulavam os cidadãos e a sociedade civil organizada sobre as possibilidades de exercer um controle democrático real sobre os fluxos de comunicação e sobre as novas redes. A libertação das visões passivas do receptor teve conseqüências diretas sobre nossa concepção de democracia e de sua relação com a questão do chamado, impropriamente, *desenvolvimento*. Estava ligada à redefinição deste conceito. Isto era particularmente evidente nas estratégias adotadas pelos movimentos sociais na América Latina, onde a comunicação está em harmonia hoje em dia com as palavras participação e redes e se definia como sendo *horizontal*. A redescoberta das culturas e das práticas populares era muito eloqüente. Estávamos nas antípodas das concepções lineares e verticais da comunicação propagada pelos difusores da modernização e pelos esquemas da doutrina da agitação e da propaganda. Estávamos longe das atitudes de rejeição absoluta das técnicas de comunicação por parte das forças de mudança que durante muito tempo *satanizaram* estas técnicas e isolaram as culturas populares da era da reprodução técnica. As organizações populares começaram a desenvolver uma nova abordagem pedagógica da leitura crítica das mensagens das grandes mídias, mais particularmente da televisão Os movimentos sociais apropriaram-se então do rádio, da televisão e até da informática.

Os pontos principais desta análise das rupturas teóricas já estavam presentes no trabalho que Michèle Mattelart e eu publicamos em 1986, *Penser les Médias* (estendido por uma pesquisa concreta sobre a produção televisiva e publicado um ano depois, com o título *Le carnaval des images: la fiction brésilienne*). Este livro representou uma revisão de problemas a partir de uma trajetória híbrida (individual e coletiva), tendo uma parte sido realizada no Chile e outra metade na França. Híbrida, porque nossa caminhada não é compreensível se abstraímos da nossa experiência chilena de mais de dez anos, especialmente de três anos da Unidade Popular (1970-1973), ricos de ensinamentos.

Para nós, o momento chileno constituiu um momento decisivo na tomada de consciência, primeiro de uma nova dimensão transnacional dos sistemas de comunicação. Durante estes três anos, a reação do sistema de comunicação transnacional foi particularmente violento, como demonstraram as campanhas de imprensa divulgadas pelas grandes agências. Por outro lado, constatamos os efeitos negativos de uma concepção instrumental das mídias. A exemplo do que acontecia com as forças críticas em vários lugares do mundo, voltava a fé antiga na doutrina da agitação e da propaganda e na apropriação funcional dos meios, com relação aos quais, como observava Jean Beaudrillard, no caso de esquerda francesa, bastava *trocar o dono para mudar a mídia*. A experiência chilena provocou novas perguntas sobre a natureza da cultura midiática, cultura esta transformada numa cultura cotidiana, integrada pelos reflexos e pelos modos de vida. Ela não somente demonstrou as dificuldades para achar as formas de controle democrático do sistema de comunicação num país no qual reinava a liberdade de imprensa mais absoluta. A experiência chilena confrontou-nos também com a dificuldade de dominar os fluxos de comunicação cada vez mais inseridos numa estrutura transnacional de produção da informação e da cultura de massa.

Michèle e eu concebemos *Penser les médias* na mesma época em que o colombiano Jesús Martín-Barbero elaborava *De los medios a las mediaciones*, trabalho que também foi um questionamento original a partir de uma experiência vivida, centrada unicamente sobre a América Latina. Esta coincidência mostrou quanto nestes anos era necessário distanciar-se do que Barbero chamava de *funcionalismo de esquerda*, segundo o qual o sistema se reproduzia fatalmente dentro do e pelo social. Os dois trabalhos, cada um da sua maneira, questionavam uma trajetória histórica. Isto era particularmente importante num momento em que, desencantados, muitos pensavam as mudanças teóricas em termos de *tabula rasa*.

Já observávamos nesta época que a coexistência de lógicas, de atores e de interesses múltiplos, engajados na emergência de novas maneiras de ver e de sentir a comunicação, transformava estas mudanças num processo ambiva-

lente. Observávamos, por exemplo, que depois do fechamento na estrutura do discurso e o *esquecimento* do receptor, era grande o perigo de passar, por causa do efeito do pêndulo, a um outro extremo: subestimar as determinações sociais e econômicas, o peso das grandes estratégias industriais e financeiras, assim como os desafios geopolíticos da produção industrial de cultura e de comunicação, em benefício de uma microscopia do consumismo.

### III

É preciso ser ou cínico ou muito ingênuo para desconhecer a ambigüidade fundamental do período que começou no fim dos anos oitenta. Opera-se uma desregulamentação conceptual que mostrará seus efeitos só nos anos noventa. Esta desregulamentação foi paralela à desregulamentação dos sistemas de comunicação como fundamento de um novo modelo econômico e social. O problema não era mais o tipo de poder, monolítico ou negociado, relacional ou desigual, mas a idéia mesma da existência do poder

Como o novo modelo econômico e social, sustentado pela nova fase da integração mercantil, afetou as problemáticas teóricas e se contrapôs para embaralhar a inteligibilidade do mundo? Esta inteligibilidade sem a qual o questionamento crítico era somente um engodo. Em quais condições e com quais condições o pensamento que aceitava distanciar-se do pragmatismo ambiente pôde funcionar? O texto abaixo é somente uma breve caminhada no meio dos escolhos que tornaram difícil o trabalho de reflexão sobre a dupla teorias da comunicação e das sociedades.

A rotação. As ciências da informação e da comunicação corriam atrás do atual. O problema da sua relação conflitual com a história agravou-se. O tempo curto era a norma. Pois, como já observava nos anos cinqüenta o historiador Fernand Braudel, na sua polémica com as Ciências Sociais, "*o tempo curto é o mais caprichoso, o mais enganador dos dados*". O social é uma *caça muito mais astuta*.

A pesquisa administrativa. O progresso da engenharia social contribuiu para uma volta intensa de múltiplas formas do empirismo. A entronização do empresário mudou as relações de força entre a pesquisa administrativa e a pesquisa capaz de se distanciar do seu objeto (sem por isso isolar-se na torre de marfim acadêmica). O problema não era a aproximação da universidade com a empresa mas, muito mais, os termos desta troca. Os espaços nos quais se podia realizar a pesquisa não foram minimizados. Nas realidades em que as teorias não se estruturaram historicamente em torno da crítica das instituições sociais, a mudança foi enorme. A mobilização das energias em volta da



competitividade jogaram os espaços tradicionais de produção e de difusão do saber ao encontro das necessidades dos atores econômicos. A integração da pesquisa, exigida pelo novo modelo econômico e social, apostou na captação de viveiros de inteligências que tinham ficado até agora às margens da valorização capitalista.. Sinergias que ainda ontem pareciam casar a água e o fogo se estabeleceram, procurando alistar a geografia, a história, a etnologia, a psicanálise, a sociologia ou a semiótica a serviço da melhoria do desempenho das empresas. Nesta aproximação de contratualização, as Ciências da Informação e da Comunicação se encontraram no primeiro lugar.

Uma lógica da oferta. Ninguém mais pretende, hoje, que a *comunicação* se limite às mídias. O escorregamento da centralidade dos mecanismos da regulação social em direção dos mercados e dos valores das empresas instalou o modelo empresarial de comunicação como o modelo da excelência. De logística, a função comunicacional tornou-se estratégica. Além de estar no centro dos novos paradigmas do trabalho na sociedade terceirizada, a comunicação era uma tecnologia da gestão simbólica e por isto encontrou seu lugar nas teorias da organização. O tempo em que as interrogações sobre a apropriação e os usos das técnicas de comunicação eram guiadas pela *demanda social*, suposta ou real, mitificada ou não, parecia estar revoluto. Hoje, como o denunciavam os pioneiros deste gênero de estudo na França, vivemos pressionados pela lógica da oferta que em última instância pertence à competência do marketing. A importância dada, na França como no Brasil, à chamada *comunicação organizacional* é um simples índice, entre muitos outros, da hegemonia de uma referência a um modelo comprovado de comunicação dentro do mercado. A cartografia ou o *mapeamento* das pesquisas apresentadas pelos colegas brasileiros no congresso de Santos (1997) demonstra como, a partir dos anos noventa, se constatou um crescimento nítido das problemáticas *enfeitadas* da comunicação organizacional e das novas técnicas. Isto aconteceu em detrimento das interrogações referentes à comunicação e à cultura nas suas relações com os movimentos sociais, que ainda estavam no centro das preocupações durante boa parte do decênio anterior. Foi assim que se cavou naturalmente um fosso já grande entre o que a megarregião centrada em São Paulo instalou como tropismo e as regiões mais pobres do Nordeste. A profissionalização crescente deste campo, sua organização em profissões polifônicas, não foi acompanhado de um acréscimo teórico capaz de contrariar o perigo de reduzir a pesquisa (e o ensino) ao que Gilles Deleuze qualificou de *competência das escolas técnicas* e não do trabalho universitário.

O neo-darwinismo social. O deslocamento mercantil roeu o problema das alternativas nas lutas contra as fontes de exclusão sociais e a legitimidade da idéia de adaptação necessária ou de *adjustment* (para usar a expressão prefe-

rida dos peritos do FMI ou do Banco mundial). O ideal de justiça social perdeu a sua credibilidade. Até a idéia de que era possível integrar aos benefícios da modernidade as redes técnicas das grandes majorias — ideais que sustentaram as lutas sociais desde o século XIX — furou. As teorias do *management* global trabalham somente com os segmentos solváveis do mundo, estejam eles situados no sul, no norte, no leste ou no oeste. Porque, aos poucos, formou-se a convicção de que o mundo era governado por *fatalidade* que não se podia dirigir. O imperativo da competitividade e o determinismo técnico-financeiro fixou os quadros do mercado como se fosse *um horizonte que não pode ser ultrapassado*. Todo pensamento que sai deste axioma único é taxado de *voluntarismo*.

O determinismo das macro-tendências conjugou-se com a exaltação da faculdade do indivíduo de mover-se livremente no consumo dos produtos culturais e com a sensação para o indivíduo de ter recuperado toda a sua capacidade de autodeterminação. O usuário das mídias teria reencontrado de novo a palavra num mercado livre que seria o parâmetro e teria passado do estatuto passivo para aquele de co-produtor soberano graças à vareta mágica do livre-câmbio, tornando obsoleto, e até arcaico, todo pensamento que continuasse a acreditar que o princípio do *free flow of information* não era sinônimo de justiça e de igualdade entre os povos. Neste regime a palavra resistência, são e salva de um tempo findo e sempre invocado, foi se diluindo. A resistência tornou-se sinônimo de adaptação a um novo meio concorrencial. Isso explica que certos estudos etnográficos sobre a recepção dos programas televisivos dão a impressão de um triunfalismo da impotência. A figura do indivíduo/audiência livre e a explosão dos meta-discursos escondem na realidade a racionalização da derrota. Desses desvios que os *cultural studies* conhecem desde o fim dos anos oitenta — sem reduzir esta corrente a estes únicos desvios — um dos exemplos mais notórios é o da renúncia a pensar o sócio. O enrascamento deles nas dimensões do espaço doméstico ou da galeria comercial pode ser interpretado como um regresso intelectual.

A busca obsessiva da transparência pela comunicação. O corolário é o afastamento das problemáticas centradas sobre o que Barthes chamava de mitologias contemporâneas, portanto muito necessárias para traduzir as utopias tecnicistas que não param de reciclar-se com as gerações técnicas. Este afastamento do problema da ideologia como espaço de expressão dos interesses subjacentes a certos discursos do mundo caminha junto com o afastamento, também, das problemáticas do Estado. O que contribuiu para roer toda abordagem que continuava pensando que a autoregulamentação pelas leis do mercado devia ser contrabalançada por políticas públicas que levassem em conta ao mesmo tempo a ação da sociedade civil organizada e

o papel dos poderes públicos como representantes do interesse geral. A invocação ritual a uma sociedade civil elevada em santuário da transparência e oposta à opacidade de um Leviatã estático servia de análise.

Todos estes escolhos favoreceram a perda de substância teórica do *pensamento comunicacional*. O estoque de noções e de conceitos se converteu numa simples caixa de ferramentas intercambiáveis. Formaram-se a amnésia (ou a leveza) das perguntas sobre o *como* e o *porquê*. As problemáticas individuais e coletivas alimentaram o relativismo. O problema foi que, de tanto relativizar tudo, tudo ficou igual. Foi no uso indiscriminado e aberrante de certos autores e de certas teorias que se pôde detectar a profundidade da crise contemporânea da vigilância epistemológica. Autores foram chamados como testemunhas para legitimar teses que eram completamente estranhas a eles e que, enquanto vivos, combateram com força.. O cúmulo foi o desvio ao qual se submeteram as teorias sobre o uso subversivo das mídias ou da cultura de massa elaboradas por franco-atiradores como Michel de Certeau, sem que ninguém protestasse, pelo *marketing da apropriação* (sic), que começou a ser formulado pelas grandes redes de publicidade. Certos usos aberrantes do mesmo autor nas pesquisas universitárias sobre a recepção não foram muito melhores.. O sucesso da palavra globalização, presente até a saturação nas pesquisas anglo-saxônicas e latino-americanas, é um índice da a-topia social das palavras que designam o estado do mundo. Muitas vezes noções deste tipo são jogadas no mercado sem a preocupação de identificar o espaço de onde falam seu concebedores e seus operadores.

Neste quadro muito embaralhado vêm se inscrever as tentativas de pesquisa neo-funcionalista e administrativa, que queriam que se admita as convergências das teorias, o desaparecimento dos aspectos contrastados, a aparição de encruzilhadas e de passarelas, faltando a mais elementar prudência epistemológica. Neste canto das sereias que procurava realizar a fusão dos pensamentos mais opostos, tomando como fiança (ou refém!) a *base* o *receptor*, tudo era bom para apagar o fato empírico do poder e das relações de força nas interações comunicacionais em diversos níveis. Acusando de elitismo aqueles que recusavam esta endogamia, instalou-se um tipo de neo-populismo acadêmico, que queria "*a manteiga e o dinheiro da manteiga*".<sup>4</sup> A fragilização teórica do campo submetido a todas estas tendências é muito preocupante para a existência deste mesmo campo, porque outros campos descobriram nestes últimos anos a *comunicação* e investiram com ferramentas conceituais muito mais sérias do que os meta-discursos comunicacionais inspirados no espírito

---

<sup>4</sup> "*Querer a manteiga e o dinheiro da manteiga*" é uma expressão popular francesa para dizer que uma pessoa quer ganhar tudo sem perder nada.

do tempo. Penso, por exemplo, na antropologia, nas ciências políticas, na geografia e na história ou ainda na filosofia.

“*As tendências não são o destino*”, gostava de afirmar Lewis Mumford, criticando o determinismo técnico ao qual ele tinha aderido nas suas primeiras obras e enfurecendo-se contra Marshall McLuhan, que tinha tirado destas obras algumas das suas teses. Portanto, debaixo destas modalidades próprias a cada sociedade, os escolhos descobertos testemunham tendências profundas na evolução social cujo resultado permanecem um enigma. Nenhuma perspectiva pode abstrair desta realidade.

#### IV

Tenho a fraqueza de acreditar que aquilo que Raymond Williams escrevia no início dos anos de setenta, num texto sobre as lógicas mercantis, ainda hoje é de grande atualidade: “*A publicidade é a consequência da incapacidade social de encontrar os meios de informação e de decisão públicas num extenso campo da vida quotidiana*”. Tenho também a fraqueza de acreditar que a situação que Jürgen Habermas diagnosticava nos primeiros anos da década de 1970, falando de uma transformação das nossas sociedades em “*sociedades de relações públicas generalizadas*”, como “*do uso da esfera pública a fins publicitárias*”, ultrapassou tudo o que se imaginava na época. Também no campo da comunicação internacional, as avaliações sobre as apostas na transnacionalização das redes, realizadas nos anos setenta, então facilmente qualificadas de *apocalípticas*, estão totalmente ultrapassadas pela extensão das mudanças sociais e culturais que o processo de globalização das economias provocou nos anos noventa.

A tomada de consciência de que pertencer a um campo científico é uma aposta académica para o *pensamento comunicacional* é mais recente que para as outras ciências sociais. Como muitos dos meus colegas que começaram a sua trajetória de pesquisa nos anos sessenta ou no início dos anos setenta, pertenço a uma geração de intelectuais para quem o interesse pela comunicação foi mais um assunto de compromisso vital, integrado com um projeto social, do que a construção ou a defesa de um território disciplinar. Sem estes dados de fato é impossível identificar a gênese das problemáticas que deram à Europa, à América latina e ao Quebec a sua originalidade em oposição ao desenvolvimento das teorias nos Estados Unidos. Problemáticas tão diferentes como as culturas populares ou a demanda social e os usos sociais das técnicas de comunicação têm suas raízes no terreno de um compromisso social de maneira ampla. Tendo começado no *campo* defendendo um projeto de sociedade, recuso-me a ser reduzido a brigar para um território científico que recusaria todo posicionamento com um modelo de reorganização do mundo e das relações sociais.

A lembrança desta realidade é importante para ponderar um argumento muitas vezes evocado como explicação para as inflexões teóricas: a institucionalização da disciplina (ou da interdisciplina). Contentar-se com esta causalidade equivale a se expor a ver somente a árvore e não a floresta.. A construção institucional não leva obrigatoriamente à assepsia da pesquisa. Toda institucionalização é também um combate cujo destino depende de quem o realiza. Muito mais central é a questão da distensão do vínculo com a sociedade/problemática de pesquisa e a crise da ancoragem social destas últimas depois do fim dos anos oitenta. As reflexões que seguem são aberturas, não soluções para sair da crise.

1) Acreditar com Albert Camus que *“mal nomear as coisas é acrescentar algumas coisas à infelicidade do mundo”*. Ser implacável com as migrações das semânticas geradas pelo meio ambiente da chamada *global democratic marketplace*.

2) Reconhecer e assumir verdadeiramente a nova complexidade do mundo. Não usá-la como álibi, para sair de fininho nas relações de força que existem entre as culturas e as economias. Para isso, evitar o *discurso-funil* que martela os grandes achados da complexidade crescente de nossa sociedade e que na prática dá à luz a uma equação simplista dos problemas. No modo *I am optimistic*, conforme o refrão do universitário Nicholas Negroponte, num capítulo chamado *A idade do otimismo*, de *Being Digital*. A chamada obsessiva para um positivismo otimista lançado pelos profetas do *cyberspace*, que supõe que qualquer atitude crítica só pode ser *pessimista* (logo, *tecnófoba*) é muito insólita quando este modo de pensar maniqueísta repete fastidiosamente que *“as sociedades humanas estão cada vez mais complexas”*. A única coisa certa é que a reflexão deles é simplista.

3) Ancorar as análises na longa duração. Pensar que a volta para a cultura que alguns entendiam como garantia de uma visão crítica é também atacada pela visão mercantil.

4) Sair do particular, do local, do fragmentário para o *todo*. Tentar agarrá-lo fora dos esquemas das totalidades abstratas definidas pelos macro-sujeitos poder/estado/sociedade que marcaram as explicações abrangentes de antes da ruptura com as concepções monolíticas do poder. Na falta deste trabalho obrigatoriamente lento de reconstrução teórica, a única explicação da evolução do mundo reticular que pode persistir será aquela que passa pela análise da ideologia globalitária da totalidade mercantil. Não deixar a interpretação da história do mundo a esta única lógica.

5) Inscrever na ordem do dia a multidisciplinaridade. Não aquela das grandes construções prometéticas de uma nova Enciclopédia, mas aquela que provoca o encontro em volta de um mesmo objeto de estudo de pesquisado-

res pertencendo a metodologias múltiplas. Estabelecer com eles alianças, aproveitando o prestígio atual da *comunicação* e prevenindo-se contra as tendências à hegemonia das antigas disciplinas.

6) Reivindicar a interculturalidade da pesquisa. Conforme eu anotava anteriormente, uma das mudanças provocadas pela emergência de novos paradigmas foi ter trazido de volta a questão da diversidade cultural e de ter permitido a autonomização de correntes de pesquisa refratando estas culturas. Mas é preciso também premunir-se contra os grandes consensos transnacionais que determinam os *mainstreams* teóricos. Da mesma maneira que é urgente questionar-se sobre as relações de força entre diversos pontos de vista disciplinar, para evitar que a interdisciplinaridade não seja sinônimo de empobrecimento das hipóteses. Convém questionar as condições nas quais se realizem as trocas científicas entre as culturas, ciente do risco de aceitar de pagar o ingresso na comunidade mundial dos pesquisadores por um preço muito além do normal.

7) Arrancar a noção de resistência ao universo da inconsistência teórica e ao metabolismo neo-darwiniano, signos da capitulação do intelecto, é para nós um dos deveres prioritários do trabalho intelectual crítico na era do neoliberalismo se queremos eliminar a ambigüidade gerada pelas tendências pesadas que empurram muitas pesquisas na direção de um papel que legitima um sistema de dominação (é preciso parar de ser medroso perante o termo, como era Michel de Certeau, que falava do consumidor como de um *dominado*). A palavra “*resistir*” não vale nada se não está combinada com duas outras, “*refletir*” e “*realizar*”. Nunca se pode esquecer os **3 R**: é uma lição que começam a aprender muitos movimentos sociais europeus depois da moda “*basiste*”, a adesão indiscriminada ao empirismo da ação na “*base*”. Resistir é tomar conta do fato, ao contrário do que o neoliberalismo quer, a aceitação do indivíduo-átomo e do consumidor soberanamente livre. Uma importante parte da interioridade da pessoa fica estranha a esta doutrina, sendo ela modelada pelas relações sociais e históricas.

O escritor mexicano e teórico das culturas populares Carlos Monsivais escrevia: “*A globalização significa que nunca mais poderemos dizer ‘estou muito sentido’*”. Refletir é pensar uma “*cultura da responsabilidade*”, a única que pode ajudar a povoar a sociedade com seus múltiplos atores, com as suas contradições e suas ambigüidades. Uma cultura que combina uma dupla dimensão. De um lado, a consciência da dimensão mundial dos problemas levados por um dispositivo comunicacional que sustenta o projeto de uma nova ordem para o planeta. Do outro, a ancoragem num território concretamente situado. Porque, até prova em contrário, este território permanece o lugar de exercício privilegiado da cidadania e do contrato social. Realizar é tentar aterrar o fosso

entre os produtores de saber e os atores do mundo social.. Ao discurso da perícia mercantil convém opor um novo tipo de perícia social.. Para resistir, refletir e realizar, é preciso aceitar o desafio da ruptura.

No ano de 1996, depois das grandes greves do serviço público contra as pressões da globalização, 320 economistas europeus assinaram o que eles chamaram de *“Apelo dos economistas para sair do pensamento único”* e definir políticas econômicas que escapam à ideologia dominante do mercado. *“Precisamos”*, proclamam os 320, *“estabelecer uma ponte entre nossas pesquisas e os atores que são ligados diretamente com o mundo da empresa pública e privada”*.

Quinze anos antes, o sociólogo brasileiro Herbert de Souza, falecido em agosto de 1997, pensava assim quando fundou o IBASE - Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas, cujo objetivo era a *“democratização da informação”*, para *“transformá-la em conhecimento útil, traduzi-la numa linguagem acessível destinada particularmente aos sindicatos, às associações profissionais, às comunidades de base”*. Finalizo associando-me à homenagem prestada a este renovador do movimento social pela Escola de Samba Império Serrano, que lhe consagrou seu samba-enredo *Verás que teu filho não recusa a luta*.

## Lo que la investigación latinoamericana de comunicación debe al Brasil

### Relato personal de una experiencia intercultural

**Jesús Martín-Barbero**

*Pesquisador e assessor da  
Fundación Social de Colombia,  
diretor acadêmico del Programa Internacional  
Interdisciplinario de Estudios Culturales  
sobre América Latina.*

“Quem escreve sobre a sociedade sem querer perder de vista as relações sociais e seus paradoxos não pode construir casamatas, mas cabanas, barracos e choças. Moradas feitas de grandes espaços abertos, destinadas à boa comida e à nobre cerveja com os amigos, dentro daquelas conversações onde se ama o que se fala e se desculpa toda veemência que acompanha uma eventual descoberta de algum aspecto da sociedade e da cultura onde vive (...). E nós já sabemos que no caso de Brasil temos uma casa complicada, onde estilos aparentemente singulares e até mesmo mutuamente exclusivos parecem conviver em íntima relação.”

*Roberto Damatta*

### Introducción

Debo empezar mi exposición relatando un hecho que se halla tanto en el origen de mi acercamiento al estudio de la comunicación como en el inicio de la seducción que el Brasil ha ejercido sobre mi pensamiento. Pues es la experiencia de mi diálogo con este país la que, en torno a la investigación de comunicación, voy a exponer aquí.



Como alumno de Paul Ricoeur en un curso sobre “semántica de la acción”, en 1970, mi trabajo final fue un pequeño ensayo sobre el modo en que la pedagogía de Paulo Freire había sabido transformar la mirada fenomenológica en una pragmática que, convergiendo sobre la capacidad *performativa* del lenguaje, en el sentido que la entiende Austin<sup>1</sup>, incorporaba el análisis de la “acción del lenguaje” a un *programa de acción* en el que la alfabetización de adultos, el aprendizaje de la lengua, se convertía en proceso de liberación de la palabra propia.

Mis incipientes notas interesaron a Ricoeur (que aun no había leído a P. Freire) y se constituyeron en la base de mi tesis de doctorado cuyo título, *La palabra y la acción*, claramente lo atestigua, así como la introducción que, entre filosófica y poética asumía el pensamiento de Freire en esta forma: “*La palabra explícita la conciencia que viene de la acción, y hecha pregunta horada el espesor macizo de la situación, rompe el embrujo de la pasividad frente a la opresión. Si la palabra sólo es impotente, la acción sólo es estéril. La imagen del futuro se engendra entre las dos. La palabra dibuja la utopía que las manos construyen, y el pedazo de tierra liberada hace verdad el poema*”.<sup>2</sup> El programa de Freire contuvo para mí la primera propuesta de una teoría latinoamericana de la comunicación: pues es al tornarse pregunta que la palabra instaura el espacio de la comunicación, e invirtiendo el proceso de alienación que arrastra la palabra cosificada, las “palabras generadoras” rehacen el tejido social del lenguaje posibilitando el encuentro del hombre con su mundo y con el de los otros; y superando la inercia del lenguaje la palabra del sujeto se revela cargada de sentidos y de historia.<sup>3</sup>

Hoy puedo afirmar que buena parte de mi propio programa de trabajo en el campo académico de la comunicación – *pensar la comunicación desde la cultura* – estaba ya allí esbozado. contenía las principales pistas que fui desarrollando a lo largo de los años setenta y que presenté en México 1978, en el que constituyó el primer encuentro de estudiosos y escuelas de Comunicación de América Latina, organizado por Hector Schmucler en la UAM-Xochimilco.

En aquella ponencia me atreví a invertir el sentido de la idea, ya casi slogan, que hegemonizaba la visión crítica – “la comunicación como proceso de dominación” – para, mezclando a Freire con Gramsci, proponer el estudio de *la dominación como proceso de comunicación*. Que partía del análisis de P. Freire sobre la *opresión interiorizada* por las sociedades latinoamericanas cuando “*el oprimido vió en el opresor su testimonio de hombre*”.<sup>4</sup> E insertaba esa mirada en la concepción gramsciana de la *hegemonía* como un “proceso vivido”<sup>5</sup>, hecho no sólo de fuerzas

<sup>1</sup> AUSTIN J.L. *Quand dire c'est faire*. Paris, Ed.Seuil, 1970.

<sup>2</sup> MARTÍN-BARBERO J. *La palabra y la acción: por una dialéctica de la liberación*. Tesis (Doctorado). Université de Louvain, 1972, p. 3.

<sup>3</sup> FREIRE, Paulo. *Educación como práctica de la libertad*. Caracas, Nuevo orden, 1967, p.111-133.

<sup>4</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogía del oprimido*. Montevideo, Tierra Nueva, 1970, p.42.

<sup>5</sup> GRAMSCI, A. *Cultura y literatura*. Barcelona, Pennínsula, 1977, p.329 y ss.

sino de sentido. Comprender la comunicación entonces implicaba investigar no sólo las tretas del dominador sino también *aquello que en el dominado trabaja a favor del dominador*, esto es la complicidad de su parte y la seducción que se producía entre los dos. Junto con Gramsci fué P. Freire el que me enseñó a pensar la comunicación a la vez como un proceso social y un campo de batalla cultural.

### ***1. Pensar los medios en la formación histórica de lo nacional-popular***

Pensar las relaciones comunicación/sociedad fué para América Latina la base desde la que enfrentamos el paradigma positivista y el piso del despegue de nuestro propio trabajo teórico. Develar la trama social de los dispositivos comunicacionales era el modo de acceso a su sentido como enclave de opresión o emancipación. Pero a mediados de los años ochenta la relación comunicación/sociedad se había convertido en lo que Mabel Piccini ha llamado una “remisión en cadena a las totalidades”<sup>6</sup> (imperialismo, oligarquía, ideología dominante), cargada de generalizaciones sociológicas que nos ahorran el análisis de los contextos nacionales y locales. La perspectiva crítica del denunciismo se había convertido en mera y hueca jerga académica.

Mi encuentro con este país, Brasil, en septiembre de 1983, me acerca a un análisis crítico de la comunicación en el que pensar los medios implica no sólo develar las condiciones de propiedad y las tramas del poder sino también *pensar el Brasil*: su compleja formación como país, sus densos y conflictivos mestizajes tanto culturales como políticos. Empezando por las ambigüedades de un populismo<sup>7</sup> que, atravesado por la irrupción de las masas populares urbanas, instaura el doble compromiso del Estado con ellas y con las viejas clases que detentaban el poder, en un *compromiso* mediante el cual el pueblo otorga legitimidad al Estado y éste reconoce en el pueblo al sujeto de lo nacional. Investigar desde ahí, desde la formación del discurso político, la radio o la prensa, el cine o la educación, reubicaba los ejes del proyecto crítico, introduciendo cuestiones y escenarios nuevos donde lo que estaba en juego no era sólo la función de los medios sino la comunicación entre las clases, y entre estado y pueblo.

En la comprensión del escenario *político-cultural* de la comunicación ha jugado un papel decisivo *As idéias fora do lugar*, ese texto de Roberto Schwarz<sup>8</sup>,

<sup>6</sup> PICCINI, M. Industrias culturales: transversalidades y regímenes discursivos. *Diá-logos de la comunicación*, n. 17, Lima, 1987.

<sup>7</sup> A ese propósito ver: MARQUES DE MELO, José (coord.). *Populismo e comunicação*. São Paulo, Intercom, Cortez, 1981.

<sup>8</sup> SCHWARZ, R. *As idéias fora do lugar*. En: *Ao vencedor as batatas*. São Paulo, Duas Cidades, 1981, p.13-28.

que inauguró en América Latina el estudio de las relaciones interculturales modernas: esto es, el modo en que estos países se apropian de discursos y formas políticas que, como el liberalismo, entraban en conflicto con una sociedad aun esclavista, y que no podían apropiárselas sin descolocarlas. Ya que es mediante esa dislocación como dejan de ser extranjeras y pasan a *dar forma* a la vida nacional del país. Más allá del espacio literario en que se mueve el texto de R.Schwarz, en él se hacen inteligibles los extraños modos como se comunican las culturas, todo lo que de malentendidos, engaños y verdades hay en la comunicación entre los diversos tiempos y mapas mentales que contienen las culturas, y cómo esa interacción se moviliza y complejiza en el intercambio y apropiación de cualquier rasgo o elemento cultural.

Pienso que esa innovadora perspectiva la hizo posible en Brasil la densidad con que han sido pensadas las contradicciones históricas de su formación como *nación*, y por lo tanto la trama de complicidades y seducciones de que está hecha su cultura nacional, esto es el debate brasileño sobre la *cultura nacional-popular*. Esa que, por un lado, avizoraba Mario de Andrade en su proyecto nacionalista de *"sintetizar y estabilizar una expresión musical de base popular, como forma de conquistar un lenguaje que concilie al país en la horizontalidad del territorio y en la verticalidad de las clases"*<sup>9</sup>. Pero que en el inicio de los años ochenta es vista por Aduino Novaes como expresión de un ideal sin realidad objetiva, que sin embargo *"transforma la multiplicidad de deseos de las diversas culturas en un único deseo: el de participar del sentimiento nacional. Operación diabólica y eficiente que hace que el deseo recaiga no sobre un objeto real – la propia cultura – sino sobre un sentimiento externo y abstracto"*<sup>10</sup>.

Ese debate me parece crucial para los estudios de comunicación, y con la excepción de México, en ningún otro país ha tenido la densidad teórica y política de Brasil. Un buen resumen de lo que ese debate moviliza son los seminarios coordinados por Marilena Chauí<sup>11</sup>. Después de hacer un repaso por los diferentes manifiestos y tiempos del debate Chauí propone tres aproximaciones: la de lo nacional y lo popular como *"campo de significaciones y prácticas, teóricas empíricas, imaginarias y simbólicas en cuyo interior aprendemos a articular la política, la cultura y la historia"*<sup>12</sup>. En un segundo momento recoge la disyuntiva que aun hoy sigue dividiendo la investigación: la búsqueda que se propone descubrir manifestaciones "en sí" de lo nacional-popular o la indagación en algunas áreas de la producción cultural de las maneras y formas como lo nacional y lo popular son representados. Finalmente, la imbricación de lo nacional-popular en las

<sup>9</sup> SQUEFF, E. y WISNIK, J. *O nacional e o popular na cultura brasileira: música*. São Paulo, Brasiliense, 1983, p.148.

<sup>10</sup> NOVAES, A. *O nacional e o popular na cultura brasileira: teatro*. São Paulo, Brasiliense, 1983, p. 8.

<sup>11</sup> CHAUI, M. *Cultura e democracia*. São Paulo, Cortez, 1990; *O nacional e o popular na cultura brasileira: seminários*. São Paulo, Brasiliense, 1983.

<sup>12</sup> CHAUI, M. *O nacional e o popular na cultura brasileira: seminários*, p. 55.

producciones de la industria cultural, y ello en tres niveles: ya sea como “retrato de lo cotidiano”, esto es del modo en que viven las gentes del comun; como revalorización crítica de la cotidianidad y sus valores; y como democratización cultural que hace posible la presencia del pueblo en la televisión, obviamente sometida a las exigencias de ese “nuevo populismo” que moviliza el mercado imponiendo como marcas de fábrica la centralización y la heteronomía.

Dos de las investigaciones más lúcidas, en las que se da cuenta empíricamente del enriquecimiento que introduce esa perspectiva, son las realizadas por E. Squeff y J. M. Wisnik, sobre la música, y por J. Mario Ortiz Ramos, sobre el cine. En la primera se traza el recorrido que desde la hacienda esclavista posibilita la llegada de la música negra a la ciudad. Despreciada como obscena por las elites y reducida a folklore por los populistas, la música negra entra en la ciudad de la mano de dos actores cultural e ideológicamente vistos como peligrosos: la del mercado de la radio y el disco, y la de la extranjerizante vanguardia. Su incorporación a la ciudad va engendrar una cultura nueva, “*que procede por apropiaciones polimorfas y el establecimiento de un mercado musical donde lo popular en transformación convive con elementos de la música internacional y de la cotidianidad ciudadana*”<sup>13</sup> El gesto negro se hace popular-masivo, esto es, contradictorio campo de afirmación del trabajo y el ocio, del sexo, lo religioso y lo político. Un circuito de idas y venidas, de entrelazamientos y superposiciones carga el pasaje que desde el *camdomblé* conduce esa música hasta el disco y la radio. Es el circuito de estrategias y astucias, de *tácticas*, en el sentido que les da Michel de Certeau<sup>14</sup>, de las que ha estado hecha la lucha de los dominados por abrirse camino hacia el reconocimiento social.

En la investigación sobre cine<sup>15</sup>, asistimos también al trazado de un recorrido que se halla explícitamente ligado a las evoluciones del nacionalismo estatal y a la consiguiente politización de un cine que persigue dar cuenta de la realidad/identidad brasileña ya fuera a través de un “cine concientizador” (a lo Diegues) o de un “cine antropológico” (a lo Glauber Rocha). A lo que sucederá una perversa relación entre Estado dictatorial y crecimiento de la industria cinematográfica. La modernización orientada por el Estado dará lugar a una Política Nacional de Cultura (1975) en la que, “conceptuada la cultura como cuestión de nacionalidad”, van a luchar en ella la tendencia estatal a convertir el cine en un “aparato de hegemonía” con la busca de la construcción de una identidad nacional-popular, que se convertirá a su vez en terreno estratégico de disputas entre la visión totalizante del “nacionalismo defensivo”<sup>16</sup> – de ciertas izquierdas y todas las derechas – frente a la búsqueda de un cine independiente

<sup>13</sup> SQUEFF, E. y WISNIK, J. Obra citada, p. 148.

<sup>14</sup> CERTEAU, M. de. *L'invention du quotidien*. Paris, U.G.E.10/18, 1980, p. 21.

<sup>15</sup> RAMOS, J.M. Ortiz. *Cinema, estado e lutas culturais*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

<sup>16</sup> Id., ib., p. 119 y ss.

que haga emerger la diversidad cultural del país: la multiplicidad de manifestaciones de la cultura popular frente a la unificación estatalista o la homogenización mercantil.

En 1988, Renato Ortiz, que ya había dedicado un libro a recorrer las aventuras y ambivalencias de las ideas sobre cultura popular e identidad nacional en Brasil<sup>17</sup>, va a recolocar esa discusión, “*que siempre fué entre nosotros una forma de tomar conciencia de nuestro destino, o que hizo que ella estuviese íntimamente asociada a la temática de lo nacional y lo popular*”<sup>18</sup>, en el proceso de emergencia y formación de la moderna industria cultural. Lo chocante está ya en el título del libro, *A moderna tradição brasileira*, y desde sus primeras páginas – en las que llama la atención hacia el silencio que ha cubierto la cuestión de la “cultura de masa” entre una mayoría de intelectuales cuyos prejuicios acerca de la radio o la televisión les impidieron percibir la consolidación de una cultura de mercado “que crecía bajo sus pies” – hasta las últimas, en las que acuña la categoría de lo “internacional-popular”. En ese trecho Ortiz percibe una serie de fenómenos que ponen al día las peculiaridades brasileñas de la industria cultural. Desde los años cincuenta algunos escritores, directores y críticos de teatro comienzan a percibir que “*en Brasil, contrariamente a los países centrales, la dramaturgia de palco se asocia a una tecnología de masa: la televisión (...) posibilitando el tránsito entre esferas regidas por lógicas diferentes*”<sup>19</sup> Es decir abre nuevos espacios de creación a algunos grupos culturales a la vez que atrae a ciertos intelectuales para que actúen dentro de la lógica comercial. Este brasileño tránsito entre lógicas diferentes y hasta contrarias tiene que ver con una *modernidad* cuyo sentido también se halla “fuera de lugar”, y que se hace especialmente claro en el desfase entre la modernidad estética de su cine (o de su arquitectura) y las condiciones materiales de su surgimiento. Aquel silencio sobre la cultura de masa “*cede su lugar a un habla que articula modernización e industria cultural*”<sup>20</sup>

El mejor exponente de la nueva idea de nación que la industria cultural promueve va a ser la televisión en cuanto vehículo de *integración nacional*. Es en ella donde las particularidades de lo local son definitivamente superadas por una modernización que integra al fin los mercados regionales en un único mercado nacional: la comunidad de los consumidores es ahora la base de la nueva identidad nacional. Esa de la que la telenovela es su mejor discurso. Pero, como observa Walter Durst, la telenovela presentaba para el Brasil una doble contradicción: venía de fuera, de la Argentina, y además era pura alienación: “*Eso explica nuestra nariz erguida mientras decíamos: pucha vida: nosotros que ya habíamos salido*

<sup>17</sup> R.Ortiz, *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

<sup>18</sup> ORTIZ, R. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo, Brasiliense, 1988, p. 7.

<sup>19</sup> Id., ib., p. 29.

<sup>20</sup> Id., ib., p.37.

de la alienación para llegar a la realidad brasileña, y de repente todo se nos devolvía para atrás”.<sup>21</sup> Pero quizá no tanto; para Roberto Damatta la telenovela resulta, al revés, la forma extrema del género brasileiro por antonomasia, el canavalesco: ese “en el que autor, lector y personajes intercambian constantemente sus posiciones”.<sup>22</sup> Carnavализación que hallará su plenitud cuando, convertida en la industria cultural de punta, la telenovela brasileña <sup>23</sup> – de *La esclava Isaura* a *Roque santeiro* – trueque su capacidad de decir lo nacional en discurso de un segundo momento de su modernidad: la de lo *internacional-popular*.

Pienso que esta mirada brasileira que invólucra la investigación del sentido de los medios masivos en la comprensión de las transformaciones del país rebasa en mucho el espacio académico y nos inserta de lleno en la política: no puede ser más significativo que sea en Brasil, donde la televisión es quizá más fuertemente mediada por las condiciones del mercado hasta constituirse en una gigantesca industria, donde ese medio se ha convertido en un espacio de cruces estratégicos con su tradición cultural, teatral, novelesca, cinematográfica, e incluso con el pensamiento y el trabajo de no pocos intelectuales y artistas de izquierda. Mientras en la mayoría de los países de América Latina los intelectuales y artistas siguen padeciendo un pertinaz “mal de ojo” que les hace insensibles a los retos que plantean los medios, y en particular la televisión, en Brasil algunos de los filósofos y científicos sociales de más peso, como Decio Pignatari, Sergio Micelli, Muñoz Sodré, o literatos y artistas, como Walter Durst, Dias Gomez, Doc Comparato o Aguinaldo Silva, son autores de investigaciones y ensayos decisivos sobre las relaciones de la televisión con el país, o libretistas y directores de series y telenovelas bien expresivas tanto de los mestizajes y transformaciones del país como de su capacidad de experimentación dramática y audiovisual.

## ***2. La cultura popular como espacio de contrahegemonía comunicativa***

El otro rasgo que me parece caracterizar en conjunto la investigación brasileira de comunicación, y que constituye un segundo aporte estratégico a la investigación latinoamericana, es la temprana *superación de la razón dualista*, esa que tenazmente nos ha estado impidiendo comprender la complejidad de relaciones entre lo popular y lo masivo, obstruyendo a su vez el diseño de proyectos

<sup>21</sup> DURST, W., citado en ORTIZ, R., obra citada, p. 177.

<sup>22</sup> DAMATTA, R. *A casa e a rua*. São Paulo, Brasiliense, 1985, p. 96.

<sup>23</sup> A ese próposito ver: ORTIZ, R., BORELLI, S.H. Simões y RAMOS, J. M. Ortiz. *Telenovela: história e produção*. São Paulo, Brasiliense, 1988; FADUL Anamaria (edit.). *Ficção seriada na TV: as telenovelas latinoamericanas*. São Paulo, ECA-USP, 1993; BUSATO, L., CAPARELLI, S. y otros. *Telenovela made in Brazil*. *Revista brasileira de Comunicação*. São Paulo, Intercom, n. 62/63, 1990; MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996 – en especial la segunda parte: “O folhetim no Brasil”, p. 279-421.

políticos capaces de hacerse cargo de lo que los medios tienen de cultura y de los diversos usos sociales que las gentes pueden hacer de ellos.

Fue en la temprana y pionera investigación de Sergio Micelli (año 1972) sobre los programas de auditorio en televisión, donde por primera vez se formula una reflexión teórica que, de un lado afirma la presencia entre los productos de la industria cultural de “demandas simbólicas peculiares, que no coinciden del todo con el arbitrario cultural dominante”<sup>24</sup>, y del otro cuestiona una lectura de los productos masivos que, al desconocer y despreciar el sistema de representaciones e imágenes con que los sectores populares decodifican los productos simbólicos, acaba por asumir cómo única “la representación que la cultura dominante ofrece de sí misma y del otro”. Al atribuir a los mensajes de la industria cultural el estatuto de meros “indicadores ideológicos”, el investigador coloca como presupuesto, o problema ya resuelto, lo que debería constituir el problema a investigar: cuál es la posición efectiva que la industria cultural ocupa en un mercado material y simbólico no unificado, esto es, en el que se cruzan productos, demandas y lecturas heterogéneas.

En uno de sus ensayos más recientes, y expresivos, *Antropología da saudade*<sup>25</sup>, Roberto Damatta habla de una antropología capaz de pensar juntos lo que ese “concepto doble” – *saudade* – tiene de experiencia de paso, de pasaje y duración, experiencia de un tiempo pensado desde dentro, y de esa otra temporalidad que es la uniforme y abstracta, crono-métrica y progresiva. Porque la *saudade* – “essa emoção que os brasileiros aprendemos a sentir como aprendemos a brincar carnaval e a comer feijoada” – es una categoría relacional del tiempo, a la vez universal y marcada por una peculiar forma de lidiar con la duración: la de una memoria cuya experiencia de tiempo colectivo indica retornos, reversiones, recursividades cíclicas. De manera que, hasta la temporalidad “englobada por el mercado” se halla atravesada por una duración vivida, estéticamente aprehendida. Que es la misma concepción que, diez años antes, había planteado Damatta para entender las relaciones entre a casa e a rua: “lo básico es comprender aquella *coisa* que liga la casa grande con la senzala, aquel supuesto espacio vacío y terrible, que relaciona dominantes y dominados (...) y que es capaz de reunir deseo y ley, libertad y control, trabajo y ‘malandragem’, sexo y casamiento, descubrimiento y rutina, exceso y restricción, relaciones personales y leyes universales, vida y muerte, individuo y relaciones”.<sup>26</sup>

Entre esa heterogeneidad no unificada del mercado simbólico, de que habla Micelli, y la temporalidad relacional que para Damatta constituye la originalidad de la *saudade*, se hallan las claves de una concepción no maniquea de las relaciones entre cultura popular e industria cultural que ha permitido el avance en

<sup>24</sup> MICELLI, S. *A noite da madrinha*. São Paulo, Perspectiva, 1972, p. 210.

<sup>25</sup> DAMATTA, R. *Antropologia da saudade*. En: *Conta de mentiroso*. Rio de Janeiro, Rocco, 1993, p. 17-35.

<sup>26</sup> DAMATTA, R. *A casa e a rua*. São Paulo, Brasiliense, 1985, p. 21 y 106.

Brasil de dos líneas estratégicas de investigación: la de la contrahegemonía comunicativa y la de la competencia del sujeto receptor. La primera se basa en una *concepción moderna de la cultura popular*, esto es, aquella que en lugar de rastrear las huellas de la pureza original, de lo auténtico-autóctono, se pregunta en cambio por lo que sigue vivo, por lo que en lo popular conecta con el hoy, con los mundos de vida de la gente, con sus esperanzas y sus luchas. Que es a donde apuntan los pioneros trabajos de Luiz Beltrão<sup>27</sup> al indagar la actualidad y vigencia de las formas de comunicación popular en la riqueza cultural de sus fiestas y discursos, tanto rurales como urbanos, religiosos y cívicos, desde los discursos del mesianismo a los de la política, pasando incluso por los graffitis eróticos y aun pornográficos.

Es bien significativo que, del II (1979)<sup>28</sup> al IV Ciclo de Intercom (1981)<sup>29</sup> – el de 1980 fué sobre comunicación y populismo –, el tema-eje que se dan los investigadores sea la comunicación en las clases subalternas y las relaciones entre hegemonía y contrainformación. En el de 1979 se encuentra tanto una desmitificación de lo popular como una de las más tempranas lecturas críticas en Latinoamérica del elitismo pesimista de los de frankfurtianos en base a la lectura de Benjamin, de Swingewood y de Enszemberger, a la vez que se traza un mapa nuevo de los medios como escenario de las luchas por la hegemonía. En el plano teórico merece recogerse una afirmación de C. Brandão, citado en el espléndido trabajo de Carlos Eduardo Lins da Silva: *“Cuando las condiciones de vida se transforman y las luchas del pueblo cogen otro rumbo, las hablas de su cultura no sólo cambian, deben cambiar. Querer preservarlas sólo porque son ‘del pueblo’ o de ‘nuestra tradición’ es hacerle el juego a los controladores de lo ‘popular’ transformado en mercancía del consumo erudito”*<sup>30</sup> Los objetos de estudio que se esbozan tampoco tienen nada de convencionales, pues van desde la puesta en historia de las formas de resistencia de la cultura popular en siglo XVI, o la prensa popular en el siglo XIX, hasta la música sertaneja, los cantos de romería y la literatura de cordel. La concepción brasileña de la cultura y la comunicación popular se enriquece cuando en el IV Ciclo (1981) esa problemática es repensada a la luz del concepto gramsciano de *hegemonía*, y de la propuesta, también en ese momento oriunda de Italia, de una praxis comunicativa de contrainformación. Pero se llega al concepto, más que a partir de su riqueza teórica, de un recorrido por la praxis de comunicación latinoamericana, en la que destaca el surgimiento de las radios mineras en Bolivia, praxis nacida de los sindicatos del altiplano entorno al año 1950. Y es a partir de ahí que se podrá replantear la condición especializada de la investigación de

<sup>27</sup> BELTRÃO, L. *Folkcomunicação: a comunicação dos marginados*. São Paulo, Cortez, 1980.

<sup>28</sup> MARQUES DE MELO, J. (coord.). *Comunicação e classes subalternas*. São Paulo, Cortez, 1980.

<sup>29</sup> LINS DA SILVA, C. Eduardo (coord.). *Comunicação, hegemonia e contra-informação*. São Paulo, Cortez, 1982.

<sup>30</sup> BRANDÃO, C., citado en LINS DA SILVA, C. Eduardo. Cultura de massa e cultura popular: questões para um debate. En: MARQUES DE MELO, J. (coord.). *Comunicação e classes subalternas*, p. 47.



comunicación para proponer una perspectiva interdisciplinar y un diálogo entre la teoría de los medios y las ciencias sociales, con énfasis en la teoría política, y en las cuestiones planteadas desde el ámbito de las diversas prácticas de comunicación, tanto hegemónicas como subalternas.<sup>31</sup> El concepto de *hegemonía*, que apenas empezaba a trabajarse en América Latina, va a reubicar el estudio de la comunicación en el ámbito de la *cultura* y especialmente de la *política cultural*. Lo que va a permitir el entronque temprano con la “teoría cultural” que se proponía R. Williams desde la Escuela de los Estudios Culturales de Birmingham, y con la reflexión que desde Bolonia, permitía a Pio Baldelli legitimar el uso social de los medios masivos – de la radio al teatro, pasando por el cine y la prensa – por parte de las clases subalternas, esto es, la inserción de los medios en los proyectos políticos de “insurrección cultural” o “guerrilla semiológica” con el fin de *contrainformar*, esto es, de poner en circulación una información al servicio de los sectores populares, y al mismo tiempo de alentar la iniciativa cultural y la creatividad popular. Tanto la reflexión teórica como el mapa de las prácticas brasileñas por las que pasa la contrainformación y en las que se construye una hegemonía popular – prensa y teatro obreros, cine documental, literatura popular, praxis comunicativa en las comunidades religiosas de base – coinciden con lo que en Europa recoge, por esos mismos años, el congreso coordinado por José Vidal Benito cerca de Barcelona<sup>32</sup>, y en cuya introducción escribe: “*Lo alternativo es popular o se degrada en juguete y/o máquina de dominio. Y popular quiere decir que hace posible la expresión de las aspiraciones y expectativas colectivas producidas por y desde los grupos sociales de base. Tanto mayoritarios como minoritarios. Tanto a nivel patente como latente*”.<sup>33</sup>

La creatividad comunicativa de las culturas populares va a encontrar apoyo en Brasil; de un lado, en la pujanza de los movimientos sociales y su lucidez para asumir los medios como escenario de lucha política y cultural cuando aun en la mayoría de América Latina sindicatos y movimientos padecían de una gran miopía instrumental y moralista a ese respecto; y de otro en la “teoría” de las *brechas* que las propias contradicciones políticas abren en las industrias culturales. En lo concerniente a la relación entre movimientos sociales y medios, el trabajo de Regina Festa y Luis Fernando Santoro será crucial: no sólo por su larga experiencia de comunicadores en los grandes sindicatos de São Paulo y su animación de proyectos comunicacionales en diversos movimientos a lo largo de Brasil y de América Latina, sino también por su acompañamiento reflexivo en

<sup>31</sup> LINS DA SILVA, C. Eduardo, FADUL, Anamaria y SANTORO, L. Fernando. Documento básico. En: LINS DA SILVA, C. Eduardo (coord.). *Comunicação, hegemonia e contra-informação*, p. 9 y ss.

<sup>32</sup> BENEYTO, J. Vidal (ed.). *Alternativas populares a las comunicaciones de de masa*. Madrid, CIS, 1979.

<sup>33</sup> Id., ib., p. XXXIX.

los diversos momentos que el país y los movimientos sociales han ido atravesando.<sup>34</sup>

La “teoría” de las *brechas* – que nos ha aportado no poca esperanza a los latinoamericanos en los duros años de la represión dictatorial que asoló la mayoría de nuestros países entre los años setenta y mediados de los ochenta – se gesta en Brasil a partir del encuentro entre unas ciencias sociales abiertas a las transformaciones de la industria cultural, a la que miran no como “*un todo monolítico e impenetrable, instrumento utilizado por las clases dominantes para imponer su ideología a toda la población*”, sino como un espacio “*de actividad cultural en el que existe una relativa autonomía*”, autonomía que se expresa en las contradicciones del contenido y también del sentido que le otorgan los consumidores<sup>35</sup>, con la múltiple experiencia de las comunidades cristianas de base, y con el *jogo de cintura*<sup>36</sup>, que del fútbol a la política, le ha permitido a los sectores populares *driblar* al contrario. Refiriéndose a la cultura negra, Muñiz Sodré nos aporta un antecedente clave para entender el sentido que los brasileños dan a las *brechas*: se trata de esos espacios juzgados inofensivos, por no acumulativos desde la perspectiva blanca, y en los que “*los negros revivían clandestinamente sus ritos, cultivaban sus dioses y retomaban la línea de la relación comunitaria*”.<sup>37</sup> Es el caso especialmente de la radio, medio menospreciado por los estratos cultos justamente por ser el territorio de lo oral, y por ello mismo espacio de experimentaciones populares, como las señaladas por un colectivo de investigadoras a propósito del programa de Gil Gomes<sup>38</sup>, que, frente al discurso de la noticia – con su ocultación del sujeto narrador y de la trama narrativa –, exalta al narrador, convirtiendo la enunciación, la experiencia misma del narrar, en un *relato de experiencia* que hace presente “el lado corporal del arte de narrar”. Cuerpo que es voz, que carga de efectos sensoriales el relato, y explora desde el tono y el ritmo – que acelera, retarda, enmudece, se altera, grita, susurra – el universo de las emociones y la experiencia de la escucha. Y si, como con razón señala María Inmacolata Lopes, la voz de Gil Gomes “*es testimonio envuelto por su inserción en el poder*”<sup>39</sup> y el mantenimiento del orden, con todo quizá esa voz no sea del todo plana y este hecha de esguinces y de pliegues que al “dramatizar lo real” dota de rostro,

<sup>34</sup> FESTA, R. y LINS DA SILVA, C. Eduardo (orgs.). *Comunicação popular e alternativa no Brasil*. São Paulo, Paulinas, 1986; FESTA, R. y SANTORO, L. Fernando. A terceira idade da TV: o local e o internacional. En: *Rede imaginária: televisão e democracia*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

<sup>35</sup> LINS DA SILVA, C. Eduardo. As brechas da indústria cultural brasileira. En: *Comunicação popular e alternativa no Brasil*, p.31.

<sup>36</sup> La aplicación de esa expresión a las tácticas de la cultura popular es de: ALVES, Luiz R. A fábula forjando-se história. En: MARTÍN-BARBERO, J. (ed.). *Comunicação y culturas populares en Latinoamérica*. México, Felafacs-G. Gili, 1987.

<sup>37</sup> SODRÉ, Muñiz. *A verdade seduzida*. Rio de Janeiro, Codecré, 1983, p. 124.

<sup>38</sup> VV.AA. *A narrativa popular de Gil Gomes*. São Paulo, 1984.

<sup>39</sup> LOPES, M. Inmacolata Vassallo de. *O rádio dos pobres*. São Paulo, Loyola, 1988, p. 139.

situación y cotidianidad a los anónimos personajes de la crónica policial, y a través de ella, permita sentirse alguien a los desenraizados pobres, habitantes de la ciudad.

Fué en el mismo movimiento que rescataba la creatividad comunicativa de las culturas populares, que los *investigadores* brasileños detectaron la presencia de la “voz del oyente”, la faz oculta del sujeto receptor. Junto a mis lecturas de Michel de Certeau, bien a comienzos de los ochenta, tengo que situar el texto policopiado de la investigación *Sobre a recepção crítica dos meios de comunicação de massa no Brasil*<sup>40</sup>, de Anamaria Fadul, una investigación, si no recuerdo mal, encargada por la UCBC. También policopiado me llegó el manuscrito de *A rosa púrpura de cada dia: trajetória de vida e cotidiano de receptores da telenovela*<sup>41</sup>, de Mauro Wilton de Sousa. Si en el texto de Anamaria la recepción es explorada principalmente en la diversidad de su capacidad de *lectura cuestionadora* de los mensajes massmediáticos, en el de Mauro Wilton la investigación se centra ya en las modalidades de inserción de la telenovela en la vida cotidiana de los jóvenes trabajadores.

Pienso que en la temprana atención prestada por los investigadores brasileños a la competencia lectora del receptor y a la inserción de esta en el mundo de lo cotidiano ha jugado un papel importante la presencia pionera – por relación al resto de América Latina – de una antropología urbana que logra pasar de una antropología *en la ciudad* a una *antropología de la ciudad*<sup>42</sup>, exploradora de los mundos de vida populares, desde el circo<sup>43</sup> a la cultura política barrial<sup>44</sup>, y de la cultura de la clase media<sup>45</sup> a las representaciones e imaginarios de los educadores.<sup>46</sup> Es justamente una antropóloga, Ondina Fachel Leal<sup>47</sup>, quien introduce en forma sistemática el trabajo etnográfico en la investigación sobre recepción de televisión, investigación que va a tener un largo eco en la investigación de otros países latinoamericanos, especialmente por su indagación sobre el espacio y el tiempo del ver telenovela, y la comparación de los procesos de lectura, esto es, de producción y reelaboración simbólica que dos clases sociales de televidentes efectúan con la telenovela. Desde una perspectiva

<sup>40</sup> FADUL, Anamaria. *Sobre a recepção crítica dos meios de comunicação de massa no Brasil*. São Paulo, Orealc, 1983.

<sup>41</sup> SOUSA, M. Wilton de. *A rosa púrpura de cada dia: trajetória de vida e cotidiano de receptores da telenovela*. São Paulo, USP, 1986.

<sup>42</sup> CARDOSO, R. (org.). *A aventura antropológica*. São Paulo, Paz e terra, 1986.

<sup>43</sup> MAGNANI, J. G. Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

<sup>44</sup> CALDEIRA, T. Pires do Rio. *A política dos outros*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

<sup>45</sup> VELHO, G. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

<sup>46</sup> ROCHA, E. P. y otros. *Testemunha ocular: textos de antropologia social do cotidiano*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

<sup>47</sup> LEAL, O. Fachel. *A leitura social da telenovela das oito*. Pctrópolis, Vozes, 1990.

sociológica Carlos Eduardo Lins da Silva<sup>48</sup> investiga tempranamente la recepción del noticiero nacional de Rede Globo en dos comunidades obreras, indagando especialmente las mediaciones críticas que introducen en la lectura del telejornal la Iglesia, el movimiento sindical, los partidos políticos, el movimiento feminista y los otros medios de comunicación. Junto a esos trabajos pioneros no puedo dejar de reseñar el seminario que un grupo de investigadores de la Universidad de São Paulo realizó en 1991 y en el que participaron sociólogos, antropólogos, comunicólogos, psicólogos e historiadores, y cuyo mero título, *Sujeito, o lado oculto do receptor*<sup>49</sup>, es bien revelador de las peculiaridades que, más allá de las modas académicas, caracterizan los estudios de recepción en Brasil.

### **3. Globalización comunicacional y modernidad-mundo**

Un fantasma recorre las ciencias sociales y la investigación latinoamericana de comunicación en los últimos años: el fantasma se llama *globalización*. Confundida por muchos con el “viejo” y persistente imperialismo, asimilado a la transnacionalización, o mejor a la expansión acelerada de las empresas y las lógicas transnacionales, e identificado por otros con la “revolución” tecnológica y hasta con el impulso secreto de la postmodernidad, la *globalización* no parece dejarse atrapar ni en los esquemas académicos ni en los paradigmas científicos tradicionales. Los artículos y las antologías proliferan al infinito, pero la inmensa mayoría de lo que se escribe en Latinoamérica a ese propósito decepciona. Curiosamente es en el país que más larga y polémicamente ha debatido los avatares de su formación nacional, Brasil, donde empieza a dibujarse un horizonte de comprensión de la novedad que los procesos de globalización introducen en la economía, la cultura y la sensibilidad, esto es, en la percepción del espacio y el tiempo.

Tres brasileños destacan hoy como pensadores de la globalización en América Latina. Desde la geografía, Milton Santos reflexiona sobre las transformaciones del espacio<sup>50</sup> manifestando que, por falta de categorías analíticas y de historia del presente, seguimos mentalmente anclados en el tiempo de las relaciones internacionales cuando lo que hoy estamos necesitando pensar es el *mundo*: el paso de la internacionalización a la *mundialización*. Y son precisamente las tecnologías de comunicación – satélites, informática, televisión – las que, al transformar el *sentido del lugar en el mundo*, tornan opacas las relaciones que lo estructuran haciendo de un mundo tan intercomunicado algo opaco.

<sup>48</sup> LINS DA SILVA, C. Eduardo. *Muito além do Jardim Botânico: um estudo sobre audiência do Jornal Nacional entre trabalhadores*. São Paulo, Summus, 1985.

<sup>49</sup> SOUSA, M. Wilton de (org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo, Brasiliense, ECA-USP, 1995.

<sup>50</sup> SANTOS, Milton. Espaço, mundo globalizado, pós-modernidade. *Margem*, n. 2, p. 9-21.

Opacidad que pone en primer plano la materialidad de que está hecho el *espacio* y la *velocidad* que nos hace perceptible un mundo que, a la vez que convierte a la cultura en el gran vehículo de la economía y la política, se convierte en clave del cambio epistemológico que sufren todas las disciplinas.

Ahora bien esa *valoración* del mundo no impide a Milton Santos hacer un análisis fuertemente crítico de una *globalización enferma*<sup>51</sup>, pues busca *unificar* más que unir, y “*lo que hoy es unificado a nivel mundial no es una voluntad de libertad sino de dominio, no es el deseo de cooperación sino de competición (...). El espacio se globaliza pero no es mundial como un todo sino como metáfora. La dimensión mundial es el mercado*”.<sup>52</sup> Hay entonces un reloj universal y abstracto, hegemónico, cuyas temporalidades son los vectores de la economía y la cultura. Pero no hay *tiempo mundial*. Y si es cierto que son *redes* mundiales las que regulan un orden al servicio de los actores hegemónicos a escala planetaria, en el plano *local* esas mismas redes son portadoras de *desorden*. Con lo que la pregunta por la globalización se vuelve así pregunta por el sentido de la diversidad: “*La diversificación contribuye a la unidad o a la unificación?*”<sup>53</sup>

Desde la sociología, Renato Ortiz introduce la necesidad de diferenciar las lógicas unificantes de la globalización económica de las que mundializan la cultura. Pues la mundialización cultural no opera desde afuera sobre esferas dotadas de autonomía como lo nacional o lo local. “*La mundialización es un proceso que se hace y deshace incesantemente. Y en ese sentido sería impropio hablar de una ‘cultura-mundo’ cuyo nivel jerárquico se situaría por encima de las culturas nacionales o locales. El proceso de mundialización es un fenómeno social total, que para existir se debe localizar, enraizarse en las prácticas cotidianas de los hombres*”.<sup>54</sup> La mundialización no puede entonces confundirse con la *estandarización* de los diferentes ámbitos de la vida que fué lo que produjo la industrialización, incluido el ámbito de la cultura, esa “*industria cultural*” que fué el objeto de análisis de los de Frankfurt. Ahora nos encontramos ante otro tipo de proceso, que se expresa en la cultura de la *modernidad-mundo* como “*una nueva manera de estar en el mundo*”. De la que hablan los hondos cambios producidos en el mundo de la vida: en el trabajo, la pareja, la comida, el ocio. Es por que la jornada continua ha hecho imposible para millones de personas almorzar en casa, y porque cada día más mujeres trabajan fuera de ella, y porque los hijos se autonomizan de los padres muy tempranamente, y porque la figura patriarcal se ha devaluado tanto como se ha valorizado el trabajo de la mujer, que la comida ha dejado de ser un ritual que congrega a la familia, y desimbolizada la comida diaria ha encontrado su forma en el *fast-food*. De ahí que

<sup>51</sup> SANTOS, Milton. La aceleración contemporánea: tiempo, mundo y espacio-mundo; Los espacios de la globalización. *Revista Universidad del Valle*, n. 10, p. 22-42, Cali, 1995.

<sup>52</sup> Id., ib., p. 33.

<sup>53</sup> Id. Ib., p.41.

<sup>54</sup> ORTIZ, R. *Mundialización e cultura*. São Paulo, Brasiliense, 1994, p. 32.

el éxito de McDonald's o de las pizzas Hut hable menos de la imposición de la comida norteamericana que de los profundos cambios en la vida cotidiana de la gente, cambios que esos productos sin duda expresan y rentabilizan. Pues desincronizada de los tiempos rituales de antaño y de los lugares que simbolizaban la convocatoria familiar y el respeto a la autoridad patriarcal, los nuevos modos y productos de la alimentación "*pierden la rigidez de los territorios y las costumbres, convirtiéndose en informaciones ajustadas a la polisemia de los contextos*".<sup>55</sup> Reconocer eso no significa desconocer la creciente monopolización de la distribución, o la descentralización que concentra poder y el desarraigo empujando la hibridación de las culturas. Ligados estructuralmente a la globalización económica pero sin agotarse en ella, se producen fenómenos de mundialización de imaginarios ligados a músicas, a imágenes y personajes que representan estilos y valores desterritorializados y a los que corresponden también nueva figuras de la memoria.

Y también desde la sociología, Octavio Ianni ha sido de los pocos latinoamericanos en atravesarse a asumir los retos teóricos que implica pensar "*que el globo ha dejado de ser una figura astronómica para adquirir plenamente una significación histórica*".<sup>56</sup> Pues esa significación no es derivable ya de la que hasta ahora fué la categoría central en las ciencias sociales, la del Estado-nación, la globalización no puede ser pensada como mera extensión cuantitativa o cualitativa de la sociedad nacional. No porque esa categoría y esa sociedad no sigan teniendo vigencia – la exasperación de los nacionalismos, los regionalismos y localismos así lo atestiguan –, sino porque el conocimiento acumulado sobre lo nacional responde a un paradigma que no puede ya dar cuenta "*ni metodológica ni histórica ni teóricamente de toda la realidad en la cual se insertan hoy individuos y clases, naciones y nacionalidades, culturas y civilizaciones*".<sup>57</sup> La resistencia en las ciencias sociales a aceptar que se trata de un objeto nuevo son muy fuertes. De ahí, por una parte, la tendencia a subsumir ese objeto en los paradigmas clásicos del evolucionismo, el funcionalismo etc. y, por otra, a priorizar aspectos parciales – económicos, tecnológicos, ecológicos etc. – que parecerían poder seguir siendo comprensibles desde una continuidad sin traumas con la idea de lo nacional.

Esa continuidad, de la que hablan nociones como dependencia, interdependencia e imperialismo, está encubriendo la necesidad de someter esas nociones a una profunda reformulación a la luz de los cambios radicales que atraviesan tanto la idea de soberanía como la de hegemonía. El que hoy siga habiendo dependencias e imperialismos no significa que el escenario no haya cambiado, sino que los viejos tipos de vínculos se hallan subsumidos y atravesados por otros nuevos que no se dejan pensar desde la transferencia de

<sup>55</sup> Id., ib., p.87; ver también del mismo autor: *Otro territorio*. Univ. Nac. de Quilmes, 1996.

<sup>56</sup> IANNI, O. *Teorías de la globalización*. México, Siglo XIX, 1996, p. 3.

<sup>57</sup> Id., ib., p. 160.

categorías y nociones como Estado, partido, sindicato, movimiento social, territorio, tradición etc. Esto es, sin que esas categorías y nociones sean previamente reformuladas. Las condiciones de desigualdad entre naciones, regiones y estados continúan e incluso se agravan, pero no pueden ser ya pensadas al margen de la aparición de redes y alianzas que reorganizan y subsumen tanto las estructuras estatales como los regímenes políticos y los proyectos nacionales. El desafío a las ciencias sociales, que Octavio Ianni tematiza, se torna aun más decisivo en lo concerniente al campo de la comunicación, cuyas transformaciones juegan un rol protagónico en los procesos de globalización y en la modernidad-mundo. Y no sólo en lo que atañe a la dimensión tecnológica sino al horizonte epistemológico desde el que se hacen visibles los nuevos sentidos del comunicar.

#### ***4. Apropiación crítica de la investigación latinoamericana***

Si el aporte de Brasil a la investigación latinoamericana de Comunicación ha sido tan fecundo, ello se debe en gran medida al diálogo que Intercom ha hecho posible. Con una clara vocación latinomericana desde sus inicios, Intercom le ha ido dando cuerpo al ritmo de su consolidación como asociación nacional y la institucionalización de sus contactos con los demás países de la región: a través de investigaciones comparadas, del activo intercambio de investigadores y profesores, de la publicación de sus ciclos anuales de estudio y de su boletín, ya convertido en *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. A la que hay que añadir esas otras dos revistas, cercanas a Intercom, y que han mantenido también un diálogo permanente con los investigadores latinoamericanos: *Comunicação & Sociedade* y *Comunicação & Política*.

Explicitando esa voluntad de diálogo, el V Ciclo, realizado en São Paulo, en 1982, se da como tema “Impases e desafios da pesquisa em Comunicação”, en un claro marco de internacionalización, que se hace realidad, de un lado, en los trabajos de investigadores brasileños que reflexionan sobre las tendencias de la investigación en comunicación en los países metropolitanos y, de otro, en la apertura a la participación de investigadores de otros países, de los cuales la mayoría fueron latinoamericanos. La relevancia de esa presencia latinoamericana quedará testimoniada en el título de la publicación que, con la coordinación de José Marques de Melo, recoge las ponencias: *Teoria e pesquisa em comunicação: panorama latino-americano*. A partir de ese ciclo la relación de Intercom con la investigación latinoamericana será cada vez más fuerte. El IX Ciclo se plantea como tema central “Comunicação na América Latina: desenvolvimento e

crise” y el Ciclo XII es dedicado a “Indústrias culturais e os desafios da integração latino-americana”.

Especialmente decisivo será el compromiso de Intercom en la reconstitución de ALAIC, lograda en 1989, dentro de las sesiones del IX Ciclo celebrado en Florianópolis. Recogiendo la propuesta formulada por varios expresidentes y miembros de ALAIC presentes en el Congreso de AIERI ese mismo año en Barcelona, Marques de Melo impulsa la reconstitución de ALAIC, que venía atravesando un ya largo período de crisis, y asume su presidencia. Que culminará con la realización, en 1992, en São Paulo, del I Congreso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación. Y en el que se llevó a cabo una evaluación de las principales tendencias de la investigación en los años ochenta y una propuesta de líneas prioritarias para los noventa.<sup>58</sup>

El diálogo con los investigadores brasileños de comunicación se ha hecho particularmente fecundo en los últimos años a través de los debates introducidos en Brasil tanto sobre el sentido y alcance de la teoría y la investigación en la enseñanza de la comunicación como sobre el bagaje teórico con el que se investiga y las estrategias metodológicas que se utilizan. A ese propósito me parecen particularmente relevantes las críticas planteadas por Maria Immacolata Vassallo de Lopes<sup>59</sup> a ciertas tendencias culturalistas en la investigación de los procesos de recepción que, al sustituir el concepto de clase social por el de estratificación social, olvidan el sentido estructural de los grupos sociales despojándolos del carácter conflictivo que reviste su relación con las diversas formas de organización y expresión del poder. Reducida a la relación de los diversos grupos – de edad y de género – con el medio, y sustituidas las instancias de mediación estructural por las de la familia, la escuela o el vecindario, la recepción resulta convertida en un proceso circular, que difícilmente puede escapar al círculo que introduce la fragmentación de los consumidores propuesta por el mercado. La autora de esa certera crítica lo es también de uno de los pocos libros que en América Latina han tenido el coraje de asumir el desafío metodológico que implican los nuevos objetos y las nuevas propuestas de investigación.<sup>60</sup>

Aunque más polémicas, las críticas de José Marques de Melo a los modelos de enseñanza de la comunicación<sup>61</sup> distanciana de las demandas que vienen de un

<sup>58</sup> MARQUES DE MELO, José (coord.). *Comunicação latinoamericana: desafios de la investigación para el siglo XXI*. São Paulo, ALAIC/ECA-USP, 1992.

<sup>59</sup> LOPES, M. Immacolata Vassallo de. *Estratégias metodológicas da pesquisa de recepção*. *Revista Brasileira de Comunicação*, n. XVI/2, p. 7-12, São Paulo, Intercom, 1993; también: *Recepção dos mídia: classes, poder, estrutura* – ponencia presentada al VIII Encuentro de Felafacs, Cali, 1994.

<sup>60</sup> LOPES, M. Immacolata Vassallo de. *Pesquisa em comunicação: formulação de um modelo metodológico*. São Paulo, Loyola, 1990.

<sup>61</sup> MARQUES DE MELO, José (org.). *Ensino de comunicação no Brasil: impases e desafios*. São Paulo, ECA-USP, 1987; del mismo autor: *Comunicação e modernidade: o ensino e a pesquisa nas escolas de comunicação*. São Paulo, Loyola, 1991.



mercado de trabajo, crecientemente especializado, y con una propuesta de perfil polivalente, que condenaría a la mayoría de los egresados al desempleo o al campo de lo alternativo, también han producido un importante debate sobre el sentido de la teoría y la investigación en la enseñanza de pregrados y postgrados. De un lado, replanteando la presencia puramente formal de cursos de teoría distanciados del quehacer creativo y productor del comunicador y, de otro, develando las trampas de un tipo de investigación cuya amálgama de formalismo y denunciismo la torna incapaz de aportar al conocimiento de las transformaciones que está sufriendo el campo de la comunicación. Ese debate ha hecho al mismo tiempo imprescindible plantearse los modos de afrontar las tendencias predominantemente mercantiles en el crecimiento de los postgrados, que si bien recogen las demandas de especialización del campo laboral, amenazan con liquidar la presencia de las ciencias sociales y de cualquier carácter crítico de los estudios y la investigación académica de la comunicación. Rasgos esos que hacen parte constitutiva de esa “escuela latinoamericana de comunicación” que el propio Marques de Melo se ha propuesto investigar y reivindicar.<sup>62</sup>

Terminaré tomándome la vocería de mis colegas latinoamericanos para reconocer la presencia decisiva de la investigación brasileña en la gestación de un pensamiento latinoamericano sobre la comunicación, que, a la vez que nos permite una comprensión más profunda de las peculiaridades y dinámicas de nuestro mundo, nos está posibilitando en el plano internacional pasar del oficio de “informantes nativos” al de verdaderos productores de pensamiento y de conocimientos.

---

<sup>62</sup> MARQUES DE MELO, José (coord.). O pensamento latino-americano em comunicação. *Comunicação & Sociedade*, n 25, monográfico, São Paulo, Intercom, 1996.

## A constituição da comunidade acadêmica brasileira no campo das ciências da comunicação\*

*José Marques de Melo*  
*Titular da Cátedra Unesco de Comunicação*  
*para o Desenvolvimento Regional,*  
*da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp)*

### 1. Introdução

O campo das Ciências da Comunicação existe na sociedade brasileira há cinquenta anos, desde quando foram instalados os primeiros cursos superiores de Jornalismo e depois da criação dos pioneiros institutos de pesquisa de audiência da mídia. Sua fisionomia corresponde inicialmente a uma produção intelectual de natureza ensaística, estocando e sistematizando os saberes oriundos do mundo profissional (imprensa, propaganda, opinião pública).

A ampliação para incorporar novos segmentos comunicacionais (cinema, editoração, relações públicas, radio-teledifusão, lazer, divulgação científica, extensão rural) somente ocorre a partir dos anos sessenta. Verifica-se ao mesmo tempo uma mudança nos espaços de geração de conhecimentos novos: as emergentes escolas de comunicação iniciam atividades regulares de pesquisa.

Este é o momento em que começa a se configurar uma comunidade acadêmica constituída por professores-pesquisadores. Os cursos de pós-graduação em comunicação, enclavados nas universidades, absorvem os primeiros doutores diplomados em instituições estrangeiras ou titulados no próprio país.

Conforma-se, portanto, uma comunidade de cientistas da comunicação, dotada de perfil híbrido. Alguns pertencem aos diferentes setores da comunicação de massa (com hegemonia do jornalismo), outros procedem das disciplinas conexas (humanidades e ciências sociais).

Mas é sem dúvida a criação de sociedades científicas aglutinadoras de tais pesquisadores acadêmicos (UCBC, Abepec, Intercom e mais recentemente Abecom e Compós) que vai delinear os traços definidores dessa comunidade ascen-

---

\* Este texto, apresentado no XX Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, evento central do XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, no dia 4 de setembro de 1997, foi atualizado em outubro de 1998.

dente. No âmbito profissional surgiriam também entidades corporativas, reunindo os pesquisadores mercadológicos (SBPM, Abepem e Anep).

Os dois segmentos, tanto o acadêmico quanto o profissional, tratariam de estabelecer vínculos internacionais, respectivamente com a IAMCR e a Esomar.

Trata-se de uma comunidade que, pouco a pouco, vem adquirindo visibilidade social. Traçar o seu perfil sócio-cultural é a intenção do presente ensaio. Vamos fazer o resgate da sua trajetória histórica, anotando evidências que permitem compreender sua luta pela subsistência, os conflitos internos, os desafios intelectuais, a busca da identidade científica, o processo de legitimação institucional, o reconhecimento internacional, delineando também suas perspectivas de consolidação no panorama universitário.

## 2. Cronologia do campo

Não obstante o campo venha se notabilizando a partir dos anos 40, isto não significa dizer que a mídia nunca tenha sido objeto de estudo científico no Brasil. Ao contrário, temos evidências de pesquisas anteriores, valorizando os fenômenos midiáticos e procurando elucidá-los no bojo da nossa sociedade<sup>1</sup>.

Por isso mesmo, a história das ciências da comunicação pode ser organizada em cinco fases, de acordo com a seguinte cronologia:

Desbravamento	1873-1922
Pioneirismo	1923-1946
Fortalecimento	1947-1963
Consolidação	1964-1977
Institucionalização	1978-1997

Vamos caracterizar cada uma dessas fases, ressaltando seus indicadores mais representativos.

## 3. Desbravamento

Esta fase começa quando a *imprensa* se converte em objeto de *pesquisa* e termina quando o *jornalismo* começa a ser pensado como campo de *ensino*. Seus pro-

<sup>1</sup> MARQUES DE MELO, José. *Inventário da Pesquisa em Comunicação no Brasil, 1883-1983*. São Paulo, Intercom, 1984.

tagonistas são inicialmente os intelectuais que se valem da imprensa para disseminar idéias e conhecimentos. O contato permanente com o veículo acentua-lhes a dimensão do seu impacto social. Naquela época os jornais diários iniciavam uma trajetória vertiginosa, adquirindo feição industrial e desenhando a fisionomia da sociedade de massas, na Europa<sup>2</sup> e na América do Norte<sup>3</sup>. Daí o interesse em pesquisar seus antecedentes em território brasileiro.

Tudo começa em 1859, quando o Cônego Fernandes Pinheiro<sup>4</sup> publica, no Rio de Janeiro, um artigo sobre a imprensa brasileira, numa revista cultural, atribuindo aos holandeses, colonizadores de porções do território nordestino no século XVII, a primazia da implantação da imprensa no Brasil<sup>5</sup>. Ao destacar esse detalhe, o autor punha lenha na fogueira dos que criticavam o “obscurantismo” da colonização portuguesa no Brasil e exaltavam a ousadia “progressista” do Conde Maurício de Nassau. A ausência da imprensa em nossa história colonial constituía, portanto, indicador expressivo dessa defasagem entre os dois projetos coloniais.<sup>6</sup> Essa linha de argumentação foi sendo reforçada por Moreira De Azevedo<sup>7</sup>, Souza Martins<sup>8</sup> e outros historiadores vinculados ao Instituto Histórico Brasileiro, sediado no Rio de Janeiro. Tais versões se fundamentavam no livro do historiador francês P. M. Netscher<sup>9</sup>, reiteradas posteriormente na obra do Visconde de Porto Seguro<sup>10</sup>, cujas pesquisas estavam ancoradas em fontes não suficientemente confiáveis.

A tese incomodava bastante os historiadores pernambucanos, cuja motivação principal, ao criarem o seu próprio Instituto Histórico, tinha sido justamente

<sup>2</sup> Para melhor compreender o panorama europeu, nessa conjuntura, vale e pena consultar os seguintes livros: OLSON, Kenneth E. *The history makers: the press of Europe from its beginnings through 1965*. Baton Rouge, Louisiana State University Press, 1966; e VARIN D'AINVELLE, Madeleine. *La presse en France: genèse et évolution de ses fonctions psycho-sociales*. Paris, Presses Universitaires de France, 1965.

<sup>3</sup> O panorama norte-americano dessa época está bem reconstituído nas seguintes fontes: MOTHER, Frank Luther. *American journalism, a history: 1690-1960*. New York, Macmillan, 1941; e TEBBEL, John. *Breve historia del periódico norte-americano*. Barcelona, Montaner y simon, 1967

<sup>4</sup> FERNANDES PINHEIRO, J. C. A imprensa no Brasil. *Jornal Ilustrado (revista popular noticiosa, científica, industrial, histórica, literária, aneddotica, musical etc.)*. Rio de Janeiro, 1(4): 217-224, 1859.

<sup>5</sup> A primeira referência a essa tese, no plenário do Instituto Histórico Pernambucano, foi feita pelo Dr. Antonio do Nascimento Feitosa, na oração póstuma dedicada ao Comendador Manuel Figueiroa de Faria, proprietário do *Diário de Pernambuco* e também sócio-fundador daquela entidade. Fica patente que as fronteiras entre História e Jornalismo, naquela conjuntura, eram muito tênues. Vide: NASCIMENTO FEITOSA, Antonio Vicente. Discurso do Orador do Instituto, na Assembléia Geral de Aniversário, em 27 de janeiro de 1867. *Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano*, n. 11, Recife, 1867, p. 517.

<sup>6</sup> Essa polêmica está bem documentada na minha tese de doutorado, cuja versão editorial foi publicada pela Editora Vozes de Petrópolis. Vide: MARQUES DE MELO, José. *Sociologia da imprensa brasileira*. Petrópolis, Vozes, 1972. p. 92-108.

<sup>7</sup> MOREIRA DE AZEVEDO. Origem e Desenvolvimento da Imprensa no Rio de Janeiro. *Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil*, tomo XXIX, parte II, Rio de Janeiro, Typographia de Pinheiro & comp., 1865, p. 169/224.

<sup>8</sup> SOUZA MARTINS, Francisco de. Progresso do Jornalismo no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo VIII, Rio de Janeiro, 1867, p. 262/263.

<sup>9</sup> NETSCHER, P. M. *Les hollandais au Brésil*. Paris, 1853.

<sup>10</sup> PORTO SEGURO. *As lutas do holandeses no Brasil*. Rio de Janeiro, 1871.

a de valorizar o “nativismo” da Restauração Pernambucana que culminou com a Batalha dos Guararapes<sup>11</sup>. Esse episódio resultara da coalisão entre índios, negros e lusitanos para expulsar o “invasor” holandês, cuja longa permanência em nosso litoral sempre foi creditada à vacilação da realeza ibérica, então dominando Espanha e Portugal e seus territórios coloniais.

Os debates sobre a controvérsia relativa à imprensa induzem os intelectuais pernambucanos a desqualificá-la, taxando-a de “inverdade histórica”. Para comprovar a hipótese, encorajam um de seus pares, José Higinio Duarte Pereira a empreender uma missão científica nos arquivos holandeses, o que efetivamente foi realizado a partir de 1873. A imprensa se converte, portanto, em objeto de pesquisa científica.

Na busca de evidências capazes de restaurar o orgulho ferido da pernambucanidade, o professor poliglota recebe subsídios federais para pesquisar nos Arquivos das Índias Ocidentais, distribuídos em várias cidades holandesas. Seu desafio era dirimir a polêmica histórica sobre a “mítica” tipografia holandesa de 1642. Essa penosa investigação foi coroada de êxito científico. Mas ela acarretou prejuízos ao pesquisador, vítima de perseguições políticas, o que determinaria seu retorno ao país antes de concluir o projeto.

De qualquer maneira, as evidências coletadas foram suficientes para refutar a tese sobre a existência da imprensa no Brasil Holandês. Em sessão solene do Instituto Histórico Pernambucano, Duarte Pereira apresenta exaustiva comunicação sobre suas pesquisas, anexando a tradução dos documentos consultados. A publicação integral desse convincente relatório se faria em edição especial da Revista da sociedade<sup>12</sup>.

É sintomático que a curiosidade pela imprensa continuaria viva nesse grupo de historiadores pernambucanos, *doubleurs* de jornalistas, que compareciam regularmente às páginas do *Diário de Pernambuco* para publicar artigos, resenhas, comentários. Permanece o interesse pela tentativa holandesa de fazer funcionar prelos no Recife, durante o Governo de Nassau. Mas volta-se também para as

<sup>11</sup> Desde 1868, os historiadores pernambucanos tentavam obter recursos públicos para a edição de obras que restaurassem a “verdade histórica”, criando uma coleção de “Biografias de alguns poetas e homens ilustres de Pernambuco”, subsidiada por fundos provenientes da loteria provincial. Na sessão de 5 de setembro de 1872, o o historiador Regueira Costa fazia discurso para justificar essa estratégia. “*Numa época em que sido não adulterada a nossa história, especialmente no que respeita aos movimentos políticos do país, não se deve adiar a publicação de quaisquer livros que restabeleçam a verdade dos fatos, à luz de uma crítica conscienciosa...*” REGUEIRA COSTA, João Baptista. Discurso na 179ª Sessão do IAGP. *Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano*, n. 25, Recife, 1872, p.8.

<sup>12</sup> Antes dessa consagração pública, realizada em 9/5/1886, tendo o caráter de desagravo pelas injustiças governamentais acarretadas ao pesquisador durante sua missão holandesa, Duarte Pereira publicara um artigo-síntese, dirimindo a controvérsia sobre o folheto *Brasilische Gell-Sack*. Ele conclui que o opúsculo foi impresso na Holanda e não no Brasil, como foram induzidos a pensar alguns historiadores brasileiros. Duarte Pereira, José Higinio Advertência. *Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano*, n. 28, Recife, 1883, p. 121-126. A íntegra do seu relatório, incluindo outras questões históricas, além daquela referente à imprensa, foi publicada na edição n. 30, datada de junho de 1886.

tentativas frustradas de implantação da imprensa, que ali ocorreram durante o regime colonial português.

Em 1891, Pereira Da Costa<sup>13</sup> divulga os resultados das suas pesquisas sobre as “clandestinas” tipografias pernambucanas de 1706 e 1816, imediatamente sequestradas pelo governo português. Apesar dessa atitude censória, o historiador ressalta a precedência lusitana na história da nossa imprensa, minimizando assim a iniciativa dos holandeses, ousada mas não consumada. Para reforçar sua argumentação, menciona a existência de “impressos” que comprovam a atividade da tipografia de 1706, principalmente orações devotas e letras de câmbio. No entanto, ele encontrou maiores evidências documentais sobre a tipografia de 1816, a qual ficou inativa até o ano seguinte, quando os revolucionários republicanos de 1817 a utilizaram para editar seus proclamos ao povo pernambucano. Além de registrar fatos vinculados às primeiras tipografias pernambucanas, Pereira da Costa anota evidências sobre as demais tipografias e jornais existentes na Província até a década de 1830, anexando documentos que comprovam suas pesquisas.

Anos depois, Alfredo de Carvalho<sup>14</sup> retomaria a questão da imprensa holandesa. Ele refaz o itinerário interrompido por Duarte Pereira nos arquivos holandeses, esclarecendo definitivamente o episódio. Robustece a tese de que, durante o Governo de Maurício de Nassau, em Pernambuco, não funcionou nenhuma tipografia no Recife. Elucidou de forma convincente a origem do equívoco histórico, ou seja, a circunstância de haver Nassau solicitado um tipógrafo e um prelo a Amsterdam. Consultando a correspondência oficial trocada entre os governantes holandeses no Brasil e a direção da Companhia das Índias Ocidentais, conservada no Arquivo Real de Haia, o jornalista-historiador encontrou inúmeras referências ao pedido, às respostas, bem como às reiterações para o envio do prelo, mesmo depois da viagem do tipógrafo Pieter Janszoon e do anúncio da sua morte durante o trajeto marítimo. Não há qualquer comprovação de que Amsterdam tenha atendido ao pleito, apesar dos dirigentes holandeses no Brasil continuarem reclamando a tipografia. Esta nunca chegou ao Brasil. No entanto, circularam folhetos na Europa supostamente impressos no Recife, datados de 1645. Estes haviam sido originalmente escritos no Brasil, mas concluídos na Holanda, onde foram impressos. A indicação do Recife como local de publicação representou estratagem para evitar sanções legais aos autores pelo caráter denunciativo dos opúsculos. Ao concluir seu artigo, diz Carvalho: “...cremos haver encerrado o debate sobre a tão disputada questão do estabelecimento da imprensa em Pernambuco pelos holandeses, tendo provado que realmente foi tentado, mas, não chegou a se realizar”.

<sup>13</sup> PEREIRA DA COSTA, F. A Estabelecimento e desenvolvimento da imprensa em Pernambuco. *Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano*, n. 309, Recife, 1891, p. 25/50.

<sup>14</sup> CARVELHO, Alfredo. Da introdução da imprensa em Pernambuco pelos holandeses. *Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano*, n. 53, Recife, 1899, p. 710-716.

Liquidada essa fatura, dedicou-se Alfredo de Carvalho<sup>15</sup> a inventariar os progressos da imprensa brasileira, mobilizando pesquisadores nas diversas unidades da Federação para apresentar seus resultados durante a efeméride comemorativa da introdução oficial da imprensa no Brasil pelo Corte de D. João VI, que aqui aporta em 1808. Trata-se do primeiro projeto de “pesquisa integrada” realizada no Brasil, repertoriando informações sobre a imprensa de todo o país, no século passado e primeira década deste século. Na condição de líder da equipe, Alfredo de Carvalho<sup>16</sup> escreve alentada monografia sobre a trajetória histórica da imprensa brasileira, incentivando seus colaboradores a produzir perfis regionais.

Essa iniciativa teve também um componente daquilo que hoje se chamaria “extensão comunitária”, pois os documentos principais foram exibidos publicamente no Rio de Janeiro, através de uma exposição comemorativa do centenário da nossa imprensa. Antes dela, outra pesquisa fora realizada por Alfredo de Valle Cabral<sup>17</sup>, inventariando a produção impressa brasileira durante o regime colonial, basicamente livros e opúsculos, mas incluindo as gazetas editadas sob o jugo da Censura Régia.

Tais mostras e catálogos funcionaram como testemunho coletivo da pujança da imprensa brasileira na passagem do século, que deixara de ser mero instrumento político-partidário para se transformar em empresa comercialmente auto-sustentável. Esse ambiente legitimador do papel social da mídia impressa certamente influenciaria o jornalista Gustavo de Lacerda a fundar, no ano do centenário, a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), desafiando a nova entidade a manter uma escola profissional destinada a formar jornalistas<sup>18</sup>.

O projeto da escola de jornalismo ficou no esquecimento, depois da morte prematura de Gustavo de Lacerda, sendo retomado somente em 1918, quando a ABI promove o I Congresso Brasileiro de Jornalistas. O ensino profissionalizante ainda era uma inovação difícil de ser assimilada, num país dominado pelo bacharelismo<sup>19</sup>.

---

<sup>15</sup> CARVALHO, Alfredo. Gênese e progressos da imprensa periódica no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 2 vols.

<sup>16</sup> Ele também assumiu a tarefa de inventariar a imprensa pernambucana, divulgando o conjunto da pesquisa no livro *Anaes da imprensa periódica pernambucana (1801-1908)* (Recife, Typografia do Jornal do Recife, 1908).

<sup>17</sup> VALLE CABRAL, Alfredo de. *Anais da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro, de 1808 a 1822*. Rio de Janeiro, Typografia Nacional, 1881. 339 p.

<sup>18</sup> SÁ, Victor. A Escola de Jornalismo. In: *Um repórter na ABI*. Rio de Janeiro, Editora A Noite, 1955. p. 220-225.

<sup>19</sup> Em sua tese de doutorado em História (UFF, 1997) sobre a imprensa brasileira do final do século passado e começo deste, a professora Marialva Barbosa descreve o ambiente jornalístico do Rio de Janeiro naquela época. Um dos indicadores expressivos é a formação jurídica da maioria dos jornalistas em exercício, justificando até mesmo a existência de disciplinas em algumas faculdades de direito que se destinavam a preparar os futuros advogados para a ocupação de espaços nesse mercado alternativo. Não é de estranhar que tais instituições tenham funcionado como núcleos de resistência sutil à criação dos cursos superiores de jornalismo, processo que se arrastaria até a década de 40, apesar da persistência da ABI na defesa dessa tese lançada pelo seu fundador.

Mas o clima reinante na intelectualidade da capital federal, espraiando-se por todo o País, era francamente propício à pesquisa e à reflexão sobre a mídia impressa. Tanto assim que encontramos, nesse período, vários estudos sobre os fenômenos da comunicação massiva, assinados por autores do porte de Ruy Barbosa<sup>20</sup>, A da Cunha Barbosa<sup>21</sup>, Max Fleuiss<sup>22</sup>, Felix Pacheco<sup>23</sup>, Ernesto Senna<sup>24</sup>, José Veríssimo<sup>25</sup>, etc. Estamos, ainda, no território restrito do ensaísmo, produzindo conhecimento oriundo da análise documental, mesmo assim ancorado em fontes secundárias. São poucas as incursões pelos documentos primários, tal como fizeram os desbravadores pernambucanos no final do século passado.

### 3. Pioneirismo

A segunda fase acena em direção ao empirismo, apesar de persistir uma certa hegemonia ensaística.

O divisor de águas é o estudo realizado pelo Jornalista Barbosa Lima Sobrinho<sup>26</sup> sobre a liberdade de imprensa. Escrito em ritmo de reportagem, o livro foi pensado como uma contribuição para o debate em torno da lei de imprensa que tramitava no Congresso Nacional, mais conhecida pelo nome do seu autor, o senador paulista Adolpho Gordo<sup>27</sup>.

Revelando grande erudição, o pesquisador pernambucano traça um panorama do desenvolvimento da imprensa para nele situar a problemática da sua regulamentação legal. Ele faz uma exegese completa das teses que compunham o arcabouço da Lei Adolpho Gordo.

Fugindo ao padrão dos tratados jurídicos ou dos textos históricos, o autor se propõe a elucidar cada questão com muita simplicidade e bastante clareza, construindo uma espécie de manual para o fortalecimento da cidadania. Ele se vale da argumentação jornalística para explicar os fatos, sugerindo soluções consentâneas com a tradição liberal. Em substituição aos mecanismos autoritários propostos pelo legislador, ele advoga posturas que correspondem ao amadureci-

<sup>20</sup> BARBOSA, Ruy. *A imprensa e o dever da verdade*, Salvador, [s.e.], 1920.

<sup>21</sup> CUNHA BARBOSA, A da. Origem e desenvolvimento da imprensa colonial brasileira, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo XLIII, parte II, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1902, p. 239/262.

<sup>22</sup> FLEUISS, Max. A imprensa no Brasil. In: *Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil* (Comemorativo do Primeiro Centenário da Independência), 1º vol., Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1922. p. 1550-1585.

<sup>23</sup> PACHECO, Felix. *Hum francês-brasileiro: subsídios para a história do "Jornal do Commercio"*. In: FLORENCE, Hercules e Plancher, Pedro. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 1917, p. 59-62.

<sup>24</sup> SENNA, Ernesto. *O Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, Jornal do Commercio, 1901.

<sup>25</sup> VERÍSSIMO, José. A instrução e a imprensa, 1500-1900. In: *Livro do centenário*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1900, vol. 1.

<sup>26</sup> BARBOSA LIMA SOBRINHO, Alexandre José. *O problema da imprensa*, Rio de Janeiro, Alvaro Pinto, 1923.

<sup>27</sup> GORDO, Adolpho. *Lei de Imprensa: Discursos pronunciados no Senado Federal*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1924.



mento da sociedade, muito próximas da auto-regulamentação e da responsabilidade social.

Seu último capítulo sinaliza em direção à educação coletiva, sugerindo que a maior garantia para a liberdade da imprensa está na vigilância exercida pelos próprios cidadãos, enquanto editores, jornalistas ou leitores. Ela não deixa, contudo, de diagnosticar a transição que se operava na imprensa brasileira, passando a cultivar um tipo de jornalismo em que a informação perde a sua destinação política para assumir o perfil de mercadoria.

Vislumbrávamos, então, o limiar do jornal-empresa, cuja fisionomia só seria incorporada nacionalmente a partir dos anos cinquenta. Mas Barbosa Lima Sobrinho fareja seu movimento, alertando para as consequências da mutação em processo.

Qual o diferencial dessa obra, se comparada a outras do gênero, produzidas antes ou depois? Além da metodologia jornalística que o autor emprega para construir a agenda temática e tecer a argumentação, ele recorre a conhecimentos históricos e jurídicos sem neles deixar-se enredar. Na verdade, Barbosa Lima Sobrinho escreve o primeiro tratado de **teoria do jornalismo brasileiro**, fazendo generalizações e extrapolações que foram se confirmando com o passar dos anos. Nesse sentido é um estudo que nasceu clássico. Tanto assim que, ao ser reeditado, 65 anos depois, raríssimas alterações o autor teve necessidade de fazer.

Trata-se de um exercício de reflexão jornalística realizado segundo a ótica peculiar ao campo profissional. Daí a sua longevidade e credibilidade, criando um padrão que seria continuado décadas à frente por estudiosos como Danton Jobim, Luiz Beltrão ou Juarez Bahia.

Estavam criadas as condições para o surgimento de um campo singular de pesquisas que, apesar de unguído pela interdisciplinaridade, adquire fisionomia própria. Ela advém da utilidade que enseja ao mundo do trabalho, possibilitando aos jornalistas e outros profissionais midiáticos a identificação de variáveis fundamentais para sedimentar as rotinas produtivas ou para engendrar novos instrumentos de ação codificadora, difusora ou retro-alimentadora.

Situam-se nesse mesmo conjunto as contribuições que brotariam em territórios limítrofes, como as de Santos Leitão<sup>28</sup> no âmbito da fotografia, Mendes de Almeida<sup>29</sup> no setor de cinema, Macedo de Carvalho<sup>30</sup> no segmento da publicidade, Rubens Porto<sup>31</sup> no plano das artes gráficas.

Num patamar mais avançado, porque adentrando o universo do empirismo, estão aquelas pesquisas realizadas segundo os procedimentos da economia, soci-

<sup>28</sup> SANTOS LEITÃO, B. dos. *Compêndio de fotografia para amadores*. Rio de Janeiro, Giannini Friedrich & C., 1926.

<sup>29</sup> MENDES DE ALMEIDA, J. Canuto. *Cinema contra-cinema*. São Paulo, Nacional, 1931.

<sup>30</sup> MACEDO DE CARVALHO, Emami. *Publicidade e propaganda*. São Paulo, Nacional, 1940.

<sup>31</sup> PORTO, Rubens. *O homem, o meio e a técnica na Imprensa Nacional*. 3 vols. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1941.

ologia ou psicologia social, porém destinados a desvendar a natureza comunicacional de objetivos essencialmente midiáticos. Elas incluem a primeira pesquisa de mercado patrocinada, em 1934, pela agência de propaganda N. W. Ayer, sob a direção de Francisco Orlandi e Charles Dulley, com a finalidade de incrementar o consumo de café no território nacional<sup>32</sup>. Mas também os estudos sobre os fundamentos psicológicos dos anúncios, promovidos por Aniela Ginsberg, no período 1939-199, os quais muito influiriam nas estratégias persuasivas usadas pelas nossas primeiras agências de propaganda<sup>33</sup>. Contudo, as pesquisas de maior impacto foram aquelas realizadas por Gilberto Freyre, no Recife, tomando os anúncios de jornais como fonte de pesquisa social<sup>34</sup>. Além de usá-los para a demonstração de suas hipóteses de trabalho científico, desde o estudo pioneiro realizado como monografia de pós-graduação à obra clássica *Casa grande e senzala*, publicada em 1935, mas também nas que se seguiram, ele ousa até mesmo criar uma nova disciplina no território fronteiriço entre as Ciências Sociais e as Ciências da Comunicação, denominando-a Anunciologia<sup>35</sup>.

Mas a fase do pioneirismo não se restringe à pesquisa. Ela se projeta também no âmbito do ensino. Enquanto a ABI continuava a reivindicar do Ministério da Educação fosse criada uma escola profissional de Jornalismo, a idéia de Gustavo de Lacerda viria a ser implementada por Anísio Teixeira, em 1935. Ele cria a nossa primeira Cátedra de Jornalismo, integrando-a à Universidade do Distrito Federal e designando como seu titular o jornalista Casta Rego, então diretor do jornal *Correio da Manhã*<sup>36</sup>. Mas o projeto foi efêmero, pois a UDF vem a ser fechada pouco depois, tendo em vista a deposição do Prefeito Pedro Ernesto, na esteira dos acontecimentos que marcaram a *intentona comunista*.

As circunstâncias favoreciam os centros de formação para jornalistas. A modernização e a multiplicação das empresas do ramo apontavam em direção ao esgotamento do modelo caracterizado pelo treinamento de recursos humanos dentro das próprias redações. Tanto assim que vão surgir, fora da universidade, as primeiras escolas de jornalismo.

Em 1942, cria-se um curso no Rio de Janeiro, por iniciativa da Associação dos Jornalistas Católicos<sup>37</sup>. Em 1943, funda-se em São Paulo um curso livre de

<sup>32</sup> COSTA EDUDARO, Octávio da. O desenvolvimento da pesquisa de propaganda no Brasil. In: CASTELO BRANCO e outros. *História da propaganda no Brasil*. São Paulo, IBRACO, 1990. p. 99.

<sup>33</sup> GIESBERG, Aniela. *Fundamentos psicológicos do anúncio*. São Paulo, USP, Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas, Instituto de Administração, 1949.

<sup>34</sup> Marques de melo, José. A imprensa como objeto de estudo científico no Brasil: contribuições de Gilberto Freyre e Luiz Beltrão. In: *Estudos de jornalismo comparado*. São Paulo, Pioneira, 1972. p. 29-46.

<sup>35</sup> FREYRE, Gilberto. *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. 2ª. ed., São Paulo, 1979. p. XXX.

<sup>36</sup> MARQUES DE MELO, José. Pedagogia da comunicação: as experiências brasileiras. In: *Contribuições para uma pedagogia da comunicação*. São Paulo, Paulinas, 1974. p. 17.

<sup>37</sup> GOMES, Pedro Gilberto. Escola superior de jornalismo. In: PESSINATTI, Nivaldo Luiz. *Comunicação e religiosidade*. Londrina, Intercom, 1996. p. 11.

jornalismo, dirigido por Vitorino Prata Castelo Branco, que inova duplamente: experimenta o modelo de ensino à distância (curso por correspondência)<sup>38</sup> e produz o nosso primeiro manual de estudos jornalísticos<sup>39</sup>.

Nesse mesmo ano, o ministro da Educação Gustavo Capanema viabiliza o ensino de jornalismo no Brasil, vinculando-o ao sistema de ensino superior. Oficializado desde 1938 por decreto do presidente Getúlio Vargas, atendendo ao pleito formulado ABI, o projeto dependia de regulamentação<sup>40</sup>.

A culminância dessa fase coincide com a publicação do primeiro tratado de história da mídia impressa, resultado de uma pesquisa erudita e bem documentada, realizada pelo jornalista Carlos Rizzini<sup>41</sup>. Apesar de escrita fora da academia, essa obra logo seria legitimada pela comunidade intelectual, tal o seu valor científico.

Tal qual fizera Barbosa Lima Sobrinho, duas décadas atrás, Rizzini demonstra a possibilidade de reconstituir a história empregando procedimentos rigorosamente jornalísticos. Trata-se de uma reportagem em profundidade, desvendando a trajetória da informação pública, desde os protótipos pré-tipográficos aos modelos que caracterizariam a chamada “galáxia de Gutenberg”. Por isso mesmo, o livro converteu-se em clássico precoce, esgotando-se rapidamente e passando à categoria de obra rara, disputada pelos bibliófilos. Em compensação, seu autor foi cooptado pelos primeiros cursos superiores de jornalismo que funcionaram regularmente em universidades brasileiras, tanto no Rio quanto em São Paulo. Ali continuaria suas pesquisas comunicacionais, dotadas de extremo rigor metodológico, brindando também os estudantes de jornalismo com aulas marcadas pela seriedade intelectual e pela qualidade didática.

Pode-se afirmar, sem sombra de dúvida, que Carlos Rizzini é o primeiro *scholar* brasileiro do campo das ciências da comunicação<sup>42</sup>.

#### 4. Fortalecimento

Este período tem a universidade como cenário. Instalam-se e aperfeiçoam-se os nossos primeiros cursos de Jornalismo<sup>43</sup>. Primeiro em São Paulo, com o funcionamento da Escola de Jornalismo Cásper Líbero (1947), criada mediante

<sup>38</sup> MARQUES DE MELO, José. *Pedagogia da comunicação: as experiências brasileiras*, In: *Contribuições para uma pedagogia da comunicação*. São Paulo, Paulinas, 1974. p. 19/19.

<sup>39</sup> CASTELO BRANCO, Vitorino Prata. *Curso de jornalismo*. São Paulo, Tipografia Cultura, 1945.

<sup>40</sup> NUZZI, Erasmo. 40 anos de ensino de jornalismo no Brasil: relato histórico. In: KUNSCH, Margarida M. Krohling. *O ensino de comunicação*. São Paulo, Abecorn, 1992. p. 23.

<sup>41</sup> RIZZINI, Carlos. *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil*. Rio de Janeiro, Kosmos, 1946.

<sup>42</sup> MARQUES DE MELO, José. Carlos Rizzini, pioneiro da midiolgia brasileira. *Comunicarte*, Campinas, Puccamp, 1998 (no prelo).

<sup>43</sup> MARQUES DE MELO, José. *Contribuições para uma pedagogia da comunicação*. São Paulo, Paulinas, 1974. p. 13-69.

convênio entre a Fundação Cásper Líbero (mantenedora do grupo midiático pilotado pelo jornal *A Gazeta*) e a Pontífica Universidade Católica de São Paulo. Depois, no Rio de Janeiro (1948), com a implantação do Curso de Jornalismo da Universidade do Brasil, hoje denominada Universidade Federal do Rio de Janeiro, produto dos esforços desenvolvidos pela ABI junto ao Governo Federal desde o congresso dos jornalistas de 1918.

Essas duas instituições funcionariam como matrizes das atividades de ensino e pesquisa, posteriormente expandidas para todo o território nacional. Profissionais guindados à condição de professores sistematizam conhecimentos empíricos e os transmitem às novas gerações de jornalistas ou os convertem em livros, monografias, apostilas, ampliando a sua circulação no espaço e no tempo.

O caso paulista é singular, pois a Faculdade Cásper Líbero contava com o aparato gráfico do jornal *A Gazeta*, permitindo aos seus professores a transformação das aulas em manuais didáticos, que ganharam amplitude nacional, sendo usados pelos docentes das instituições similares criadas em outras cidades brasileiras<sup>44</sup>.

Fenômeno distinto opera-se no Rio de Janeiro, onde a equipe docente busca estabelecer conexões internacionais. Tanto no sentido de buscar inspiração para aperfeiçoar os métodos de ensino e pesquisa quanto na projeção do embrionário pensamento comunicacional brasileiro. O primeiro aspecto pode ser ilustrado pela monografia escrita por Carlos Rizzini, relatando sua visita às escolas de jornalismo dos Estados Unidos e de lá trazendo idéias do pragmatismo pedagógico que marcou a fisionomia do modelo aqui testado e aculturado<sup>45</sup>. O segundo aspecto transparece com nitidez na ação desenvolvida por Danton Jobim, *scholar* cujo brilhantismo merece o reconhecimento de universidades norte-americanas<sup>46</sup> e européias, que o convidam para proferir conferências ou ministrar cursos, disseminando a perspectiva brasileira de análise do jornalismo<sup>47</sup>. Tanto assim que Jobim fincaria a bandeira brasileira na sociedade mundial das ciências da comunicação – IAMCR –, criada em Paris, em 1957<sup>48</sup>.

Mas o fortalecimento do campo traduz-se principalmente pela ampliação da rede institucional dedicada ao ensino da comunicação. Em 1951, Rodolfo Lima Martensen busca o apoio do empresário Assis Chateaubriand para criar a nossa primeira escola de propaganda<sup>49</sup>, hoje conhecida pela sigla ESPM – Escola Supe-

<sup>44</sup> Para uma visão dos primórdios da instituição vale a pena consultar o documentário reunido pelo Prof. Erasmo de Freitas Nuzzi em seu livro *História da Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero* (São Paulo, 1998).

<sup>45</sup> RIZZINI, Carlos. *O ensino do jornalismo*. Rio, MEC, 1953.

<sup>46</sup> LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. *O adiantado da hora*. São Paulo, summus, 1991. p. 77-78

<sup>47</sup> JOBIM, Danton. *Introduction au journalisme contemporain*. Paris, Nizet, 1957.

<sup>48</sup> MARQUES DE MELO, José. *Teoria da comunicação: paradigmas latino-americanos*. Petrópolis, Vozes, 1998. p. 171.

<sup>49</sup> MARTENSEN, Rodolfo Lima. O ensino da propaganda no Brasil. In: IBRACO. *História da propaganda no Brasil*. São Paulo, T'AQ Editor, 1990. p. 31-38.

rior de Propaganda e Marketing. Em 1953, a Fundação Getúlio Vargas (RJ), promoveria uma série de cursos e conferências, além da edição de livros, disseminando o conhecimento internacional sobre as Relações Públicas<sup>50</sup>. No ano seguinte cria-se em São Paulo a Associação Brasileira de Relações Públicas - ABRP -, cujo núcleo fundador era integrado por especialistas que vinham promovendo cursos e seminários profissionais no Instituto de Organização Racional do Trabalho - Idort<sup>51</sup>. Iniciativas semelhantes ocorreriam no segmento da Cinematografia, sob a égide do movimento cineclubista principalmente respaldado pela Igreja Católica<sup>52</sup>.

Mas até o início da década de 60 o Jornalismo permanecia como o único setor comunicacional legitimado pela universidade brasileira. Os demais setores cresciam fora dos muros acadêmicos. Sua assimilação universitária só se daria em 1963, quando Pompeu de Souza cria na Universidade de Brasília a primeira Faculdade de Comunicação de Massa, articulando os estudos de Jornalismo, Publicidade, Cinema e Rádio-Televisão<sup>53</sup>.

Se Brasília iria sediar a nossa primeira escola de comunicação, a cidade do Recife acolheria o primeiro centro brasileiro de pesquisa na área. Em dezembro de 1963, Luiz Beltrão oficializaria a entidade científica que criara em convênio com a Universidade Católica de Pernambuco. Trata-se do Icinform - Instituto de Ciências da Informação, em grande parte inspirado no modelo do Ciespal, com a finalidade de desenvolver pesquisas, realizar cursos e manter publicações acadêmicas. Dois anos depois, começaria a circular a primeira revista científica brasileira do campo das ciências da comunicação, denominada *Comunicações & Problemas*, cujo modelo foi assimilado da congênera norte-americana *Journalism Quarterly*<sup>54</sup>.

Antes do Icinform eram raras no Brasil as pesquisas científicas sobre os fenômenos comunicacionais, a não ser aquelas desenvolvidas por institutos profissionalizados, como Ibope, Ipom ou Marplan, cujos estudos de audiência da mídia e das tendências da opinião pública respaldavam as decisões estratégicas das empresas comerciais ou dos grupos industriais<sup>55</sup>. Uma dessas exceções é a primeira análise de conteúdo da imprensa brasileira, efetuada pelo intelectual mineiro Pedro Parafita Bessa. Ela certamente passou despercebida dos então estudantes e

<sup>50</sup> MARQUES DE MELO, José. Relações públicas: essência e aparência. In: *Para uma leitura crítica da comunicação*. São Paulo, Paulinas, 1985. p. 151-155.

<sup>51</sup> ANDRADE, Candido Teobaldo de Souza. *Panorama histórico das relações públicas*. São Paulo, ECA-USP, 1972, p. 22.

<sup>52</sup> LOGGER, Guido. *Educar para o cinema*. Rio de Janeiro, Agir, 1965.

<sup>53</sup> SOUZA, Pompeu. Faculdade de Comunicação de Massa. *Cadernos de Jornalismo*, n. 2, Rio de Janeiro, Jornal do Brasil, 1965, p. 53-64.

<sup>54</sup> BENJAMIN, Roberto. *Itinerário de Luiz Beltrão*. Recife, AIP/Unicap, 1998. p. 72-79.

<sup>55</sup> MARQUES DE MELO, José. *Teoria da comunicação: paradigmas latino-americanos*. Petrópolis, Vozes, 1998. p. 34-38.

professores de jornalismo, pois foi publicada, em 1952, num veículo distantanciado da corporação profissional<sup>56</sup>.

O fortalecimento do campo também é atestado pela presença destacada de pesquisadores brasileiros no CiespaL. O centro de estudos do jornalismo que a Unesco e a OEA estimularam em Quito, Equador, tornou-se rapidamente um espaço de convergência das correntes comunicológicas oriundas da Europa e dos Estados Unidos com as embrionárias experiências cognitivas processadas na América Latina. Nesse ambiente, o Brasil projetou-se pela acervo de estudos em desenvolvimento nas suas escolas de jornalismo. Dois pesquisadores brasileiros são prontamente convidados a ocupar cátedras naquela instituição: Danton Jobim<sup>57</sup> e Luiz Beltrão<sup>58</sup>. Eles são responsáveis pela disseminação das estratégias que caracterizam a pedagogia brasileira da comunicação social, dando-lhes amplitude latino-americana.

## 5. Consolidação

A consolidação do campo vai se dar num contexto em que a indústria cultural desenvolve-se a pleno vapor em território nacional. Traçando um “panorama da cultura de massa no Brasil”, José Salomão David Amorim<sup>59</sup> anota, com perspicácia: “as expressões *cultura de massa* e *comunicação* estão em moda, entre nós. Proferi-las confere prestígio”. E completa o quadro com detalhes que nos permitem entender melhor o fenômeno. *“De repente, toma-se consciência dessa nova e proveitosa maneira de abordar antigos problemas. Há uma grande procura de obras sobre o assunto. Em vários campos de atividade se coloca a questão. A realidade para os artistas pop (...) é a comunicação de massa. A frase de publicidade, a rodovia, a placa de trânsito, os cartazes, os automóveis e veículos espaciais são uma realidade mais importante nas vidas das cidades e na vida moderna do que a própria natureza. Se pudéssemos definir o estilo de preocupação predominante em grande parte das obras da Bienal de 67, talvez pudéssemos dizer: a de fazer uma arte de comunicação. (...) As histórias em quadrinhos tornaram-se preocupação dos intelectuais...”*<sup>60</sup> (...) *Nas listas de atividades consideradas mais importantes no futuro, aparecem com frequência profissões como relações públicas e publicidade”*.

Referindo-se à projeção desse novo ambiente cultural no interior da vida acadêmica, diz Amorim: *“Nas universidades, o ensino de jornalismo passa por profundas*

<sup>56</sup> BESSA, Pedro Parafita. Uma análise de conteúdo dos jornais. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, 1952.

<sup>57</sup> JOBIM, Danton. *Pedagogia del periodismo*: métodos de enseñanza orientados para la prensa escrita. Quito, Ciespal, 1960.

<sup>58</sup> Beltrão, Luiz. *Métodos de la enseñanza de la técnica del periodismo*. Quito, Ciespal, 1963.

<sup>59</sup> AMORIM, José Salomão David. Panorama da cultura de massa no Brasil. In: WRIGHT, Charles. *Comunicação de massa*. Rio de Janeiro, Bloch, 1968. p. 123-174.

<sup>60</sup> Nesse mesmo ano, um intelectual italiano ainda não bafejado pela fama que iria adquirir anos depois – Umberto Eco – ministraria um curso de extensão cultural na Universidade Mackenzie, sobre as histórias em quadrinhos, contribuindo para retirar esse filão da indústria cultural da condição de gênero renegado pelos educadores brasileiros.

*transformações. As escolas ou faculdades de jornalismo mudam o nome para faculdades de comunicação. Isso acontece em várias cidades do Brasil. Muitas das mudanças são apenas de fachada. Certas faculdades, todavia, já aprofundaram um pouco suas experiências como faculdades de comunicação, abriram centros de pesquisa, e nem há sinais animadores de maior ênfase no estudo de televisão, publicidade, relações públicas...”*

O interesse pela pesquisa dos fenômenos comunicacionais ganha espaço não apenas nas universidades, mas contamina também as empresas do ramo, em acelerado processo de modernização. Sintoma dessa preocupação em recorrer a balizas científicas para a tomada de decisões transformadoras é a decisão de empresas brasileiras no sentido de publicar revistas dedicadas à divulgação de conhecimentos empíricos ou de reflexões críticas sobre comunicação de massa. Sua meta é a qualificação profissional, possibilitando o acesso das novas gerações a estudos e pesquisas capazes de orientá-las a trilhar novos caminhos na complexa engrenagem midiática.

O carro-chefe foi o periódico *Cadernos de Jornalismo e Comunicação*, criado em 1965 por Alberto Dines na empresa Jornal do Brasil (Rio de Janeiro). Ele seria acompanhado por revistas similares: *Bloch Comunicação* (Editora Bloch, Rio de Janeiro), *Aldeia Global* (Rede Globo de Televisão, Rio de Janeiro), *Comunicação - Cadernos de Jornalismo e Comunicação de Massa* (A Tribuna de Santos, São Paulo), *Caderno de Jornalismo* (Jornal do Commercio, Recife).<sup>61</sup>

Contudo, o marco principal dessa tendência foi a decisão da mais importante universidade brasileira, a USP - Universidade de São Paulo, no sentido de criar uma unidade voltada exclusivamente para as comunicações, abrangendo todos os seus aspectos: informação, persuasão, documentação e difusão cultural. Originalmente denominada Escola de Comunicações Culturais e depois transformada em Escola de Comunicações e Artes - ECA, essa instituição desempenhou papel fundamental na sedimentação do campo acadêmico da comunicação no Brasil. Foi sem dúvida a primeira instituição universitária a contratar um corpo docente permanente, em regime de tempo integral, possibilitando sua dedicação concomitante ao ensino e à pesquisa. Mais do que isso: implantou uma sólida infra-estrutura laboratorial, incentivando a pesquisa de formatos comunicacionais. Rompeu, desta maneira, o círculo vicioso das experiências beletristas<sup>62</sup>, do-

<sup>61</sup> MARQUES DE MELO, José, PEREIRA DA LUZ, Inez e ALVARES PEREIRA, Livia. *Periódicos brasileiros de comunicação das décadas de 60 e 70*. São Paulo, Port-Com/Inercom, ALAIC, 1992

<sup>62</sup> O panorama das pioneiras escolas de jornalismo traçado por Amorim permite uma melhor compreensão da conjuntura: “Neste resumo dos esforços que se fazem na área dos estudos de comunicação, ainda cuberia uma observação sobre as escolas e faculdades. Pagam elas o preço de ser o estudo de jornalismo em nível universitário um fenômeno recente. Na maioria, nasceram ligadas a faculdades de filosofia e tiveram a tutela deformadora de professores de Literatura ou gramáticos. Não possuem quadros de professores preparados para o ensino e a pesquisa, mas jornalistas profissionais e, dentre esses, nem sempre os que teriam alguma contribuição a dar. A inteligência do jornalismo brasileiro, com raras exceções, não está nas faculdades. A bibliografia é restrita, apesar dos sintomas de maior movimento editorial. As escolas que deveriam ter um papel importante na formulação e solução de problemas que se apresentam para os meios de comunicação se limitam a uma posição discreta. E, em vez de ditarem os

minantes nas pioneiras escolas de jornalismo, incentivando os novos profissionais a mesclar conhecimentos científicos, artísticos e tecnológicos, de modo a intervir adequadamente na nossa emergente indústria cultural, produzindo mudanças de natureza profissional e intelectual.

É bem verdade que a primeira iniciativa nesse âmbito coube à Universidade de Brasília - UnB, onde Pompeu de Souza criou a nossa primeira Faculdade de Comunicação (1963), posteriormente reformulada por Luiz Beltrão (1966), que ali injetou a inovatividade experimentada no Recife. A UnB teve o primeiro grupo de docentes em tempo integral e os incentivou a conquistar competência acadêmica. Para isso, criou programas de pós-graduação, titulando os primeiros doutores e mestres em comunicação do país<sup>63</sup>. Mas a crise que devorou aquela universidade, no rastro dos acontecimentos provocados pelo golpe militar de 1964 e pela instauração de um prolongado ciclo autoritário, acabariam por inviabilizar o projeto Pompeu de Souza/Luiz Beltrão, arrefecendo o ímpeto renovador da pioneira instituição<sup>64</sup>.

Na mesma conjuntura, nasce em São Paulo o Centro de Pesquisas da Comunicação Social, criado pela Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero, precocemente desativado pela crise que abateu sua entidade mantenedora, a Fundação Cásper Líbero<sup>65</sup>. Com salários atrasados e congelados, alguns docentes dessa instituição migraram para a USP, onde se criavam incentivos à pesquisa e à produção científica.

Ocupando plenamente o vazio acadêmico deixado pelas instituições que antes se dedicaram ao fortalecimento do campo - Unicap, UnB e Cásper Líbero

*padrões que delas se esperam, mal conseguem cumprir a tarefa de ensinar*". AMORIM, José Salomão David. Panorama da cultura de massa no Brasil. In: WRIGHT, Charles. *Comunicação de massa*. Rio de Janeiro, Bloch, 1968. p. 155.

<sup>63</sup> Os docentes pioneiros que conquistaram títulos acadêmicos em nível de pós-graduação na área de Comunicação na Universidade de Brasília, em 1967, são Luiz Beltrão (primeiro doutor) e José Salomão David Amorim (primeiro mestre). Tratava-se de sistema de titulação por defesa de tese, semelhante ao vigente outrora nas universidades européias, sem a necessidade de frequência a cursos e seminários, como ocorre no sistema norteamericano. Pertenciam a esse grupo de pós-graduandos, entre outros, os seguintes professores: Eugenio Malanga, Marcello de Ipanema, Wilson Aguiar (candidatos ao doutorado), Gilvandro G. Raposo, Eleonora Rennó, José Seixas Patriani (candidatos ao estrado). O inventário desse episódio ainda permanece na obscuridade, tal a natureza conflituosa da dissolução do grupo, tragado pelo fisiologismo que o caracterizou. Alguns indícios dessa crise aparecem de forma fragmentada na obra coletiva organizada por Roberto Benjamin, *Itinerário de Luiz Beltrão* (Recife, AIP/Unicap, 1998).

<sup>64</sup> No plano editorial, a UnB daria continuidade ao primeiro periódico científico da área, a revista *Comunicações & Problemas*, editada em convênio com o Icinform, sociedade civil sediada em Recife, Pernambuco. Com a crise de 1967, que culminou com a saída de Luiz Beltrão da universidade, a UnB criou uma nova revista, dirigida por Eugênio Malanga e Wilson Aguiar, sob o título de *Revista Brasileira de Comunicação*, da qual circularam apenas duas edições em 1968. A publicação desapareceria imediatamente após a defenestração dos seus diretores do quadro docente da UnB. Por sua vez, a revista *Comunicações & Problemas* sobreviveu até 1969, completando 12 edições, as últimas das quais foram publicadas graças ao esforço pessoal de seu diretor, Luiz Beltrão, que as custeou com recursos próprios.

<sup>65</sup> MARQUES DE MELO, José. O curso da Fundação Cásper Líbero. In: *Contribuições para uma pedagogia da comunicação*. São Paulo, Paulinas, 1974. p. 19-29.



–, mas assimilando alguns de seus quadros docentes e de suas idéias inovadoras<sup>66</sup>, a arrojada Escola de Comunicações da USP assume a liderança nacional e lança novos paradigmas pedagógicos ou científicos. Sua principal iniciativa, capaz de motivador pesquisadores e aglutinar docentes em início de carreira, foi a criação de um Programa de Doutorado, de acordo com os padrões europeus então vigentes. Inscreveram-se cerca de duas dezenas de professores vinculados aos diferentes segmentos comunicacionais, sob a tutoria de professores-doutores titulados em outros ramos do saber (principalmente Letras, Humanidades e Ciências Sociais). Com duração de cinco anos (trabalhos programados e pesquisas supervisionadas), o Programa tituló, no biênio 1972/73, os primeiros doutores em disciplinas como Jornalismo, Propaganda, Relações Públicas, Radiodifusão, Tele-difusão, Cinematografia, Documentação etc.<sup>67</sup>

São estes doutores titulados no próprio campo que vão dar identidade ao primeiro programa de Mestrado em Ciências da Comunicação do país, implantado na ECA em 1972, cujo corpo docente fora constituído endogenamente por pesquisadores originários de outros campos do saber, agregando, com raras exceções, doutores em comunicação diplomados em universidades estrangeiras, o que lhe deu inicialmente uma fisionomia interdisciplinar<sup>68</sup>. Na mesma ocasião, a Universidade Federal do Rio de Janeiro iniciaria também o seu programa de Mestrado em Comunicação, adotando idêntica estratégia à da USP, qual seja a de aglutinar doutores titulados em outros campos do conhecimento (principalmente Letras e Filosofia) interessados em questões informais e comunicacionais. Tanto o programa da UFRJ quanto o da USP se destinavam a formar docentes/pesquisadores para o sistema universitário, acolhendo jovens professores de todo o país, que ali buscaram sedimentação acadêmica para atuar nos inúmeros cursos de graduação em comunicação social, proliferando-se em todas as regiões brasileiras.

Caminho diverso seria palmilhado pela UnB, cuja identidade da área permanecia enraizada nos ideais de Pompeu de Souza e Luiz Beltrão, lançando um projeto de Mestrado em Comunicação para o Desenvolvimento robustecido pela cooperação internacional. Para tanto, a instituição, retemperada pelas crises vividas durante o auge do autoritarismo brasileiro e tendo um departamento de comunicação formado por docentes legitimados pela atuação profissional ou acadêmica no próprio campo, buscou a assessoria de três doutores em Comunicação diplomados em universidades norte-americanas – Juan Diaz Bordenave, Luiz

<sup>66</sup> As áreas que mais assimilaram tais contribuições foram as de Jornalismo e de Cinema, através de docentes que migraram daquelas instituições para a USP, como, por exemplo: Paulo Emílio Sales Gomes, Jean Claude Bernardet, José Marques de Melo, Francisco Gaudencio Torquato do Rego.

<sup>67</sup> Depoimentos sobre o fato encontram-se reproduzidos na Mesa Redonda - Primeiros Professores da ECA, *Revista Comunicações & Artes*, n. 17, São Paulo, ECA-USP, 1983, p. 11-58.

<sup>68</sup> PEÑUELA CANIZAL, Eduardo. Diversidade e interdisciplinaridade. In: MARQUES DE MELO, José (org.). *Pesquisa em comunicação no Brasil*. São Paulo, Cortez/Intercom, 1983. p. 121-127.

Fonseca e John Fett. Eles trabalharam em conjunto com Mestres e Doutores da própria universidade (os últimos pertencentes a disciplinas das Ciências Sociais). A finalidade explícita do novo curso era formar “especialistas para exercer funções técnicas específicas em comunicação, além de capacitá-los em metodologia da pesquisa”<sup>69</sup>. Ou seja, não priorizava os recursos humanos para as universidades, buscando atender às demandas do setor público, carente de profissionais de alto nível, capazes de gerir processos comunicacionais nos setores de educação, saúde, agricultura etc. O novo programa foi iniciado em 1974, recrutando PhD’s em Comunicação, especialmente brasileiros interessados em retornar ao país.

É justamente no interior dos programas de pós-graduação e dos centros de pesquisa das escolas de comunicação que se vão configurando núcleos de trabalhadores intelectuais que assumem o perfil de comunicólogos. Alguns são profissionais da área que fizeram estudos pós-graduados e outros são pesquisadores oriundos de áreas afins que se interessaram pelos fenômenos comunicacionais, a cujo estudo passaram a se dedicar plenamente. Tal contingente vai sendo acrescido, pouco a pouco, pelos egressos da própria área, detentores de títulos de mestre e doutor em ciências da comunicação.

A maioria deles trabalha como docente nos cursos de graduação em Comunicação Social. Mas há também os que passaram a disputar empregos nas empresas midiáticas ou nos organismos públicos dedicados à formulação e análise de estratégias comunicacionais. Contudo, o mercado mais importante continuou a ser o acadêmico, tendo em vista o crescimento do número de universidades ou instituições de ensino superior que criaram cursos ou departamentos de comunicação. Na década de 1940 somente duas universidades incluíram a Comunicação em seu elenco de cursos. Esse número quadruplicou na década seguinte, passando a oito. Triplicou nos anos sessenta, atingindo 23. E continua a se expandir até hoje: década de 1970: 58; década de 1980: 66; década de 1990: 120<sup>70</sup>.

Não se trata, porém, de uma proliferação uniforme em todo o território nacional. A situação presente indica uma concentração de tais unidades de ensino/pesquisa na região sudeste (onde se localiza mais da metade). Eis o quadro regional: Norte - 7; Centro-oeste - 8; Nordeste - 20; Sul - 20; Sudeste - 65.

O mapa se amplia consideravelmente quando computamos todas as carreiras oferecidas (habilitações profissionais). Ao todo, existem hoje cerca de 309 cursos de comunicação no Brasil, sendo 282 de bacharelado, 22 de mestrado e 5 de doutorado<sup>71</sup>. E já se anunciam novos cursos, previstos para funcionar até o final do século. Cresce tanto o setor de graduação quanto o de pós-graduação.

<sup>69</sup> UnB. *Ante-Projeto do Curso de Pós-Graduação em Comunicação*. Brasília, 1972.

<sup>70</sup> As estimativas aqui apresentadas foram feitas a partir de dados contidos no *Guia do Estudante*, da Editora Abril, combinados com outras fontes semelhantes.

<sup>71</sup> O cômputo dos cursos de pós-graduação (mestrado e doutorado) não se restringe àqueles credenciados pela Capes – órgão do Ministério da Educação –, mas inclui todos os programas em funcionamento, nos termos

Do ponto de vista da segmentação profissional, a distribuição dos cursos de graduação é a seguinte: Jornalismo - 100; Publicidade e Propaganda - 96; Relações Públicas - 53; Radialismo e Televisão - 23; Cinema e Vídeo - 6; produção Editorial - 3; Produção Cultural - 1.<sup>72</sup>

A população estimada da comunidade acadêmica de comunicação em todo o Brasil é da ordem 126 mil pessoas, constituída por 6 mil professores/pesquisadores e 120 mil alunos.

## 6. Institucionalização

Existindo em todo o País, durante a segunda metade deste século, uma massa crítica de comunicólogos “ilhados” dentro dos *campi* não demorou muito que eles sentissem a necessidade de intercomunicar-se e de intercambiar experiências. Isto, apesar das dificuldades criadas pelo regime militar, que desencorajava os associativismos e punia exemplarmente suas eventuais lideranças.

Os primeiros ensaios ocorrem no Recife, no primeiro trimestre de 1964, durante o I Curso Nacional de Ciências da Informação, promovido por Luiz Beltrão, reunindo jovens pesquisadores de vários estados brasileiros e professores de universidades que se dedicavam ao estudo embrionário dos fenômenos comunicacionais. Mas o golpe militar de abril esboçou um cenário pouco propício à continuidade do movimento. O que dele restou foi uma espécie de comunidade virtual agregada em torno da revista *Comunicações & Problemas*, sob a liderança de Luiz Beltrão e do seu Icinform<sup>73</sup>.

Mudando-se para Brasília e assumindo, em 1966, a direção da Faculdade de comunicação da UnB, Luiz Beltrão ganha mobilidade nacional, articulando-se com grupos de estudiosos do Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Belo Horizonte. Seu trabalho ganha repercussão e suscita o interesse dos núcleos de pesquisadores articulados nas principais cidades brasileiras. Tanto assim que ele começou a cogitar a idéia de um encontro nacional de professores de comunicação, criando condições para a sua realização em Brasília.

Contudo, esse evento frustrou-se em face da crise da Facunb<sup>74</sup>, que culminou com o afastamento do próprio Beltrão e de sua equipe da universidade. O I

da legislação vigente (LDB), que confere autonomia às universidades para criar novos cursos, independentemente da tutela do MEC.

<sup>72</sup> Com a nova LDB, que estimula o surgimento de cursos não enquadrados nas estruturas curriculares do MEC, esboçam-se carreiras distintas daquelas demarcadas pelas profissões tradicionais do mundo da comunicação. Algumas universidades estão planejando o lançamento de cursos em áreas-fronteira: comunicação cultural, comunicação educativa, comunicação mercadológica, comunicação organizacional etc.

<sup>73</sup> BENJAMIN, Roberto. Vida, paixão e morte do Icinform. In: *Itinerário de Luiz Beltrão*. Recife, AIP/Unicap, 1998. p. 72-75.

<sup>74</sup> A descrição desse episódio está contida em artigo de Luiz Beltrão - A demolição de uma faculdade (*Comunicações & Problemas*, Brasília, Icinform, 1968, p. 48-55). Seu contexto pode ser melhor compreendido no arti-

Encontro de Professores de Comunicação foi efetuado<sup>75</sup>, em dezembro de 1967, culminando com uma declaração genérica e protocolar, que esboçou a fisionomia da nossa emergente comunidade acadêmica: frágil, conflituosa, fragmentada<sup>76</sup>.

Nova tentativa de aglutinação só viria a ocorrer em 1970, quando a ABI - Associação Brasileira de Imprensa promove no Rio de Janeiro o I Congresso Brasileiro de Comunicação. Convidado por Danton Jobim e Barbosa Lima Sobrinho para coordenar um dos grupos de estudos do evento, procurei reunir aquele contingente de pesquisadores que se destacavam pelo potencial de publicação dos seus estudos em suas revistas nacionais ou livros especializados. Nessa ocasião, os grupos principais estavam localizados em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife e Fortaleza. Eu os pude identificar pela posição privilegiada ocupada na Editora Vozes, como coordenador de uma coleção de livros destinados ao público universitário. Embora tivesse discutido com vários colegas a necessidade de formar uma entidade nacional destinada a abrigar os estudiosos da comunicação; senti nas entrelinhas o receio de alguns deles. O ambiente de terror disseminado pelo golpe-dentro-do-golpe (AI-5, 1968) desencoraja iniciativas do gênero.

Nesse mesmo ano se instalava no Rio de Janeiro uma entidade que, embora tendo perfil e vocação profissional, assumiu uma fisionomia acentuadamente acadêmica na sua primeira fase. Trata-se da UCBC - União Cristã Brasileira de Comunicação Social, fundada em São Paulo, em 1969, por lideranças vinculadas ao mundo universitário. Contando com o beneplácito da Igreja Católica, através da CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, essa associação manteve um espírito ecumênico, encorajando a participação de pesquisadores da comunicação nem sempre organicamente ligados às instituições eclesiais. A conjuntura

---

go-depoimento de José Marques de Melo - Nos tempos da gloriosa (*Revista Brasileira de Comunicação*, vol. XX. n. 2, 1997, p. 13-27).

<sup>75</sup> Da memória desse evento restaram apenas as palestras de abertura e encerramento, proferidas pelos professores Eugenio Malanga e Wilson Aguiar, reproduzidas integralmente no primeiro número da *Revista Brasileira de Comunicação* (Brasília, UnB, 1968).

<sup>76</sup> O encontro de Brasília foi marcado pela presença de apenas duas delegações: a da própria UnB (então constituída por um grupo heterogêneo, corroído por conflitos internos) e a da USP (liderada pelo diretor da Escola de Comunicações Culturais, Júlio García Morejón, e integrada por representantes dos principais cursos). Mas a luta intestina que acirrava os ânimos dos promotores do evento acabou por transformá-lo num encontro desconfortável para os visitantes. Durante o dia, as reuniões se realizavam formalmente no campus da UnB e em outros espaços focais, contando com a presença majoritária do grupo local anti-Beltrão; durante a noite, os debates prosseguiram na sala de visitas do apartamento de Luiz Beltrão, onde os visitantes confraternizavam com os seus discípulos e convidados. A delegação paulista evitou posicionar-se sobre a crise interna da UnB, enquanto ali permaneceu, uma vez que os fatos eram recentes e não estavam evidentes todas as suas nuances. Mas isso não significou neutralidade, pois a Escola de Comunicações Culturais da USP fizera questão de prestigiar o Prof. Luiz Beltrão, o primeiro brasileiro a defender tese de doutorado na área, convidando-o para proferir a conferência inaugural do seu primeiro Ciclo de Debates Curriculares, promovido no auditório da Biblioteca Municipal Mário de Andrade. O texto dessa conferência foi integralmente publicado no primeiro número da revista da escola. Vide: BELTRÃO, Luiz. Jornalismo pela televisão e pelo rádio: perspectivas. *Revista da Escola de Comunicações Culturais*, n. 1, São Paulo, ECC-USP, 1967, p. 101-119.

era marcada pela repressão e pelo arbítrio. Vários comunicólogos encontraram aí ambiente fértil para aprofundar suas reflexões e formular projetos de estudos, nem sempre determinados por critérios ou motivações religiosas. Assim sendo, pode-se dizer que a primeira organização acadêmica de comunicólogos brasileiros foi a UCBC<sup>77</sup>, embora anos tarde ela trilhasse por caminhos específicos, mais ligados à militância comunicacional nas Comunidades Eclesiais de Base e aos movimentos de leitura crítica da comunicação.<sup>78</sup>

Finalmente em 1972, cria-se a primeira associação acadêmica da área. Trata-se da Abepec - Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa da Comunicação. Fundada em São Paulo, durante evento promovido no campus da USP<sup>79</sup>, realiza em julho do ano seguinte o I Congresso Brasileiro de Ensino e Pesquisa da Comunicação, em Belo Horizonte, no campus da PUC/MG, e publica uma revista periódica denominada *Revista da Abepec*. Essa entidade teve, contudo, vida curta. A estrutura mista adotada pelo estatuto, aglutinando tanto instituições: escolas, departamentos ou cursos (representados pelos seus dirigentes eventuais) quanto por pessoas (pesquisadores e professores), acabou por comprometer sua legitimidade acadêmica. Afloraram, no seu interior, conflitos entre grupos, disputas regionalistas, intolerâncias ideológicas, o que antecipava a pouca maturidade atingida pela nossa comunidade acadêmica. De qualquer maneira, durante o tempo em que funcionou, a ABEPEC realizou congressos nacionais em Fortaleza, Caxias do Sul, Rio de Janeiro, São Luiz do Maranhão, cuja memória não foi devi-

<sup>77</sup> A coletânea publicada em 1976 reúne ensaios que evidenciam o perfil dessa emergente comunidade acadêmica, cujos principais protagonistas desempenhariam depois papel destacado nas associações de comunicólogos depois formadas. MARQUES DE MELO, José. *Comunicação/Incomunicação no Brasil*. São Paulo, Loyola, 1976.

<sup>78</sup> Pedro Gilberto Gomes, em seu livro *A comunicação cristã em tempo de repressão: a história da UCBC de 1970 a 1983* (São Leopoldo, Unsinos, 1995), oferece pistas estimulantes para compreender o papel da UCBC nesse contexto.

<sup>79</sup> Desde 1969, o Departamento de Jornalismo da ECA-USP vinha realizando anualmente suas Semanas de Jornalismo, que se converteram em eventos nacionais. Em 1972, acorreram ao evento mais de mil estudantes e professores de jornalismo de todo o País. Entendi que este era o momento para lançar a idéia de uma associação nacional destinada a congregar os estudiosos brasileiros da comunicação. Convidei as principais lideranças para uma reunião no meu gabinete de diretor do Departamento de Jornalismo da ECA-USP, fundando a Abepec. Mas esta afoiteza custou-me a interrupção da carreira acadêmica na USP, pois os órgãos de segurança da ditadura militar interpretaram minha iniciativa como parte de um fantasioso projeto de reaglutinação das esquerdas universitárias. Logo em seguida à reunião de fundação da Abepec, comeci a ser perseguido pela agência de vigilância política instalada na Reitoria da USP. Fui proibido de comparecer aos congressos mundiais da IAMCR e da UCLAP, realizados em Buenos Aires, e também à assembléia destinada a aprovar os estatutos da sociedade que surgira por minha iniciativa. O golpe de misericórdia foi o meu enquadramento no Decreto-Lei 477, processo que objetivava minha expulsão da vida universitária por cinco anos. Não fosse a solidariedade recebida de muitos amigos, entre eles Luiz Beltrão, eu teria sido condenado sem direito de defesa. Mas a sensatez do ministro Jarbas Passarinho acabou por prevalecer e eu fui absolvido nesse processo kafkiano. Aconselhado por autoridades uspianas, resolvi passar uma temporada fora do País, obtendo uma bolsa de pós-doutorado da Fapesp. Passei um ano estudando na University of Wisconsin. Contudo, os porões da ditadura não perdoaram minha ousadia. Quando retornei ao País, em 1974, para reassumir minha cátedra na ECA-USP, fui surpreendido pela "cassação branca" (ato reitoral suspendendo unilateralmente o meu contrato de trabalho, sem qualquer indenização). A injustiça só foi reparada em 1979, no bojo da anistia política, por ato corajoso do reitor José Goldemberg.

damente preservada<sup>80</sup>. Além disso, representou o Brasil na constituição das duas entidades acadêmicas latino-americanas da área: ALAIC (associação de pesquisadores, fundada em Caracas em 1978) e Felafacs (federação de associações de faculdades de comunicação, fundada em Melgar, Colômbia, em 1981).<sup>81</sup> Apesar dos esforços aglutinadores desenvolvidos por seus primeiros presidentes – Lelio Fabiano do Santos, José Salomão David Amorim, Antonio Firmo de Oliveira Gonzalez e Roberto Amaral –, a entidade foi perdendo força, sob o comando de lideranças pouco expressivas. Seus debates privilegiaram questões curriculares, deixando de lado a pesquisa científica e os temas da agenda pública nacional. Ela acabou por autodissolver-se em reunião realizada em Belo Horizonte, em 1985.

O vácuo deixado pela Abepec, bem como a dificuldade de conciliar os interesses das instituições educativas com as demandas dos pesquisadores comunicacionais ensejam o aparecimento de novas associações brasileiras. Em 1977, cria-se em São Paulo a Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação<sup>82</sup> e em 1984 funda-se em Brasília a Abecom - Associação Brasileira de Escolas de Comunicação<sup>83</sup>, a primeira, aglutinando pesquisadores, professores e profissionais interessados em estudar os fenômenos comunicacionais, e a Segunda, reunindo os diretores das faculdades, departamentos ou cursos de graduação em comunicação existentes nas universidades. Anos depois (1990), seria criada uma terceira entidade, a Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – Compós.<sup>84</sup>

A existência dessas três associações nacionais, reunindo pesquisadores acadêmicos (Intercom), diretores de cursos de graduação (Abecom), docentes e estudantes dos programas de pós-graduação (Compós) comprova cabalmente a institucionalização da comunidade acadêmica da área. Seus congressos, publicações, bancos de dados e fluxos informacionais atestam a maturidade atingida pe-

<sup>80</sup> Ademais das duas edições da *Revista da Abepec*, publicadas em 1975, há uma coletânea reunindo textos do grupo hegemônico na entidade antes do seu declínio intelectual. Vide: AMARAL, Roberto (org.). *Comunicação de massa: o impasse brasileiro*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1978. Mencione-se também a pesquisa nacional sobre televisão, realizada em 1978, cujos dados principais foram depois retomados e interpretados em livros dos seus analistas. Vide: CAPARELLI, Sérgio. *Televisão e capitalismo no Brasil*. Porto Alegre, L&PM, 1982; e MARQUES DE MELO, José. *Para uma leitura crítica da comunicação*. São Paulo, Paulinas, 1985 (capítulos 5, 6 e 7).

<sup>81</sup> A representação brasileira nessas entidades seria posteriormente ocupada pela Intercom (na ALAIC) e pela Abecom (na Felafacs).

<sup>82</sup> A conjuntura em que foi criada a Intercom e suas primeiras ações intelectuais foram resgatadas por FARO, J. S. – *A universidade fora de si: a Intercom e a organização dos estudos de comunicação no Brasil* (São Paulo, Intercom, 1992). Sua primeira manifestação acadêmica está contida na coletânea organizada por MARQUES DE MELO, José, FADUL, Anamaria e LINS DA SILVA, Carlos Eduardo – *Ideologia e poder no ensino de comunicação* (São Paulo, Cortez & Moraes, 1979).

<sup>83</sup> Para a compreensão histórica do papel desempenhado pela Abecom, torna-se útil a consulta ao documentário do seu primeiro congresso nacional. Vide: KUNSCH, Margarida M. Krohling (org.). *O ensino de comunicação no Brasil: análises, tendências e perspectivas*. São Paulo, ECA-USP, 1992.

<sup>84</sup> A plataforma de atuação da Compós e sua agenda de trabalho está esboçada na memória do seu primeiro encontro nacional. Vide: PEREIRA, Carlos Alberto Messeder e NETO, Antonio Fausto (orgs.). *Comunicação e cultura contemporâneas*. Rio de Janeiro, Notrya Editora, 1992.

las Ciências da Comunicação no Brasil, amparadas pelas agências públicas de fomento científico.

## 7. Perspectivas

Os balanços periódicos efetuados por sistematizadores do campo (Beltrão, 1968<sup>85</sup>; Marques de Melo, 1971<sup>86</sup>; Amorim, 1975<sup>87</sup>; Caparelli, 1980<sup>88</sup>; Peñuela, 1982<sup>89</sup>; Marques de Melo, 1983<sup>90</sup>, 1984<sup>91</sup> e 1985<sup>92</sup>; Dencker, 1988<sup>93</sup>; Caparelli e Marques de Melo, 1990<sup>94</sup>; Lopes, 1990<sup>95</sup>; Dencker e Kunsch, 1992<sup>96</sup>; Neto, 1995<sup>97</sup>; Lopes, 1997<sup>98</sup>; Kunsch e Dencker, 1997<sup>99</sup>; Marques de Melo, 1998<sup>100</sup>; Stumpf e Caparelli, 1998<sup>101</sup>) fornecem indicadores da pujança da comunidade brasileira das ciências da comunicação.

A institucionalização da área, que se torna nítida nos anos oitenta, completa-se na década atual. Como diz Lopes<sup>102</sup>: *“Essa consolidação se confirma nos anos 90, pelo*

<sup>85</sup> BELTRÃO, Luiz. A pesquisa nos meios de comunicação e a universidade. In: *Panorama atual da pesquisa em comunicação*. São Paulo, Faculdade de Jornalismo Casper Líbero, 1968. p. 20-30. (Mimeo.).

<sup>86</sup> MARQUES DE MELO, José. A pesquisa em comunicação: panorama brasileiro. In: *Comunicação social: teoria e pesquisa*. Petrópolis, Vozes, 1971. p. 99-105.

<sup>87</sup> AMORIM, José Salomão David de. A pesquisa em comunicação. *Revista da Abepec*, vol. 1, n. 2, Brasília, Abepec, 1975. p. 3-10.

<sup>88</sup> CAPARELLI, Sérgio. Situação da pesquisa em comunicação na América Latina e no Brasil. In: *Comunicação de massa sem massa*. São Paulo, Cortez, 1980. p. 105-113.

<sup>89</sup> PEÑUELA, Eduardo. Comunicação. In: *Avaliação e perspectivas*, vol. 1, Brasília, CNPq, 1982, p. 428-437.

<sup>90</sup> MARQUES DE MELO, José (org.). *Pesquisa em comunicação no Brasil: tendências e perspectiva*. São Paulo, Cortez/Intercom, 1983.

<sup>91</sup> MARQUES DE MELO, José (coord.). *Inventário da pesquisa em comunicação no Brasil: 1883-1983*. São Paulo, Port-Com/Intercom, 1984. 387 p.

<sup>92</sup> MARQUES DE MELO, José. A pesquisa da comunicação na transição política brasileira. In: *Comunicação e transição democrática*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985. p. 264-280.

<sup>93</sup> DENCKER, Ada de Freitas Manetti. *A configuração da pesquisa em comunicação no Brasil*. Dissertação (mestrado). São Paulo, ECA-USP, 1988. 308 p.

<sup>94</sup> CAPARELLI, Sérgio e MARQUES DE MELO, José. A pesquisa em comunicação de massa no Brasil: avaliação e perspectivas (CNPq). *Revista Brasileira de Comunicação*, n. 62/63, São Paulo, Intercom, p. 5-46.

<sup>95</sup> LOPES, Maria Immacolata V. de. Organização institucional da pesquisa em comunicação. In: *Pesquisa em comunicação: formulação de um modelo metodológico*. São Paulo, Loyola, 1990. p. 61-76.

<sup>96</sup> DENCKER, Ada de Freitas Manetti e KUNSCH, Margarida M. Krohling. Índice remissivo de assuntos: 1978-1992. *Revista Brasileira de Comunicação*. São Paulo, Intercom, v. XV, n. 2-A, jul./dez. 1992. 88 p.

<sup>97</sup> NETO, Antonio Fausto. Situação da pesquisa no sistema de pós-graduação em comunicação. In: *Anais do III Simpósio da Pesquisa em Comunicação na Região Sul*, Porto Alegre, Intercom, 1995.

<sup>98</sup> LOPES, Maria Immacolata V. de. O estado da pesquisa de comunicação no Brasil. In: *Temas contemporâneos de comunicação*. São Paulo, Edicon/Intercom, 1997. p. 13-27.

<sup>99</sup> KUNSCH, Margarida e DENCKER, Ada (orgs.). *Produção científica brasileira em comunicação: década de 80*. São Paulo, Edicon/Intercom, 1997. 382 p.

<sup>100</sup> MARQUES DE MELO, José. Ciências da Comunicação no Brasil. In: *Teoria da comunicação: paradigmas latino-americanos*. Petrópolis, Vozes, 1998. p. 85-144.

<sup>101</sup> STUMPF, Ida e CAPARELLI, Sérgio (orgs.). *Teses e dissertações em comunicação no Brasil, 1992-1996*. Porto Alegre, PPGCom/UFRGS, 522 p.

<sup>102</sup> LOPES, Maria Immacolata V. de. O estado da pesquisa de comunicação no Brasil. In: *Temas contemporâneos de comunicação*. São Paulo, Edicon/Intercom, 1997. p. 16.

fato de mais de 50% da produção científica de comunicação realizar-se de 1990 a 1995, ou seja, nos primeiros seis anos da década de 90." A autora se baseia no levantamento bibliográfico realizado pelo Port-Com<sup>103</sup>, que inventariou 6.175 documentos, dos quais 0,6 % haviam sido produzidos até 1959, 1,8 % na década de 1960, 9 % na década de 1970, 35,8 % na década de 1980 e 52,8 % na década de 1990.

No que se refere especificamente aos trabalhos de pós-graduação (mestrado e doutorado), foram produzidas nos últimos cinco anos (período de 1992-1996), nos cursos credenciados pela Capes, 754 pesquisas.<sup>104</sup>

Trata-se de uma comunidade multifacetada, que inclui desde os produtores de conhecimento sobre os processos midiáticos, aos analistas de discursos e aos pesquisadores de entornos e mediações culturais que marcam o perfil dos fenômenos da reprodução simbólica na sociedade. Daí o seu grande dilema na atualidade: configurar-se enquanto comunidade autônoma, com identidade própria. "O desafio que se coloca é saber, dentro de uma variedade de incitações, trabalhar com aquelas que levem ao fortalecimento do campo da comunicação e não à sua diluição".<sup>105</sup>

Enquanto se desenvolve essa busca de personalidade auto-identificadora no bojo da comunidade acadêmica nacional, os cientistas brasileiros da comunicação buscam projetar-se, ocupando espaços e ganhando o reconhecimento da comunidade científica internacional. Seu palco privilegiado tem sido a IAMCR - International Association for Media and Communication Research, cujos congressos mundiais reúnem, a cada dois anos, amostragem das tendências da pesquisa na área.

Não obstante o Brasil venha marcando presença nesse cenário internacional desde 1957, somente a partir de 1988, com a restauração da nossa vida democrática, os comunicólogos brasileiros aprenderam o caminho da IAMCR e passaram a freqüentar seus congressos, em Barcelona e Bled. Essa presença tornou-se tão visível<sup>106</sup> que a diretoria da sociedade decidiu converter o Brasil em palco da conferência mundial de 1992. O evento foi realizado em Guarujá (SP).<sup>107</sup> Já nessa ocasião, a comunidade nacional despontava como uma das mais produtivas, perfilando-se em igualdade de condições com a Grã-Bretanha, a Dinamarca, a França e o Canadá.

<sup>103</sup> Centro de Documentação da Comunicação nos Países de Língua Portuguesa, órgão criado pela INTERCOM em 1982 para sistematizar as bibliografias de comunicação que vinham sendo realizadas pela entidade desde 1978.

<sup>104</sup> STUMPF, Ida e CAPARELLI, Sergio. *Teses e dissertações em comunicação no Brasil (1992-1996)*. Porto Alegre, UFRGS/PPGCom, 1998. p. 6.

<sup>105</sup> LOPES, Maria Immacolata V. de. O estado da pesquisa de comunicação no Brasil. In: *Temas contemporâneos de comunicação*. São Paulo, Edicon/Intercom, 1997. p. 18.

<sup>106</sup> As contribuições dos comunicólogos brasileiros ao congresso mundial de Bled, cidade localizada na antiga Iugoslávia, hoje incrustada no território da Eslovênia, foi reunido por: MARQUES DE MELO, José. *Communication and democracy: Brazilian perspectives*. São Paulo, ECA-USP, 1991. 248 p.

<sup>107</sup> A memória da participação brasileira nesse evento está contida na coletânea organizada por José Marques de Melo, José. *Communication for a new world*, São Paulo, ECA-USP, 1993. 383 p.



Embora permanecesse no *top* dos países que lideram a comunicologia mundial, o Brasil passou a ocupar patamares intermediários nos *rankings* de Seul (1992) e Sidney (1994). Mas no congresso deste ano, em Glasgow, Escócia, a delegação brasileira surpreendeu pela quantidade e pela juventude. Os pesquisadores verde-amarelos lograram a inscrição de 52 comunicações científicas, selecionadas pelos *referees* dos diferentes grupos temáticos. Esse volume foi superado apenas pela contribuição dos Estados Unidos, líder incontestado da área, que inscreveu 115 trabalhos.<sup>108</sup>

Trata-se, agora, de transformar quantidade em qualidade e de motivar não apenas os jovens pesquisadores, mas também os comunicólogos dotados de maturidade acadêmica, para que se lancem à arena internacional, disseminando os resultados da pesquisa realizada em nosso País.

---

<sup>108</sup> MARQUES DE MELO, José. Destaque brasileiro em Glasgow. *Imprensa*, n. 132, São Paulo, Imprensa Editorial, 1998. p. 99-101.

## II

---

*“ Se a contribuição do Brasil  
à pesquisa latino-americana de comunicação  
tem sido tão fecunda, isto se deve em grande medida  
ao diálogo que a Intercom tornou possível.  
Com uma clara vocação latino-americanista  
desde seus inícios, a Intercom foi dando corpo  
ao ritmo de sua consolidação como associação nacional  
e da institucionalização de seus contatos  
com os demais países da região:  
através de pesquisas comparadas,  
do ativo intercâmbio de professores e pesquisadores,  
da divulgação de seus ciclos anuais de estudos  
e de sua Revista Brasileira de Ciências da Comunicação.”*

*Jesús Martín-Barbero*



## Os vinte anos da Intercom

*Carlos Eduardo Lins da Silva*

*Sócio-fundador da Intercom\**

Como editor de jornais, sempre tive uma certa prevenção por efemérides. Porque a efeméride é a antinotícia, o não-evento. Nada mais previsível do que um aniversário. É tão certo quanto o sol nascer e se pôr todos os dias. Quem se interessa em ler um texto com o título: “Intercom comemora vinte anos em Santos”? Só os sócios da Intercom, talvez. Depois que eu virei correspondente de jornal nos EUA minha antipatia só fez aumentar porque agora eu sou obrigado a escrever sobre as efemérides: trinta anos do lançamento do filme “A primeira noite de um homem”, vinte anos da morte de Elvis Presley e assim por diante. Acho que a geração a que pertenço, a chamada geração do *baby-boom*, pessoas nascidas entre o fim da Segunda Guerra Mundial e 1960, a mais auto-centrada geração da história humana, gosta tanto de efemérides porque elas são uma forma de automassagem do ego coletivo. Essas comemorações nos permitem a todos reviver nossos tempos heróicos: como éramos maravilhosos, felizes, ousados, revolucionários, como participamos de movimentos sociais que pareciam estar transformando o mundo, como os nossos anos dourados brilharam.

Por isso, vim a Santos participar desta festividade com um pouco de receio. Mas, no final das contas, como eu sou um legítimo *baby-boomer*, não posso negar que o massageamento do ego coletivo me deixa satisfeito. É muito bom, em especial para quem se afastou tanto até geograficamente do convívio acadêmico, reencontrar os amigos com quem se teve tanto em comum no passado. No entanto, seria bom se o espírito crítico que deu o norte às minhas preocupações 20 anos atrás pudesse prevalecer até neste ambiente de comemoração. Espero que estas notas preparadas para a abertura deste congresso possam ser algo mais do que uma homenagem aos fundadores da Intercom e contribuir para um debate ativo do papel que a entidade representou nestas duas décadas e o que lhe resta fazer no futuro.

A Intercom nasceu como produto da frustração de um grupo de professores com as condições de ensino e pesquisa da universidade brasileira dos

---

\* Quando proferiu esta palestra, em 3 de setembro de 1997, na sessão abertura do XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, o autor era correspondente da *Folha de S. Paulo* em Washington.

meados da década de 1970. Ela também surgiu como um dos muitos canais de expressão que a sociedade civil brasileira criava naquela época para servirem como respiradouros democráticos num período em que as instituições estabelecidas, como as acadêmicas, estavam sufocadas pelo medo e pela repressão gerados no regime militar. Seu aparecimento refletiu, ainda, a emergência de um campo de estudos recente, o da Comunicação, que começava a despertar o interesse de um grupo crescente de intelectuais, devido em especial à importância que os meios de comunicação de massa passavam a ter para a cultura, a política e a vida social no país. Por último, mas não menos importante, a Intercom foi o resultado do voluntarismo de alguns jovens pesquisadores que acreditavam na necessidade de fazer coisas para se melhorarem e melhorarem o mundo.

O começo foi muito difícil. Não éramos muito mais do que dez os que nos reuníamos aos sábados à tarde na Faculdade Cásper Líbero para formular um ideário, redigir os estatutos, conceber projetos e até bolar o nome da Intercom. Entre os mais assíduos, estávamos: eu mesmo, José Marques de Melo, J. S. Faro, que escreveu a mais importante análise sobre a Intercom até agora já produzida, com um título brilhante – “A Universidade Fora de Si” –, e que agora assume, com todos os direitos e méritos, a presidência da entidade que ele tanto ajudou a criar), Anamaria Fadul, Gaudêncio Torquato, professor Erasmo de Freitas Nuzzi, Marisete Morel, Angela Cassiano, Manolo Morán, Raul Fonseca e Francisco Morel, que já não pode mais estar aqui comemorando este aniversário. Éramos ambiciosos, porque pensávamos, já naqueles primórdios, na possibilidade de fazer da Intercom uma entidade nacional (numa área restrita em que já havia pelo menos outras duas em funcionamento, a Abepec e a UCBC) e que não se restringisse aos acadêmicos da área de comunicação (a interdisciplinaridade sempre foi um conceito essencial, como o nome da sociedade já indicava claramente) numa época em que professores das escolas de comunicação eram vistos (e às vezes tratados) com desprezo pelos colegas de outros campos das ciências sociais no Brasil.

Quem pára para recordar como se vivia no Brasil naqueles tempos não pode deixar de se impressionar com o volume de mudanças que ocorreram nessas duas décadas no país. As entidades criadas ou usadas para arejarem a produção científica cumpriram sua missão. A universidade se tornou um espaço incomparavelmente mais livre para se debater idéias. Uma das vítimas do autoritarismo no ambiente acadêmico até chegou à Presidência.

Nos primeiros anos, tivemos que lutar com enormes dificuldades materiais. Falando na semana passada durante o Colóquio Mercosul/Nafta, no luxuoso Parque Balneário, me lembrei dos dias, em outubro de 1978, que o professor Sá Porto e eu passamos em busca de um hotel bem menos caro onde pudéssemos

realizar o primeiro congresso da Intercom (na época ainda se chamava Ciclo de Estudos). Ficamos no Maracanã, se a memória não me falha. Os participantes do I Ciclo foram 43, dos quais apenas cinco de fora do Estado de São Paulo. Sempre que penso naquele primeiro ciclo de estudos, cujo tema central foi a questão do ensino de comunicação no Brasil, me lembro de uma infundável polêmica que travei com Jeanne-Marie, na qual ela me acusava de ser positivista. Na época, considerava aquilo quase uma ofensa. Hoje, após alguns anos de análise, se não chego a considerar elogio, pelo menos devo reconhecer que o adjetivo descreve de modo mais ou menos acurado algumas características de minha personalidade intelectual, principalmente naquela época.

O progresso obtido pela entidade nos primeiros cinco anos de vida foi extraordinário. Em setembro de 1982, a Intercom nacional já era uma realidade absoluta e o V Ciclo de Estudos avançava em direção ao mundo. Dos 165 participantes daquele encontro, 20 vieram do exterior: EUA, Alemanha, Portugal, México, Equador, Chile, Argentina e Uruguai. Antes, em 1981, a Intercom já havia trazido ao Brasil o pesquisador belga Armand Mattelart, radicado no Chile de 1962 até o golpe militar de 1973 e depois em França, sem dúvida o autor mais influente na área de comunicação na América Latina nas décadas de 1970 e 1980. Sua visita em 1982 teve para os acadêmicos da área de comunicação no Brasil importância comparável à de Jean Paul Sartre para os estudiosos brasileiros de literatura na década de 1950. Sem a menor sombra de dúvida, a Intercom teve papel preponderante no fenômeno observado em 1990 por Steven Chaffee, da Universidade de Stanford, em artigo para o *Journalism Quarterly*: *“Tem ocorrido uma mudança no caráter da pesquisa de comunicação na América Latina na última década (a de 80) em direção à auto-suficiência intelectual construída em torno de pesquisadores, instituições e publicações críticas.”*

Graças ao trabalho de diversos dos seus sócios, e aqui eu gostaria de destacar os nomes de dois, Regina Festa e Luiz Fernando Santoro, a Intercom passou a servir de ponto anual de intercâmbio de idéias de alguns dos mais importantes pesquisadores de comunicação da América Latina e dos EUA. Nomes como os de Emile McAnany, Joseph Straubhaar, Everett Rogers, Néstor García Canclini, Rafael Roncagliolo, Fernando Reyes-Matta, Javier Esteinou Madrid, sem contar, é claro, os brasileiros, passaram a ser comuns nos programas dos ciclos e depois congressos da Intercom. O Brasil passou a ter presença cada vez mais destacada em encontros mundiais de pesquisadores da comunicação.

Em 1988, a delegação da Intercom ao encontro bianual da Associação Internacional para Pesquisa em Comunicação de Massa (IAMCR), em Barcelona, teve atuação destacada e conseguiu estabelecer vínculos institucionais com entidades de vários países da Europa, em especial França. Em 1992, graças ao

esforço dos dirigentes da Intercom, em especial de José Marques de Melo, a IAMCR se reuniu no Guarujá e o Brasil foi o segundo país com maior número de trabalhos aceitos para publicação, logo após os EUA e acima de Espanha, França, Canadá e todos os outros participantes.

A produção nacional foi sendo registrada pela Intercom na forma de livros e das publicações periódicas da entidade: primeiro, o boletim (algumas folhas mimeografadas no início, depois um caderninho grampeado), os cadernos monotemáticos, até se chegar à revista, que se deve muito à persistência de Anamaria Fadul, sempre inconformada com a pobreza estética da produção editorial dos tempos pioneiros da entidade. Essa produção consolidou um pensamento brasileiro na área de comunicação que tem ajudado o país a entender melhor a si mesmo, na medida em que é capaz de decifrar o que são seus jornais, sua televisão, seu cinema, sua publicidade. Ainda na linha das publicações, não se pode deixar de registrar o extraordinário trabalho da Bibliografia Brasileira de Comunicação, que se transformou no exemplar Port-Com, o Centro de Documentação em Comunicação de Língua Portuguesa, fruto da perseverança extraordinária de José Marques de Melo, que já é um recurso indispensável a qualquer estudioso na área e será ainda mais para as futuras gerações de pesquisadores que, talvez, nem cheguem a ter noção do quanto foi difícil realizar essa obra notável nas condições em que ela foi realizada, o quanto de paciência, de obstinação se exigiu de Melo e sua equipe de bibliógrafos para que esse trabalho se concretizasse.

No entanto, apesar de tanto sucesso, passados 20 anos, muita coisa ainda permanece parecida com o que se observava em 1977. “*O ensino de comunicação encontra-se mergulhado numa crise profunda, crônica e endêmica*”, dizia a apresentação do livro com os trabalhos debatidos no I Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. “*Os sintomas estão aí, cristalinos, para qualquer um que possa e queira vê-los*”, continuava o documento, que depois listaria as evidências da crise.

Muitos deles se mantêm, nesta segunda metade da década de 1990, apesar do muito que foi feito no período com o objetivo de eliminá-los. O primeiro ponto, por exemplo, “*a insatisfação geral de alunos, professores, associações profissionais e organizações empresariais... com a qualidade do ensino ministrado*”. Embora eu tenha estado fora do Brasil nos últimos seis anos, contatos freqüentes com participantes do processo de ensino de comunicação no país me levam a concluir que um diagnóstico rigoroso dele chegará a conclusões bastante similares às de 20 anos atrás. Se a qualidade do jornalismo produzido no país, por exemplo, guarda alguma relação com a do seu ensino nas escolas, talvez seja até possível afirmar que a situação piorou em relação àquele tempo.

As manifestações de tal insatisfação, o segundo sintoma detectado pelos coordenadores do primeiro livro da Intercom, mudaram com o tempo. Greves e

denúncias deixaram de ser tão constantes, talvez como resultado do processo de “desideologização” verificado no meio estudantil brasileiro na década de 80 e, principalmente, depois do fim da Guerra Fria, perdida pela esquerda, a qual se valia desses métodos. Nem por isso, a insatisfação com as escolas é menor. O confronto sobre a obrigatoriedade do diploma de jornalismo, por exemplo, - independente de motivações pessoais ou objetivos casuísticos que possam ter movido alguns de seus atores - mostrou a até que ponto o mercado de trabalho rejeita o egresso das escolas de comunicação. Quase todas as grandes empresas do país atualmente ou ignoram a lei do diploma ou montaram seus próprios cursos de especialização, criados com o objetivo de suplementar ou mesmo substituir os cursos de graduação em jornalismo.

O terceiro sintoma da crise do ensino de comunicação na década de 1970 era “*a dependência do Exterior, em termos de metodologia, teoria e pesquisa, constatada pela absoluta penúria da produção científica*”. Essa foi uma área em que progressos mais substantivos puderam ser constatados. Graças em grande parte à própria Intercom, em parte ao aumento extraordinário de programas de pós-graduação no setor, o Brasil foi capaz de produzir trabalhos originais de pesquisa nesses 20 anos, a ponto de diversos autores brasileiros da área de comunicação terem sido publicados no exterior e seus trabalhos saudados como de boa qualidade em diversos renomados congressos internacionais. Mas, é preciso ressaltar, a produção acadêmica brasileira nesse campo é muito irregular. Grande parte dela é de qualidade medíocre e, com exceções notáveis, sua disseminação é restrita.

As “constantes mudanças curriculares” verificadas em 1977 e explicadas como “válvulas de escape da tensão acumulada” perderam a importância que tinham pela possibilidade que se construiu de um debate mais aberto na universidade e agora podem ser definitivamente erradicadas. Graças à nova Lei de Diretrizes e Bases, deixada por Darcy Ribeiro como sua última e grande contribuição à educação no Brasil. O último sintoma da crise de vinte anos atrás, “a manipulação das escolas pelos burocratas do ensino (ou pior: pelos empresários do ensino)”, pode ter se reduzido graças à possibilidade de maior controle da comunidade sobre o processo e deixado de se manifestar nas versões violentas e arbitrarias da época mas continua a ocorrer, até mesmo porque ninguém mais se escandaliza com o capitalismo pedagógico e o Estado já se prepara mesmo para admitir que o ensino possa gerar lucro às claras.

Muitas das deficiências que se perpetuam no ensino de comunicação decorrem de males que são típicos não apenas dele, mas de toda a estrutura educacional (e social) do país. A deterioração do ensino básico, iniciada na década de 1960 com a liquidação da escola pública e ampliada para a educação particular na década de 1980 com a batalha infundável entre a inflação e as mensalidades, tinha que se refletir em professores e alunos universitários pior



preparados agora do que antes. Enquanto o Brasil não investir de maneira maciça em pré-escola e ensino básico, não haverá como melhorar a educação superior, que vai continuar sendo relevante apenas nas famosas “ilhas de qualidade” que tornam o nome do país conhecido e respeitado na comunidade acadêmica internacional mas representam pouco ou quase nada para a maioria das pessoas que vivem aqui.

Outros dos vícios são produto da incapacidade dos docentes dessa área específica do saber de resolverem suas diferenças básicas e isso chega a ser um fenômeno que transcende fronteiras nacionais. No final do século 20, persiste a rivalidade entre professores das áreas teórica e prática do ensino de jornalismo, por exemplo, que continuam a se digladiar por espaço e influência num ambiente acadêmico que jamais se poderia dar ao luxo de dissensões desse tipo, tais as necessidades essenciais que precisam ser supridas.

Apesar de todas as dificuldades que subsistem no ensino e na pesquisa da comunicação, o vigésimo aniversário da Intercom não é conquista pequena. Esta entidade não foi criada para resolver todos os problemas de sua área, a maioria dos quais tem soluções que dependem de condições econômicas e sociais que não podem ser alteradas em uma geração, mesmo se houvesse compromisso decidido e consensual da nação em buscá-los (o que, evidentemente, não é o caso no Brasil, onde - apesar de denunciá-la ter até virado lugar-comum - a insensibilidade dos que têm muito em relação aos que nada têm parece infinita). Mas a Intercom conseguiu ajudar a atenuar vários desses problemas.

Sua própria sobrevivência por duas décadas é motivo suficiente para se manter a esperança de que, embora as mudanças fundamentais ainda estejam muito distantes, as coisas podem melhorar na área da comunicação. Eu mesmo, em diversos momentos, achei que a Intercom seria incapaz de subsistir depois que José Marques de Melo, seu inspirador e realizador, deixasse de ser a presença decisiva na vida da entidade. Acredito que todos os fundadores da Intercom dividem comigo a certeza de que, não tivessem sido a obstinação, o empenho, a coragem de cobrar e exigir dos outros a sua parte que caracterizaram a participação de Melo nos primeiros anos da entidade, ela provavelmente não teria decolado. Mas, embora Melo continue a ser um integrante muito especial da sociedade que concebeu e viabilizou, a Intercom se provou maior do que o seu criador e essa é a sua maior vitória. Com momentos de maior ou menor realização, superando percalços que muitas vezes pareceram invencíveis, a entidade chega ao seu vigésimo congresso inteira, coesa e produtiva mas com grandes desafios pela frente. É justo realçar o papel que os presidentes da Intercom tiveram nesse processo. Anamaria Fadul, Gaudêncio Torquato, Margarida Maria Krohling Kunsch, Manuel Carlos Chaparro, Adolpho Queiroz e

Maria Immacolata Vassallo de Lopes merecem receber os agradecimentos da comunidade acadêmica na área de comunicação pelo seus serviços.

Embora uma das características mais louváveis da Intercom tenha sempre sido a do pluralismo ideológico (garantido, aliás, várias vezes, a muito custo por José Marques de Melo, que continha o ímpeto sectário juvenil de muitos de seus colegas, inclusive, com frequência, eu mesmo), é evidente que a hegemonia ideológica da produção realizada sob seus auspícios sempre foi de inspiração marxista, como em todas as áreas das ciências sociais no Brasil. O desmoralamento do Muro de Berlim, sem dúvidas, deixou perplexos também os pesquisadores da Intercom. Antes desta, minha última participação em congressos da Intercom foi em 1989. Eu me lembro que nós brincávamos muito que aquele era o congresso da *glassnost* da Intercom. Mas ainda há muito degelo a se realizar até que a produção acadêmica brasileira na área de comunicação encontre fios condutores para a próxima década e o próximo século com a mesma relevância que tiveram os da escola de Frankfurt, do estruturalismo, da hegemonia gramsciana, da Nova Ordem Internacional da Informação e da Comunicação e seus derivados nos últimos 20 anos. Todo o mundo da ideologia ainda está se defrontando com o vazio deixado pelo fim da dualidade capitalismo versus socialismo e é natural que o mesmo aconteça na área da comunicação. Se me é permitido dar palpites, acho que deve-se pensar muito em orientar o futuro da pesquisa em comunicação no Brasil para algumas direções que José Marques de Melo sempre apontou como fundamentais: documentação, precisão técnica, obsessão com o rigor metodológico. Humildade e seriedade não fazem mal a ninguém em área nenhuma, inclusive e principalmente nas ciências sociais. Isso é especialmente verdadeiro no campo da comunicação, em que existe carência básica de fontes de referência, documentos, dados objetivos.

Num país em que o personalismo com frequência massacra instituições, o egoísmo faz naufragar empreendimentos que não resultem de alguma forma em benesses materiais imediatas para seus participantes, os vinte anos da Intercom devem ser motivo de orgulho para todos os que ajudaram a construí-la. O fato de o ensino de comunicação no Brasil continuar em crise, apesar de todo o esforço despendido pela Intercom e seus associados, deve ser não motivo de desânimo, mas sim fonte de estímulo para os que agora a comandam continuarem sua atuação e, mesmo, a expandirem para, um dia, se poder constatar que a crise acabou.



## Os três eixos da história da Intercom\*

*José Salvador Faro*

*Sócio-fundador e*

*presidente da Intercom no biênio 1997-1999.*

Acho que a Intercom é um exemplo para a comunidade científica. Olhando a dispersão em que vive a universidade, especialmente em áreas de estudo novas, como é a nossa, a Intercom acaba sendo responsável pela articulação de pelo menos três eixos que formam uma geometria da produção e da aplicação do conhecimento no campo da comunicação.

O primeiro deles é o que diz respeito ao sentido orgânico que ela tem representado para professores, profissionais e pesquisadores dos fenômenos comunicacionais.

Não há como negar que, num país empobrecido de publicações científicas e carente de veículos de disseminação ampliada da produção acadêmica, o que prevalece é a imagem de um arquipélago. Os sujeitos da elaboração do conhecimento estão não só isolados entre si, mas também distantes do mundo que se situa fora dos muros universitários. Seus objetos de estudo às vezes dizem pouco sobre o mundo real e sua atividade permanece dissociada do mundo do trabalho.

No caso do Brasil, se isso é quase uma decorrência natural de sua condição periférica, a conjuntura autoritária dos governos militares agravou essa deformação, gerando uma fragmentação que pode ter deixado o país longe na corrida para enfrentar próximo século.

Pois bem, nos limites de seu campo de atuação, a Intercom agiu no sentido oposto: procurou romper essa tradição de isolamento. E exerceu sobre toda a nossa comunidade uma ação centrípeta, dando ao seu conjunto uma feição aglutinadora, que se reflete nessa semi-identidade que vamos erguendo todos, apesar de nossas fragilidades teóricas e conceituais.

É difícil imaginar agora o que significou isso em meados dos anos setenta, quando tudo o que dizia respeito à organização de pessoas era visto como uma questão delicada e perigosa, arriscada mesmo. Era tão complicado que nem mesmo reuniões de estudo periódicas – e às vezes prosaicos encontros aos sába-

---

\* Pronunciamento feito no XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em 6 de setembro de 1997, quando o autor foi eleito presidente da Intercom para o biênio 1997-1999.

dos à tarde – podiam ser agendados com alguma certeza de que, de fato, aconteceriam.

Os primeiros sócios da Intercom perambulavam a cada quinze dias em busca de um teto: alguns encontros em salas de aula, outros na antiga sede da ABI em São Paulo, um pouco aqui, um pouco ali. De alguma forma, e por uma misteriosa teimosia de seus fundadores, a entidade vingou. E dessa precariedade toda é que surge o que imagino ser a sua maior contribuição: ela organizou todos aqueles que estavam, de uma maneira ou de outra, vinculados ao esforço de trazer para fora dos muros da universidade aquilo que, naquele momento, a universidade não estava em condições de fazer.

Pode-se dizer que, nessa dimensão, o trabalho da Intercom teve um feitiço horizontal, desfragmentador, anti-regional e muito anti-corporativo. Seus ciclos de estudo, como prova disso, eram heterogêneos. Não na temática - que sempre estava imbricada com o sentido multidisciplinar que lhes dava o nome - mas na composição, na origem de seus participantes, na formação deles, na proposta que tinham. Eram ciclos imperfeitos, e aqueles que os acompanharam tiraram dessa imperfeição o sentido acadêmico e político do que faziam em seus redutos de docência, de pesquisa e de atuação profissional.

Continua sendo assim, certamente com maior perfeição, com algum tropeço, com algum gigantismo, com alguma solenidade e com algum sentido espetacular, mas a essência tem permanecido inalterada. Em simpósios regionais, em atividades esporádicas, com suas publicações, no seu congresso anual, na variedade de compromissos internacionais que vai assumindo, a Intercom se mantém como entidade aglutinadora. Difícil imaginar que alguma coisa ocorra na área dos estudos da comunicação social neste país que não esteja, ainda que indiretamente, ligada à Intercom.

O segundo eixo é o que diz respeito ao caráter das atividades que a Intercom veio desenvolvendo nesses vinte anos. Em meados dos anos setenta, os estudos de comunicação social ainda não haviam se desvencilhado do impacto, eventualmente positivo, que o modismo havia provocado em sua produção. Entre os docentes e pesquisadores sérios, que sabiam de suas referências nacionais e internacionais, o *boom* de escolas de comunicação mais atrapalhava que resolvia. Era visível – e inevitável – a sensação de desconforto que o deslumbramento com os meios provocava, principalmente quando se leva em conta a fragilidade conceitual e o precário rigor científico que acompanhavam essa explosão.

A Intercom contribuiu para colocar um ponto final nessa história, certamente não de forma deliberada, mas como uma consequência natural do sentido organizador que adquiria entre seus sócios e entre aqueles que acompanhavam suas atividades.

Os mesmos eventos que reuniam, também discutiam. As publicações, de seu lado, punham em circulação velhas e novas idéias; surgiam cadernos, antolo-

gias, boletins, revistas. Isso tudo numa atividade gregária - fundamental nos tempos da ditadura - e mais uma oportunidade de reflexão, de redimensionamento dos problemas da comunicação e de seus desdobramentos.

O resultado era um arejamento de todo o campo. Não era mais a moda, nem era mais o conhecimento acanhado que ditavam as necessidades de verticalização do debate. Era a seriedade com que tudo isso era encarado. Uma insistência em pontuar com segurança a abrangência do campo fenomenológico, entender seus desdobramentos com a sociologia, com a psicologia, com a antropologia, com a história, com a política e - para desespero de alguns poucos - com a bibliografia dessas áreas.

E mais: com as velhas e as novas tecnologias, com os movimentos sociais, com as classes dominantes, com as classes subalternas, com a essência das mudanças que se processavam aceleradamente. Essa verticalização permitia até acompanhar melhor o clima de renovação que o país vivia e deixava perceber que a sociedade civil precisava ser entendida nessa sua dimensão receptora, com todas as implicações teóricas decorrentes.

Tudo com uma extraordinária inspiração crítica - que foi, até agora, a principal marca da Intercom.

Bem, a Intercom nos preparou para tudo isso. Estudar os temários de seus ciclos e congressos, analisar os objetos de estudo e de discussão em suas publicações, de 1977 a 1997, é percorrer o caminho da produção científica brasileira nessa área. E, nesse sentido, o efeito era multiplicador, porque o sócio da entidade quando retornava ao seu fragmento acadêmico ou profissional, voltava renovado das idéias de outros centros de estudo nacionais e internacionais. Voltava mais cosmopolita; e os estudos da comunicação exigiam isso. Na verdade, nunca mais deixaram de exigir. Essa é uma parcela de culpa que a Intercom tem nessa angústia que nos assalta frente ao fenômeno da globalização, da transnacionalização da cultura, do império das novas tecnologias: de alguma forma, nesses últimos vinte anos, estivemos todos nos preparando para entender de que se trata.

Com uma vantagem: sem modismos ou deslumbraamentos. Estamos passo a passo com outros centros de excelência do mundo inteiro e o reconhecimento internacional da Intercom é prova disso, embora ninguém imagine que esteja tudo perfeito e resolvido.

Aqui a ação da Intercom foi centrífuga.

O terceiro e último eixo decorre justamente disso. A Intercom colocou professores, pesquisadores, profissionais, estudantes e toda a comunidade envolvida de alguma forma com os estudos da comunicação em contato com o mundo, no sentido mais amplo do termo. Passamos a lidar, em primeiro, com as obras mais pertinentes aos campos dos nossos projetos, fossem elas atuais ou não, dando aqui ao termo atual um sentido vulgar. Depois, entramos em contato com centros de estudos de toda parte - e obviamente com suas lideranças intelectuais.

A Intercom nos ajudou a redescobrir a América Latina, os Estados Unidos, a Europa, do ponto de vista de nossas formulações teórico-metodológicas. Os representantes desses centros, investigadores irrequietos e produtivos, estiveram aqui nos ciclos e congressos, e trocaram conosco reflexões fundamentais para que amadurecêssemos. Certamente retiraram dessa sua vinda impressões variadas, entre elas a certeza de que nossa produção crescia em quantidade e em qualidade. Mas deixaram aqui também a saudável sensação de que havíamos fechado um circuito.

Esses são os três eixos que surgem como fundamentais na história da Intercom – e que é preciso preservar porque comprovam avanços lineares e coerentes de amadurecimento cuja causa não é totalmente conhecida.

Pode-se arriscar dizer que a vontade dos dirigentes da entidade, nesses vinte anos, foi a força motriz de tudo quanto aconteceu. Talvez sim, talvez não. Pode-se afirmar também que estamos diante de uma comunidade acadêmica e profissional de demandas às vezes ininteligíveis e que é justamente isso o que a empurra para o orgânico, para o aprofundamento e para o universo. Talvez sim, talvez não.

Seja qual for a resposta, pelo menos há uma certeza: sem a Intercom essas últimas duas décadas teriam sido, para as ciências da comunicação, mais pobres, mais cinzentas e mais tristes.

Consolidar o trabalho feito até aqui e avançar, é o compromisso da nova diretoria.

## Pluralismo e globalização: marcas da identidade da Intercom

*José Marques de Melo*

*Fundador e presidente de honra da Intercom.*

Há vinte anos, a cidade paulista de Santos foi cenário de um evento decisivo para a consolidação da comunidade brasileira das Ciências da Comunicação. Ali efetivou-se o I Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Cecom), encontro que originou, poucos anos depois, o Intercom-Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Este ano, de 1 a 7 de setembro, Santos voltou a ser o palco dessa reunião, assumindo agora o perfil de megaevento. O Intercom97 terminou sendo carinhosamente chamado de SBPC da Comunicação.

Tal espaço ganhou legitimidade nacional, congregando, além do histórico Cecom, aquilo que representa o coração da entidade: os cerca de trinta GTs-Intercom - Grupos de Trabalho em Ciências da Comunicação. Ali se reúnem as micro-comunidades dos cientistas brasileiros da comunicação, disseminando e debatendo os resultados das pesquisas que efetuam nas disciplinas mono/comunicacionais (do Jornalismo à Propaganda e da Semiótica à Teoria da Comunicação) e nos núcleos inter/trans/disciplinares que propiciam o diálogo da Comunicação Social com outros campos do saber (Comunicação e Educação, Comunicação e Etnia, História e Comunicação, Economia das Comunicações, Mídia e Esportes etc.).

Mas a dinâmica das ciências da comunicação no Brasil demandava outros espaços para abrigar os jovens cientistas atuantes em diferentes patamares da universidade, da graduação à pós-graduação. Foram assim agregados novos eventos anuais: Iniciacom - Jornada de Iniciação Científica em Comunicação; Expocom - Exposição Universitária da Pesquisa Experimental em Comunicação; Inovcom - Seminário de Inovações Científicas em Comunicação; Endocom - Encontro Nacional de Documentação em Comunicação Social; e Póscom - Seminário sobre as Tendências da Pesquisa em Comunicação nos Cursos de Pós-Graduação.

Isso traduziu a marca principal da identidade acadêmica construída pela Intercom- Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação,



ou seja, o pluralismo. A força adquirida, em duas décadas, por essa sociedade científica, que integra o pool das entidades nacionais aglutinadas em torno da SBPC - Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, advém justamente da sua capacidade de fomentar o multi-diálogo. Não apenas interdisciplinar, mas também intergeracional e sobretudo internacional.

Se, no primeiro triênio da sua história, a Intercom se manteve restrita às fronteiras nacionais, isso refletiu a conjuntura política brasileira, caracterizada pelos estertores do regime militar. Os nossos primeiros encontros foram quase clandestinos, temendo as represálias da polícia política. Vale recordar que a fundação da Intercom, em 1977, ocorre no momento em que até mesmo a Reunião Anual da SBPC havia sido proibida. Vivíamos sob a égide da Doutrina de Segurança Nacional.

O ambiente se desanuviou, pouco a pouco, a partir da anistia política de 1979. E aproveitamos as “brechas” do sistema para inaugurar a nova face da nossa entidade, dando ao encontro de 1981 uma fisionomia internacional. Pela primeira vez contamos com a presença de pesquisadores de outros países: Alfredo Paiva (Argentina/Peru), Armand Mattelart (França), Gerd Gerhard (Alemanha), Javier Esteinou Madrid (México), Joaquim Rocha Maciel (Portugal), Jorge Gómez Maldonado (Colômbia), Rafael Roncagliolo (México/Peru) e Tatiana Galvan (México). No ano seguinte, a interface com os cientistas estrangeiros atrairia personalidades como Everett Rogers, Emile McAnany e Joseph Straubhaar (EUA), Nestor García Canclini (Argentina/México), Peter Schenkel (Alemanha/Equador), Juan Gargurevich (Peru), Diego Portales (México/Chile), Arturo Matute e Humberto Reyes Torres (Chile), Maria Cristina Mata (Argentina/Peru) e Cumanda Gamboa (Equador).

Durante os anos oitenta e ao longo da década de 1990, a cooperação internacional se ampliaria, assumindo um caráter orgânico. Independentemente da presença individual de cientistas estrangeiros em nossos congressos, a Intercom promoveu a assinatura de convênios com grupos ou sociedades congêneres de outros países. Dessa iniciativa nasceriam os colóquios binacionais, realizados alternadamente em nosso território ou além-fronteiras: Brasil/México, Brasil/França, Brasil/Espanha, Brasil/Dinamarca, Brasil/Portugal e, neste ano de 1997, Brasil/Itália.

Mas a Intercom sempre teve presente a inserção nacional na comunidade científica internacional. Por isso mesmo, vem procurando fortalecer a ALAIC - Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación. O primeiro congresso dessa entidade foi realizado no Brasil, em 1992, na cidade de Embu-Guaçu (SP); o quinto está previsto para 1998, em Recife (PE). Da mesma forma, tratou de abrir espaços para acelerar o fluxo globalizado das ciências brasileiras da comunicação; nesse sentido é que abrigamos, em 1992, na cidade de Guarujá

(SP), o congresso mundial da nossa comunidade acadêmica, patrocinado pela IAMCR - International Association for Media and Communication Research. E temos marcado presença nos congressos posteriores: Seul (1994), Sidney (1996), estando em marcha os preparativos para o envio de uma delegação expressiva ao congresso de Glasgow (1998).

Globalização não significa absolutamente perder a identidade. Ao contrário, a emulação para preservar as nossas singularidades culturais advém justamente desse confronto com parceiros diferentes. Se neles encontramos características semelhantes às nossas, vale dizer: universais, também temos oportunidade de vislumbrar o que nos diferencia de muitos povos ou o que nos aproxima de alguns deles. Por isso mesmo é que a Intercom tem procurado estreitar laços acadêmicos com países dotados de matrizes culturais identificadas com as nossas. Inicialmente, procuramos resgatar as nossas raízes ibéricas, promovendo os Ibercom - Encontros Ibero-Americanos de Ciências da Comunicação: São Paulo (1986), Florianópolis (1989) e Santos (1997).

Dentro desse espaço geocultural, passamos agora a estreitar nossa colaboração com a pátria-mãe: Portugal. Este ano levamos uma delegação de quarenta cientistas brasileiros a Lisboa para participar do I Lusocom - Encontro Lusófono de Ciências da Comunicação; no próximo ano, vamos atuar como anfitriões, recebendo em Aracaju (SE) os nossos irmãos lusitanos, não apenas oriundos de Portugal, mas, esperamos, também provenientes dos Paolp's - Países Africanos de Expressão Portuguesa (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe).

Faltava, contudo, uma ofensiva destinada a superar nossa distância em relação aos vizinhos de tradição ibérica, situados no cone-sul da América. Desde o Tratado de Assunção, assinado em 1991, o Brasil associou-se à Argentina, ao Paraguai e Uruguai para constituir o Mercosul, bloco megarregional estruturado nos moldes da EU (European Union) e do NAFTA (North American Free Trade Agreement).

A presença de cientistas argentinos, uruguaios e paraguaios em nossos congressos anuais teve, até recentemente, caráter episódico. As rivalidades históricas entre os nossos países talvez tenham prevalecido como obstáculos para a institucionalização do diálogo intrarregional. Mas na verdade a causa maior foi sem dúvida a incipiência dos estudos de comunicação nas suas universidades e a conseqüente ausência de comunidades acadêmicas institucionalizadas.

O degelo foi provocado no ano passado, quando o Intercom 96, realizado em Londrina (PR), abrigou o I Enpecom - Encontro de Ensino e Pesquisa da Comunicação no Mercosul. A iniciativa coube à Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, sediada no campus da Unesp -

Universidade Metodista de São Paulo, em São Bernardo do Campo (SP). Motivados pela temática do próprio congresso, “Políticas Regionais de Comunicação”, achamos que valia a pena convidar professores/pesquisadores dos países vizinhos, já incluindo o Chile (que acabava de aderir ao Mercosul), para um diálogo franco aberto sobre a constituição de uma comunidade acadêmica megarregional no âmbito das ciências da comunicação.

As expectativas implícitas eram as de que cabia ao Brasil, pelo acúmulo de experiências organizativas, tomar a liderança desse movimento. Os meus colegas da diretoria da Intercom assumiram esse desafio como uma missão histórica, decidindo fazer do congresso de Santos um megaevento que simbioticamente acolheria os cientistas da comunicação de todo o Mercosul.

Daí a decisão de marcar o Intercom 97 por uma fisionomia dúplice, assumindo também a identidade de Mercomsul 1. A idéia é que, a partir de agora, todos os eventos setoriais desse congresso deixarão de ser exclusivamente brasileiros.

O megaevento promovido pela Intercom ampliou-se efetivamente para acolher contribuições dos parceiros históricos do Mercosul (Argentina, Paraguai e Uruguai) e também dos candidatos a esse bloco vocacionado para fortalecer a cooperação econômica sul-americana (Chile, Bolívia, Venezuela e Peru). Se o Mercomsul 1 já inseriu no VIII Encontro dos GTs de Ciências da Comunicação *papers* de vários cientistas mercosulinos, espera-se que ao Mercomsul 2, em Recife, acorram não apenas os pesquisadores seniores, mas também os pesquisadores juniores que podem inscrever-se na Iniciacom - Jornada de Iniciação Científica em Comunicação Social, no Inovcom - Seminário de Inovações Científicas em Comunicação e na Expocom - Exposição Universitária da Pesquisa Experimental em Comunicação. O incremento da participação mercosulina vai depender, em grande parte, da iniciativa dos coordenadores dos GTs-Intercom e dos demais eventos segmentados no sentido de criar mecanismos que estimulem a presença dos pesquisadores de países vizinhos nos nossos próximos congressos: Recife (1998), Rio de Janeiro (1999) e Manaus (2000).

Uma faceta singular do Mercomsul 1 foi a disposição para o diálogo inter-regional, consentâneo aliás com o perfil de uma sociedade que se globaliza aceleradamente. Precedendo os eventos marcantes do Intercom 97, realizamos em Santos, com o apoio decisivo do jornal local *A Tribuna*, o I Colóquio Mercosul-Nafta de Ciências da Comunicação. Trata-se de uma iniciativa conjunta das Cátedras Unesco de Comunicação sediadas em países dos extremos das Américas: Canadá, México, Uruguai e Brasil. O colóquio foi respaldado naturalmente pela Intercom e pela instituição-sede – Unisantos –, ademais da Oficina Regional de Comunicación de la Unesco para América Latina (Quito) e

da Orbicom - Worldwide Network of Communication Chairs and Associates (Montreal). Durante os dias 29, 30 e 31 de agosto, no Parque Balenário Hotel, estiveram reunidos acadêmicos, profissionais, empresários, funcionários do governo e agentes das ONGs, com a finalidade de estabelecer pontes de dupla-mão entre as universidades e as empresas midiáticas.

Pretendia-se reduzir o gap entre a pesquisa comunicacional produzida na academia e o conhecimento assimilado pelas organizações multimídia ou pelas microempresas do ramo. Ao mesmo tempo, desejava-se capitalizar as experiências universitárias dos dois blocos megarregionais, articulando programas de cooperação científica e integração profissional.

Os pesquisadores oriundos do México, Canadá e Estados Unidos expuseram avanços em matéria de cooperação intrarregional. Destacam-se o Projeto Monarca, ação bilateral México-Canadá destinada a avaliar o impacto do TLC (Tratado de Libre Comercio) nas estruturas midiáticas dos dois países. E também a Cátedra de Jornalismo Internacional, criada na Universidade do Texas para potencializar a cooperação dos USA com os vizinhos do sul, num cenário que antecipa a ALCA (Aliança para o Livre Comércio das Américas).

Por sua vez, os pesquisadores oriundos da Argentina, Paraguai e Uruguai descreveram ações em processos, algumas delas transformando a sociedade civil em agente vanguardista do Mercosul Cultural/Comunicacional, frente à omissão dos governos nacionais, mais preocupados com questões meramente tarifárias, alfandegárias ou assemelhadas. Mas também os brasileiros convidados trataram de colocar em evidência a nossa própria agenda. Do lado da universidade são projetos de pesquisa ou formação de recursos humanos que estão em desenvolvimento na UFRGS, PUC/MG, PUC/RS, Umesp, UFBA ou UnB. Do lado empresarial são iniciativas bi/pluri/nacionais que potencializam parcerias, como as da *Gazeta Mercantil Sul-Americana* e do *pool* de agências publicitárias mercosulinas liderado pela DPZ. Do lado sindical são as articulações corporativas capitaneadas pela Fenaj.

Mas a essência do I Colóquio Mercosul/Nafta de Ciências da Comunicação foi sem dúvida abrir canais de cooperação capazes de reduzir a distância entre a universidade o sistema produtivo. Isso significa desafiar os pesquisadores midiáticos a intervir num universo paradoxalmente globalizado/regionalizado, cuja dinâmica situa o complexo comunicacional/informacional no centro das decisões sobre a natureza da sociedade que se prenuncia para o próximo século.

Ao comemorar seus primeiros vinte anos com tal envergadura, a Intercom demonstrou fôlego suficiente para continuar fazendo história.



## As parcerias da Intercom: canalizando a sinergia da integração\*

*Margarida M. Krohling Kunsch*

*Presidente da Intercom nos biênios 1987-1989 e 1991-1993.*

Num balanço dos vinte anos da Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, muito se tem a registrar no que se refere à cooperação nacional e internacional da entidade, que sempre teve como filosofia promover atividades conjuntas com universidades e associações brasileiras e estrangeiras de sua área de atuação. Se hoje ela se vê consolidada como principal organização de pesquisa científica em Comunicação no País, isto se deve exatamente ao trabalho integrado desenvolvido até agora. Enumerar e descrever detalhadamente tudo o que ela tem realizado nesse sentido exigiria muito mais espaço do que as páginas reservadas para este artigo, que se limitará a abordar de forma panorâmica sua trajetória nessa frente.

A Intercom surgiu no contexto das associações que respaldam e fortalecem a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), buscando articular os interesses da comunidade acadêmica de Comunicação Social. Criada com um elenco de propósitos bem definidos, em torno do objetivo geral de promoção de estudos avançados em âmbito interdisciplinar, isto certamente constitui uma das razões por que ela sempre contou com o apoio de órgãos públicos de fomento à pesquisa científica, como, entre outros: o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep); a Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); o Instituto Brasileiro de Informações sobre Ciências e Tecnologia (IBICT); e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

### 1. Cooperação nacional

Destaquem-se, de seu estatuto, algumas das metas para cuja consecução a Intercom, desde o início, tem procurado contribuir. Primeiro: o aperfeiçoamento da sociedade brasileira nos campos científico, tecnológico e cultural.

---

\* Artigo escrito no ensejo da XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em meados de 1997.

Segundo: o incremento da produção científica, artística, cultural, informativa e educativa do País. Terceiro: o intercâmbio com organizações congêneres, em nível regional, nacional e mundial. Esses objetivos dizem respeito, mais de perto, a nosso tema e, concretamente, a este subtítulo. O último item já aponta para o que abordaremos no subtítulo seguinte, relativo à cooperação internacional.

### *1.1. Em sintonia com a sociedade*

Faz parte da natureza e da atuação da Intercom o seu compromisso com a sociedade brasileira, na busca da superação da dependência política, cultural e tecnológica do sistema nacional de comunicação, do aprimoramento das instituições democráticas, promovendo e difundindo a liberdade de expressão e pensamento, assim como o livre exercício da Comunicação, e do acesso de todos à Ciência, à Tecnologia e à Cultura.

Tudo o que ela tem levado a efeito até hoje, em termos de pesquisas, publicações, congressos e discussões, converge para essa finalidade. Por isso mesmo e pelas posições que assume perante a comunidade científica e as conjunturas político-culturais, a Intercom se legitimou como interlocutora dos pesquisadores brasileiros da Comunicação e vem sendo convocada para representá-los em numerosos eventos acadêmicos e profissionais da área.

Podemos comprovar isso com sua efetiva participação nos fóruns de debates em momentos históricos por que passou o País nos últimos vinte anos, lado a lado com a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) e outras entidades, na luta pela causa da Comunicação em nossa realidade social.

Em 1981, quando das manobras do então Conselho Federal de Educação, que, de forma velada, tentava esvaziá-los, a Intercom liderou o Movimento em Defesa dos Cursos de Comunicação (Endocom), mediante o qual se conseguiu reverter a situação, formando-se uma comissão representativa para alterar o currículo mínimo e fixar condições para a melhoria da qualidade do ensino de Comunicação Social.

Em 1984, a nação inteira foi mobilizada pela campanha das “eleições diretas já” para a presidência da República. Os meios de comunicação, aos quais estava reservado um papel fundamental na condução da opinião pública, tiveram que passar por uma mudança comportamental. Até a Rede Globo de Televisão, abertamente pró-governista, se viu obrigada a dar mais atenção ao “outro lado”. Diante dos fatos, a Intercom centralizou o seu ciclo anual de estudos interdisciplinares no estudo do papel reservado às diversas áreas da Comunicação no processo de transição do País de um regime ditatorial para a democracia.

Em 1987, com a instalação da Assembléia Nacional Constituinte, a Intercom uniu-se à Frente Nacional de Luta por Políticas Democráticas de Comunicação, composta por inúmeras entidades, sob a liderança da Fenaj. Os esforços levaram a muitas conquistas para a área de Comunicação na Constituição de 1988, como a criação de um Conselho Nacional de Comunicação para atuar junto aos poderes Legislativo e Executivo nas concessões de transmissoras de rádio e de televisão. Este propósito de propugnar pela democratização crescente dos meios de comunicação contínua até hoje, tendo aquela frente passado a chamar-se de Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação, do qual a Intercom faz parte.

Outro aspecto a considerar é a preocupação da Intercom no sentido de, em seus congressos anuais, trazer para o debate temas emergentes, na tentativa de contribuir para a abordagem científica dos grandes problemas colocados pelas mudanças da sociedade contemporânea. Assim, de forma ininterrupta, ela realizou, desde 1978, dezenove ciclos de estudos interdisciplinares da Comunicação, cujas temáticas sempre foram consentâneas com essa filosofia.

Em 1978, ela analisou as estratégias para o ensino da Comunicação, questionando as injunções do Estado na estrutura curricular e procurando descobrir caminhos alternativos para o conteúdo das disciplinas básicas e a prática pedagógica nas escolas superiores da área. Em 1979, diagnosticando a marginalização de grupos menos favorecidos (operariado, campesinato, minorias étnicas e raciais, homossexuais, etc.) pelas grandes redes brasileiras, abordou amplamente seus modos de comunicação. Em 1980, investigou a manipulação feita pela mídia em poder das classes dominantes, para a manutenção de um populismo com pretenso apoio das classes subalternas. Em 1981, estudou a Comunicação no contexto da hegemonia burguesa e do processo de resistência dos movimentos populares à supremacia das grandes redes comunicacionais e à conivência destas com o Estado autoritário. Em 1982, discorreu sobre o papel dos comunicadores enquanto transmissores de conhecimento, pondo o foco no espaço ocupado pela pesquisa científica em Comunicação. Em 1983, debateu as novas tecnologias brasileiras de Comunicação, ressaltando o seu impacto sobre a sociedade, numa tentativa de delinear uma política democrática para o setor. Em 1984, diante da eferescente campanha das “eleições diretas já”, abordou, como já dissemos, a Comunicação no processo de redemocratização que então estava em início no País, avaliando a função do Estado como mediador dos interesses do capital e da sociedade civil. Em 1985, tratou das relações entre a Comunicação e a Educação, mostrando que toda ação comunicativa deve ser educativa e vice-versa.



## *1.2. Parceria com as universidades*

A partir de 1986, o ciclo de estudos interdisciplinares passou a integrar, como evento central, o Congresso Brasileiro de Pesquisadores da Comunicação, instituído pela Intercom naquele ano e levado a efeito, desde então, já por doze vezes, em conjunto com uma ou mais universidades e faculdades de Comunicação das diferentes cidades escolhidas, a cada ano, para sediá-lo. Denominado simplesmente pelo termo Intercom, acrescido do ano de realização, ele propicia a realização de iniciativas paralelas e simultâneas, com vistas ao atendimento da demanda de outras temáticas da área de Comunicação.

Em 1986, no primeiro congresso promovido dentro do novo formato, com a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, ela procurou redimensionar criticamente o papel da Comunicação no processo de desenvolvimento, numa conjuntura de reconstrução democrática vivida pelo Brasil e por outros países latino-americanos. Em 1987, com o Instituto de Artes e Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, associou-se ao espírito de intensa participação social em torno dos trabalhos de elaboração da nova Constituição do País, contemplando os processos comunicacionais e culturais na dinâmica de democratização da sociedade e de fortalecimento da cidadania.

Em 1988, diante do interesse demonstrado por muitos pesquisadores nos encontros anteriores e da tradição da Universidade Federal de Viçosa na área das ciências agrárias, a Intercom escolheu essa cidade mineira para seu primeiro congresso fora do Estado de São Paulo, no qual abordou o discurso e a prática da comunicação rural. Em 1989, na cidade de Florianópolis, em conjunto com a Universidade Federal de Santa Catarina, debateu o papel que cabe às indústrias culturais no processo de integração da América Latina. Esse evento representou o de maior porte até então levado a efeito por ela ao longo de sua história. Foi lá que, como presidente, ousamos dizer que “a Intercom é a SBPC da Comunicação”. Em 1990, com a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na capital fluminense, ela abordou o processo histórico, político e cultural de quarenta anos de televisão no Brasil. Em 1991, em parceria com a Faculdade dos Meios de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, de Porto Alegre, analisou os sistemas de Comunicação em função das identidades na América Latina.

Em 1992, ano da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento – Eco-Rio 92 –, a Intercom e a Faculdade de Comunicação Social do Instituto Metodista de Ensino Superior, de São Bernardo do Campo, aliaram-se a esse grande acontecimento internacional, enfocando a comunicação a serviço da defesa do meio ambiente. Em 1993, o congresso, promovido em conjunto com a Universidade Federal do Espírito Santo, em

Vitória, analisou as transformações da Comunicação no nível da ética e das técnicas, levando os participantes a repensarem a posição do comunicador na sociedade de informação em que estamos vivendo. Em 1994, foi a vez de a Universidade Metodista de Piracicaba abrir suas portas para um reflexão sobre a Comunicação no contexto das mudanças sociais, abordando, mais especificamente, as novas formas de sociabilidade geradas por influência da mídia impressa e eletrônica.

Em 1995, a Intercom levou o congresso para a região nordeste, realizando-o em Aracaju, com o envolvimento da Universidade Federal do Sergipe. Nessa ocasião, além do tema central de seu ciclo anual de estudos interdisciplinares da Comunicação, sobre a globalização e regionalização das comunicações, ela passou a abrir espaço para encontros e colóquios binacionais, como eventos que antecêdem o congresso propriamente dito. Em 1996, com a Universidade Estadual de Londrina, ela tratou dos desafios apresentados às culturas dos países envolvidos pelo Mercado Comum do Sul (Mercosul), na construção de uma política regional de comunicação, nesta era de mundialização da economia e da cultura. Mais dois eventos internacionais marcaram esse último congresso da Intercom, como veremos adiante.

Neste ano, como sempre em setembro, na Semana da Pátria, o congresso terá lugar em Santos. A exemplo do que tem acontecido com outras instituições de ensino superior, nos locais que sediaram os encontros anteriores, estão envolvidas de corpo e alma em seu planejamento e em sua execução a Universidade Católica de Santos, a Universidade Santa Cecília e a Associação Educacional do Litoral Santista, todas dessa bela e progressista cidade da orla marítima paulista. Anote-se, aliás, que foi na Universidade Católica de Santos que se realizou o I Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Isto, nos idos de 1978, quando a Intercom sequer conseguia vislumbrar o que estava reservado no futuro. Como poderia ela prever que aquela reunião pioneira dos primeiros associados hoje se veria substituída por um evento que, por sua expressão e pela riqueza de seu conteúdo, há três anos vem atraindo bem mais de mil participantes, procedentes de todos os rincões brasileiros e também de fora? O XX Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, evento central do Intercom 97, estará resgatando a contribuição da entidade para a pesquisa da Comunicação no Brasil, em duas décadas muito profícuas.

### ***1.3. Incentivo à pesquisa regional***

Outra iniciativa da Intercom, no que se refere à cooperação nacional, é a promoção do Simpósio Regional de Pesquisa em Comunicação (Sipec), nas cinco regiões geográficas do País. Iniciado em 1988 e já consolidado, esse

evento, que objetiva plantar bases de processamento e irradiação da pesquisa em Comunicação em pontos estratégicos de todo o território brasileiro, também é realizado em parceria com as diversas universidades de cada região.

No total, já se realizaram 21 simpósios. Seis no Sudeste: em Vitória, na Universidade Federal do Espírito Santo – 1988; em Belo Horizonte, na Universidade Federal de Minas Gerais – 1990; em Piracicaba, na Universidade Metodista de Piracicaba – 1992; em Taubaté, na Universidade de Taubaté – 1994; no Rio de Janeiro, na Universidade Federal Fluminense – 1996; e em São Bernardo do Campo, no Instituto Metodista de Ensino Superior – 1997. Quatro no Sul: os dois primeiros em Curitiba, na Universidade Federal do Paraná – 1988 e 1992; em Porto Alegre, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – 1995; e em Santa Maria, na Universidade Federal de Santa Maria – 1997. Três no Centro-Oeste: em Brasília, na Universidade de Brasília – 1992; em Campo Grande, numa promoção conjunta com a Universidade Católica Dom Bosco e a Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – 1995; e em Cuiabá, na Universidade Federal do Mato Grosso – 1997. Seis no Nordeste: em Recife, na Universidade Federal Rural de Pernambuco – 1988; em João Pessoa, na Universidade Federal da Paraíba – 1993; em Salvador, na Universidade Federal da Bahia – 1995; em Maceió, na Universidade Federal de Alagoas – 1996; e de novo em Recife, numa promoção conjunta com a Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Federal Rural de Pernambuco e a Pontifícia Universidade Católica de Pernambuco – 1997. E dois no Norte: em Manaus, na Universidade Federal do Amazonas – 1995; e em Belém, na Universidade Federal do Pará – 1997.

Nos simpósios deste ano, realizados durante o primeiro semestre, cada uma das cinco regiões fez um balanço das atividades até hoje desenvolvidas, como preparação para o Intercom 97, que fará um apanhado abrangente dos últimos vinte anos de pesquisa em comunicação no Brasil.

A contribuição da Intercom não se esgota com os congressos brasileiros e os simpósios regionais. Há que mencionar também: a Revista Brasileira de Comunicação, por ela editada; o grande número de obras publicadas sobre temas emergentes da área; os serviços postos à disposição pela base Portdata, do Centro de Documentação da Documentação nos Países de Língua Portuguesa (Portcom); os trabalhos de pesquisa levados a efeito, nas mais diversas áreas da Comunicação, por seus quinze grupos de trabalhos interdisciplinares e onze monotemáticos, com membros de todo o País; a realização de outros eventos científicos; e o engajamento nas causas nacionais.

São estas, de forma sucinta, as ações com que a Intercom procura pôr em prática um trabalho de cooperação nacional, colocando as ciências da Comunicação a serviço do desenvolvimento social, cultural, educacional, político e tecnológico do País e de seus cidadãos.

## 2. Cooperação internacional

Como articuladora e fomentadora da produção científica brasileira em Comunicação, a Intercom sempre procurou estabelecer intercâmbios, parcerias e acordos de cooperação com instituições universitárias e entidades científicas internacionais da área.

Desde sua fundação, em 1977, ela vem se relacionando com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), o Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação para a América Latina (Ciespal), o Sistema Econômico Latino-Americano (SELA), o Instituto para a América Latina (ILET), o Centro Internacional de Investigações para o Desenvolvimento (CIID), o Centro Internacional de Documentação e Comunicação (IDOC), o Centro de Indagação, Expressão Cultural e Artística (Ceneca) e o Instituto para a América Latina (IPAL), entre outras organizações.

### 2.1. Integração na pesquisa mundial

A Intercom articula-se também com as associações regionais e internacionais de pesquisadores da Comunicação. No âmbito das primeiras, liga-se à Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIIC), à Federación Latinoamericana de Asociaciones de Facultades de Comunicación Social (Felafacs), à Federación Latinoamericana de Prensa (Felap), à Asociación Latinoamericana de Emisoras de Radios Educativas (Aler), à Unión Católica Latinoamericana de Prensa (UCLAP), à Seção Latino-Americana da Associação Internacional de Emisoras Católicas de Radiodifusão (Unda-AL), à Seção Latino-Americana da Organização Católica Internacional de Cinema (OCIC-AL), à Seção Latino-Americana da Associação Mundial de Comunicação Cristã (WACC-AL), à Asociación Mexicana de Investigadores de la Comunicación (AMIC), ao Consejo Nacional para la Enseñanza y la Investigación de las Ciencias de la Comunicación (Coneicc - México), à Societat Catalana de Comunicació (Barcelona, Espanha), à Société Française des Sciences de L'Information et de la Communication (SFSIC) e à Associação Portuguesa de Investigação em Ciências da Comunicação (Apcom). No campo internacional, acha-se integrada à International Communication Association (ICA) e à International Association for Media and Communication Research (IAMCR).

As ações decorrentes de todo o trabalho de cooperação internacional são expressas por meio do intercâmbio de publicações, pelo convite a conferên-

cistas de diferentes países para seus congressos anuais, pela presença dos pesquisadores brasileiros nos fóruns regionais e mundiais de comunicação, pela realização de colóquios binacionais e de encontros internacionais e, sobretudo, pelos convênios já celebrados com associações similares de países como México, França, Espanha, Dinamarca e Portugal.

A filiação da Intercom à IAMCR, principal associação internacional de pesquisadores de Mídia e de Comunicação, deu-se em 1988. Desde então, ela vem participando de seus congressos bi-anuais, por meio de seus pesquisadores associados. Em 1992, em conjunto com a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, foi responsável pela organização da XVIII Conferência Científica da entidade, desta vez realizada no Brasil, no balneário paulista de Guarujá. Representantes da Intercom já fizeram ou ainda fazem parte de seu quadro diretivo e de seu conselho internacional.

No que se refere à ALAIC, a Intercom desempenhou um papel ativo nos trabalhos de sua reconstituição, em 1989. Depois disso, um de seus membros esteve na presidência e outro ainda está na vice-presidência da entidade, que realizou um de seus congressos no Brasil, em 1992, com o apoio da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Outra iniciativa da Intercom é abrir espaço para ela em seu Encontro Iberoamericano de Pesquisa em Comunicação (Ibercom), que já teve quatro edições: a primeira, em São Paulo (1986), em parceria com a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo; a segunda, em Florianópolis (1989), com a Universidade Federal de Santa Catarina; a terceira, na Espanha (1993), com a Universidad Autónoma de Barcelona e a Societat Catalana de Comunicació. O IV Ibercom está programado como evento paralelo do Intercom 97.

## ***2.2. Acordos bilaterais de pesquisa***

Quanto aos convênios com entidades similares no Exterior, como o CONEICC (México), a SFSIC (França), a Societat Catalana de Comunicació (Espanha), a Universidade de Copenhague (Dinamarca) e a Apecom (Portugal), a Intercom tem avançado muito nos últimos anos. Trata-se de uma frente de atuação que encerra perspectivas bastante otimistas na conjuntura de uma sociedade globalizada, com vistas a novos acordos com outros países. Esses convênios têm viabilizado, até agora, uma série de ações conjuntas.

A primeira entidade com que a Intercom veio a celebrar um acordo formal de cooperação, em 1988, foi o Consejo Nacional para la Enseñanza y la Investigación de las Ciencias de la Comunicación (Coneicc), do México. Numa experiência singular, as duas entidades assumiram a tarefa de realizar um estudo comparativo dos sistemas de Comunicação Social nos respectivos países,

envolvendo dez pesquisadores de cada lado para investigar os seguintes subsistemas: Rádio; Televisão; Cinema; Imprensa; Políticas de Comunicação; Novas Tecnologias; Pesquisa em Comunicação; Ensino da Comunicação; Culturas Populares; Comunicação Emergente e Alternativa. Esse trabalho já trouxe como resultados um livro sobre Rádio e outro sobre Televisão, editados nos dois países, e mais dois outros, sobre Pesquisa em Comunicação e sobre Novas Tecnologias, por ora publicados somente no México. Vários dos subsistemas estudados foram abordados em artigos. Além disso, já se realizaram três colóquios binacionais: em São Paulo (1988); em Guadalajara (1990); e novamente em São Paulo (1992).

O acordo entre a Intercom e a Société Française des Sciences de l'Information et de la Communication (SFSIC) também foi firmado em 1988. Na década atual, fomentou-se um intercâmbio permanente entre pesquisadores dos dois países, por meio de visitas recíprocas e de quatro colóquios binacionais, nos quais se debateram temas contemporâneos da Comunicação e se apresentaram resultados de pesquisas brasileiras e francesas nessa área. O primeiro colóquio aconteceu em São Paulo (1992), com o apoio do Curso de Pós-Graduação em Comunicação do Instituto Metodista de Ensino Superior; o segundo, em Paris (1993); o terceiro, em Aracaju (1995), numa promoção conjunta com a Universidade Federal de Sergipe; e o quarto, em Grenoble (1996). Além disso, acha-se em vias de publicação um Manual Transatlântico de Comunicação.

O trabalho cooperativo entre a Intercom e a Espanha, já viabilizado há mais tempo, mediante o intercâmbio de professores das universidades brasileiras e espanholas, tomou corpo a partir de 1992, graças ao convênio assinado com a Societat Catalana de Comunicació, de Barcelona. Este acordo prevê, além de outras atividades, a participação de representantes de ambas as entidades nos respectivos congressos anuais. Em 1996, como um evento paralelo do Intercom 96, em Londrina, realizou-se o I Colóquio Brasil-Espanha de Ciências da Comunicação. O segundo colóquio terá lugar na Universidade de Santiago de Compostela, em data a ser confirmada.

Com a Universidade de Copenhagen, os passos iniciais de um acordo de cooperação também foram dados em 1996, em Londrina, com o I Colóquio Brasil-Dinamarca de Ciências da Comunicação, em que se apresentaram tópicos básicos do estado da pesquisa nessa área, nos dois países.

A iniciativa mais recente nessa frente de atuação aconteceu em abril do corrente ano, com a realização do I Encontro Lusófono de Ciências da Comunicação, em Lisboa, do qual um grupo de membros da Intercom participou ativamente, mediante palestras. Na ocasião foi criada a Associação Portuguesa de Investigação em Ciências da Comunicação (Apcom), que, a partir de agora, fará todo o trabalho de articulação com os pesquisadores de Comunicação dos

diversos países onde se fala nosso idioma. A Intercom será sua parceira na viabilização de futuros colóquios e de pesquisas conjuntas. O II Encontro Lusófono de Ciências da Comunicação, em 1998, terá lugar em Aracaju e será promovido conjuntamente pela Intercom, a Apcom e a Universidade Federal do Sergipe.

Esta é uma visão bem panorâmica, em poucas pinceladas, do que a Intercom tem feito até agora para incrementar a cooperação de seus pesquisadores entre si e com o desenvolvimento da sociedade brasileira, assim como com as universidades e organizações científicas do País e do Exterior. As experiências demonstram que investigar os variadíssimos aspectos do amplo espectro da Comunicação e, mais do que isso, socializar democraticamente os resultados da produção científica é uma missão sobremaneira meritória e benéfica, que merece ser assumida com responsabilidade e empenho crescente por todos os envolvidos. São os dirigentes, os membros dos grupos de trabalhos e os pesquisadores associados que, lado a lado com o grande número de parceiros, fazem a Intercom acontecer.

## A Intercom e as Ciências da Comunicação no Brasil

*Maria Immacolata Vassallo de Lopes*

*Presidente da Intercom no biênio 1995-1997\**

### 1. Introdução.

A Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Intercom foi fundada em São Paulo no dia 12 de dezembro de 1977. Desde então vem organizando a comunidade brasileira de pesquisadores da comunicação mediante inúmeras atividades, que podem ser sintetizadas em três eixos principais de ação: promoção de eventos científicos (congressos anuais, seminários, simpósios, colóquios, grupos de trabalho); publicações (revista, livros, newsletter, bibliografia); e registro bibliográfico da produção científica brasileira de Comunicação. A síntese de todas as ações da entidade concretiza-se, sem dúvida, no espaço de seu congresso anual.

As reuniões anuais da Intercom nasceram sob a forma de ciclos de estudos em 1978 e adotaram a estrutura do congresso em 1986. Nas temáticas eleitas para debates reside a principal fonte de identificação do papel desempenhado pela entidade. Têm sido sempre temas contemporâneos aos desafios colocados pela realidade dos fenômenos da comunicação e pela sua pesquisa (Faro, 1992).

Neste vigésimo ano de fundação, o tema central do XX Congresso, "20 anos de Ciências da Comunicação no Brasil", propicia a oportunidade de refletir sobre o papel da Intercom no processo de institucionalização da comunicação como campo de estudo no Brasil. Vale dizer, sobre sua atuação nesse campo enquanto entidade que organiza uma comunidade científica, formando parte do quadro que se convencionou chamar de condições de produção de (uma) ciência.

### 2. As condições de produção da pesquisa de comunicação no Brasil

---

\* Foi em sua gestão que se realizou o XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, de 29 de agosto a 7 de setembro de 1997. Este artigo foi escrito na ocasião.



O extraordinário impulso dos estudos da comunicação nos anos oitenta faz destes os anos do “grande despertar” para a pesquisa em Comunicação, pois revela a tomada de consciência da necessidade de se refletir sobre o que se estava e como se estava pesquisando. Este dado no Brasil refletia uma situação que era semelhante em outros países da América Latina, conforme foi apontado por Martín-Barbero (1980) e Ramiro Beltrán (1981).

Partia-se, no início da década, numa conjuntura de transição política, marcada pela “distensão” do regime militar, para o reconhecimento do caráter dependente da teoria e da pesquisa em comunicação; passava-se a criticar a dicotomização estéril – teorismo x pragmatismo –, indicando-se a descontextualização das problemáticas e abordagens em ambas as tendências; apontava-se para a insuficiência da crítica epistemológica aos paradigmas científicos, principalmente ao funcionalismo, mas também certas teorias como a da Escola de Frankfurt e aos esquemas estruturalistas da semiologia. Propunha-se então como alvos básicos a busca de alternativas teóricas e metodológicas e a priorização de certos temas de estudos, como as novas tecnologias de comunicação, as políticas de comunicação e as formas populares de comunicação.

Já a entrada na década de 1990 dá-se sob o signo do malogro do socialismo real dos países do leste europeu e o avanço do capitalismo neoliberal. O processo de globalização e a revolução da informática fornecerão as balizas materiais aos estudos de comunicação, enquanto “a crise dos paradigmas” levará a mudanças nas visões teóricas pela incorporação dos trabalhos de autores pós-modernos (Lyotard, Baudrillard, Sfez, Virilio, Maffesoli etc.).

Para a comunidade brasileira de pesquisadores da comunicação, é particularmente intenso o desafio colocado pelo confronto entre os novos processos universalistas da globalização e as tradicionais referências da questão nacional e das classes sociais, entre a visão do mundo teoricamente desenraizada e o ato de pensar que se integra ao movimento concreto das coisas. A centralidade que hoje toma a comunicação faz do seu campo de estudo uma arena fértil para onde conflui o debate sobre o “espírito do tempo”. O desafio que se coloca é saber trabalhar, dentro de uma enorme variedade de incitações, com aquelas que levem ao fortalecimento do campo de comunicação e não à sua diluição. E isso exige um trabalho conseqüente e inovador, teoricamente imbricado nas contradições e nos impasses provocados pela modernidade em países de profundas desigualdades como o nosso.

Esta preocupação prende-se à visão histórica que temos da comunicação como campo científico em autonomização (Bourdieu, 1976, 1982), dentro do campo maior das Ciências Sociais e Humanas, ao mesmo tempo que se afirma como objeto interdisciplinar.

### 3. As condições institucionais da pesquisa de comunicação no Brasil: o papel da Intercom na organização dos debates da comunidade científica

As condições institucionais de produção científica são um conjunto de fatores que incidem na realidade mais próxima à prática da pesquisa. Aqui, trata-se de fatores que vão desde o nível macrossocial da questão da dependência científica e das relações entre Ciência, Sociedade e Estado no Brasil, passam pelas formas de inserção da pesquisa na Universidade e incidem nos níveis de organização da comunidade científica. É sobre estas últimas que nos deteremos.

### 4. A organização dos debates sobre a pesquisa no Brasil

A rigor, a organização dos pesquisadores brasileiro em âmbito nacional só ocorreu a partir de 1977, com a criação da Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

Antes, em 1972, a Abepec - Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa de Comunicação se constituiu no primeiro foro de encontros e debates sobre a realidade do ensino de comunicação e os estudos brasileiros começavam a se desenvolver.

Inicialmente, como já foi dito, as reuniões anuais da Intercom ocorreram em forma de ciclos de estudos interdisciplinares e posteriormente, a partir de 1986, com a estrutura de congresso, congregando o debate das questões emergentes da comunicação numa perspectiva interdisciplinar. Nesse espaço, a pesquisa de comunicação foi objetivo de discussão sistemática em várias oportunidades.

Não cabem dúvidas de que o marco inicial dos esforços de reflexão sistemática sobre a pesquisa em comunicação no Brasil foi o V Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Intercom, em 1982, com o tema "Impasses e desafios da pesquisa em comunicação" (Melo, 1983a e 1983b), dedicado à revisão e análise crítica da produção realizada no Brasil nas décadas de 1960 e 1970. No dizer de Marques de Melo (1983a, p. 12), *"pela primeira vez no Brasil pesquisadores da imprensa, do cinema, do rádio, das novas tecnologias da comunicação, se encontraram para confrontar os resultados das suas pesquisas e dialogar sobre as metodologias que empregam. Estudiosos da indústria cultural e analistas da cultura popular, especialistas em semiologia e ciências sociais, pesquisadores que atuam nas empresas de comunicação e universitários engajados nos movimentos populares, enfim, todos, se uniram para reunir esforços e melhor delinear o espaço que cabe à comunicação nessa conjuntura de revitalização da ciência brasileira"*. O volume de

trabalho sobre pesquisa nessa reunião foi o maior até hoje apresentado em um único evento e também dos mais significativos, pois conseguiu traçar as tendências gerais nas grandes áreas e nas principais temáticas da pesquisa em comunicação.

A próxima reunião específica sobre a pesquisa dentro da Intercom ocorreu quando do décimo aniversário da instituição, em 1981, mediante o simpósio "A pesquisa de comunicação nos anos oitenta e a contribuição da Intercom". Aí realizou-se um grande painel sobre a investigação acadêmica desenvolvida nos cinco cursos de mestrado e doutorado em comunicação existentes no Brasil (Kunsch, 1988).

O passo seguinte deu-se em 1987, quando se inaugurou dentro dos congressos anuais da Intercom o Simpósio de Metodologia da Pesquisa em Comunicação. O objetivo desse simpósio era a discussão de questões metodológicas específicas e de estratégias concretas de pesquisa como a da recepção de telenovelas, do discurso jornalístico, da pesquisa de ação social, da memória popular de uma comunidade etc. A proposta de aprofundar as problemáticas internas à prática da pesquisa serviu para o avanço da reflexão sobre pluralidade metodológica, ou do pluralismo metodológico na pesquisa de comunicação.

A partir de 1991 foram instalados os grupos de trabalho da Intercom, que se constituíram num marco de renovação dos congressos anuais. Os GTs da Intercom, hoje em número expressivo de 27, reúnem pesquisadores em torno de uma mesma temática e que, por meio de diferentes aspectos e abordagens teórico-metodológicas, se propõem fazer avançar o trabalho interdisciplinar do campo no Brasil. São fundamentalmente dois os seus objetivos: fortalecer as áreas de conhecimento que integram o campo da comunicação e estimular o diálogo interdisciplinar com outros campos do conhecimento.

## **5. A internacionalização dos debates sobre a pesquisa: colóquios e projetos**

A atuação da Intercom no processo de institucionalização do campo dos estudos de comunicação do Brasil não estaria completa sem a recuperação de seu percurso na comunidade internacional das Ciências da Comunicação.

Sua inserção como sociedade científica brasileira dentro das associações internacionais é bastante antiga, achando-se ela hoje legitimada tanto no âmbito internacional da IAMCR (Internacional Association for Media and Communication Research), entidade internacional que consagra sociedades nacionais e pesquisadores da comunicação, quanto no âmbito latino-americano da ALAIC (Asociación Latino-americana de Investigadores de la Comunicación). Dentro do

primeiro, ela organizou em 1992, na cidade do Guarujá (SP), a XVIII IAMCR Scientific Conference (Melo, 1992). Além disso, tem mantido fortes laços com diversas associações nacionais similares, tanto de países latino-americanos como de países europeus.

A primeira reunião internacional a debater os problemas da investigação deu-se no IX Congresso da Intercom, em 1986, por meio do I Encontro Ibero-americano de Pesquisadores da Comunicação, que reuniu cerca de oitenta pesquisadores brasileiros e hispano-americanos para debater as temáticas hegemônicas e emergentes da pesquisa, as condições de trabalho dos pesquisadores e as possibilidades da cooperação internacional. Pela primeira vez no Brasil constituiu-se um foro de debates em que se analisaram problemas comuns à pesquisa latino-americana na segunda metade dos anos oitenta e foram diagnosticadas e propostas ações cooperativas. As intervenções se dirigiram no sentido de voltar a pesquisa para problemáticas estratégicas, superando a falta de perspectivas históricas, para a necessidade de atender às demandas teóricas e não apenas do saber prático. Tocou-se, mas ainda de modo genérico, na necessidade de passar da interdisciplinaridade teórica para a prática da interdisciplinaridade na pesquisa (Lopes, 1986).

O II Encontro Ibero-Americano de Pesquisadores da Comunicação, ocorrido durante o XII Congresso da Intercom, em 1989, retomou o debate, ampliando-o para um balanço da pesquisa latino-americana na década de 1980, quanto às questões teóricas e metodológicas dessa pesquisa. Por um lado, apontou-se para o avanço dos estudos em torno de temas engajados nas realidades nacionais, como as políticas de comunicação, a indústria cultural e as culturas populares e o uso social dos meios. Porém, as críticas maiores residiram na timidez do trabalho metodológico criativo e pluralista, levantando-se novas questões relativas à pedagogia da pesquisa crítica e à formação do pesquisador. Isto equivale à necessidade de aprofundar a reflexão sobre as funções da pesquisa tanto no nível de graduação quanto de pós-graduação dos cursos de comunicação.

O III Encontro Ibero-Americano de Pesquisadores da Comunicação aconteceu em 1993, em Barcelona, na Espanha, inaugurando a forma de copromoção, pela Intercom, de reuniões internacionais, neste caso, com a Universidade Autônoma de Barcelona. O debate sobre o estado da investigação na Europa Ibérica e na América Latina, diante dos desafios da nova década, produziu o início de importante intercâmbio de experiências e conhecimentos entre pesquisadores da Espanha, de Portugal e da América Latina (Actes, 1994) e constituiu-se em ponto de partida para colaborações futuras mais aprofundadas e que emergirão sob forma de projetos e colóquios binacionais.

A mais recente forma de atuação internacional da Intercom tem sido a de promover encontros bilaterais de pesquisadores para a troca de experiências de

pesquisa e que, a partir desses contatos, evoluíram para a realização de projetos integrados entre os pesquisadores participantes desses encontros. Assim foi o caso do Colóquio Brasil-México de Pesquisa da Comunicação (1988 a 1992), com quatro encontros anuais realizados no Brasil e no México, por meio dos quais foi formulado e executado o projeto de pesquisa “Estudo comparativo dos sistemas de comunicação no Brasil e no México”.

Em seguida, a partir de 1991, encontros entre pesquisadores brasileiros e franceses aconteceram por meio do Colóquio Brasil-França de Pesquisadores da Comunicação, em associação com a SFSIC (Société Française des Sciences de l’Information et de la Communication), tendo sido realizados até o momento quatro reuniões dentro dos congressos das duas entidades. Delas resultaram vários projetos de pesquisa conjuntos, notadamente nas áreas de políticas de comunicação e de economia política das telecomunicações, envolvendo os membros de GTs da Intercom (Bolaño, 1996).

Em 1990, a Intercom realizou o I Colóquio Brasil-Dinamarca de Ciências da Comunicação, visando aproximar pesquisadores desses dois países em torno de temas fortemente por eles investigados, como é o caso dos estudos de recepção, de comunicação e educação, e de novas tecnologias. (Lopes, 1997).

Nesse mesmo ano de 96, também teve início o mesmo processo com a Península Ibérica. O I Colóquio Brasil-Espanha de Ciências da Comunicação teve por tema o estado da arte dos estudos de Comunicação dos dois países. E, neste ano de 1997, a Intercom realizará em conjunto com a Universidade Lusófona de Lisboa o I Colóquio Brasil-Portugal de Ciências da Comunicação, em Lisboa, sobre os temas: políticas de comunicação, comunicação institucional, sociedade da informação e comunicação e cultura.

Finalmente, dentro deste XX Congresso, acontecerá o I Colóquio Brasil-Itália de Ciências da Comunicação, que terá como tema o estado da arte nos dois países nos temas de: comunicação e cultura, ficção televisiva, comunicação política e estudos de recepção.

Indubitavelmente, as conseqüências desse grande empreendimento internacional são de valor incalculável e já se fazem notar nos diversos planos da institucionalização da população científica brasileira de comunicação, ressaltando-se aqui a ampliação dos circuitos internacionais de divulgação e circulação dessa produção.

## **6. Os Grupos de Trabalho da Intercom**

Os Grupos de Trabalhos (GTs) da Intercom foram idealizados por esta autora em 1990, durante a gestão de Manuel Chaparro como presidente da enti-

dade, e oficialmente instalados no XIV Congresso, realizado em 1991, em Porto Alegre (RS). Tal cuidado com a remessa histórica de seu nascimento se deve ao fato de os GTs terem se constituído num marco a partir do qual se operou uma profunda transformação que atingiu não só a estrutura e o funcionamento dos congressos anuais da Intercom, como a própria vida da entidade e, por que não dizer, a própria dinâmica da produção científica da comunidade brasileira de Ciências da Comunicação.

Os processos de renovação trazidos pelos GTs deu-se no sentido de impulsionar o crescimento da produção de trabalhos científicos e principalmente no de fortalecer áreas e temas de pesquisa, na medida em que promoveu a reunião sistemática de pesquisadores em torno dessas áreas e temas. Além de a comunicação entre os pares e a circulação de seus trabalhos ter crescido enormemente, o que se verificou foi a facilidade com que a figura dos GTs se institucionalizou, tal a necessidade de catalisação que vieram preencher.

Quanto à estrutura do congresso anual da Intercom, os GTs se tornaram o seu núcleo mais ativo, expandindo-se a cada ano: dos quinze iniciais de 1991 passaram para 27 neste ano de 1997 e há normas regimentais aprovadas, a fim de estimular e orientar as suas atividades. Eles alcançaram tal importância que é possível identificar nessa situação permanente da Intercom um dos fatores de consolidação da entidade e a entrada na fase de sua maioridade.

Os GTs foram criados com a finalidade de reunir pesquisadores em torno de um mesmo objeto de estudo do campo de comunicação, e que, por meio de diferentes aspectos e abordagens teórico-metodológicas, se propõem fazer avançar o trabalho interdisciplinar do campo no Brasil. São fundamentalmente dois os seus objetivos: 1) fortalecer as áreas de conhecimento específicas que integram o campo da comunicação e 2) estimular o diálogo interdisciplinar com outros campos do conhecimento.

A temática de cada GT expressa-se no seu título e sempre caracteriza uma linha de pesquisa, especialidade ou tema de estudo definido, no campo da comunicação. Sua composição visa atender à exigência de caráter interregional e interdisciplinar, uma vez que cada GT procura garantir a participação de pesquisadores de, pelo menos, três instituições diferentes, de duas regiões do País e de três áreas disciplinares distintas.

Em função de seus objetivos, os GTs estão distribuídos em dois núcleos:

I. GTs Monotemáticos, que recobrem as grandes áreas de estudo da comunicação: 1) Teoria da Comunicação, 2) Semiótica, 3) Cinema e Vídeo, 4) Rádio, 5) Televisão, 6) Produção Editorial, 7) Jornalismo, 8) Propaganda, 9) Relações Públicas, 10) Ensino de Comunicação;

II. GTs Multidisciplinares, destinados às temáticas de estudo mais marcantes no campo de comunicação: 11) Gêneros de Cultura de Massa, 12) Ficção

Televisiva Seriada, 13) Imaginário Infantil, 14) Comunicação Organizacional, 15) Comunicação e Relações do Gênero, 16) Comunicação e Cultura Popular, 17) Comunicação e Recepção, 18) Comunicação e Educação, 19) Comunicação e Ciência, 20) História e Comunicação, 21) Políticas de Comunicação, 22) Economia das Comunicações, 23) Humor e Quadrinhos, 24) Comunicação e Religiosidade, 25) Comunicação e Etnia, 26) Comunicação Rural, 27) Esporte e Mídia.

É de se notar que essa estrutura permite que cada pesquisador possa se integrar em um dos GTs Monotemáticos, que se reúnem em sessões matutinas durante o congresso, e em um dos GTs multidisciplinares, que têm sessões vespertinas.

De acordo com o espírito que norteia a formação dos GTs, entende-se que cada pesquisador deva ser uma participante permanente em todas as sessões de um GT, ao longo das quais ele terá o seu trabalho debatido, bem como poderá debater os trabalhos dos demais integrantes.

Anualmente se faz uma avaliação dos GTs pelos seus respectivos membros, pelo conjunto de coordenadores do GTs e pela diretoria da Intercom, de modo a assegurar tanto a continuidade e renovação do GT, bem como, e principalmente, a qualidade dos trabalhos e dos debates.

É preciso ressaltar que o extraordinário potencial dos GTs tem levado à autonomização de suas reuniões, que passam a acontecer também fora do espaço do congresso anual, na forma de seminários e colóquios em outros eventos, como o da SBPC, os Sipec's (simpósios regionais da Intercom) e outros, ligados à área de comunicação. Outro produto importante dos GTs tem sido a publicação dos textos apresentados em cada congresso anual, que aí circulam imediatamente na forma de disquete. Ainda, há a importante produção em forma de livro e que deu origem à *Coleção GTs da Intercom* que se encontra no momento em seu sexto número.

O que aqui se tentou apontar é que, nos esforços que o campo de estudo da comunicação no Brasil vem realizando no sentido de sua legitimação social e científica, a Intercom se destaca sobremaneira e assume, por meio dos seus GTs, um papel de vanguarda nesse processo.

## Portcom: a Intercom registrando a produção científica brasileira em comunicação\*

*Dinah Aguiar Población*  
Diretora de Documentação da Intercom  
nos biênios 1995-1997 e 1997-1999.

*Colaboração:*  
Paulo Jair Gutkovski, Viniça Mesquita Braga

### Antecedentes

A Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares - Intercom, fundada em 1977, após quatro anos de existência concretizou mais um de seus objetivos, que contribuiu para reforçar o importante papel que exerce na sociedade brasileira, criando, em 1981, o Centro de Documentação da Comunicação em Países de Língua Portuguesa - Portcom.

Desde 1982, esse centro vem cumprindo suas funções de coletar e processar a produção científica da área, colocando à disposição da comunidade acadêmica e profissional a informação referente à literatura gerada não só na universidade brasileira, mas também aquela publicada por editoras comerciais e universitárias.

Na perspectiva histórica de documentação da Intercom encontra-se o pioneirismo decorrente da dedicação de professores da área de comunicação. Dentre eles destacam-se José Marques de Melo, Anamaria Fadul, Ada de Freitas Maneti Dencker e Margarida Maria Krohling Kunsch, principalmente durante os respectivos períodos de gestão, como presidentes ou diretores da entidade, enviando esforços para difundir a produção brasileira por meio de bibliografias e de várias obras de referência que inventariaram as publicações impressas desde 1993.

Os alicerces da pesquisa em comunicação encontram-se fundamentados no "Inventário da Pesquisa em Comunicação no Brasil: 1883 a 1983". A partir desse embasamento é possível acompanhar o que vem sendo publicado em formato de livros, monografias, revistas, tese, dissertações e comunicações apresentadas em eventos, por meio de duas principais bibliografias:

---

\* Artigo escrito em 1997, no ensejo dos vinte anos da Intercom.



1. *Bibliografia Brasileira de Comunicação*, publicada 1977 (n. 1) a 1992 (n. 8, que trouxe a bibliografia correspondente ao período de 1984 a 1990).

2. *Bibliografia Corrente de Comunicação*, também publicada desde 1977, inicialmente como suplemento do *Boletim Intercom* e, a partir de 1984, como encarte da *Revista Brasileira de Comunicação*. Essa bibliografia, produzida nos primórdios pelo processo tradicional, encontra-se hoje informatizada, apresentando-se como subproduto da base de dados Portdata, do Portcom. O n. 20 da revista, de 1997, inclui o encarte impresso como *Bibliografia Corrente de Comunicação n. 68*.

Além dessas bibliografias gerais periódicas, também se elaboraram bibliografias sobre temas específicos, editadas na década de 1980. Destacam-se também monografias de autoria individual sobre produção científica em comunicação, como *Quem é quem* (referente ao período de 1982 a 1989) e *Fontes para o estudo da comunicação*, publicada em 1996.

### **Desafios das tecnologias emergentes**

Cumprindo o papel de incentivadora da pesquisa em comunicação, a Intercom não poderia deixar de acompanhar os avanços dos meios de comunicação. Assim, o Portcom compartilha os desafios das novas tecnologias e, na última década do século XX, desenvolve, a partir de 1990, a Base de Dados Brasileira para a Pesquisa e as Políticas de Comunicação - Portdata.

As novas concepções de informação, processos de comunicação e as exigências dos programas de globalização, fazem com que o Portcom, sediado na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), desenvolva um projeto cooperativo de informação e documentação, integrando profissionais e docentes das duas áreas (Comunicação e Documentação).

A diretora de Documentação da gestão 1989-1993, Prof<sup>a</sup> Regina Keiko F. Amaro, contou com a colaboração do Prof. Dr. Antonio García Gutiérrez, na época vinculado à Universidad Complutense de Madrid e coordenador da Ibercomnet, para estruturar e implantar o projeto da Portdata. O desenho desse projeto alicerçava-se na concepção de rede, interconectando núcleos distribuídos pelos vários estados brasileiros e adotando padrões que permitissem a participação na Rede Internacional de Centros de Documentação para Pesquisa, as Políticas e as Práticas de Comunicação - Comnet.

Os procedimentos adotados baseavam-se em tecnologia que exigia *hardware* compatível com os recursos de comunicação disponíveis na época, principalmente Renpac. Várias unidades da Universidade de São Paulo colaboraram para solucionar os problemas ligados aos meios de comunicação e avaliar as possibilidades de disponibilizar a Portdata na grande rede mundial, a Internet.

Ao mesmo tempo em que se desenvolvia a Portdata, sob a responsabilidade do Portcom, também estava sendo estruturada a Red Regional de los Centros de Información y Documentación de América Latina - Comnet-AL. Essas duas redes, como as demais redes nacionais e regionais, seguem a filosofia da International Network of Documentation Centers on Communication Research and Policies - Comnet, filiada à Unesco. A interação dos diferentes segmentos das redes nacional, regional e internacional ocorre em eventos realizados periodicamente.

No Brasil, o Portcom patrocinou as reuniões nacionais denominadas Endocom - Encontros de Documentação, tendo o último, V Endocom, sido realizado em Londrina (PR) em 1996. Em nível regional, a II Asamblea de los Centros de Documentación en Comunicaciones, reuniu em Bogotá os participantes da Comnet-AL, no ano de 1994, quando o Portcom foi eleito para coordená-la em âmbito latino-americano.

Ao completar vinte anos de existência, a Intercom elaborou o programa de comemoração refletindo o poder de uma sociedade científica que se impõe nas comunidades de profissionais e docentes da área de comunicação nacional e internacional. O volume da produção científica brasileira torna-se patente ao considerar que o Portcom vem registrando teses e dissertações defendidas nos vinte cursos de pós-graduação existentes no Brasil e as publicações editadas por 22 editoras comerciais e quatro editoras universitárias. A atualização é garantida pela incorporação na base Portdata das obras constantes do acervo da Biblioteca da Escola de comunicações e Artes com a qual mantém o convênio que a caracterizou como centro cooperante piloto. O esforço despendido pela Intercom para o desenvolvimento de projeto de alcance nacional e internacional tem permitido que o Portcom tenha sido apoiado pela Finep com recursos para aquisição de equipamentos que darão condições para que a Portdata coloque a produção científica brasileira à disposição da área não só por meio dos cd-roms que são editados pela Universidad de Colima mas também pelos processos eletrônicos que estão sendo disponibilizados na Escola de Comunicações e Artes.

Estes avanços alcançados pelo Portcom serão avaliados durante as comemorações dos vinte anos da Intercom, quando serão realizados durante o XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, o IV Comnet-AL e o VI Endocom, com a participação de representantes das culturas dos diversos países que compõem a rede: CIC - Centro Gumilla (Venezuela); Ciespal (Equador); ICD (Uruguai); ILCE (México); IPAL (Peru); Unión Latina (Peru); Universidad de Colima (México); Universidad Javeriana (Colômbia); e Hispacom - Universidad de Sevilla (Espanha). Para ampliar a rede, foram convidados os representantes de Argentina, Bolívia, Chile, Paraguai e Cuba, assim como do Cindoc - Centro de Información e Documentación Científica, do CSCIC - Consejo Supe-

rior de Investigaciones Científicas de Madrid. Os anais desses eventos estarão à disposição dos investigadores e docentes.

### III

---

*“Trata-se de uma comunidade multifacetada,  
que inclui desde os produtores de conhecimento  
sobre os processos midiáticos até os analistas de discursos  
e os pesquisadores de entornos e mediações culturais  
que marcam o perfil dos fenômenos da  
reprodução simbólica na sociedade.  
Daí o seu grande dilema na atualidade:  
configurar-se enquanto comunidade autônoma,  
com identidade própria.”*

*José Marques de Melo*



## A pesquisa em jornalismo no Brasil: trajetória e perspectivas\*

*José Marques de Melo*

*Diretor da Faculdade de Ciências da Comunicação e da Cultura e  
Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Comunicação Social  
da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp).*

### 1

A pesquisa sobre os fenômenos jornalísticos no Brasil remonta à segunda metade do século XIX. A preocupação inicial não está centrada nos processos noticiosos, porém nos seus meios de difusão, mais precisamente na tecnologia de impressão de livros, jornais e revista.

Embora estabelecida tardiamente em território brasileiro (mais de três séculos nos separam da inovação gutenberiana), a imprensa aqui se desenvolve a partir da chegada da Corte de D. João VI, em 1808. Na verdade, os seus primeiros momentos são tímidos, porque controlados pela censura real, destinando-se a reproduzir informações e documentos de governo.

As publicações que experimentam o sabor da liberdade surgem justamente no vazio jurídico instaurado em Portugal, quando as tropas napoleônicas são expulsas e os revolucionários do Porto derrubam a censura prévia. Os precursores da nossa Independência não hesitam em aplicar aquilo que contemporaneamente chamaríamos a “estratégia das brechas”, ou seja, editam jornais sem pedir licença às autoridades. (1)

Mas é sem dúvida durante o Segundo Reinado que a imprensa vive seu melhor período de liberdade, garantido pela sabedoria de Pedro II. Em meio a esse ambiente de conciliação das elites nacionais, os Institutos Históricos começam a resgatar precocemente a trajetória do nosso jornalismo. E despertam polêmicas que conquistariam os corações e mentes dos nossos intelectuais, ao enaltecer o “pioneirismo” dos holandeses na introdução da imprensa em terras

---

\* Texto apresentado na sessão especial do GT de Jornalismo, da Intercom, sobre “20 anos da Pesquisa em Jornalismo no Brasil”, durante o XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, de 1 a 7 de setembro de 1997.

brasileiras, contrastando com o “atraso” dos portugueses, que a proíbem e reprimem.

Persistia a tese de que a primeira impressora a operar no Brasil fora trazida por Nassau, da qual dava testemunho o folheto *Brasilche GeltSak*, datado de 1645 e publicado no Recife. Os historiadores pernambucanos deixaram de lado as especulações e foram buscar evidências empíricas.

## 2

As pesquisas se concentraram em arquivos brasileiros e holandeses, produzindo resultados que negariam a hipótese dominante. A iniciativa de Nassau não fora consumada, por razões fortuitas, e os impressos supostamente recifenses haviam sido reproduzidos em gráficas européias. Dão conta desses fatos, ensaios escritos pelos historiadores José Higino Duarte (1883) e Alfredo de Carvalho (1899). Depois desses estudos pioneiros sobre a implantação da tipografia, os historiadores tomam gosto e ajudam a reconstituir uma história da nossa imprensa. São motivados, a seguir, por efemérides nacionais, começando pelo duplo centenário: a criação da Imprensa Régia e o lançamento do nosso primeiro jornal independente, o *Correio Braziliense*, de Hipólito José da Costa.

Em 1908, Alfredo de Carvalho publica a monografia *Gênese e Progressos da Imprensa Periódica no Brasil*, suplementada por um alentado catálogo dos jornais e revistas que circularam nos últimos cem anos. Trata-se de uma fonte de referência fundamental, que orientaria os passos de outros historiadores. Dentre eles Max Fleiuss, autor de um dos primeiros *state of art* da pesquisa histórica sobre jornalismo, cujo texto aparece em 1922, durante as comemorações do centenário da Independência. (2)

Rigorosamente, tais estudos ainda não enfocam o jornalismo como objeto definido. Eles tratam da imprensa e dos seus produtos, mencionando marginalmente os processos socio-políticos que dão fisionomia peculiar à comunicação de atualidades.

## 3

Quem estabelece essa fronteira é o jovem Barbosa Lima Sobrinho, quando, em 1923, publica um livro que nasce clássico - *O problema da imprensa*. (3)

Valendo-se da experiência profissional como jornalista e da metodologia de análise aprendida no âmbito da ciência jurídica, sem deixar de recorrer também à

ciência histórica, ele desenha um perfil do desenvolvimento do jornalismo na sociedade industrial e dos impasses enfrentados no Brasil.

Seu “gancho” é o projeto de lei de imprensa do senador paulista Adolfo Gordo, tramitando no Congresso Nacional. Em torno desse “problema”, ele constrói uma análise multidisciplinar no fenômeno jornalístico na sociedade brasileira. Oferece parâmetros que se revelariam consistentes e lançaria as bases de uma nova disciplina acadêmica. O jornalismo deixava de ser simples “ofício”, reproduzindo-se pela legado transmitido no “batente” de geração a geração. Converte-se em “práxis”, ou melhor, em conhecimento socialmente utilitário, produto da observação sistemática e da reflexão crítica de produtores qualificados.

No entanto, a imprensa e o jornalismo continuariam a despertar o interesse dos pesquisadores das humanidades (história e direito), assim como daqueles pioneiros das ciências sociais no Brasil. Gilberto Freyre, por exemplo, recorre à imprensa para elaborar um retrato da sociedade patriarcal brasileira, buscando nos anúncios de jornais elementos suscetíveis de interpretação sociológica e antropológica. Seu livro de estréia – *Casa Grande & Senzala* (1933) – representa uma inovação metodológica, ao pesquisar em fontes heterodoxas. Ao mesmo tempo, abre picadas para os estudiosos do jornalismo, descortinando as metodologias comparativas. (4)

#### 4

Todas essas contribuições pioneiras encontrariam ambiente fértil nas nascentes escolas de jornalismo, incorporadas à universidade brasileira no final dos anos quarenta. Tanto em São Paulo (Cásper Líbero) quanto no Rio de Janeiro (UFRJ) se formariam grupos de estudiosos responsáveis pelas primeiras obras que analisam sistematicamente fenômenos do jornalismo contemporâneo. Pertencem a essa geração Carlos Rizzini, Danton Jobim, Pompeu de Souza, Celso Kelly, Marcelo de Ipanema, Freitas Nobre etc.

Fora do eixo Rio-São Paulo apareceria, uma década depois, corrente inovadora, cuja influência se ampliaria para todo o país. Trata-se da equipe aglutinada em torno de Luiz Beltrão, fundador do Instituto de Ciências da Informação da Universidade Católica de Pernambuco e da revista *Comunicações & Problemas*, primeiro periódico acadêmico nacional dedicado às ciências da comunicação.

Do Recife, Beltrão transfere-se para a Universidade de Brasília, onde dirige a Faculdade de Comunicação idealizada por Pompeu de Souza, criando o primeiro núcleo regular de pesquisa em comunicação. As teses de doutorado e mestrado ali defendidas precocemente no final dos anos sessenta constituem os primei-



ros produtos de uma pesquisa do jornalismo em processo de legitimação acadêmica. (5)

Quase ao mesmo tempo, dois outros movimentos fortalecem a pesquisa do jornalismo, quer nas empresas, quer nas universidades.

De um lado, o *Jornal do Brasil* cria uma publicação especializada — *Cadernos de Jornalismo* —, dirigida por Alberto Dines, cuja importância reside na divulgação de pesquisas jornalísticas feitas nos Estados Unidos e na Europa, além de estimular a reflexão crítica dos jornalistas da própria empresa, que sistematizam suas experiências e as submetem ao crivo da comunidade profissional. O modelo JB de jornalismo se reproduz em todo o país, disseminado pela referida revista, lida e discutida nas redações dos jornais regionais e também pelos jovens que estudam jornalismo na universidade.

## 5

De outro lado, a Universidade de São Paulo cria na sua Escola de Comunicações e Artes o primeiro Departamento de Jornalismo a ter uma equipe de docentes contratados em tempo integral. Desta maneira, podem se dedicar regularmente aos estudos bibliográficos, à pesquisa empírica e à experimentação em laboratórios.

Emerge então o primeiro grupo de doutores em jornalismo do País, formando equipes de pesquisa e pós-graduação, que formariam a primeira geração de professores titulados na própria disciplina. Hoje eles se espalham por quase todas as universidades brasileiras e dão continuidade a estudos cujos paradigmas se originaram na USP. Durante os anos setenta e oitenta, os principais cursos de jornalismo do Brasil tomariam o padrão USP como fonte de referência pedagógica e científica. (6)

Só nos anos noventa surgem espaços alternativos que disputam a hegemonia uspiana. (7)

Destacam-se a Famecos-PUC, em Porto Alegre, hoje considerada a melhor escola de jornalismo do País, plenamente sintonizada com as demandas do mercado, e a UFSC, em Florianópolis, que pretende ser um núcleo de vanguarda, mais afinado com as teses do corporativismo sindical.

Na PUC/MG, ressurgiu com força a escola que nasceu, nos anos setenta, com um perfil inovador, cultivando o jornalismo comunitário. Hoje, ela se aproxima criticamente do jornalismo industrial, experimentando formas de expressão que valorizam os atores da sociedade civil, mas dialogam com as lideranças do empresariado e do governo.

Perfil semelhante pode ser atribuído à Unisantos, em São Paulo, que combina os procedimentos hegemônicos no mercado com as metodologias peculiares aos movimentos sociais protagonizados nas periferias urbanas.

O caso da Unicamp é singular. Cria-se ali um Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, cuja meta é diagnosticar os fenômenos informativos, formando jornalistas pós-graduados. (8)

## 6

Por sua vez, a Umesp, em São Bernardo do Campo, desenvolve a partir de 1994 uma linha de pesquisa sobre a estrutura da indústria da comunicação, privilegiando as empresas informativas, os jornalistas e os pesquisadores do jornalismo. Sua ênfase está no resgate da memória institucional e nas histórias de vida dos seus protagonistas.

Mas não se pode deixar de considerar as transformações experimentadas pela própria USP, cujo Departamento de Jornalismo continua a ser o principal foco dos estudos e reflexões brasileiras sobre a comunicação de atualidades, sobretudo a partir dos seus programas de mestrado e doutorado, responsáveis pela formação de um contingente significativo dos professores dos cursos de jornalismo que atuam universidades de todo o país. (9)

Essa pluralidade de linhas de pesquisa e de opções didático-pedagógicas converte a pesquisa brasileira sobre Jornalismo em atividade promissora, completando a sua legitimação acadêmica e o seu reconhecimento pelas corporações empresarial e sindical. O lugar onde vem se dando essa convergência é a reunião anual da Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (10) - cujo GT de Jornalismo acolhe os mais importantes estudos e pesquisas em desenvolvimento nas universidades. (11)

Ao completar vinte anos de existência, a Intercom se propõe inventariar a produção científica em cada uma das disciplinas que integram o seu universo acadêmico. O debate, que se dá, agora, em Santos, oferece-nos a oportunidade para avaliar o grau de maturidade conquistado pela pesquisa dos fenômenos jornalísticos, seja em plano nacional, seja nos entornos europeu e americano, que constituem a moldura do quadro a ser desenhado na presente sessão.

### Fontes citadas

- (1) MARQUES DE MELO, José. *Sociologia da imprensa brasileira*. Petrópolis, Vozes, 1973.

- (2) MARQUES DE MELO, José (org.). *Inventário da pesquisa em comunicação no Brasil: 1883-1983*. São Paulo, Intercom, 1984.
- (3) BARBOSA LIMA SOBRINHO. *O problema da imprensa*. 2ª. Ed. São Paulo, Edusp, 1988.
- (4) MARQUES DE MELO, José. *Estudos de jornalismo comparado*. São Paulo, Pioneira, 1972.
- (5) MARQUES DE MELO, José. *Contribuições para uma pedagogia da comunicação*. São Paulo, Paulinas, 1974.
- (6) MARQUES DE MELO, José. *Comunicação e modernidade: o ensino e a pesquisa nas escolas de comunicação*. São Paulo, Loyola, 1991.
- (7) MARQUES DE MELO, José. *Fontes para o estudo da comunicação*. São Paulo, Intercom, 1995.
- (8) MARQUES DE MELO, José. Estudos avançados em jornalismo: estratégias da Unicamp. *Rua - Revista do Nudetri*. Campinas, Unicamp, Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade, 1997, n. 3, p. 155-166.
- (9) MARQUES DE MELO, José. *Ensino de jornalismo na América Latina: singularidades do modelo brasileiro*. Paper apresentado ao I Congresso Latinoamericano de Periodismo. Panamá, Celap, 1997.
- (10) FARO, J. S. *A universidade fora de si: a Intercom e a organização estudos de comunicação no Brasil*. São Paulo, Intercom/ALAIC, 1992.
- (11) MARQUES DE MELO, José. 'Transformações do jornalismo brasileiro: ética e técnica'. São Paulo, Intercom, 1994.

### Fontes complementares

- ANUÁRIO BRASILEIRO DA PESQUISA EM JORNALISMO, 1 e 2. São Paulo, ECA-USP, 1992/1993.
- DINES, Alberto, MARQUES DE MELO, José e VOGT, Carlos. *A imprensa em questão*. Campinas, Editora da Unicamp, 1997.
- GENRO, Adelmo. *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre, Edições Tchê, 1987.
- GOLDSTEIN, Gisela Taschner. A pesquisa sobre jornalismo impresso. In: MARQUES DE MELO, José (org.). *Pesquisa em Comunicação no Brasil: tendências e perspectivas*. São Paulo, Cortez/Intercom, 1983, p. 15-20.
- GOMES, Pedro Gilberto. Referencial teórico: jornalismo, jornalismo popular, jornalismo católico. In: *O jornalismo alternativo no projeto popular*. São Paulo, Paulinas, 1990, p. 21-99.
- LOPES, Dirceu Fernandes e outros. *A evolução do jornalismo em São Paulo*. São Paulo, Edicon/ECA-USP, 1996.

- MARQUES DE MELO, José e GALVÃO, Waldimas (orgs.). *Jornalismo no Brasil contemporâneo*. São Paulo, ECA-USP, 1984.
- MEDITSCH, Eduardo. *O conhecimento do jornalismo*. Florianópolis, Editora da UFSC, 1992.
- RUBIM, Antonio Albino Canelas. A pesquisa sobre imprensa proletária. In: MARQUES DE MELO, José (org.). *Pesquisa em comunicação no Brasil: tendências e perspectivas*, São Paulo, Cortez/Intercom, 1983, p. 47-60.
- TRAVANCAS, Isabel. Os habitantes das redações. In: *O mundo dos jornalistas*. São Paulo, Summus, 1992, p. 17-35.



## A pesquisa em jornalismo no Brasil: contribuições da Intercom\*

*Paulo Roberto Botão*

*Professor da Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep) e  
coordenador do GT de Jornalismo, da Intercom.*

### 1. Trajetória recente da pesquisa em jornalismo no Brasil

Este trabalho tem como objetivo apresentar algumas contribuições para a realização de um balanço da pesquisa em comunicação no Brasil nos últimos vinte anos. O enfoque principal é a contribuição que a Intercom tem dado, ao longo destes anos, para o desenvolvimento deste campo de pesquisa, sobretudo a partir da criação do GT de Jornalismo, em 1992.

O último balanço formal sobre a trajetória da pesquisa em jornalismo no Brasil foi realizado em 1982, durante o V Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, promovido pela Intercom na cidade de São Paulo. Fundada cinco anos antes, a entidade já sentia uma mudança significativa no quadro da pesquisa em comunicação no Brasil, antevendo a década de 1980 como o momento de legitimação acadêmica das investigações nesta área.

A responsabilidade pelo inventário da pesquisa em jornalismo, tomando-se como base as décadas de 1960 e 1970, coube à pesquisadora Gisela Taschener Goldstein<sup>1</sup> que em seu texto revelava a presença de três linhas básicas de trabalho em desenvolvimento: a primeira marcada por uma preocupação didática; a segunda, pela preocupação histórica e historiográfica e, a terceira, pelos chamados “estudos mais específicos, geralmente acadêmicos e monográficos”.<sup>2</sup> Em sua opinião, esta é justamente a tendência mais importante, que poderia contribuir para o desenvolvimento de metodologias adequadas à realidade brasileira.

---

\* Trabalho apresentado na sessão especial do GT de Jornalismo, sobre “20 anos da Pesquisa em Jornalismo no Brasil”, durante o XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, de 1 a 7 de setembro de 1997.

<sup>1</sup>GOLDSTEIN, Gisela T. A pesquisa sobre jornalismo impresso. Em MARQUES DE MELO, José (org). *Pesquisa em comunicação no Brasil: tendências e Perspectivas*. São Paulo: Cortez/CNPq/Intercom, 1983.

<sup>2</sup>GOLDSTEIN, Gisela T. *Ob.cit.*, p. 18.

Gisela também aponta o que acreditava ser a principal dificuldade naquele momento: a questão dos métodos de análise. Havia, segundo a pesquisadora, uma grande dificuldade no relacionamento com o objeto, com os diferentes autores construindo propostas alternativas a cada trabalho realizado. "Se de um lado esses fatos podem parecer exemplos da decantada criatividade brasileira, de outro lado evidenciam a falta de acordo sobre o que seria um esquema adequado e eficiente para a análise de mensagens".<sup>3</sup>

A avaliação realizada e os estímulos oferecidos a partir do trabalho da Intercom, foram decisivos para a mudança deste quadro e, efetivamente, a década de 1980 assistiu ao desenvolvimento da pesquisa na área de jornalismo, tanto em termos teóricos como metodológicos, com a multiplicação dos estudos, tanto qualitativamente quanto quantitativamente. Acompanhando o que ocorreu também em outras sub-áreas da comunicação social, os pesquisadores brasileiros foram aos poucos consolidando um núcleo preocupado com o jornalismo.

Foram determinantes para este desenvolvimento a realização dos encontros anuais da Intercom, onde mesmo antes da implantação do GT de Jornalismo, sempre foram apresentados *papers* tendo como centro este objeto de estudo. Isto contribuiu para a definição de linhas próprias de pesquisa em jornalismo, metodologias mais adequadas e eficientes e o que é mais importante: o encerramento daquele ciclo onde cada pesquisador era sempre obrigado a partir da estaca zero, devido à falta de socialização do conhecimento produzido.

O desenvolvimento dos cursos de graduação e pós-graduação em diversos pontos do País também foi importante neste processo, pois junto com o ensino, a pesquisa acabava sempre aparecendo entre as preocupações de docentes e discentes, sobretudo considerando-se um ambiente externo extremamente mutável e carente de interpretações mais atualizadas.

Ao fazer uma análise da pesquisa na graduação, a pesquisadora Maria Immacolata Vassallo de Lopes<sup>4</sup> reflete sobre a introdução da prática de pesquisa nos cursos de graduação em comunicação social, chamando a atenção para a sua importância, mas alertando também para alguns cuidados indispensáveis. Immacolata observa que a pesquisa na graduação tem o seu enfoque na produção, sendo importante fator de renovação das práticas profissionais, mas o seu desenvolvimento exige a preparação de docentes capacitados, que compreendam o seu papel no processo didático.

Uma das conseqüências deste processo foi a descentralização da atividade de pesquisa. Se na década de 1980 a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) foi o grande celeiro de contribuições, respon-

---

<sup>3</sup>GOLDSTEIN, Gisela T. *Ob. cit.*, p. 20.

<sup>4</sup>VASSALLO DE LOPES, Maria Immacolata. A pesquisa nas escolas de comunicação. *Revista Brasileira de Comunicação*. São Paulo, Intercom, v. XVIII, n. 2, jul/dez 1995.

dendo tanto pela formação de professores e pesquisadores como pelos avanços teóricos e metodológicos, a partir da segunda metade dos anos 80, outros centros de ensino e pesquisa começam também a se destacar<sup>5</sup>.

Um uma nova etapa de sistematização da pesquisa, desta vez em 1987, resultou na publicação de uma edição especial da *Bibliografia Brasileira de Comunicação*, compreendendo o período entre 1977 e 1987.<sup>6</sup> A publicação traz um balanço de todos os trabalhos apresentados nos Ciclos de Estudos Interdisciplinares de Comunicação, a partir de iniciativa do Portcom - Centro de Documentação da Comunicação nos Países de Língua Portuguesa, órgão complementar da Intercom.

A publicação lista trabalhos relacionados diretamente com o tema jornalismo, tendo como sub-temas a objetividade jornalística, jornalismo científico e jornalismo popular. Também são resenhadas contribuições sobre os temas jornal, imprensa, imprensa proletária e imprensa sindical. Tomando-se exclusivamente os textos relacionados diretamente com o objeto jornalismo, são apresentadas doze contribuições.

Destacam-se neste conjunto os trabalhos de Cremilda Medina<sup>7</sup>, Arcelina Helena Publio Dias, Alice Mitika Koshyama e José Marques de Melo, que discutem o problema da objetividade na prática jornalística, abordando aspectos como a ética, parcialidade e fazendo também um resgate da história da objetividade jornalística.

Na área de jornalismo científico, registram-se as contribuições de Wilson da Costa Bueno<sup>8</sup>, Ismael Pfeifer<sup>9</sup>, Carlos Eduardo Lins da Silva<sup>10</sup> e Carlos Al-

---

<sup>5</sup>A relação dos pesquisadores que apresentaram trabalho no GT de Jornalismo nos últimos congressos da Intercom, desde 1992, mostra uma diversidade muito grande em relação à procedência das pesquisas, evidenciando diversos centros de ensino de jornalismo onde a pesquisa também começa a ganhar espaço significativo. Dentre estes centros, destacam-se: Famecos - PUC/RS, PUC/MG, UFSC, UFES, Umesp, Unisantos, Unimep, entre outros.

<sup>6</sup>BIBLIOGRAFIA BRASILEIRA DE COMUNICAÇÃO. São Paulo, Intercom, n. 7, 1987.

<sup>7</sup>MEDINA, Cremilda. A ação das forças autoritárias sobre a informação jornalística. *Cadernos Intercom*. São Paulo, Cortez/Intercom, n. 7 - Objetividade jornalística: ética e técnica, 1985.

<sup>8</sup>BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo científico e transferência de tecnologia. In: *Jornalismo científico e dependência: o caso brasileiro*. Brasília: CNPq/CED/Intercom, 1982.

<sup>9</sup>PFEIFER, Ismael F. A relação ciência-imprensa: uma forma de reduzir a distância. In: KUNSCH Margari-da M. Krohling (org.). *Comunicação e educação: caminhos cruzados*. São Paulo, Loyola/Intercom, 1986.

<sup>10</sup>LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. Uma agência de notícias comprometida com a divulgação da ciência brasileira: ABCD. In: *Jornalismo científico e dependência: o caso brasileiro*. Brasília, CNPq/CED/Intercom, 1982.



berto Adi Vieira<sup>11</sup>, enquanto, no jornalismo popular, são apresentados trabalhos de Doraci Fernandes e Sandra Oliveira<sup>12</sup>, Cremilda Medina<sup>13</sup> e Albino Rubin.<sup>14</sup>

A própria configuração destes três núcleos temáticos revela as tendências que se colocavam naquele momento, no final dos anos oitenta. De um lado ainda tinham presença importante os trabalhos sobre jornalismo popular e imprensa alternativa, imprescindíveis como instrumentos de compreensão do papel da comunicação no momento político que o país vivia. De outro, a emergência do jornalismo científico, numa tentativa de resposta, ainda que incipiente, às mudanças tecnológicas que já se anunciavam para a área de comunicação no Brasil e, no centro, a preocupação com a objetividade jornalística, questão que até hoje se coloca no cerne do processo de análise do objeto jornalismo.

Em outro trabalho publicado pela Intercom, em 1995, desta vez uma contribuição do professor José Marques de Melo<sup>15</sup>, são listados mais de cem títulos na área de jornalismo, entre dissertações e teses, artigos científicos e livros. Grande parte do material inventariado foi produzido durante a década de 1980, ainda que em alguns casos a publicação só tenha sido feita no início dos anosnoventa. Destacam-se os livros de Claudio Abramo<sup>16</sup>, José Luis Braga<sup>17</sup>, Dulcília Buitoni<sup>18</sup>, Maria Helena Capelato<sup>19</sup>, Maria Alice Faria<sup>20</sup>, Adelmo Genro Filho<sup>21</sup>, Vito Gianotti<sup>22</sup>, Pedro Gilberto Gomes<sup>23</sup>, Ricardo Kotscho<sup>24</sup>, Nilson Lage<sup>25</sup>.

<sup>11</sup>VIEIRA, Carlos Alberto Adi. Divulgação da pesquisa científica no jornal e no rádio. In: *Jornalismo científico e dependência: o caso brasileiro*. Brasília: CNPq/CED/Intercom, 1982.

<sup>12</sup>FERNANDES, Doraci e OLIVEIRA, Sandra. Reflexões sobre a experiência de um jornal popular na periferia de Campinas. In: MARQUES DE MELO, José (coord.). *Comunicação e classes subalternas*. São Paulo, Cortez/Intercom, 1980.

<sup>13</sup>MEDINA, C. A. Notas sobre o trabalho social na imprensa popular. *Cadernos Intercom*. São Paulo, Cortez/Intercom, n. 1 - Jornalismo popular, 1982.

<sup>14</sup>RUBIN, Albino C. Sobre a imprensa das classes subalternas: 1880-1922. In: MARQUES DE MELO, José (coord.). *Comunicação e classes subalternas*. São Paulo, Cortez/Intercom, 1980.

<sup>15</sup>MARQUES DE MELO, José (org.). *Fontes para o estudo da comunicação*. São Paulo, Intercom/Portcom, 1995.

<sup>16</sup>ABRAMO, Claudio. *A regra do jogo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

<sup>17</sup>BRAGA, José Luis. *O Pasquim e os anos 70*. Brasília, Editora UnB, 1991.

<sup>18</sup>BUITONI, Dulcília S. *Imprensa feminina*. São Paulo, Ática, 1986.

<sup>19</sup>CAPELATO, Maria Helena. *Os arautos do liberalismo: a imprensa paulista - 1929-1945*. São Paulo, Brasiliense, 1989.

<sup>20</sup>FARIA, Maria Alice. *O jornal na sala de aula*. São Paulo, Contexto, 1989.

<sup>21</sup>GENRO FILHO, Adelmo. *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre, Tchê, 1987.

<sup>22</sup>GIANOITI, Vito. *O que é jornalismo operário*. São Paulo, Brasiliense, 1988.

<sup>23</sup>GOMES, Pedro Gilberto. *O jornalismo alternativo no projeto popular*. São Paulo, Paulinas, 1990.

<sup>24</sup>KOTSCHO, Ricardo. *A prática da reportagem*. São Paulo, Ática, 1986.

<sup>25</sup>LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. São Paulo, Ática, 1985; *Linguagem jornalística*. São Paulo, Ática, 1985.

Carlos Eduardo Lins da Silva<sup>26</sup>, entre outros, que mostram claramente a pluralidade de temas e interesses que mobilizam os pesquisadores, assim como a utilização de referenciais metodológicos também variados. A lista, que poderia ser bastante ampliada, revela também a chegada da maturidade e da consistência em relação aos estudos, indicando o início de uma nova fase, com concepções teóricas, linhas de pesquisa e tendências metodológicas melhor definidas. Estava vencida a batalha pelo reconhecimento epistemológico do jornalismo.

## 2. Anos noventa: o GT de Jornalismo

O I Encontro Nacional dos GTs da Intercom aconteceu durante o congresso da Intercom de 1990, no Rio de Janeiro. No entanto, somente em 1992 é que se reuniu pela primeira vez o GT de Jornalismo, por proposta de José Marques de Melo. Sua criação permitiu uma melhor sistematização das contribuições da área de jornalismo, possibilitando também maior intercâmbio entre os pesquisadores.

A listagem dos pesquisadores que apresentaram trabalhos no grupo, nos congressos realizados em São Bernardo do Campo (1992), Vitória (1993), Piracicaba (1994), Aracaju (1995) e Londrina (1996) é ilustrativa em termos da descentralização da atividade de pesquisa, da criação de novos centros e do surgimento de uma nova geração de pesquisadores, que encontram um espaço para o debate dos seus trabalhos. A presença equilibrada de pesquisadores de nível sênior com iniciantes, aliás, tem sido uma marca importante desde o início do seu funcionamento, servindo inclusive como estímulo ao desenvolvimento de muitos trabalhos.

Os pesquisadores que apresentaram *papers* nos congressos da Intercom, após a criação do GT de Jornalismo, foram os seguintes:

**São Bernardo do Campo (1992):** Carlos Alves Muller (ANJ/UnB), Isabel Travancas (UFRJ), J. S. Faro (USP), José Marques de Melo ((USP), Marieta de Moraes Ferreira (FGV), Ruth Penha Alves (UFMT), S. C. M. Squirra (USP), Sonia Virginia Moreira (UERJ) e Victor Gentilli (UFES).

**Vitória (1993):** Belarmino César Guimarães da Costa (Unimep), Bernardo Kucinsk (USP), Carsten Bruder (Universidade de Munique), Dirceu Fernandes Lopes (Unisantos), Edivaldo Pereira Lima ((USP), Elias Machado Gonçalves (UFBA), Fátima Feliciano (*O Estado de S. Paulo*), Glória Kreinz (USP), Jacqueline Rios dos Santos (Fafich-BH), Jacques Wainberg (PUC/RS), José Luiz Proença (USP), Custódio da Silva (UFPB), Nilson Lage (UFSC), Rosa Nívea Pedroso

---

<sup>26</sup>LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. *Mil dias: os bastidores da revolução em um grande jornal*. São Paulo, Trajetória Editorial, 1988; *O adiantado da hora: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro*. São Paulo, Summus, 1990.

(UFRGS), S. C. M. Squirra (USP), Sérgio Luiz Gadini (UFBA), Sérgio Mattos (UFBA), Sérgio Weigert (UFSC), Victor Gentilli (UFES).

**Piracicaba (1994):** Adolpho Queiroz e equipe (Unimep), Alberto Dines (Unicamp), Alcina Maria Cardoso (UFPR), Belarmino Cesar Guimarães da Costa (Unimep), Caio Túlio Costa (FSP), Carmem Lúcia Ribeiro Pereira (UGF), Clery Quinhones de Lima (UFSM), Dirceu Fernandes Lopes (Unisantos), Elias Machado Gonçalves (UFBA), Guilherme Jorge de Rezende (Funrei), Jacqueline Rios dos Santos (IMS), João de Deus Correa (UES-RJ), Liliane Rico Sabogal (USP), Luiz Amaral (VOA-USA), Marcelo de Carvalho (ESP-SP), Marcelo José de Abreu Lopes (USP), Marcos Alexandre dos Santos Ferraz (UFPR), Maria das Graças Targino e Antonio Teixeira de Barros (UFPI), Odette Penha Coelho (Unesp), Paulo Scarduelli (UFSC-USP), Rosa Naves (IMS), Sérgio Luiz Gadini (UFBA), Sílvia Maria Araujo (UFPR), Valdir de Castro Oliveira (UFMG).

**Aracaju (1995):** Dirceu Fernandes Lopes (Unisantos), Eduardo Refalefsky (UFRJ), Elias Machado Gonçalves (UFBA), Gilson Monteiro (UFAM), Guilherme Jorge de Rezende (Funrei/IMS), José Coelho Sobrinho e Marcelo Lopes (USP), José Marques de Melo e equipe (IMS), José Marques de Melo, Paulo Roberto Botão e equipe (IMS), Maria das Graças Targino (UFPI/UnB), Martha Alves D'Azevedo (UFRGS), Nilson José dos Reis Rocha (UFG), Paulo Roberto Botão e Adolpho Queiroz (Unimep), Victor Gentilli (UFES).

**Londrina (1996):** Cilene Victor e equipe (Unicsul-SP), Elias Machado Gonçalves (UFBA), Jacques Wainberg (PUC/RS), Marcelo Lopes (USP), Nancy Nuyen Ali Ramadan (USP), Ouhydes Fonseca (Unisantos), Rubens Constantino Volpe Weyne (UFRGS), Victor Gentilli (UFES).

Vários dos trabalhos expostos nos congressos de São Bernardo do Campo, Vitória e Piracicaba já se encontram publicados, devendo ser destacada a edição do livro *Transformações do Jornalismo Brasileiro - ética e técnica*<sup>27</sup>, o segundo volume da Coleção GTs da Intercom, onde a base são os *papers* apresentados em Vitória.

A coordenação do GT ficou sob a responsabilidade do professor José Marques de Melo durante os seus primeiros quatro anos de funcionamento, até o congresso de Aracaju, em 1995, o que foi importante para a sua consolidação. Graças à experiência do pesquisador, aliada ao seu conhecimento amplo sobre a realidade das universidades brasileiras, foi possível a rápida ampliação do número de pesquisadores associados.

Após o congresso de Aracaju, o GT foi assumido pelo pesquisador Paulo Roberto Botão, que, sob a orientação do próprio professor Marques de Melo e do professor Adolpho Queiroz (Unimep), se dispôs a dar continuidade ao trabalho até então realizado.

<sup>27</sup>MARQUES DE MELO, José (org.). *Transformações do jornalismo brasileiro: ética e técnica*. São Paulo, Intercom, Coleção GTs da Intercom, n. 2, 1994.

De imediato, uma das mudanças, provocada a partir de uma definição da diretoria da Intercom, foi a redução do número de sessões do GT nos congressos, que passaram a duas, ao invés de três, a partir do congresso de Londrina. Isto explica o número menor de expositores a partir deste congresso.<sup>28</sup>

Em 1996, numa tentativa de dinamizar as atividades do GT e ampliar os espaços de participação dos pesquisadores, foi realizado o I Encontro Extraordinário do GT de Jornalismo, no dia 19 de abril, na PUC/MG. O encontro definiu perspectivas de trabalho importantes, várias delas antecipando mesmo a preparação para o balanço de “20 anos da pesquisa em jornalismo”, previsto para o congresso de Santos.

Tendo como objetivo inventariar a pesquisa em jornalismo no Brasil e indicar as perspectivas para o futuro, duas iniciativas ficaram definidas. A primeira foi a realização de um balanço da pesquisa em jornalismo no Brasil, tarefa que foi assumida pelo professor Jacques Wainberg (PUC/RS), por meio do Núcleo de Estudos de Jornalismo da PUC. O núcleo se responsabilizou pela proposta de uma metodologia capaz de envolver os pesquisadores do GT, propiciando análises regionais e unificada. A segunda, foi a viabilização de um inventário sobre as tendências internacionais da pesquisa em jornalismo, com o objetivo de identificar-se as linhas hegemônicas. O trabalho ficou sob a liderança do professor José Marques de Melo, que de imediato se prontificou a contatar pesquisadores vinculados ao GT que estão desenvolvendo atividades nos EUA e na Europa.

Como linhas políticas gerais para a atuação da coordenação, também se definiu que, na seleção dos *papers* a serem apresentados nos congressos futuros, deveriam ser considerados dois critérios importantes: a combinação de trabalhos relacionados com o tema geral do congresso e de outros temas, a combinação equilibrada da presença de pesquisadores mais e menos experientes.

Entre os desafios para este final de década, se indicaram a necessidade de incorporação das novas formas de circulação de informação, sobretudo a Internet e os formatos multimídias, e a perspectiva de articulação de projetos coletivos de pesquisa, considerando as diversas linhas que têm integrado o universo de interesse dos pesquisadores associados.

Também em 1996, o GT de Jornalismo da Intercom marcou presença na 48ª Reunião da SBPC, realizada em São Paulo. O grupo organizou uma mesa-redonda sobre o tema “Jornalismo regional: perspectivas e possibilidades”, viabilizando a apresentação de contribuições dos professores Victor Gentilli (UFES), Dirceu Fernandes Lopes (USP/Unisantos) e Elias Machado (UFBA). O debate centrou-se na emergência de um novo núcleo temático da área de jornalismo, o

---

<sup>28</sup>Tanto para os congressos de Londrina como o de Santos, o número de inscrições para apresentação de trabalhos no GT foi elevado, superando a marca de trinta *papers*. Visando ao aperfeiçoamento do processo de seleção dos trabalhos, a coordenação iniciou uma nova metodologia, fazendo, nos dois anos, uma consulta a diversos integrantes do GT, entre os quais o ex-coordenador, José Marques de Melo.

do jornalismo regional, que vem se colocando sempre de forma destacada nas sessões do GT ao longo dos últimos anos. As reflexões indicaram a necessidade de aprofundamento em relação ao próprio conceito de jornalismo regional, evidenciando que, mesmo entre os diversos expositores, ainda existem concepções diferenciadas. De todo modo, foi uma oportunidade importante de exposição externa, de intercâmbio com outros grupos teóricos da área da comunicação social.

Um trabalho de diagnóstico situacional das Ciências da Comunicação no Brasil, tomando como base o GT de Jornalismo<sup>29</sup>, apresenta uma visão interessante e atual sobre o desenvolvimento das pesquisas. Após fazer uma análise das metodologias empregadas pelos pesquisadores, referenciais teóricos e perfil dos pesquisadores, a analista concluiu que:

a) a grande maioria dos pesquisadores (79,5%) é formada em comunicação social, atua em universidades privadas (71%) e fez cursos de graduação, especialização e mestrado (79%);

b) a grande maioria adota, predominantemente, a linha de pesquisa “jornalismo”, destacando-se os núcleos temáticos de imprensa e estudos de mídia, imprensa regional, linguagens jornalísticas, história da imprensa e estudos de gêneros;

c) os pesquisadores privilegiam os métodos comparativo e de análise de conteúdo, além do historiográfico e estatístico;

d) a maioria busca seus referenciais teóricos nas diversas escolas de pensamento existentes, visando adaptar seus paradigmas, o que configura uma opção pela chamada Escola Latino-Americana.

A pesquisa obviamente não apresenta um quadro completo do perfil dos pesquisadores do GT, pois tomou como base o grupo de pesquisadores que expôs durante o congresso de Aracaju. De todo modo, oferece alguns elementos bastante úteis para a compreensão do que se está produzindo no interior do GT.

---

<sup>29</sup>BRITTES, Juçara Gorski. *Trabalho de campo: diagnóstico situacional das ciências da comunicação no Brasil – GT de Jornalismo*. São Bernardo do Campo, IMS, 1995. (Mimeo).

### 3. Algumas iniciativas mais recentes

Antes de partir para a fase final deste texto, que não tem a pretensão de apresentar um balanço completo do que se produziu na área nestes últimos anos, até mesmo porque isto demandaria uma pesquisa minuciosa, com o envolvimento de um grupo de pesquisadores e instituições de diferentes regiões do País, é oportuno indicar algumas iniciativas recentes, que podem servir como exemplos do que está ocorrendo no campo do jornalismo neste início de segunda metade da década.

A primeira experiência importante é o desenvolvimento de projetos de pesquisa coletivos pela Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, instalada na Universidade Metodista de São Paulo (Umesp) e tendo na sua liderança os professores José Marques de Melo e Adolpho Queiroz. A cátedra vem realizando pelo menos dois projetos mais significativos: o primeiro, de análise da imprensa regional de São Paulo, com o envolvimento de diversas universidades do Estado; e o segundo, de análise da presença do tema Natal na mídia, neste caso valendo-se da articulação de uma Rede Nacional de Pesquisadores. Os primeiros resultados destas duas experiências estarão sendo apresentados durante o congresso de Santos, da Intercom.

A segunda iniciativa importante é a implantação do Labjor - Laboratório de Estudos Avançados de Jornalismo, na Unicamp, sob a liderança dos professores José Marques de Melo e Alberto Dines. O novo espaço de reflexão sobre a comunicação vem consolidando também a proposta de um Observatório Nacional de Imprensa, a exemplo de experiências em andamento na Europa.

Como resultado desta iniciativa, é possível analisar-se, por exemplo, a publicação *Jornalismo Brasileiro: no caminho das transformações*<sup>30</sup>, que traz os textos apresentados durante o Seminário de Comunicação do Banco do Brasil, de pesquisadores, professores e profissionais atuantes nos principais veículos de comunicação do Brasil.

Outro aspecto que merece destaque é a presença importante que as pesquisas em jornalismo vêm obtendo nas diversas publicações científicas da área de comunicação no período recente. São exemplos importantes deste fato as edições da revista *Pauta Geral*, da Universidade Federal da Bahia, tendo como tema central *A cobertura jornalística da política*, a última edição da revista *Comunicação & Sociedade*, que dedica sua capa ao tema *Jornalismo e memória*, e a *Revista de Biblioteconomia & Comunicação*, que em sua edição de 1996 traz diversos artigos tratando de pesquisas do campo do jornalismo.

A preocupação temática com a história do jornalismo e da imprensa continua rendendo bons frutos e publicações que servem como referências seguras

---

<sup>30</sup> *JORNALISMO BRASILEIRO: no caminho das transformações*. Brasília: Banco do Brasil, 1996.

para os pesquisadores que se interessam por este núcleo temático. Exemplos disto são os livros: *A evolução do jornalismo em São Paulo*, publicado pela ECA-USP, e *Memória do jornalismo mineiro*, publicado pela PUC/MG, com o apoio da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.

#### 4. Desafios para o final de década

A proximidade do final da década de 1990 e também do milênio estimula a realização de prospecções e o levantamento de desafios para a chamada “virada do século”. Este estímulo é ainda mais forte quando se procede a um balanço/diagnóstico do que se está realizando, dos avanços obtidos nos últimos anos e se planejam, portanto, as ações necessárias a curto, médio e longo prazo. Um diagnóstico que não indique propostas e não aponte reflexões importantes a serem vencidas contribuiria menos do que se poderia esperar.

Deste modo, a título até de provocação para o debate, é conveniente elencar três eixos que deverão se colocar como centrais: a cooperação e o intercâmbio internamente e com a comunidade acadêmica internacional; os impactos das novidades tecnológicas que permitem a comunicação instantânea e a aproximação com os problemas sociais e econômicos que afligem a grande maioria da população, por considerar-se o jornalismo uma atividade essencialmente de natureza social.

Vencidos os desafios da legitimação do campo científico e os primeiros obstáculos do ponto de vista metodológico, é importante dar passos visando uma maior integração dos pesquisadores, uma troca de informações mais eficiente e sobretudo a realização de projetos de pesquisa coletivos, que possibilitem uma amplitude maior ao conhecimento formulado. É importante também consolidar os diversos núcleos temáticos relacionados ao campo do jornalismo, de modo a identificar-se os centros de pesquisa onde existe maior excelência em cada uma destas áreas.

O impacto das novas tecnologias, baseadas nas telecomunicações e na informática, ainda não foi totalmente absorvido pela comunidade científica. São necessárias duas posturas distintas, de imediato, diante destas mudanças: uma no sentido da assimilação e incorporação de todas estas novidades tecnológicas no dia-a-dia do trabalho de pesquisa, o que implica na assimilação de todos os benefícios oriundos destas novas tecnologias. Uma segunda, de inquietação, que possibilite a formulação de perguntas sobre os impactos destas novidades sobre a sociedade e sobre o próprio jornalismo.

A globalização é uma realidade em termos econômicos, com conseqüências sociais, culturais, educacionais e, sobretudo, comunicacionais. Cabe, portanto, aos pesquisadores, perguntar-se sobre os efeitos desta globalização para os países

latino-americanos de um modo geral e para o Brasil mais especificamente. É importante que a pesquisa assuma também a sua dimensão social e política, colocando-se em atitude de diálogo com as sociedades que estão sentindo o impacto direto da globalização. Este é, sem dúvida, um desafio importante e difícil de ser enfrentado, pois ao mesmo tempo em que não se espera o retorno da chamada “pesquisa engajada” da década de 1970, também não se pode admitir uma pesquisa descompromissada, preocupada em responder apenas à dimensão tecnológica dos problemas que estão colocados, entre eles a pobreza, a miséria e a exclusão social.

#### 4. Bibliografia Consultada

- BIBLIOGRAFIA Brasileira de Comunicação** 7. Edição Especial, 1977-1987. São Paulo: Intercom, 1987.
- COHN, Gabriel (Org.). *Comunicação e Indústria Cultural*. 5a. Ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987.
- COMUNICAÇÃO & SOCIEDADE**. São Bernardo do Campo: IMS, diversas edições.
- GOMES, Pedro Gilberto. *O jornalismo alternativo no projeto popular*. São Paulo: Paulinas, 1990.
- KUNSCH, Margarida M. K (Org.) *Comunicação e Educação: caminhos cruzados*. São Paulo: Loyola, 1986.
- JORNALISMO BRASILEIRO**: no caminho das transformações. Brasília: Banco do Brasil, 1996.
- LOPES, Dirceu F. e outros (Orgs.). *A evolução do jornalismo em São Paulo*. São Paulo: Edicon/ECA/USP, 1996.
- MACHADO, Ayres da Mata e outros. *Memória do Jornalismo Mineiro*. Belo Horizonte: PUC/MG, 1995.
- MARQUES DE MELO, José (Coord.). *Pesquisa em Comunicação no Brasil - tendências e perspectivas*. São Paulo: Cortes/INTERCOM, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Comunicação: teoria e política*. São Paulo: Summus, 1985. (Novas Buscas em Comunicação, v. 1)
- \_\_\_\_\_. *Comunicação e Modernidade*. São Paulo: Loyola, 1991.
- \_\_\_\_\_(Org.). *Fontes para o estudo da comunicação*. São Paulo: Intercom, 1995.
- PAPERS GT DE JORNALISMO**. Intercom, diversos trabalhos.
- REVISTA BRASILEIRA DE COMUNICAÇÃO**. São Paulo: Intercom, diversas edições.
- REVISTA PAUTA GERAL**. Salvador: UFBA, diversas edições.





## A pesquisa acadêmico-científica no campo das relações públicas e da comunicação organizacional no Brasil\*

*Margarida M. Krohling Kunsch*

*Professora livre-docente da ECA-USP,*

*presidente da ALAIC (1998-2001) e*

*coordenadora do GT de Comunicação Organizacional, da Intercom.*

### 1. Introdução

#### a) O tema proposto

Em muitas oportunidades, ao abordar sobre a pesquisa em Comunicação Social no Brasil, já enfatizei o papel relevante e decisivo que tiveram os cursos de pós-graduação para que chegássemos a um estágio avançado dos estudos científicos das Ciências da Comunicação nos finais dos anos noventa.

Se recorrermos aos estudos realizados sobre relações públicas e comunicação organizacional nas quatro últimas décadas, iremos perceber que é exatamente graças aos cursos de pós-graduação que essas áreas começaram a desenvolver trabalhos mais sistematizados, resultantes de uma pesquisa acadêmico-científica e que aos poucos vão sendo publicados por editoras comerciais na forma de livros.

Aliando-me à proposta da Intercom de, com seu congresso comemorativo de 1997, fazer um balanço da produção científica das Ciências da Comunicação nos últimos vinte anos (1977-1997), irei concentrar este estudo a partir da década de 1970 até 1997, por considerar que é exatamente neste período que estas áreas começam a melhor sistematizar cientificamente seus estudos nas universidades, possibilitando o surgimento de novos cursos de pós-graduação.

Duas fontes principais nortearão este trabalho: a bibliografia disponível sobre relações públicas e comunicação organizacional no Brasil e os programas oficiais dos congressos da Intercom produzidos de 1980 a 1997.

---

\* Este artigo, com dados até 1997, inscreve-se no contexto dos vinte anos da Intercom, da qual a autora foi presidente em dois períodos (1987-1989; 1991-1993).

Parte das bibliografia relativa a essas áreas foi objeto de estudo realizado por mim, com o apoio do CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, na pesquisa e tese de livre-docência na ECA-USP<sup>1</sup>, sobre a contribuição das relações públicas para o desenvolvimento da comunicação organizacional no Brasil.

Na época foi feito um levantamento com registros bibliográficos e *abstracts* da produção sobre relações públicas, comunicação organizacional e opinião públicas, incluindo livros, teses, dissertações e artigos de revistas especializadas no período de 1950 a 1995. Este estudo está tendo continuidade e pretende-se completá-lo até 1999, para posteriormente disponibilizá-lo na Internet e publicá-lo em forma de uma obra de referência especializada.

Aproveitando o material já coletado, farei recorte apenas de livros, dissertações de mestrado e teses de doutorado e de livre-docência do período mencionado, para uma breve análise, a fim de ser possível apresentar uma visão ainda que panorâmica do “estado da arte” dessas áreas no País.

Objetivando demonstrar a contribuição efetiva da Intercom para o avanço científico dessas áreas, recorri aos programas oficiais dos seus congressos anuais, cujas fontes serão fundamentais para o estudo ora proposto, além é claro de recorrer minha própria experiência de vida com a entidade. Na verdade, antes da existência dos GTs as relações públicas já ocuparam espaço nos eventos paralelos, dos congressos anuais, conforme se verá mais adiante.

## **b) Relações públicas e comunicação organizacional: simbiose em construção**

Relações públicas e comunicação organizacional são terminologias que se justapõem para dizer e explicar a mesma coisa? Essas inquietações perpassam os fóruns de debates e as publicações de forma intensa e contínua nos últimos anos.

Nosso intuito aqui não é alongar a discussão, muito menos ter a pretensão de equacionar teoricamente as diferenças conceituais, mas apenas esclarecer alguns pontos essenciais que ajudem a deixar mais claros os aspectos definidores dos campos de atuação dessas áreas.

Analisar as relações públicas e a comunicação no contexto das organizações tem sido uma constante preocupação ao longo da minha carreira acadêmica, principalmente a partir do ingresso na pós-graduação, em 1979. Via a necessidade de se pensar as relações públicas numa perspectiva mais ampla, considerando-

---

<sup>1</sup> KUNSCH, Margarida M.Krohling. *Relações públicas e as interfaces com a comunicação organizacional no Brasil*. São Paulo, 1996. Tese (Livre-docência em Comunicação Institucional – Políticas e Processos) – ECA-USP. 278 p. A tese foi publicada no ano seguinte: KUNSCH, Margarida M. Krohling. *Relações públicas e modernidade: novos paradigmas na comunicação organizacional*. São Paulo, Summus, 1997.

as no conjunto da comunicação integrada nas organizações. Na época o tema não era objeto de estudos mais concretos na academia e, nas organizações, as relações públicas, o jornalismo empresarial, a assessoria de imprensa ainda cumpriam suas tarefas de forma estanque, sem uma preocupação maior quanto a uma união sinérgica de esforços entre setores da comunicação.

Percebendo as novas tendências que se vislumbravam no País com a retomada da democracia, percebi que o paradigma até então vigente, de uma visão restrita das relações públicas, era muito limitado e que a área estava perdendo terreno para outros segmentos. Defendi, em 1985 a dissertação de mestrado<sup>2</sup>, centrada no planejamento das relações públicas na comunicação integrada. A tentativa foi dar um enfoque moderno para as relações públicas, numa perspectiva integrada.

Em 1991, com a tese de doutorado<sup>3</sup>, tive uma preocupação em aplicar os conceitos de comunicação integrada à universidade como uma organização que precisa difundir sua produção científica e melhor se integrar com a sociedade. E em 1996, com a mencionada tese de livre-docência<sup>4</sup>, procurei trabalhá-los num contexto mais amplo, demonstrando as interfaces entre as relações públicas e a comunicação organizacional, analisando criticamente estas duas áreas no Brasil.

Com essas breves alusões, quero enfatizar que é muito difícil estudar e compreender os fundamentos teóricos das relações públicas e de sua práxis sem um conhecimento do espectro da abrangência da comunicação organizacional e das áreas afins.

### c) Elucidando conceitos

Dentro da perspectiva de comunicação integrada que tenho defendido, a comunicação organizacional compreende o conjunto das modalidades comunicacionais praticadas dentro das organizações – a comunicação institucional, a comunicação mercadológica ou de marketing, a comunicação interna e a comunicação administrativa<sup>5</sup>. Entendo-a assim no sentido amplo e abrangente, conforme conceitos e práticas que, aos poucos, vêm sendo assimilados no contexto

<sup>2</sup> KUNSCH, Margarida M. Krohling. *O planejamento de relações públicas em função da comunicação integrada nas organizações sociais*. São Paulo, 1985. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – ECA-USP. 365 p. A dissertação foi publicada no ano seguinte, achando-se a obra na terceira edição e estando programada uma quarta, revista e atualizada. Vide: KUNSCH, Margarida M. Krohling. *Planejamento de relações públicas na comunicação integrada*. 3ª ed. São Paulo, Summus, 1995.

<sup>3</sup> KUNSCH, Margarida M. Krohling. *Universidade e comunicação na edificação da sociedade*. São Paulo, 1991. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – ECA-USP. A tese foi publicada no ano seguinte: KUNSCH, Margarida M. Krohling. *Universidade e comunicação na edificação da sociedade*. São Paulo, Loyola, 1992.

<sup>4</sup> Cf. nota 1.

<sup>5</sup> Esses conceitos já foram amplamente debatidos em *Relações públicas e modernidade* e nas demais obras de minha autoria, já mencionadas.

da realidade brasileira. Trata-se na verdade da comunicação corporativa<sup>6</sup>, que no Brasil em grande parte ainda se chama de comunicação empresarial.

A meu ver, o termo comunicação organizacional, abrangendo todo o espectro das atividades comunicacionais, apresenta maior amplitude, aplicando-se a qualquer tipo de organização – pública, privada, sem fins lucrativos, ONGs, fundações etc. –, não se restringindo ao âmbito do que se denomina “empresa”.

Quanto às relações públicas, uma preocupação inicial é reafirmar sua função essencial, que é administrar e gerenciar, nas organizações, a comunicação com os diferentes públicos, com vistas à construção de uma identidade corporativa e de um conceito institucional positivo junto à opinião pública e à sociedade em geral.

Se recorrermos à literatura, iremos encontrar uma enorme variedade de definições, de diferentes autores nacionais e estrangeiros. Grunig e Hunt, por exemplo, fazem referência a uma grande número delas e chegam à conclusão, bem sintética, de que *“Public relations activity is part of the management of communication between an organization and its publics.”*<sup>7</sup>

As relações públicas devem, com base na pesquisa e no planejamento, encontrar as melhores estratégias comunicacionais para prever e enfrentar as reações dos públicos e da opinião pública em relação às organizações, dentro da dinâmica social. Elas lidam com comportamentos, atitudes, conflitos e com a escolha de técnicas e instrumentos adequados de comunicação para promover efetivos relacionamentos. Administram percepções para poder encontrar saídas estratégicas institucionalmente positivas. Ou seja, trabalham com questões que dizem respeito à visibilidade interna e externa, bem como à construção da identidade corporativa das organizações.

Evidentemente, é uma área complexa e mais abstrata do que as do jornalismo, do rádio, da televisão e da publicidade. Fazer um jornal, criar campanhas e anúncios publicitários ou produzir programas radiofônicos e televisivos são atividades concretas e pontuais facilmente tangíveis. Daí talvez a grande incompreensão sobre a verdadeira finalidade da área, bem como o desconhecimento de suas possibilidades para a maioria das pessoas.

#### **d) Desvendando o “estado da arte”**

Levantar, verificar, analisar e avaliar a produção científica de uma área do conhecimento não é uma tarefa fácil. Primeiro, pela dificuldade de acesso a tudo o que é gerado e pela falta de uma cultura que considere a importância da docu-

<sup>6</sup> RIEL, C.B.M. *Principles of Corporate communication*. London, Prentice Hall, 1995.

<sup>7</sup> GRUNIG, T. E. e HUNT, T. *Managing public relations*. New York, Holt, Rine and Winston, 1984. p. 6.

mentação da pesquisa. Segundo, porque os critérios para se definir o que é de fato “produção científica”, amplamente aplicado a “tudo o que é publicado”<sup>8</sup>, são bastante reducionistas e questionáveis.

No presente estudo, farei um recorte de livros, dissertações e teses de pós-graduação produzidos nas três últimas décadas, bem como dos *papers* apresentados nos congressos da Intercom, para se ter uma mostra, ainda que limitada, dos temas mais frequentes que vêm sendo objeto de reflexão dos estudiosos das áreas em questão.

## 2. A produção em livros e teses

A bibliografia brasileira das áreas de relações públicas<sup>9</sup> e comunicação organizacional registra, de forma mais acentuada, um volume maior de artigos, sobretudo antes dos anos setenta. Na época não existia a publicação de livros, tendo o pioneirismo cabido a Cândido Teobaldo de Souza Andrade, que, em 1962, lançou o primeiro livro nacional da área. Em sua obra *Para entender relações públicas*, o autor procurou sintetizar os principais conceitos da atividade, explicando afinal o que eram e faziam as relações públicas.<sup>10</sup>

Na verdade, a literatura utilizada na época era predominantemente estrangeira, com forte hegemonia norte-americana. José Marques de Melo, ao prefaciá-lo livro *Relações públicas no modo de produção capitalista*, de Cílicia M. Krohling Peruzzo, detalha essa influência, enfatizando mesmo como característica fundamental dessa produção a natureza instrumentalizadora. Quem não se lembra, por exemplo, dos dois volumes de Canfield, que eram considerados quase como uma bíblia nos cursos de relações públicas?<sup>11</sup>

Outro estudo que comenta a produção desse período foi publicado pela Intercom, que, em seu V Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, em 1982, reservou o espaço para proceder a uma revisão e análise crítica da produção em comunicação realizada no Brasil nas décadas, de 1960 e 1970, bem como ao debate das suas tendências internacionais.<sup>12</sup>

<sup>8</sup> No livro *Universidade e comunicação na edificação da sociedade* trabalhei esta questão. Op cit., p. 39-54.

<sup>9</sup> As primeiras bibliografias de relações públicas e opinião pública foram produzidas por C. Teobaldo de Souza Andrade, por meio do *Guia brasileiro de relações públicas*, publicado pela ABRP - Associação Brasileira de Relações Públicas, com apoio de universidades e empresas. A última edição revista e atualizada foi a sétima, publicada pela Faculdade de Comunicação da Feevale, de Novo Hamburgo (RS).

<sup>10</sup> ANDRADE, Cândido T. S. *Para entender relações públicas*. 4ª ed. São Paulo, Loyola, 1993.

<sup>11</sup> MARQUES DE MELO, J. Relações públicas: essência e aparência.. In: PERUZZO, Cílicia, M. Krohling. *Relações públicas no modo de produção capitalista*. 2ª ed. São Paulo, Summus, 1986. p. 13-16.

<sup>12</sup> MARQUES DE MELO, J. (org.). *Pesquisa em comunicação no Brasil: tendências e perspectivas*. São Paulo, Cortez/Intercom/CNPq, 1983.

Coube a Cílicia Krohling Peruzzo, que acabava de defender sua dissertação de mestrado no centro de pós-graduação do então Instituto Metodista de Ensino Superior, em 1981, preparar um balanço sobre a pesquisa em relações públicas para esse período.<sup>13</sup>

### a) Década de 1970

Os treze livros publicados em relações públicas na década de 1970, a que se teve acesso, caracterizam-se, na sua maioria, como manuais com o nítido propósito de esclarecer os conceitos básicos da profissão de relações públicas, seu histórico e a prática de suas atividades.

Algumas obras se diferenciam, fugindo dessa temática central. São exceções, por exemplo: *Comunicação social e relações públicas*, de Walter Ramos Poyares, empreendendo uma análise filosófica das duas áreas; *Psico-sociologia das relações públicas*, de Teobaldo de Souza Andrade, apresentando os fundamentos do comportamento coletivo, o real conceito de público e de opinião pública, bases do processo de relações públicas; *Usos e abusos de relações públicas*, de José Xavier de Oliveira, abordando criticamente conceitos e práticas e revelando os bastidores do processo de regulamentação da profissão no País.

Quanto à produção de teses e dissertações de mestrado registram-se duas teses de doutorado, uma de livre docência e três de mestrado, duas na ECA-USP e a terceira na Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Coube a Teobaldo de Souza Andrade o mérito de defender a primeira tese de doutorado na área, em 1972, na ECA-USP – *Relações públicas e o interesse público* – e, em 1978, a primeira de livre-docência – *Relações públicas na administração pública direta e indireta*. A outra tese de doutorado foi de Hebe Wey, defendida na Escola de Sociologia e Política de São Paulo – *O processo de relações públicas*. Na verdade, esses são os primeiros trabalhos que assumem um caráter de uma pesquisa acadêmico-científica do campo das relações públicas no Brasil e mereceram na ocasião todo o destaque. Essas teses foram posteriormente publicadas na forma de livros.<sup>14</sup>

Em relação à comunicação organizacional, há predominância total das obras traduzidas de autores como Thayer, Redfield, Chapell, Harlow, entre outros, cuja temática é toda voltada para a comunicação administrativa, fluxos e redes. A exceção é um livro de autor nacional encontrado: o de Tereza Lúcia

<sup>13</sup> PERUZZO, Cílicia M. Krohling. A pesquisa sobre relações públicas. In: MARQUES DE MELO, J. (org.). *Pesquisa em comunicação no Brasil: tendências e perspectivas*. São Paulo, Intercom/Cortez, 1983. p. 20-27.

<sup>14</sup> ANDRADE, Candido T.S. *Psico-sociologia das relações públicas*. 2ª ed. São Paulo, Loyola, 1989. ANDRADE, Candido T.S. *Administração de relações públicas no governo*. São Paulo, Loyola, 1982. WEY, Hebe. *O processo de relações públicas*. São Paulo, Summus, 1986.

Halliday, *Comunicação e organizações no processo de desenvolvimento: a função informativa dos técnicos*, editado pela Vozes em 1975.

O destaque da década para essa área foi o pioneirismo de Gaudêncio Torquato, que, em 1972, defendeu na ECA-USP sua tese de doutorado, *Comunicação na empresa e o jornalismo empresarial*. Na época, era quase impossível alguém abordar, na universidade, um assunto dessa natureza, visto como algo ligado ao capitalismo.<sup>15</sup>

Essa iniciativa acadêmica veio complementar um esforço iniciado, no campo profissional, com a criação da Aberje - Associação Brasileira de Editores de Revistas e Jornais de Empresa<sup>16</sup>, em 1967, sob a liderança de Nilo Luchetti, e da Proal - Programação e Assessoria Editorial Ltda., em 1968, por um grupo de jornalistas, entre os quais Torquato. Ambas foram empreendedoras no sentido de lançar uma semente com a preocupação de buscar conceitos e de profissionalizar a prática de jornalismo empresarial que ocorria dentro das empresas.<sup>17</sup> Na década de 1970, os *Cadernos Proal*, as apostilas de cursos da Aberje e o trabalho de Torquato foram experiências concretas de uma primeira sistematização do campo da comunicação organizacional no Brasil.

## b) Década de 1980

A década de 1980 é marcada por grande avanço técnico e científico das duas áreas. Aumenta consideravelmente a produção de livros e de dissertações de mestrado e teses de doutorado, defendidas sobretudo na ECA-USP e no Instituto Metodista de Ensino Superior, que eram os únicos centros que, desde a criação dos cursos, privilegiaram linhas de pesquisa nesse campo do conhecimento e de onde surgiram trabalhos inovadores.

Em termos de livros, de acordo com a fonte já mencionada, registram-se dezoito de autores nacionais e dois traduzidos.

Nota-se já um avanço no sentido de se buscarem especializações para o campo das relações públicas. Assim, relações públicas na área governamental, planejamento, cerimonial, relações públicas nas empresas são temas frequentemente explorados.

A questão conceitual continua presente em várias obras, expressando a preocupação em definir o campo profissional. O estudo sobre planejamento das

<sup>15</sup> Numa versão mais atualizada, essa tese foi publicada: TORQUADO DO REGO, F. Gaudêncio. *Jornalismo empresarial*. São Paulo, Summus, 1984.

<sup>16</sup> Hoje ela tem o nome de Aberje - Associação Brasileira de Comunicação Empresarial.

<sup>17</sup> Maiores detalhes sobre o papel da Aberje e da Proal poderão ser encontrados em: KUNSCH, Margarida M. Krohling. *Relações públicas e modernidade: novos paradigmas na comunicação organizacional*. São Paulo, Summus, 1997. p. 56-64.



relações públicas na comunicação integrada foi destaque na época, por representar uma tentativa de se buscar um maior fundamento teórico do assunto e também porque se vislumbrava uma nova visão da área em relação às demais da comunicação social.

A grande inovação ficou por conta do livro *Relações públicas no modo de produção capitalista*, de Cílicia M. Krohling Peruzzo (cf. nota 11), cujo enfoque dialético abriu perspectivas para um debate crítico da área e da prática de suas atividades.

Quanto às teses do período, encontramos três de doutorado, todas da ECA-USP, e dezesseis de mestrado, sendo doze da ECA-USP e quatro do Instituto Metodista de Ensino Superior.

Sobressaem nelas temas como: relações públicas no terceiro mundo, nos Estados Unidos, no Brasil, na América Latina, na área rural, na defesa do consumidor; papel da Associação Brasileira de relações públicas (ABRP) para a consolidação da profissão; propaganda institucional; e comunicação integrada.

O que chama a atenção é que nenhuma das três teses de doutorado foi publicada e que das dezesseis dissertações de mestrado somente três foram publicadas – a saber: a de Cílicia M. Krohling Peruzzo, *Relações públicas no modo de produção capitalista* (cf. nota 11), a desta autora, *Planejamento de relações públicas na comunicação integrada* (cf. nota 2), e a de J. B. Pinho, *Comunicação institucional: a propaganda como instrumento de relações públicas*.<sup>18</sup>

A comunicação organizacional registra no período cinco livros, todos de autores nacionais. O jornalismo empresarial é tratado por Gaudêncio Torquato e Juarez Palma.<sup>20</sup> O destaque fica por conta do livro de Torquato, primeiro brasileiro a tratar exatamente de aspectos conceituais da comunicação nas organizações; sua obra resulta da tese de livre-docência defendida na ECA-USP, em 1983. Pela primeira vez também surgem duas obras enfatizando o marketing e a comunicação, de J. B. Pinho e Daniel Galindo.<sup>19</sup>

As dissertações de mestrado foram dez. Nota-se uma redistribuição de suas origens, tendo quatro delas sido defendidas na ECA-USP, três na ECO-UFRJ, e uma, respectivamente, na UnB, na Metodista e na FGV/SP. Os temas mais frequentes são: comunicação administrativa e aplicada no contexto organizacional, jornalismo empresarial, lobby e comunicação e vídeo empresarial. O destaque fica por conta do trabalho de Meneleu Almeida<sup>21</sup>, que teve a preocupação de fa-

<sup>18</sup> PINHO, J. B. *Comunicação institucional: usos e funções da propaganda em relações públicas*. São Paulo, Summus, 1990.

<sup>20</sup> TORQUATO DO REGO, F. G. *Comunicação empresarial/institucional: estratégias, sistemas, estruturas, planejamento e técnicas*. São Paulo, Summus, 1986. PALMA, Juarez. *Jornalismo empresarial*. São Paulo, Sulina, 1983.

<sup>19</sup> PINHO, J. B. *Comunicação em marketing*. Campinas, Papirus, 1986. GALINDO, Daniel. *Comunicação mercadológica em tempos de incertezas*. São Paulo, Cone, 1986.

<sup>21</sup> ALMEIDA, Meneleu Augusto. *Diagnóstico preliminar do sistema de comunicação de uma grande instituição brasileira de crédito*. Brasília, 1981. Dissertação (Mestrado) – UnB. Na primeira parte deste trabalho o autor contextualiza os aspectos teóricos da comunicação das organizações, fazendo uma revisão bibliográfica de obras de autores estrangeiros a que teve acesso. Ver também um artigo que publicou em conjunto com seu orientador. HESKETH, J. Luiz e ALMEIDA, Meneleu A. *Comunicação organizacional: teoria e prática*. *Revista de Administração de Empresa*.

zer uma revisão bibliográfica, avaliando o “estado da arte” da comunicação organizacional até 1980. Infelizmente, seu trabalho ficou restrito à biblioteca da UnB e à área de administração. Nenhuma dessas dissertações foi publicada em forma de livro.

### c) Década de 1990

Na análise a seguir, o recorte vai até o momento de elaboração deste trabalho, ou seja, o evento do XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, da Intercom (Santos, setembro de 1997). Espera-se que até o fim da década surjam trabalhos inéditos contribuindo para o avanço científico das duas áreas, considerando as pesquisas em andamento nos cursos de pós-graduação.

Pelo levantamento feito, a maioria dos livros novos surgiu partir de 1995. Quatro são traduzidos de autores estrangeiros – dentre esses, o mais destacado é Philip P. Lesly, respeitado estudioso norte-americano, com *Os fundamentos de relações públicas e da comunicação* (São Paulo, Pioneira, 1995). Há ainda reedição de muitas obras da década anterior e muitas com características eminentemente instrumentais: comunicação dirigida escrita na empresa, redação em relações públicas, cerimonial e protocolo, organização de eventos e manual de projetos experimentais em comunicação/relações públicas.

Destacam-se a reedição do livro *relações públicas: função política*, de Roberto Porto Simões<sup>21</sup>, onde ele defende para as relações públicas uma teoria centrada nos fundamentos da micropolítica, além dos novos lançamentos das editoras Pioneira e Summus<sup>22</sup>, cujas obras trazem uma visão moderna tanto da parte conceitual, quanto da parte aplicada às organizações. Ou seja, defendem-se novos paradigmas para as relações públicas na sociedade globalizada e complexa.

Em relação às teses, até o momento em que se elaborou o presente artigo (meados de 1997), foram defendidas cinco teses de doutorado e duas de livre-docência, sendo que apenas uma destas não foi da ECA-USP, a saber, a de Roberto Porto Simões, da Faculdade de Educação da PUCRS. Os temas variam entre aspectos conceituais teóricos e pragmáticos/instrumentais, além do resgate histórico da área no Brasil.

Quanto às dissertações de mestrado, a novidade são as duas primeiras de um novo curso, o da PUC/RS, com o que se abrem novas perspectivas para o desenvolvimento das áreas em questão. As demais distribuem-se, na sua maioria,

<sup>21</sup> SIMÕES, R.P. *Relações públicas: função política*. 3ª ed. São Paulo, Summus, 1995.

<sup>22</sup> FRANÇA, Fábio e FREITAS, Sidinéia G. *Manual da qualidade em projetos de comunicação*. São Paulo, Pioneira, 1997. KUNSCH, Margarida M Krohling (org.) *Obtendo resultados com relações públicas: como utilizar as relações públicas em benefício das organizações e da sociedade em geral*. São Paulo, Pioneira, 1997; e *Relações públicas e modernidade: novos paradigmas na comunicação organizacional*. São Paulo, Summus, 1997.

entre a ECA-USP e a Metodista, além de uma da Faculdade de Educação da Unesp de Marília.

Os temas são bastante diluídos entre aspectos conceituais e aplicação das relações públicas a empresas, organizações sem fins lucrativos, comunidades, hospitais, relações de trabalho e recursos humanos, sem grandes inovações. Nota-se ainda, pelo que se tem conhecimento, que nenhum desses trabalhos foi publicado até o presente momento.

Quanto à produção de livros de comunicação organizacional, percebe-se um grande aumento do número em relação às décadas anteriores, sobretudo de autores nacionais. Os temas variam de aspectos conceituais a aplicados: o que é comunicação empresarial, comunicação na pequena empresa, qualidade na comunicação, consumidor, modalidades diferentes de marketing (institucional, de relacionamento etc.), comunicação organizacional/carnaval/folclore, comunicação na universidade são os que mais se destacam.

Quanto às teses, há duas de doutorado, defendidas na ECA-USP – uma, de comunicação integrada na universidade e outra, de comunicação institucional em saúde pública. As dissertações de mestrado encontradas estão assim distribuídas: seis na ECA-USP; cinco na Metodista; quatro na PUC/RS. Os temas mais abordados foram, entre outros: comunicação interna, relações com o consumidor, comunicação empresarial, jornalismo empresarial, a tecnologia aplicada à comunicação nas organizações.

#### **d) Algumas considerações**

É temerário fazer avaliações categóricas apressadas sobre toda a produção científica estocada, tanto das relações públicas, quanto da comunicação organizacional. Isto exigiria um estudo mais profundo e detalhado e de muito longo tempo. No entanto, algumas considerações podem ser feitas.

Diferentemente dos paradigmas norte-americano e europeu, os tipos de estudos realizados se caracterizam muito mais como instrumentais ou manuais. Poucos, portanto, têm uma preocupação com a teoria e são trabalhos científicos resultantes de pesquisas sistematizadas e estruturadas. Predominam mais os aspectos técnicos do como-fazer. Outra característica é a falta de mais trabalhos inovadores, sobretudo nas dissertações de mestrado, onde prevalecem os estudos de jornalismo empresarial, relações públicas nas empresas etc. Evidentemente, há exceções.

Pelos dados apresentados, pode-se concluir que o Brasil tem uma produção razoável em relações públicas e em comunicação organizacional, se comparada com a de outros países da América Latina. O que se faz necessário é democrati-

z-a-la mais, além de avaliá-la de alguma forma, até mesmo para elevar o seu nível, questionando-se, por exemplo, se tudo o que veio à luz realmente pode ser considerado como algo de novo e científico. É preciso realizar pesquisas empíricas, aplicadas a diferentes organizações, estudos de casos, fundamentados numa metodologia adequada e segura aos estudos das Ciências da Comunicação. Uma reflexão séria sobre esses pontos certamente contribuirá para que a universidade cumpra sua missão de vanguarda na geração de conhecimentos de que a sociedade tanto necessita.

### 3. A contribuição da Intercom

A Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, ao longo de sua trajetória de vinte anos, tem exercido importante papel no processo de desenvolvimento da pesquisa em comunicação no Brasil.

Quando comecei a participar de forma mais efetiva da vida da entidade, em 1984, como diretora cultural da gestão da presidente Anamaria Fadul, procurei integrar as áreas de relações públicas e de comunicação organizacional no rol de suas atividades, incluindo-as numa seção da revista, na programação dos cursos e nos eventos paralelos dos congressos anuais.

#### a) Os simpósios paralelos

Durante minha primeira gestão como presidente da Intercom (1987-1989), realizou-se, em 1988, na Universidade Federal de Viçosa, o XI Congresso Brasileiro de Estudos Interdisciplinares da Comunicação<sup>23</sup>, que teve, entre os eventos paralelos, o I Simpósio Brasileiro de relações públicas, coordenado por Ivone Lourdes de Oliveira, da PUC/MG. Seu objetivo principal foi *“refletir sobre o papel das relações públicas no mundo de hoje, destacando a necessidade de uma nova reciclagem em todos os níveis para atender a demanda da nossa sociedade”*. Contando com expositores do meio acadêmico e profissional, ele tratou dos seguintes sub-temas: 1. A profissão de relações pública e as exigências da sociedade contemporânea: formação, capacitação do professor, do profissional e do estudante; 2. A evolução das relações públicas no Brasil: pesquisa, ensino, a prática nas organizações públicas e privadas no meio rural e as propostas alternativas.

A experiência veio a ser repetida em 1989, durante o XII Congresso Brasileiro de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, em Florianópolis, na Uni-

<sup>23</sup> Para maiores detalhes consultar: BRAGA, Geraldo Magela e KUNSCH, Margarida M. Krohling (orgs.). *Comunicação rural: discurso e prática*. Viçosa, UFV, 1993.

versidade Federal de Santa Catarina, cujo tema central foi “Indústrias culturais e os desafios da integração latino-americana”<sup>24</sup>, realizando o II Simpósio Brasileiro de relações públicas, que, além de Ivone Lourdes de Oliveira, teve na coordenação duas professoras do curso de relações públicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Maria Helena Weber e Ana Maria Fonseca. O evento teve como objetivo principal debater as implicações da política de promoções e da prática de relações públicas vinculadas à cultura, a partir de diferentes perspectivas – dos profissionais de relações públicas, dos cientistas sociais, do publicitário, do profissional de marketing, dos promotores da cultura, dos artistas e dos jornalistas –, além de expor e avaliar os níveis de responsabilidade e comprometimento da atividade de relações públicas em relação à indústria cultural.

Tendo como tema central “Relações públicas e cultura”, os sub-temas versaram sobre o investimento cultural e a imagem das instituições; identidade cultural e consumo de cultura; responsabilidade cultural do Estado e das instituições; pesquisa e planejamento em comunicação; e o ensino de relações públicas.

## b) Os GTs

Quando retornei à presidência da Intercom, em 1991, estavam sendo criados seus Grupos de Trabalho (GTs). Ouvindo as coordenadoras dos simpósios de 1988 e 1989, convidei Sidinéia Gomes Freitas, da ECA-USP, e Tereza Lúcia Halliday, da Universidade Federal Rural de Pernambuco, para coordenarem, respectivamente, o GT de Relações Públicas e o GT de Comunicação Organizacional. A primeira reunião desses GTs foi levada a efeito durante o XV Congresso Brasileiro de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, no então Instituto Metodista de Ensino Superior, em São Bernardo do Campo, em 1992, que tinha como tema central “Comunicação e meio ambiente”.<sup>25</sup>

O GT de Relações Públicas, segundo o boletim institucional que a Intercom emitiu na época, assumiu como proposta básica *“reunir pesquisadores para analisar e avaliar a utilização, abrangência e as funções, política e profissional, da pesquisa na área de relações públicas, bem como propiciar a apresentação de pesquisas vinculadas à área, visando ao aprofundamento de questões metodológicas, políticas e profissionais”*. Ao GT de Comunicação Organizacional cabe *“estudar o papel da comunicação no contexto das organizações complexas, considerando o funcionamento da comunicação administrativa, institucional e mercadológica”*, lia-se no mesmo boletim, que acrescentava: *“A pesquisa em comunicação organizacional visa a um estudo sistemático dos elementos e contextos intra e inte-*

<sup>24</sup> Cf. KUNSCH, Margarida M. Krohling, *Indústrias culturais e os desafios da integração latino-americana*. São Paulo, Intercom, 1993.

<sup>25</sup> Cf. FREITAS, Ada M. Dencker e KUNSCH, Margarida M. Krohling (orgs.). *Comunicação e meio ambiente*. São Paulo, Intercom/IMS, 1996.

rorganizacionais da interação simbólica das organizações com seus públicos. Nesse conjunto procura-se analisar questões como climas e culturas da comunicação, rede formal e informal, símbolos organizacionais, discursos corporativos, novas tecnologias e ambiente interno e externo. Pesquisadores das áreas conhecidas como comunicação empresarial, comunicação governamental, relações públicas, comunicação sindical, comunicação religiosa (igrejas), simbolismo organizacional, discurso institucional e afins são previstos como integrantes do GT de Comunicação Organizacional<sup>26</sup>.

De acordo com a proposta do presente estudo, para que se tenha uma visão de conjunto dos temas debatidos pelos dois GTs de 1992 a 1997, reproduzir-se-ão a seguir, em quadros sinóticos, os títulos dos *papers*, com os nomes dos respectivos autores.<sup>26</sup>

### 1. Intercom 92 (IMS – São Bernardo do Campo, SP)

Quadro 1  
GT DE RELAÇÕES PÚBLICAS  
Coordenação: Sidinéia Gomes Freitas (ECA-USP)  
14 a 17/10/1992

Autor	Título do trabalho
Cristina Giácomo (Casper Líbero)	Líder de opinião, motivação e público
Fábio França (FIAM)	Relações públicas frente às mudanças organizacionais
Maria do Carmo Araújo (Uneb)	Pesquisa de opinião pública e campanha de opinião pública nas organizações
Heloíza Gomes de Matos (ECA-USP)	As novas funções do profissional de relações públicas da assessoria de imprensa
Carlos Manoel Ribeiro (UFP)	As nossas relações são públicas
Francisco Luz (Cetesb)	A importância das relações públicas para as questões ecológicas
Maria José da Costa Oliveira (Puccamp)	A preocupação ecológica evidenciando as relações públicas
Roberto Fonseca Vieira (Conrepr/RJ)	As relações públicas gerando mudanças: do poder à coletividade
Sidinéia Gomes de Freitas (ECA-USP)	O papel da comunicação oral nas atividades de relações públicas

<sup>26</sup> Este levantamento, feito a partir dos programas oficiais dos congressos da Intercom, contou, para uma sistematização preliminar, com a colaboração de Sonia Aparecida Cabestré, coordenadora do GT de Relações Públicas, e de Cleusa Andrade Scroferneker, coordenadora do GT de Comunicação Organizacional. Como se trata de uma busca nos programas, observe-se que talvez nem todos os trabalhos tenham sido efetivamente apresentados durante o respectivo congresso

Quadro 2  
**GT DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL**  
**Coordenação: Tereza Lúcia Halliday (UFRPE)**  
**14 a 17/10/1992**

Autor	Título do trabalho
Margarida M. Krohling Kunsch (ECA-USP)	A comunicação integrada na universidade
Tereza Lúcia Halliday (UFRPE)	Definições da realidade ambiental: a causa ecológica na legitimação das organizações
Cristina Ana Modtkowski (Embrapa/DF)	Expansão das fronteiras organizacionais: pela redefinição dos objetivos da Embrapa

**2. Intercom 93 (UFES – Vitória, ES)**

Quadro 3  
**GT DE RELAÇÕES PÚBLICAS**  
**Coordenação: Sidinéia Gomes Freitas (ECA-USP)**  
**03 a 07/09/1993**

Autor	Título do trabalho
Heloísa Matos (ECA-USP)	O profissional de relações públicas no governo
Maria Elvira S.L. de Mattos; Alessandra A. Nogueira; Renata M. Pereira; Rodrigo M. Araújo; Juliana M. Ferreira (PUC/MG)	Relações públicas e o ambiente organizacional
Sônia Aparecida Cabestré (Unesp – Bauru)	A pesquisa a serviço da administração pública
Ana Maria E. da Fonseca (UFRGS)	As relações públicas segundo o paradigma humanista radical
Margarida M. K. Kunsch (ECA-USP)	Relações públicas nas organizações modernas: cidadania, conflito e responsabilidade social
Roberto F. Vieira	Legitimação e poder: a política em relações públicas
Maria José da Costa Oliveira (Puccamp)	Terceirização no contexto das relações públicas

Em relação ao GT de Comunicação Organizacional, entendíamos na época, Tereza Halliday e eu, que os trabalhos teriam que ser resultantes de pesquisas e que se deveria dar um tempo para que os pesquisadores, professores e profissionais sistematizassem melhor seus estudos, razão por que nesse congresso de Vitória não foram apresentados trabalhos.

**3. Intercom 94 (Unimep – Piracicaba, SP)**

No Intercom 94, as reuniões já aconteceram com Ivone Lourdes de Oliveira (PUC/MG) na coordenação do GT de Relações Públicas e Margarida M. Krohling Kunsch (ECA-USP) na do GT de Comunicação Organizacional.

Quadro 4  
**GT DE RELAÇÕES PÚBLICAS**  
**Coordenação: Ivone Lourdes de Oliveira (PUC/MG)**  
**02 a 06/09/1994**

<b>Autor</b>	<b>Título do trabalho</b>
Heloíza Helena Gomes de Matos (ECA-USP)	Perspectivas da comunicação pública
Aléssia Franco (PUC/MG)	A exceção de regra: uma reflexão de como as instituições políticas brasileiras podem reverter o cenário através da comunicação social
Roberto Fonseca Vieira (ECA-USP)	Relações públicas e a extensão universitária: da atomização do saber à prática de um compromisso social recíproco
Sonia Aparecida Cabestré (Unesp – Bauru)	Relações públicas: o distanciamento entre a pesquisa e o ensino de graduação
Sidinéia Gomes Freitas (ECA-USP)	Conferp prepara-se para o parlamento nacional dos profissionais
Celia Maria R. Godoy dos Santos (Unesp – Bauru)	A pesquisa eleitoral: instrumento modificador da opinião pública
Celia Maria R. Godoy dos Santos; Ana S. Lopes Davi Médola (Unesp – Bauru)	A pesquisa de opinião na adequação da programação da Unesp-FM

Quadro 5  
**GT DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL**  
**Coordenação: Margarida M. Krohling Kunsch (ECA-USP)**  
**02 a 06/09/1994**

<b>Autor</b>	<b>Título do trabalho</b>
Fábio França (FIAM e IMS)	Da ruptura dos parâmetros da comunicação organizacional tradicional à busca de canais de comunicação adequados à nova realidade empresarial
Helaine Abreu R. da Rocha (PUC/RS)	A imagem das unidades de saúde de Porto Alegre
Cleusa G. Gimenes Cesca (Puccamp)	Relações públicas e a comunicação dirigida na empresa
Maria do Carmo Reis (UFMG)	Imagem corporativa: gênese, produção e consumo
Nice Braga (UFMG)	As estórias e sagas como instrumentos de análise



	organizacional: um estudo de jornais, rádios e televisão
João José A. Curvello (Banco do Brasil)	Comunicação e motivação nas organizações
Maria José C. Oliveira (Puccamp)	A questão ambiental sob a ótica da comunicação organizacional e das relações públicas : a atuação das empresas químicas e petroquímicas de Paulínia
Cristina Giácomo (Casper Líbero)	Semiótica do cerimonial
Roberto Porto Simões (PUC/RS)*	A estética das relações públicas no contexto da comunicação organizacional
Maria Schuler (UFRGS)	A empresa concebida como um ser comunicante: um modelo de administração da comunicação empresarial
Margarida M. Krohling Kunsch (ECA-USP)	O estudo e a prática da comunicação organizacional: perspectivas no Brasil e na América Latina

\* Não compareceram.

#### 4. Intercom 95 (UFSE – Aracaju, SE)

Quadro 6  
GT RELAÇÕES PÚBLICAS  
Coordenação: Ivone Lourdes de Oliveira (PUC/MG)  
04 a 10/09/1995

<b>Autor</b>	<b>Título do trabalho</b>
Márcio Simeone (UFMG)	Reposicionamento do profissional de relações públicas nos modelos contemporâneos de gestão interativa
Cleuza G. Gimenes Cesca (Puccamp)	Relações públicas na organização de eventos empresariais
Katia Campos (Centro Corsini – Campinas)	Campanha Vontade de Ajudar Sócio Contribuinte
Jean-Charles J. Zozzoli (UFA)	A marca: fenômeno e instrumento não negligenciável em relações públicas
Belkis Santos (PUC/RS)	Interpretando a matéria jornalística
Sônia A. Cabestré (Unesp – Bauru)	A produção e difusão de mensagens nas campanhas de saúde pública direcionadas para a AIDS
Celina Marta Correa (Unesp – Bauru)	Atuação de relações públicas num abrigo para idosos
José Coelho A. Albino (PUC/MG); Valdirene Cássia da Silva (Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte)	Administração da assessoria de comunicação na área cultural: a experiência da Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte

Quadro 7

**GT DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL**  
**Coordenação: Margarida M. Krohling Kunsch (ECA-USP)**  
**04 a 10/09/1995**

<b>Autor</b>	<b>Título do trabalho</b>
Belkis Santos (PUC/RS)	Em tempo de transnacionalização
J.B. Pinho (Unesp – Bauru)	Comunicação integrada no processo de gestão de marcas
Fábio França (FIAM/IMS)	Redefinição do conceito de público
Laura Carneiro Tirapeli; Viviane Fushimi Veloso (Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo)	A comunicação na Secretaria da Educação: uma experiência em curso
Maria José da Costa Oliveira (Puccamp)	A comunicação e a ISO 14000
Fernando Luis Bar (Eletrosul)	A experiência da Eletrosul no levantamento e na análise das relações comunicação – clima organizacional
Tereza Lúcia Halliday (UFRPE)	Análise do discurso organizacional
Maria Schuler (UFRGS)	Aspectos culturais influenciando a comunicação entre organizações de diferentes países
Célia Maria Retz Godoy dos Santos (Unesp – Bauru)	A pesquisa: uma preocupação com a coletividade, implantação da cultura de participação e valorização do empregado na organização – caso da polícia da região de Bauru
Margarida M. Krohling Kunsch (ECA-USP)	Comunicação organizacional: surgimento, evolução, conceitos e abrangência

\* Não compareceram.

**5. Intercom 96 (UEL – Londrina, PR)**

Quadro 8  
**GT RELAÇÕES PÚBLICAS**  
**Coordenação: Ivone Lourdes de Oliveira (PUC/MG)**  
**04 a 07/09/1996**

<b>Autor</b>	<b>Título do trabalho</b>
Maria Aparecida Ferrari (ECA-USP)	O impacto da globalização na prática das relações públicas: o tratado do Mercosul como oportunidade para o desenvolvimento das relações públicas na América Latina
Geane Alzamora (PUC/MG)	A profissão de relações públicas abordada pela semiótica peirceana
Ana Maria E. Fonseca (UFRGS)	Relações públicas em épocas de mudanças
Roberto Porto Simões (PUC/RS)	Análise de situação de relações públicas na mídia
Claudia Peixoto Moura (PUC/RS)	Relações Públicas: a legislação em foco
Ada Cristina Machado Silveira; Eugênia M. da Rocha Barichello;	Proposta de sistematização de análise de <i>house organs</i>

Jocélia Maris Mainardi (UFSM)	
Maria Eugênia da Silva Wendehausen (UFRGS)	Relações públicas: a ponta do <i>iceberg</i>
Ivone de Lourdes Oliveira (PUC/MG)	O ensino de relações públicas : dificuldades e desafios

Quadro 9  
**GT DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL**  
**Coordenação: Margarida M. Krohling Kunsch (ECA-USP)**  
**04 a 07/09/1996**

<b>Autor</b>	<b>Título do trabalho</b>
Luiz Carlos Assis Iasbeck (PUC/SP)	A construção comunicativa da identidade empresarial
Ana Lúcia C.R. Novelli (ECA-USP)	A questão humana: reflexões sobre a fala e o trabalho
Cicília M. Krohling Peruzzo (UFES)	Comunicação nas ONGs
Fernando Luis Bar (UFSC)	Administração e comunicação organizacional multidisciplinaridade ou unicidade?
Severino Alves de Lucena Filho (UFPE)	Comunicação organizacional no carnaval de Pernambuco
Eugênia Mariano da Rocha Barichello (UFSM)	O grupo emergente de pesquisa em comunicação organizacional da Facos/UFSM: uma proposta de comunicação integrada
João José Azevedo Curvello (ECA-USP)	A comunicação interna e o fim do vínculo e da estabilidade nas organizações
José Coelho de Andrade Albino (PUC/MG)	A construção e o uso da religião como forma de obtenção do comprometimento dos funcionários com a empresa
Silvana Prata Camargos (UFOP)	
Cleusa Maria Andrade Scroferneker (Famecos-PUC/RS)	O papel da comunicação na relação das organizações com o Mercosul
Heloiza Mattos (ECA-USP)	Desafios da comunicação pública no processo de democratização
Maria José Baldessar (UFSC)	Estudo sobre a Associação Nacional dos Jornais: a corporação do papel
Marília Levacov e Flávio Cauduro (UFRGS)	Construindo a imagem da Fabico-UFRGS na Internet

† Não compareceram.

Uma rápida leitura dos títulos dos trabalhos apresentados evidencia desde logo a riqueza de abordagens desenvolvidas nesse GT, que tem como característica principal ser multidisciplinar. Há uma preocupação constante em selecionar trabalhos que oportunizem o aprofundamento de estudos no âmbito da comuni-

cação organizacional. Essa tendência se manifesta igualmente nos dez trabalhos selecionados para as reuniões do GT no Intercom 97, como veremos a seguir.

### 6. Intercom 97 (Unisantos/Unisanta/Aelis – Santos, SP)

Neste congresso já iremos encontrar Cristina Giácomo como nova coordenadora do GT de relações públicas.

Quadro 10  
GT RELAÇÕES PÚBLICAS  
Coordenação: Cristina Giácomo (ECA-USP)  
03 a 07/09/1997

<b>Autor</b>	<b>Título do trabalho</b>
Maria Angela Coelho M. Pinto (U.C.João Bosco)	Paulo: o apóstolo e o relações-públicas do cristianismo
Carlos Ribeiro (Prolam-USP)	Carnaval brasileiro e carnaval mexicano
Célia Maria R. Godoy dos Santos; Maria Helena Gamas; Terezinha de Jesus Boteon (Unesp – Bauru)	Eleições e comunidades
Sonia Aparecida Cabestré (Unesp – Bauru)	Docência e pesquisa na habilitação em relações públicas
Heloiza Matos (ECA-USP)	Relações públicas e marketing público: caminhos e descaminhos da comunicação governamental
Margarida M. Krohling Kunsch (ECA-USP)	Prática de relações públicas no Brasil: evolução, aspectos teóricos, mercado e perspectivas
Gisele Marchiori Nussbaumer (UFSM)	Relações públicas e marketing cultural
Virgínia Sá Barreto (UFPE)	A pesquisa em relações públicas : meios e análise de recepção
Celsi Bronstrup Silvestrin (UFPR)	A questão de gênero em relações públicas
Claudia Peixoto de Moura (PUC/SP)	Relações públicas e jornalismo: aspectos convergentes
Helenice Carvalho (Unisinos)	Relações públicas na gestão estratégica da empresa
Norval Baitello Jr. (PUC/SP)	Os jogos e a comunicação

Quadro 11  
GT DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

**Coordenação: Margarida M. Krohling Kunsch (ECA-USP)**  
**03 a 07/09/1997**

<b>Autor(a)</b>	<b>Título do trabalho</b>
Margarida M. Krohling Kunsch (ECA-USP); Cleusa Maria Andrade Scroferneker (PUC/RS)	Balanço e perspectivas do GT de Comunicação Organizacional
Marluce Freire Lima de Araújo (UFV)	A reconstrução organizacional da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa no contexto da globalização
Karla Maria Müller (PUCRS)	Reflexões sobre conotações ideológicas em veículos de comunicação dirigida escrita de entidades de classe
José Coelho de Andrade Albino (PUC/MG) Poliana Duarte Braga e Bragança (Museu de Arte de Pampulha – Belo Horizonte)	Restauração e revitalização do museu de arte de Pampulha
Eugenia M. da Rocha Barichello; Juliana Cacian; Fernanda Kieling (UFSM)	A construção de uma política de comunidade para a UFSM
João José Azevedo Curvello (ECA-USP)	Comunicação, trabalho e aprendizagem nas organizações
Artur Roberto Roman (UFPR)	A carnavalização da linguagem na comunicação administrativa do Banco do Brasil: um ritual de inversão dos bancos- brasileiros
Maria Schuler; Jorge Francisco Bernetti Lengler (UFRGS)	Os elementos físicos da organização como instrumento de sustentação de estratégias de segmentação e posicionamento de mercado
J. Esteves Rei (Universidade Fernando Pessoa – Porto/Portugal)	A comunicação organizacional e a retórica
Irenilda de Souza Lima (UFRPE)	Inovação curricular numa escola rural: relações interorganizacionais

<sup>1</sup> Não compareceram.

#### **4. Balanços e perspectivas dos GTs**

Considera-se que a existência dos GTs de Relações Públicas e de Comunicação Organizacional e as reuniões anuais dos pesquisadores, professores e profissionais dessas áreas, nos congressos anuais da entidade, foram sumamente importantes para um avanço científico desses segmentos das Ciências da Comunicação.

Acompanhando de perto os *papers* apresentados, nota-se que temos dado um salto qualitativo. Muitos dos trabalhos relacionados nas tabelas anteriores são resultados de pesquisas em nível de pós-graduação e a oportunidade de se debater com os pares e trocar experiência é extremamente gratificante para o aprimoramento do pensar científico.

Para que se tenha uma visão sintética do número de trabalhos e dos assuntos, bem como dos expositores e das universidades que mais se fizeram presentes, criei o quadro seguinte, que demonstra um certo equilíbrio entre as duas áreas, tanto no número de *papers* – relações públicas: 51; comunicação organizacional: 46 – quanto nos temas. Os temas tratados são bastante semelhantes.

*Quadro 12* – Síntese dos trabalhos apresentados ( 1992 – 1997 )

GTs	Trabalhos		Temas mais freqüentes	Autores	Universidades
Relações Públicas	1992	9	Públicos	Sônia A. Cabestré - 4	ECA-USP - 9
	1993	7	Relações públicas e áreas afins	Heloiza Matos - 3	PUC/MG - 4
	1994	7	Perspectivas em relações públicas	Roberto F. Vieira - 3	Unesp-Bauru - 4
	1995	8	Novas funções do profissional	Celia M. Godoy - 3	Puccamp - 3
	1996	8	Questões ecológicas e ambientais	Claudia P. Moura - 2	UFRGS - 3
	1997	12	Comunicação governamental		
	Total	51	Ensino Motivação/Comunicação interna Eventos Relações públicas comunitárias Legislação Gestão estratégica Pesquisa		
Comunicação Organizacio- nal	1992	3	Cultura popular	Margarida K. Kunsch - 4	ECA-USP - 5
	1993	-	Comunicação dirigida	João José Curvello - 3	PUC/RS - 5
	1994	11	Imagem corporativa	Maria Schuler - 3	Puccamp - 3
	1995	10	Comunicação integrada	Cleusa Scroferneker - 2	UFRGS - 3
	1996	12	Comunicação organizacional	Tereza L. Halliday - 2	UFRPE - 3
	1997	10	Cultura organizacional	Eugenia Barichello - 2	
	Total	46	Retórica e semiótica Clima organizacional Globalização e Mercosul Discurso organizacional Pesquisa (variados) Políticas		

Evidentemente, a contribuição da Intercom não se resume aos espaços nos congresso anuais para eventos paralelos, como foram os simpósios e estão sendo as reuniões de GTs e, nos dois últimos, anos o encontro de professores dos cursos de relações públicas.

Outra frente de suma importância foi a democratização do conhecimento estocado, divulgado nas obras de referência, como inventários e bibliografias, e posteriormente disponibilizados na rede Portdata, banco de dados do Portcom -

Centro de Documentação em Comunicação dos Países de Língua Portuguesa, órgão auxiliar da Intercom.

O espaço nas publicações da entidade, tanto nos seus livros, quanto na *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, é uma outra vertente muito importante que as áreas em questão usam, mas poderiam utilizar muito mais. Como, por exemplo, publicar uma seleção de *papers* destes GTs na coleção de GTs da Intercom. A iniciativa mais recente é a criação de uma *home page* específica no *site* da Intercom.<sup>5</sup>

Conclui-se, portanto, que mais uma vez nossa entidade cumpriu seu papel e está cumprindo sua missão como sociedade científica.

## 5. Considerações finais

Apesar do avanço acadêmico-científico das áreas de relações públicas e de comunicação organizacional, ainda se constata uma carência de estudos mais sistematizados e de uma literatura específica realmente adequada para servir de subsídio ao mercado profissional. Isto é, faz-se necessária uma maior fundamentação e um corpus teórico que as ajude a se consolidarem como campos de conhecimento no âmbito das Ciências da Comunicação.

A inexistência de uma consistência científica e de um corpus teórico definido leva à indefinição da áreas e da própria profissão, que assumem nomes diversos, como comunicação social, empresarial, corporativa e muitos outros qualificativos, o que, no dizer de Joan Costa, virou um torre de Babel: *“A falta de uma epistemologia da comunicação empresarial contemporânea, unida à revolução tecnológica, à aceleração na qual vivemos e à revolução dos serviços com novos valores, tem criado essa colossal confusão babélica, que tem aumentado, sobretudo, a partir dos anos setenta. Entre esta confusão estéril vão e vêm, emergem e se dissolvem e não cessam de recombinar-se e multiplicar-se expressões como imagem, comunicação e identidade, qualificativos como institucional, global, total e suas combinações, assim como outras fórmulas muitos mais complexas e ambíguas”*.<sup>6</sup>

Conforme já mencionado aqui e em outros textos e ocasiões anteriores, foram poucas as instituições universitárias que criaram espaços nos seus centros de pós-graduação para essas áreas. A universidade ou, mais especificamente, as escolas e faculdades de Comunicação Social não souberam ser vanguardistas nesse campo. Faltaram-lhes visão e políticas institucionais tanto para o direcionamento de pesquisas quanto para a formação de profissionais. Talvez a vigência do regime autoritário, por longos vinte e um anos, tenha sido uma das causas. Além

<sup>5</sup> Acessar a página principal – <http://www.intercom.org.br/gtco> – e clicar a opção “Fórum”.

<sup>6</sup> COSTA, J. *Comunicación corporativa y revolución de los servicios*. Madrid, Ediciones de las Ciencias Sociales, 1995. p. 131.

disso, tocar nesse assunto significava, nos meios acadêmicos, “beneficiar o capitalismo empresarial” e, por isso, as iniciativas foram pessoais e isoladas.

Novas perspectivas são vislumbradas. As demandas para os cursos de pós-graduação (*lato sensu* e *stricto sensu*), a preocupação das organizações em apostar na comunicação, montando ou atualizando estruturas, redefinindo políticas, treinando pessoas, recorrendo a assessorias e consultorias especializadas, são alguns indicativos promissores.

Outro caminho a trilhar é o da consolidação de uma maior fundamentação teórica para a práxis da comunicação organizacional e da formação do profissional de relações públicas. Hoje muitas pessoas, instituições e organizações estão despertando para essa necessidade.

Finalmente, por serem áreas emergentes, tanto as relações públicas quanto a comunicação organizacional necessitam passar por uma revisão dos velhos paradigmas funcionalistas diante de uma realidade social nova e muito mais complexa e dialética.

A busca de novos paradigmas tem que passar pelas pesquisas e pela identificação do conhecimento técnico-científico já disponível, culminando com uma revisão bibliográfica e documental capaz de construir um diagnóstico global do “estado da arte” dessas áreas no Brasil. Só com a união de esforços nesse sentido e com o apoio de investimentos públicos e privados, será possível avançar efetivamente nesse campo, sem desmerecer o estágio já alcançado.





## A pesquisa sobre rádio no Brasil nos anos oitenta e noventa\*

*Sonia Virgínia Moreira*

*Professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).*

*Nélia Del Bianco*

*Professora da Universidade de Brasília (UnB).*

### A produção científica brasileira sobre rádio

Apesar da inexistência de uma bibliografia consistente e completa sobre o rádio no País, é necessário registrar que a pesquisa brasileira sobre o meio avançou significativamente durante a década de 1990. Em parte devido a uma espécie de redescoberta dos recursos radiofônicos – com a proliferação de novos gêneros, como as emissoras que “tocam notícias”, por exemplo – e à popularização das rádios livres, colocadas no ar sem permissão oficial. Não é exagero afirmar que o avanço registrado nesta década também se deve à contribuição do GT de Rádio reunido na Intercom, que desde 1991 congrega professores, pesquisadores, profissionais, estudantes e curiosos que têm em comum o interesse por um veículo versátil e dinâmico como o rádio.

Até o início dos anos noventa, mesmo considerado o mais popular dos meios de comunicação de massa, eram poucos, entre os títulos publicados e acessíveis ao público em geral, os estudos acadêmicos sobre o rádio. Um levantamento da produção de autores nacionais transformada em livros sobre o meio mostra, por exemplo, a frequência dos livros-depoimentos nos anos oitenta, montados a partir de narrativas históricas pessoais de profissionais que participaram das décadas pioneiras do rádio no Brasil – caso de Mário Lago, com *Bagaço de beira-estrada*, de Renato Murce, com *Bastidores do rádio*, ou de Mauro de Felice, com *Jornalismo de rádio* – todos esses títulos em edições há muito esgotadas.

Experiências com o rádio educativo haviam resultado em contribuições importantes nos anos cinquenta/sessenta – destaque para *Educação fundamental pelo*

---

\* Este texto foi escrito para o XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, tendo recebido uma revisão e atualização posterior.

*rádio*, de João Ribas da Costa, de 1956, um estudo que na época serviu como modelo para o rádio educativo oficial. Nos anos setenta, os campos da legislação e da organização empresarial do veículo foram temas de dois livros organizados pelo ex-locutor Saint-Clair Lopes, autor de *Comunicação: radiodifusão hoje*, de 1970, e *Radiodifusão: meio século a serviço da integração nacional*, de 1972. O assunto legislação seria retomado de forma mais ampla e crítica na década de 1980 por Sérgio Caparelli, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no livro *Comunicação de massa sem massa*.

É justamente a partir dos anos oitenta que professores e pesquisadores passaram a eleger com maior frequência setores, aspectos ou programas de rádio como objeto de estudo. Entre os trabalhos resultados desse período estão: *A informação no rádio*, de Gisela Swetlana Ortriwano; *Por trás das ondas da Rádio Nacional*, de Mirian Goldfeder; *O rádio dos pobres: comunicação de massa, ideologia e marginalidade social*, de Maria Immacolata V. de Lopes; e *Rádios livres: a reforma agrária no ar*, de Arlindo Machado, Caio Magri e Marcelo Masagão. Datam da mesma década o *Manual de radiojornalismo – Jovem Pan*, de Maria Elisa Porchat, que durante anos serviu como fonte de consulta única sobre o tema; a pesquisa *Rádio Nacional, o Brasil em sintonia*, de Luiz Carlos Saroldi e Sonia Virgínia Moreira; a coletânea *Radiojornalismo no Brasil*, organizada por Gisela Swetlana Ortriwano; e algumas dissertações de mestrados transformadas em livro – entre elas: *O amigo da madrugada: o fenômeno Adelzon Alves*, de Erika Franziska Herd; e *No ar, o sucesso da Cidade*, de Fernando Mansur.

Nos anos noventa, em especial a partir da segunda metade da década, a produção acadêmico-científica sobre o rádio começou a se solidificar, evidenciada pela publicação mais freqüente de livros sobre o meio no Brasil. Um levantamento da bibliografia corrente produzida nesta década mostra que, até 1998, haviam sido publicados 21 títulos sobre rádio, divididos em oito categorias de origem:

1. Monografias (2): *Memória do rádio*, de Luiz Maranhão Filho (1991); *Programa Casé: o rádio começou aqui*, de Rafael Casé (1995);
2. Dissertações de mestrado (2) : *O Programa Gil Gomes: a justiça em ondas médias*, de Maria Teresa P. da Costa (1992); *A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo*, de Edileuza Soares (1994);
3. Tese de doutorado (1): *Rádio e política: tempos de Vargas e Perón*, de Dóris Fagundes Haussen (1997);
4. Pesquisas acadêmicas (7): *A locomotiva no ar: rádio e modernidade em São Paulo (1924-1934)*, de Antonio Pedro Tota (1990); *O rádio no Brasil*, de Sonia Virgínia Moreira (1991); *Hora da ginástica*, de Sérgio Carvalho (1994); *Cantores do rádio*, de Alcir Lenharo (1995); *Rádio em todas as ondas*, de Luiz Maranhão Filho (1998); *Rádio Palanque, fazendo política no ar*, de Sonia Virgínia Moreira (1998); *Rá-*

*dio e pânico: a Guerra dos Mundos 60 anos depois*, coletânea de artigos organizada por Eduardo Meditsch (1998);

5. Livros-depoimento (2): *Reportagem da legalidade – 1961/1991*, de Norberto da Silveira (1991); *A onda maldita: como nasceu a Fluminense FM*, de Luiz Antonio Mello (1992);

6. Levantamento histórico (2): *A MPB na era do rádio*, de Sérgio Cabral (1996); *Véspera do primeiro de abril*, de Hemílio Fróes (1993);

7. Guias práticos (2): *Como falar no rádio: prática de locução A/FM* (1990) e *Rádio: inspiração, transpiração e emoção* (1997), ambos do radialista Cyro César;

8. Manuais de radiojornalismo (3): *Manual de redação do Sistema Globo de Rádio*, organizado por Mauro Silveira (1997); *Chamada à ação: manual do radialista que cobre educação*, redigido por Sonia Virgínia Moreira e Maria das Graças Louzada (1997); *Manual de jornalismo em rádio – Itatiaia 610 AM*, coordenado por André Carvalho (1998).

Esse levantamento bibliográfico serve para mostrar o *status* atual e apontar pelo menos uma tendência da pesquisa sobre rádio no Brasil. Entre as constatações, a principal é a de que os estudos e as pesquisas acadêmicas passaram a constituir – a partir dos anos oitenta e com maior incidência na década de 1990 – a fonte mais freqüente dos títulos publicados no País: dos 21 volumes listados, treze trabalhos (mais de 60% da produção publicada em livro) tiveram como origem pesquisas acadêmicas individuais, de graduação ou pós-graduação.

Além disso, vale mencionar também a publicação de títulos que, no mesmo período e de alguma forma, incluíram análises sobre aspectos distintos do rádio, entre os quais *Comunicação nos movimentos populares*, de Círcia M. Krohling Peruzzo (1998), e *História da vida privada no Brasil, vol. 3 – República: da belle époque à era do rádio*, organizado por Nicolau Sevcenko (1998). Foi nesse cenário que se desenvolveu desde o início da década o trabalho de aglutinação da produção científica sobre rádio pelo GT de Rádio da Intercom. Os resultados de seis anos de encontros, debates e trocas sobre o meio podem ser conferidos a seguir.

### Seis anos de pesquisas nos encontros da Intercom – 1991-1996<sup>1</sup>

Os resultados aqui apresentados fazem parte de uma análise crítica de 42 dos 59 *papers* apresentados no GT de Rádio da Intercom entre 1991 e 1996. O estudo revela que as pesquisas, os relatos de experiências, os artigos e os ensaios produzidos pelos pesquisadores construíram um panorama que ilustra a condição do rádio, ressaltando a influência, o poder e a importância social e política do meio desde a fundação da primeira emissora no país em 1923.

<sup>1</sup> Participou do levantamento a Prof.<sup>a</sup> Valci Regina Zucoloto, da Universidade Federal de Santa Catarina.

O rádio desempenha inúmeros papéis e funções, dentre os quais se destaca a capacidade de influenciar o comportamento das pessoas, de criar novos hábitos de consumo e de atender a demandas simbólicas por lazer, entretenimento, informação e companhia. É o veículo que está mais perto do ouvinte. A audição acontece em qualquer lugar, sem precisar de fios ou tomadas, e serve como trilha sonora do dia-a-dia da grande maioria da população brasileira. Estima-se que, em média, 90% da população de baixa renda, homens e mulheres de todas as idades, ouvem a programação radiofônica cerca de três horas diárias, segundo dados da Marplan (1992).

Todas essas qualidades, entretanto, não conseguiram fazer do veículo um objeto de estudo freqüente entre os pesquisadores de comunicação até o final da década de 1980. Este quadro começou a modificar-se com a criação do GT de Rádio da Intercom, em 1991. Os 59 trabalhos apresentados entre 1991 e 1996 indicam o crescente interesse de pesquisadores, profissionais, professores e estudantes de pós-graduação em estudar o meio. O GT cumpre papel importante ao divulgar essa produção junto a professores, profissionais e estudantes da área, como também ao propiciar a reflexão e a crítica sobre o papel do rádio atual. Ao estimular o diálogo interdisciplinar e a troca de idéias entre pesquisadores e profissionais, o GT tem fortalecido o conhecimento nessa área da comunicação.

### *Análise da produção*

Qual tem sido a contribuição dos trabalhos apresentados no GT para a geração de conhecimento sobre o rádio no Brasil? Esta foi a pergunta que norteou a pesquisa baseada na análise de 42 dos 59 textos apresentados. Para respondê-la, tentou-se identificar nos textos elementos que permitissem conhecer melhor os pesquisadores e o seu tipo de trabalho de investigação. Foram levantadas informações como cargo, função e o estado de origem dos pesquisadores; temática dominante, natureza do trabalho (relato de pesquisa, ensaio ou artigo) e correntes teórico-metodológicas. Essas informações, aliadas à análise do conteúdo dos textos, serviram para traçar o perfil do conjunto da produção, apontando tendências, perspectivas e significados que dão sentido ao conhecimento gerado.

A análise revela que a maioria dos pesquisadores é formada por professores de curso de Comunicação (90%). Registra-se uma pequena participação de estudantes de pós-graduação em Comunicação (4,7%) e de profissionais da área (4,7%). A maioria dos pesquisadores tem ou freqüenta curso de pós-graduação: 52,3% são mestres, 19%, doutores e 26% estão matriculados em cursos de mestrado ou doutorado.

A produção do conhecimento ainda está concentrada no eixo Rio-São Paulo-estados do Sul, que responde por 73,7% dos textos apresentados no período. Pesquisadores de quase todas as regiões do País, exceto da região Norte, participam do GT. Mesmo com a predominância de textos de pesquisadores de São Paulo (28,5%), Rio Grande do Sul (21,4%), Santa Catarina (14,2%) e Rio de Janeiro (9,5%), tem crescido a participação de pesquisadores de outros estados – em especial Pernambuco, Goiás, Distrito Federal, Alagoas. Esse movimento pode significar uma tendência para a descentralização dos estudos, resultado da crescente qualificação dos docentes, que muitas vezes elegem a sua realidade regional como tema das teses ou dissertações.

Observa-se, no conjunto, o predomínio dos relatos de pesquisa (50%), a maioria resultante de dissertações ou teses em comunicação. Na verdade, existe uma vinculação direta entre a qualificação dos pesquisadores do GT em nível de pós-graduação e o crescimento da produção de pesquisas sobre rádio. A maioria dessas pesquisas é de natureza histórica (61%). Mas há também pesquisas exploratórias (23%), empíricas (14%) e metodológicas (9,5%). Registra-se ainda expressivo número de textos apresentados (38%) que são em grande parte relatos de experiências de práticas de ensino ou profissionais.

### *Temática dominante*

Reunir os temas de pesquisa dominantes no GT de Rádio em poucas e rígidas categorias revelou-se uma tarefa difícil de executar. Os trabalhos refletem a diversidade de temas inerentes à especificidade do veículo sob vários aspectos: natureza, poder, influência e as inúmeras interfaces e mediações que estabelece com a sociedade.

Percebe-se, na abordagem das diferentes temáticas, que os pesquisadores estão preocupados em fazer um estudo crítico da história do rádio, das práticas profissionais, além de evidenciar as relações de poder estabelecidas a partir do meio, suas ressonâncias sociais e as mediações com a sociedade. Os trabalhos exploram essas temáticas principalmente através de estudos regionais e locais, apontando o conjunto de problemas e a especificidade do meio. Poucos são os trabalhos que retratam o veículo em termos nacionais, abrangentes. Uma tentativa de categorização da produção do GT de Rádio, indica as seguintes como algumas das linhas gerais predominantes no período analisado de seis anos.

- *Poder, políticas, influência e mediações do rádio*

O poder político do rádio, a história crítica de sua influência, a forma que permeia e interfere no espaço social e as mediações que estabelece com a sociedade são temas frequentes entre os pesquisadores do GT. Estão explicitados nos textos que tratam o meio como espaço de luta na produção de significados resultantes da experiência social; nos relatos que resgatam criticamente períodos históricos determinados mostrando o uso oficial e oficioso do veículo; nos trabalhos que retratam a popularidade alcançada por comunicadores radiofônicos e o seu envolvimento nos processos de disputa eleitoral; nos textos que analisam o impacto e a influência da legislação de radiodifusão no funcionamento de emissoras, assim como os fatores econômicos e políticos que incidem no processo de concessão de canais AM e FM no Brasil comparado a sistemas legais de outros países; e, finalmente, trabalhos que registram e avaliam a expansão de emissoras evangélicas. Ao tratar dessas questões os pesquisadores optam, em geral, por uma abordagem histórica que contribui para suprir as falhas, contradições, imprecisões e omissões de momentos distintos da trajetória do veículo no País.

▪ *Rádio: técnica, produção e prática profissional*

O universo da prática profissional no veículo é objeto de vários estudos. A maioria relata a história do desenvolvimento das técnicas a partir de uma perspectiva crítica, buscando evidenciar o sentido e o significado que essas técnicas adquirem para os profissionais e para a sociedade. Nessa categoria, prevalecem os textos sobre linguagem radiofônica que tratam da construção do texto radiofônico e do estilo oral-auditivo; as análises técnicas e de conteúdo de programas jornalísticos, de lazer e entretenimento; os relatos sobre o processo de criação de programas inovadores, diferentes daqueles veiculados pelas emissoras comerciais; e os estudos sobre o rádio como instrumento de disseminação de informação para o homem do campo. Os trabalhos ainda denotam uma tendência para pesquisas sobre o rádio atual em vários aspectos – implementação de novas tecnologias, equipamentos digitais, uso de satélite e a sua influência no gerenciamento das emissoras e na determinação de novos formatos e conteúdos da programação.

▪ *Emissoras livres, alternativas, comunitárias*

É razoável o interesse, entre os pesquisadores do GT, pelo estudo das rádios livres, populares e comunitárias no Brasil. Os trabalhos que analisam o fenômeno por meio de estudos de casos e relatos de experiências. Há a preocupa-

ção de construir uma história do rádio alternativo, desde o seu aparecimento até a importância, a influência e as interfaces que estabelece com os diversos segmentos da sociedade. Os textos mostram o potencial de articulação e mobilização do meio, em que é possível perceber e compreender a interação entre o espaço da produção e da recepção.

#### ▪ *Rádio e educação*

No Brasil, o rádio esteve associado à educação desde que surgiu. As primeiras emissoras defendiam o uso do meio para a transmissão de educação e cultura. Os objetivos na época eram ajudar a reduzir o analfabetismo, promover os valores e o desenvolvimento integral do homem e da comunidade. No GT de Rádio os pesquisadores analisam experiências com esses objetivos no rádio, usado para difundir medidas de saúde preventiva ou esclarecer dúvidas sobre a língua portuguesa, entre outros temas. A produção de conhecimento sobre essas experiências tem contribuído para atualizar o conceito de rádio educativo remanescente da década de 1920. Os trabalhos evidenciam que o rádio educativo está desvinculado de uma concepção erudita e formal, mas ligado à difusão de conhecimentos o que o faz adquirir um sentido popular direcionado à transmissão de valores, de estímulo à reflexão e à transformação social. Entre os estudos nessa linha estão incluídas as práticas do ensino de rádio nas escolas de Comunicação. Destacam-se os relatos de experiências na produção de programas produzidos como parte das atividades curriculares; os textos que abordam a questão do ensino de radijornalismo – principalmente sob os aspectos do ensino da linguagem, da construção do texto escrito para ser falado – e os trabalhos que apontam caminhos para a prática do ensino a partir da reinvenção e da atualização de gêneros e formatos criados na época de ouro do rádio.

#### ▪ *Correntes teórico-metodológicas*

Na tentativa de identificar as correntes teórico-metodológicas dominantes nos textos analisados, foram identificadas duas situações: 42% dos trabalhos não apresentaram um referencial teórico definido – muitos são relatos descritivos de experiências ou artigos e ensaios que retratam determinadas realidades ou fenômenos sem se preocupar em apresentar uma reflexão embasada por alguma corrente teórica; 66% dos textos resultam de pesquisas e articulam a discussão das diferentes temáticas a partir de um aporte teórico.

A dificuldade maior na análise dessa categoria foi destacar o aporte teórico evidenciado nos textos e identificá-lo de acordo com as correntes teóricas exis-



tentes na área de pesquisa da comunicação. Aqui, deve-se levar em conta a especificidade dos meios de comunicação – que constituem, ao mesmo tempo, uma indústria, um universo simbólico de consumo, um investimento tecnológico, um terreno de confronto político, um sistema de intervenção cultural e de agregação social, uma forma de lazer e entretenimento etc. Muitos trabalhos recorrem às Ciências Sociais – que possuem um conhecimento teórico consolidado e organizado em torno da antropologia e da sociologia, entre outras áreas – para construir suas categorias de análise. Neste caso, o conhecimento na comunicação se desenvolve pela interdisciplinaridade, uma convivência salutar e desejável na medida em que amplie as correntes teóricas da comunicação. As pesquisas, entretanto, apontam para a comunicação muito mais como campo de conhecimento do que espaço para consolidação de uma teoria autônoma. Feitas as ressalvas, é possível identificar uma forte tendência dos pesquisadores do GT em realizar estudos com apoio das teorias crítica<sup>2</sup> (41%) e culturoológica<sup>3</sup> (20%), valendo-se do método da análise histórico-crítica (38%). Neles, as teorias não são revistas ou repensadas a partir dos objetos estudados; apenas contribuem com categorias de análise para explicar, compreender e dar sentido aos fenômenos da comunicação no rádio.

### *Considerações finais*

O conjunto de textos reunidos pelo GT de Rádio ainda está longe de preencher as lacunas de conhecimento em relação a história, fatos, fases, técnicas, políticas, investimentos e transformações do rádio, embora esses temas predominem na ainda incipiente pesquisa sobre o meio no Brasil.

É fundamental que os pesquisadores comecem a avaliar a possibilidade de desenvolvimento de estudos em âmbito nacional, que consigam detalhar e aprofundar as inúmeras manifestações e mediações do rádio em diversos contextos da realidade social. No período analisado, uma quantidade significativa de trabalhos se limitou à análise de fenômenos regionais específicos que, nem sempre, encontraram respostas ou correspondentes no restante do país. Claro que não se deve abdicar desse tipo de análise, ideal para a compreensão dos modos de consumo diferenciados do veículo considerando as especificidades culturais de cada região. A proposta do GT é incentivar maior articulação dos estudos como forma de apontar tendências e identificar perspectivas do meio. Em 1998, o lançamento, no congresso de Recife, do livro *Rádio e pânico: a guerra dos mundos, 60 anos*

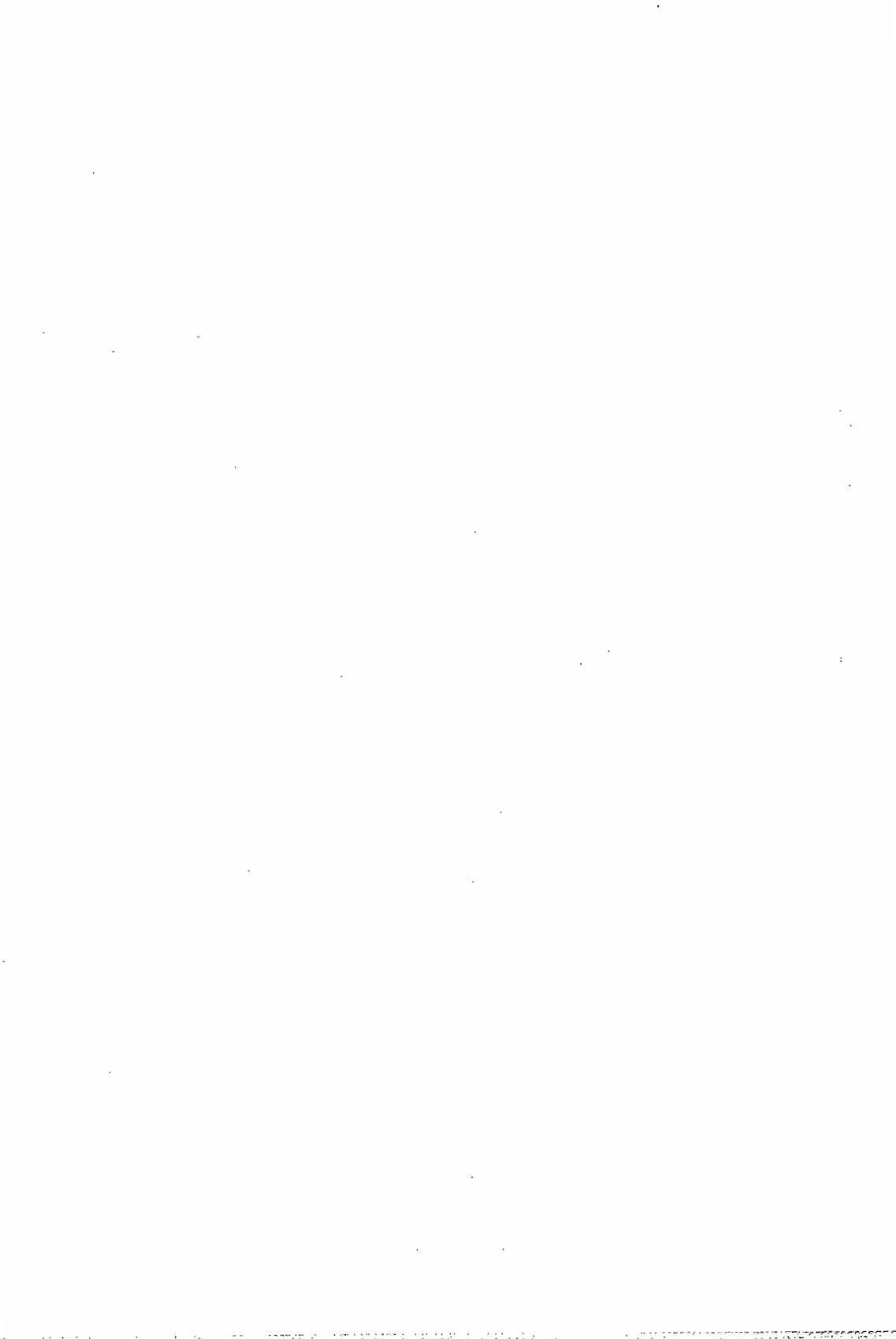
<sup>2</sup> Corrente teórica que define a comunicação como mercadoria produzida pela indústria cultural.

<sup>3</sup> Entendida aqui como a corrente que estuda a comunicação de massa distinguindo os seus elementos antropológicos mais relevantes e a relação entre o consumidor e o objeto de consumo. Ver: WOLF, Mauro *Teorias da comunicação*. Lisboa, Editorial Presença, 1989, p. 87.

*depois*, iniciativa do Prof. Eduardo Meditsch (UFSC), mostrou uma das possibilidades desse tipo de articulação reunindo dezoito pesquisadores de várias regiões (a grande maioria membros permanentes do GT) em torno de um mesmo assunto. Para 1999 está previsto o lançamento do volume n. 8 da Coleção GTs da Intercom, com textos do grupo de rádio.

Por essas razões, torna-se urgente incentivar entre os pesquisadores a definição e o uso de ferramentas teórico-metodológicas nos estudos, análises e pesquisas sobre o meio. A teoria é um recurso que deve ser empregado para estruturar o significado das práticas, já que toda prática está revestida de um significado para o sujeito que a realiza e para aqueles com quem o sujeito interage. Não existe prática sem reflexão, nem prática destituída de significado.

Este balanço mostra que tem sido inegável a contribuição da produção do GT Rádio para o desenvolvimento dos estudos sobre o rádio no Brasil – meio quase centenário, de grande influência social, mas ainda carente de análises. Os pesquisadores do GT estão construindo esse conhecimento a partir de estudos realizados com esforço, dedicação e, sobretudo, muita paixão pelo rádio. Ainda há um longo caminho a percorrer para consolidar o saber nessa área. O importante é que continuem a existir pessoas trabalhando para isso.



## A pesquisa de recepção no Brasil: em busca da influência latino-americana\*

*Nilda Jacks*

*Professora do Mestrado em Comunicação e Informação  
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e  
coordenadora do GT de Comunicação e Recepção, da Intercom.*

No Brasil, poucos pesquisadores dedicam-se ao estudo da recepção dos meios de comunicação e estes não estão ligados a centros de pesquisa reconhecidos por esta linha de investigação<sup>1</sup>, tampouco estão agrupados por linhas comuns. Segundo Lopes o caso brasileiro contrasta com o restante do continente, que possui "formação em diversos países latino-americanos de equipes de pesquisa trabalhando em projetos integrados e multidisciplinares na área. São casos dos projetos sobre telenovela na Colômbia (Martín-Barbero, 1987) e no México (González, 1991), o de educação para a recepção ativa no Chile (Fuenzalida, 1987) e o de crianças e televisão no México (Orozco, 1992) entre outros" (Lopes, 1994: 179).

As únicas experiências que congregam os investigadores da recepção no Brasil são dois grupos de trabalho (GTs) constituídos em congressos anuais da Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação e da Compós - Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação, quando os pesquisadores apresentam sua produção. Os GTs, entretanto, não estão configurados em torno de perspectivas teórico-metodológicas compartilhadas.

Comunicação e Recepção, GT da Intercom, e Mídia e Recepção<sup>2</sup>, GT da Compós, têm constituição recente: o primeiro é de 1990; o segundo, de 1992. Fora destes, as pesquisas de recepção no Brasil são iniciativas isoladas, que revelam uma descontinuidade da produção na área e não raro do interesse dos investigadores. Com isto não se fundam linhas teórico-metodológicas que identifiquem a produção brasileira.

---

\* Texto apresentado nas reuniões do GT de Comunicação e Recepção, no XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>1</sup> Em 1990 foi fundado o Centro de Estudos da Cultura e do Consumo (CECC), ligado à Escola de Administração de Empresas de São Paul, da Fundação Getúlio Vargas, para estudar o consumo e a cultura na sua relação com o mercado.

<sup>2</sup> Até 1996 o GT chamava-se de Televisão e Audiência.

Sem pretender fazer um traçado exaustivo da produção da área<sup>3</sup>, apontaria como pioneiros os trabalhos realizados na década de 1970, em sua maioria fora das escolas de comunicação, ainda sob a forte influência da Escola de Frankfurt, da semiologia e da teoria dos efeitos, dando muita ênfase à ideologia das mensagens, embora com o prenúncio, em alguns deles, da incorporação de Gramsci e Bourdieu em seus referenciais teóricos.

Entre os trabalhos que contribuíram, em maior ou menor grau, para o desenvolvimento da pesquisa, nesta etapa, encontram-se: *A noite da madrinha* (Miceli, 1972), *A TV e o quadro de referência sócio-cultural: o público dos telepostos de São Luís do Maranhão* (Camargo, 1972), *Televisão e consciência de classe* (Da Viá, 1977), *Por trás das ondas da Rádio Nacional* (Goldfeder, 1980)<sup>4</sup>, *Cultura de massa e cultura popular: leitura de operárias* (Bosi, 1972) e *O paraíso via Embratel* (Milanesi, 1978). Os três últimos desses estudos, embora não tratem da televisão, que é o meio de maior penetração no País, ou não só da TV, como o caso do último, são produções importantes para o campo da recepção, porque dão ênfase ao aspecto popular dos meios analisados. Assim como os trabalhos de Sérgio Miceli e de Miriam Goldfeder, que enfocaram objetos de pouca importância acadêmica na época de sua realização: o primeiro, analisando uma audiência restrita – o auditório de programas televisivos; o segundo, recuperando o receptor em revistas especializadas, em documentos de fã-clubes e na análise de programas de auditório.

Na área da comunicação propriamente dita, a experiência mais importante, embora de cunho didático-pedagógico – destinada a professores, líderes comunitários e de movimentos populares etc. –, foi inspirada na *Pedagogia do oprimido*, de Paulo Freire. Trata-se da *Leitura Crítica em Comunicação* (LCC), liderada pela União Cristã Brasileira de Comunicação Social (UCBC), em conjunto com a Igreja Católica. O projeto iniciou-se em 1979 e continua em atuação, embora tendo sofrido muitas alterações em sua proposta inicial (VVAA, 1992). Uma de suas estratégias principais foi a publicação da coleção *Para uma leitura crítica*, preparada por teóricos da área e composta de manuais para leitura de televisão, jornal, história em quadrinhos, publicidade etc.

As pesquisas realizadas no início da década de 1980 fundam uma nova tendência nos estudos da comunicação, portanto, também estão marcadas pelo pioneirismo. *Leitura social da novela das oito* (Leal, 1986), inserida no campo da antropologia social, realizou uma etnografia de audiência, comparando a recepção de telenovela em diferentes classes sociais; *Muito além do Jardim Botânico* (Silva, 1985) trabalhou com a recepção de um telejornal entre trabalhadores de duas localida-

<sup>3</sup> Um amplo levantamento da produção na área foi realizada pela equipe do Núcleo de Estudos de Mídia da Fabico-UFRGS, por ocasião do desenvolvimento da pesquisa "O receptor das novas mídias", coordenada por Nilda Jacks. Outro levantamento foi coordenado pelo Prof. Antônio Fausto Neto, da UFRJ, para a pesquisa "O outro telejornal: condições de recepção das informações televisivas".

<sup>4</sup> O trabalho foi defendido como dissertação de mestrado em 1977, na Unicamp. Todos os trabalhos citados estão com data de publicação.

des, por meio de uma pesquisa-ação; *Ideologia sexual dos gigantes* (Sarques, 1981) analisou a recepção de uma telenovela sob o ponto de vista da moral sexual; *O Pica-Pau: herói ou vilão?* (Pacheco, 1985), cujo referencial é o da psicologia social, pesquisou a recepção desse desenho-animado junto às crianças de dois estratos sócio-culturais diferenciados, com o objetivo de levantar seus efeitos ideológicos; *O mito na sala de jantar* (Fischer, 1984) trabalhou interpretativamente o discurso de crianças e adolescentes sobre suas preferências, críticas e expectativas em relação à programação televisiva, em busca dos mitos contemporâneos criados por ela; *O rádio dos pobres* (Lopes, 1988) estudou os efeitos ideológicos do discurso radiofônico popular sobre as populações marginais residentes São Paulo.

Já no final da década, surgiram mais alguns trabalhos, como os anteriores, resultantes de pesquisas para teses e dissertações: *Telenovela e doméstica: da catarse ao distanciamento* (Bem, 1988) analisa o papel da telenovela no espaço do cotidiano de domésticas de origem rural; *A TV Globo em duas comunidades rurais da Paraíba* (Trigueiro, 1987), conjugando observação participante e técnicas quantitativas, objetiva conhecer o universo sócio-cultural dos receptores; *Rosa púrpura de cada dia: trajetória de vida e cotidiano de receptores de telenovela* (Sousa, 1986) põe o enfoque no cotidiano urbano-industrial e nas diferenças geracionais no processo de recepção; *Elementos para democratização da televisão no Brasil* (Tilburg, 1987) estuda os elementos de cumplicidade e sedução entre o meio e os receptores de baixa renda, em busca de estratégias para a democratização da televisão.

Analisando o referencial teórico-metodológico<sup>5</sup> dessas produções, constata-se que as “correntes latino-americanas”, até o final da década de 1980, não tiveram influência determinante nas pesquisas realizadas no Brasil. O contrário, entretanto, já ocorre na virada da década, quando começa a ser assimilado um novo referencial, cujo foco é o espaço cultural do receptor, ou seja, o papel das mediações na configuração das relações com os meios de comunicação e não apenas as indicações da sua influência ideológica, das leituras diferenciadas de seu discurso ou da não passividade do receptor, objeto da maioria das pesquisas anteriores.

Neste sentido é importante ressaltar a penetração dos trabalhos de Martín-Barbero, que introduzem o conceito de mediação, assim como seus estudos sobre cultura popular; neste aspecto, também foram importantes as contribuições de Néstor García Canclini.<sup>6</sup>

A partir deste referencial, por exemplo, foi investigada a mediação da cultura regional na pesquisa, em *A recepção na querência: estudo da audiência e da identidade*

<sup>5</sup> Para a crítica teórico-metodológica das pesquisas de recepção realizadas na década de 1980, ver ESCOSTEGUY, Ana Carolina (1993).

<sup>6</sup> Segundo Maria Immacolata V. de Lopes, “é sobretudo dentro da temática das culturas populares que uma teoria complexa e multifacetada da recepção começou a ser desenvolvida...” (1994, p. 177).

*cultural gaúcha como mediação simbólica* (Jacks, 1993), e a mediação da cultura camponesa na pesquisa, em *Cotidiano rural e recepção de TV: o caso Três Barras* (Ronsini, 1993), ambas as obras com o objetivo de analisar a recepção de telenovela no extremo-sul do Brasil e tendo a identidade cultural como eixo de análise e interpretação. Estes dois estudos podem ser localizados dentro de uma tradição de pesquisa de recepção que se constrói na América Latina a partir da década de 1980 e no contexto brasileiro inauguram, na década de 1990, a incorporação deste referencial teórico-metodológico.

No referido marco, os trabalhos acima citados dão uma contribuição mais ampla aos estudos de recepção ao integrarem a proposta de Martín-Barbero e a de Guillermo Orozco. Isto na medida em que o primeiro não chega a consolidar um modelo metodológico e o segundo não trabalha a questão da mediação cultural, embora a reconheça como fundamental. Assim, a partir da concepção de Barbero, expressa em *De los medios a las mediaciones* (Martín-Barbero, 1987), a qual subsume o conceito de cultura, colocando-a como mediadora dos processos de recepção – apropriação, reapropriação, significação, produção de sentido etc. –, foram localizadas as mediações indicadas por Orozco em seu modelo de análise (Orozco, 1991). Isto identificou uma espécie de gradação da instância cultural, em seus diversos níveis – individual, doméstico-cotidiano, institucional, mediático –, localizando, assim, os espaços de atuação da mediação cultural no processo de recepção.

Outros trabalhos seguiram esta perspectiva, nesta metade dos anos noventa, quase sempre desenvolvidos em teses e dissertações, agora já mais disseminadas por outras regiões do País, com a implantação de novos programas de pós-graduação em comunicação. Entretanto, é preciso reconhecer o papel que os grupos de trabalhos ligados à Intercom e à Compós desempenham na difusão de diferentes modelos teórico-metodológicos, o que inclui expressivamente esta perspectiva, uma vez que por eles circulam pesquisadores de vários programas<sup>7</sup>, especialmente nos últimos anos.

Em termos do GT da Intercom, por exemplo, pode-se perceber, a partir dos dados recolhidos desde 1990<sup>8</sup>, ano de sua criação, a seguinte situação:

<sup>7</sup> Nos quadros que seguem, só serão assinalados os membros do GT que estiverem realizando pós-graduação na área de comunicação.

<sup>8</sup> Os quadros foram montados a partir dos resumos apresentados nos programas de cada congresso, o que significa que alguns trabalhos não foram apresentados porque os autores não compareceram. Optamos por considerá-los, uma vez que podem indicar as tendências gerais da produção na área.

Quadro I  
Intercom 90 - Rio de Janeiro (RJ)  
"50 Anos de TV no Brasil"

Trabalho	Autor	Instituição
Sem registro	Mauro Wilton Sousa (coordenador)	ECA-USP
Sem registro	Jane Sarques	UFGO
Sem registro	Joseph Straubhaar	Michigan State University

A primeira reunião do GT (quadro I) não contou com a participação de estudantes como expositores e teve um caráter organizativo. Embora os participantes tenham apresentado trabalhos, não constam em nenhum registro da entidade, impossibilitando sua localização.

Quadro II  
Intercom 91 - Porto Alegre (RS)  
"Sistemas de comunicação e identidade na América Latina"

Trabalho	Autor	Instituição
Teoria e pesquisa em recepção aos meios de comunicação social: a questão do sujeito da recepção	Mauro Wilton Sousa (coordenador)	ECA-USP
"Arrumação": a reinterpretação da cultura mineira pela TV	Claudia M. Junqueira*	IMS
Recepção à televisão: conflitos e contradições	Jane Sarques	UFGO
A recepção televisiva no meio rural	Veneza Mayora**	UFMS
Pesquisa de recepção e cultura regional	Nilda Jacks**	UFMS

Pós-graduandas: \*IMS - \*\*ECA-USP.

No segundo encontro (quadro II), a presença de alunos de pós-graduação superou a de pesquisadores, mas ambos os segmentos representavam, na maioria, o Sul e o Sudeste. Quanto à influência dos estudos latino-americanos, esta foi identificada nos trabalhos apresentados pelos pós-graduandos da ECA-USP.



Quadro III  
 Intercom 92 - São Bernardo do Campo (SP)  
 “Comunicação e meio ambiente”

<b>Trabalho</b>	<b>Autor</b>	<b>Instituição</b>
Reflexões metodológicas sobre a pesquisa de recepção	Maria Immacolata V. de Lopes (coordenadora)	ECA-USP
Movimentos comunitários e comunicação	Dilma de Melo Silva	ECA-USP
A cultura regional como mediação simbólica	Nilda Jacks*	UFMS
Impressões sobre a pesquisa de recepção	Ana Carolina Escosteguy*	PUC/RS
Estudo sobre a influência da propaganda em TV sobre o comportamento e atitudes dos consumidores de baixa renda	Odiar Furtado	PUC/SP
Televisão e controle remoto	Sarah Chucid Da Viá	ECA-USP
Publicidade e internacionalização cultural	José Carlos Durand	CECC/FGV
Propaganda televisiva e mercado infantil	Fanny Michaan Terephins	EAESP/FGV
Controvérsia em torno da Escala ABA-Abipeme	Laerte Fernandes de Oliveira	CECC/FGV
Pesquisa etnográfica da audiência televisiva	James Lull	San José State University

\* Pós-graduandas na ECA-USP.

O terceiro encontro (quadro III) contou dez participantes, o dobro do anterior. A maioria dos expositores era constituída de professores de universidades de São Paulo, possivelmente por causa do local do evento. Com exceção do pesquisador estrangeiro, todos os outros eram das regiões Sul e Sudeste. Houve uma pluralidade de enfoques nos textos, sendo que três deles, no contexto de produção da ECA-USP, tratavam da perspectiva latino-americana.

Quadro IV  
Intercom 93 – Vitória (ES)  
“Transformações na comunicação: ética e técnicas”

<b>Trabalho</b>	<b>Autor</b>	<b>Instituição</b>
O campo da comunicação	M. Aparecida Baccega	ECA-USP
Cotidiano, imaginário e comunicação	Walmir de Albuquerque Barbosa*	UFAM
Recepção, classes, poder, estrutura (no cotidiano, sumiram as classes? desapareceu o poder? evaporou-se a estrutura?)	Maria Immacolata V. de Lopes (coordenadora)	ECA-USP
Análise metodológica da pesquisa de recepção	Ana Carolina Escosteguy*	PUC/RS
Recepção nos segmentos negros	Solange C. de Lima	ECA-USP
Mediação da identidade cultural: aspectos metodológicos	Nilda Jacks*	UFSM
Observação etnográfica em uma pesquisa de recepção de TV	Veneza M. Ronsini*	UFSM
Recepção do cinema-novo latino-americano	Mary Eunice de Mendonça	ECA-USP
Uma análise do cotidiano dos processos de decisão e de comunicação em jornais, rádio e televisão: emissão ou recepção?	Nice Braga	UFMG
Estudos de recepção: resultados de pesquisa	Maria L. Motter	ECA-USP
Recepção de informações sobre doenças sexualmente transmissíveis veiculadas através dos MCM	José M. Sandoval*	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Buraco na fechadura: recepção televisiva junto aos presidiários da Casa de Detenção de Vitória da Conquista	Heleusa F. Câmara	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

\* Pós-graduandos na ECA-USP.

O quarto encontro (quadro IV) teve doze expositores, entre eles cinco pós-graduandos, todos da ECA-USP. Apenas três não eram das regiões Sul e Sudeste. Em relação aos textos, repetiu-se a pluralidade identificada no encontro anterior, sendo que quatro deles, todos com origem na ECA-USP, tratavam de alguma forma da perspectiva latino-americana.

Quadro V  
Intercom 94 – Piracicaba (SP)  
“Comunicação e mudanças sociais”

<b>Trabalho</b>	<b>Autor</b>	<b>Instituição</b>
O novo telespectador	Graciela Presas Areu*	Faculdades Integradas da Sociedade Educacional Tuiuti – Curitiba
O sagrado/popular nos MCM: um produto à venda	Osvaldo Meira Trigueiro	UFPA
O qualitativo e o quantitativo na pesquisa de recepção: oposição ou integração?	José Maximiliano Sandoval*	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Mediação familiar na recepção televisiva das crianças	Itania Maria Gomes**	UFBA
O uso da TV na meio rural	Veneza M. Ronsini*	UFMS
Produção e recepção: um jogo de desencontros	Inesita Araújo***	UFPE
A construção discursiva do movimento negro: um estudo sobre as estratégias de produção e recepção do discurso do Cedenpa-Pará	Maria Leoneire da Costa Oliveira***	UFPA
Álbum de família: a trama das representações sociais	Hiliana Reis de A. Alves*	UNISA
Tendências latino-americanas nos estudos de recepção	Nilda Jacks (coordenadora)	UFRGS
Recepção e mediações: notas sobre a metodologia de uma pesquisa empírica interdisciplinar	Maria Immacolata V. de Lopes	ECA-USP
A TV no espaço doméstico	Arlindo Castro	UFES
A comunicação das baratas tontas	Maria Luiza Baptista*	Ulbra
Interação recepção-produção de texto	Maria de Lourdes Motter	ECA-USP
A transmissão do futebol na Copa do Mundo de 94	Nicolás Lois	UFMS

Pós-graduandos: \*ECA-USP - \*\*UFBA - \*\*\*ECO-UFRJ.

O quinto encontro (quadro V), que teve o maior número de participantes (14), contou a presença de oito alunos de pós-graduação, vindos de três programas diferentes, e também com a participação de pesquisadores de várias regiões do País. Em relação aos textos, manteve-se a pluralidade de enfoques, com maior presença de estudos dentro da perspectiva latino-americana, que, em número

de cinco, perfizeram mais de um terço dos trabalhos apresentados, tendo um deles vindo da UFBA e os outros quatro da ECA-USP.

Quadro VI  
Intercom 95 – Aracaju (SE)  
“Globalização e regionalização das comunicações”

Trabalho	Autor	Instituição
Audiência nativa: cultura regional em tempos de globalização	Nilda Jacks (coordenadora)	UFRGS
O uso das mensagens de rádio por uma comunidade de agricultores	Edite Maria de M. Malaquias*	UFPI
Recepção e mediações: crítica à filiação crítica dos estudos de recepção	Itania Gomes****	UFBA
La recepción televisiva en alumnos de la enseñanza media en Uruguay	Delma Perdomo Deniz	Universidad de la República – Montevideú
A imagem do profissional de educação física refletida nos MCM: um estudo de recepção	Alexandre Javorsky e Nicolas Lois	UFMS
Radialistas querem dar voz aos patrões	Bruno Fuzer***	Puccamp
Publicidade, televisão e excluídos: o outro lado do abandono	Rita de Cássia Aragão Matos****	UFBA
Tv a cabo: usos distintos de um mesmo produto	Valério Brittos**	PUC/RS
Novos protocolos de recepção da comunicação nas redes digitais	Júlio Afonso Sá de Pinho Neto	UFRJ
A recepção da escrita diante da trama comunicacional	Maria Luiza C. Baptista***	Ulbra

Pós-graduandos na: \*UFRPe - \*\*PUC/RS - \*\*\* ECA-USP - \*\*\*\*UFBA.

O sexto encontro (quadro VI) teve a participação de dez expositores, entre eles seis alunos de pós-graduação oriundos de quatro programas, sendo dois deles do Nordeste. Quanto às tendências apresentadas pelos textos, pode-se dizer que seis textos contemplavam a discussão a partir da perspectiva latino-americana, com maior ou menor centralidade, além do texto apresentado pela pesquisadora uruguaia. Nos textos “nacionais” já é possível identificar uma disseminação da influência em questão por vários programas e regiões, podendo-se dizer que três deles provinham da ECA-USP.

QUADRO VII  
Intercom 96 – Londrina (PR)  
“Políticas Regionais de Comunicação: os desafios do Mercosul”

Trabalho	Autor	Instituição
A recepção, o visual e o sujeito	Maria Luiza C. Baptista*	Ulbra
Políticas de representação: o uso do vídeo como instrumento de recriação étnica	Silas de Paula	UFCE
Concentração e fragmentação no contexto dos estudos de recepção	Roseli Fígaro Paulino*	ECA-USP
Tv a cabo: a dispersão da audiência	Valério Brittos**	PUC/RS
Mídia eletrônica e produção de sentido: mediação cultural-religiosa	Attilio Ignacio Hartmann*	Unisinos
Signo e prática social	Fabrcício Silveira*** e Silnei Soares	UFRGS
Estudos de recepção: um ensaio para a prática da re-significação	Maria Isabel Schaefer	UFSC
Adolescente: um sujeito “capturado” na mídia	Rosa Maria Bueno Fischer	UFRGS
Issues to study in media ethnographies: mediation and cultural hybridisation in everyday life	Thomas Tufte	Universidade de Copenhague – Dinamarca

Pós-graduandos: \*ECA-USP - \*\*PUC/RS - \*\*\*UFRGS.

O sétimo encontro (quadro VII) teve nove trabalhos expostos, cinco deles por alunos de pós-graduação vindos de três programas (dois do Rio Grande do Sul). Entre os textos apresentados, cinco estão no contexto das teorias latino-americanas, sendo um deles de um pesquisador europeu. Na produção “nacional” é possível identificar quatro textos vinculados à ECA-USP, dois diretamente e dois indiretamente.

<sup>9</sup> Esta edição foi pesquisada por Maziero (1995).

Quadro VIII  
Intercom 97 – Santos (SP)  
“20 anos de Ciências da Comunicação no Brasil:  
avaliação e perspectivas”

<b>Trabalho</b>	<b>Autor</b>	<b>Instituição</b>
Televisão e violência: o imaginário social dos adolescentes	Magno Medeiros	UFGO
O receptor na Internet: dimensões interativas	Maria Leoneire C. de Oliveira**	UFPA
Os sem-terra e o Rei do Gado: um estudo de caso	Cesar Luis Barbosa Calonio	
O sujeito receptor nas teorias de comunicação	Roseli Fígaro*	ECA-USP
O leitor de revista	Marcia Tondato e Marli dos Santos****	IMS
O problema da reflexividade e a possibilidade auto-etnográfica como recurso metodológico para os estudos de recepção	Fabício Silveira***	UFRGS
Revisitando os clássicos da pesquisa em recepção no Brasil	Maria Isabel Orofino Schaefer*	UFSC
Identidade cultural gaúcha: construção de uma base de dados como suporte para uma pesquisa de recepção	Silnei Soares***, Sílvia Cavichioli e Nilda Jacks	UFRGS
A recepção da televisão por famílias de origem rural	Veneza M. Ronsini	UFMS
Recepção e TV a cabo: a mediação da identidade cultural local	Valério Brittos	Unisinos
Studying gaucho lives in times of global communication	Thomas Tufte	Universidade de Copenhague – Dinamarca
A pesquisa de recepção no Brasil: em busca da influência latino-americana	Nilda Jacks (coordenadora)	UFRGS

Pós-graduandos: \*ECA-USP - \*\*ECO-UF RJ - \*\*\*UFRGS - \*\*\*\*IMS.

O oitavo encontro (quadro VIII) apresenta 11 trabalhos, sendo 6 trazidos por alunos de Programas de Pós-graduação em Comunicação e 2 de alunos de outros programas. A pluralidade é mantida, tanto no que diz respeito ao número de Programas quanto à perspectiva dos textos, mas mais da metade (6) dos trabalhos está sob a influência das teorias latino-americanas, entre eles um texto de outro programa. Em pelo menos 4 deles é possível identificar uma influência indireta da ECA.

## Comentários finais

Os objetivos deste texto foram: traçar um panorama da pesquisa acadêmica sobre a recepção no Brasil, sem entrar no mérito de cada perspectiva teórico-metodológica apresentada; e rastrear a influência das teorias latino-americanas de comunicação presentes nesta produção.

A primeira parte pretendeu historiar a produção das décadas de 1970 e 1980, apresentando os principais trabalhos realizados e fazendo breves comentários sobre as mais importantes influências identificadas.

No que se refere à década de 1990, os quadros apresentados pretenderam mostrar a produção da área, em debate no GT de Comunicação e Recepção da Intercom, que segundo nossa hipótese, juntamente com a ECA-USP, foi um agente de difusão dos estudos latino-americanos.

As afirmações sobre a quantidade de textos regidos pela influência das teorias latino-americanas estão baseadas na leitura dos textos. As que dizem respeito às vinculações diretas e indiretas com a ECA-USP baseiam-se, no primeiro caso, na ligação atual dos autores com o programa desta escola e, no segundo caso, no conhecimento que se tem de que o autor foi aluno do programa ou porque o autor está sendo orientado por um ex-aluno do programa. Em resumo, estas afirmações baseiam-se no conhecimento da trajetória da maioria dos autores.

Antecede este levantamento a apresentação de dois estudos empíricos, que consideramos pioneiros, no Brasil, no uso da perspectiva teórico-metodológica em questão.

## Referências bibliográficas

- BEM, Arim Soares do. *Telenovela e doméstica: da catarse ao distanciamento*. Dissertação (Mestrado). São Paulo, ECA-USP, 1988.
- BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular: leitura de operárias*. Petrópolis, Vozes, 1972.
- CAMARGO, Nelly de. *A TV e o quadro de referência sócio-cultural: o público dos telepostos de São Luís do Maranhão*. Tese (Doutorado). São Paulo, ECA-USP, 1972.
- DA VIÁ, Sarah Chucid *Televisão e consciência de classe*. Petrópolis, Vozes, 1977.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. *A pesquisa do popular na comunicação: uma análise metodológica*. Dissertação (Mestrado). São Paulo, ECA-USP, 1993.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno *O mito na sala de jantar*. Porto Alegre, Editora Movimento, 1982.
- GOLDFEDER, Miriam *Por trás das ondas da Rádio Nacional*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.

- JACKS, Nilda A. *A recepção na querência: estudo da audiência e da identidade cultural gaúcha como mediação simbólica*. Tese de doutorado. ECA-USP, 1993.
- LEAL, Ondina Fachel *A leitura social da novela das oito*. Petrópolis, Vozes, 1986.
- LOPES, Maria Immacolata V. de. Reflexiones metodológicas sobre la investigación de recepción. In: *Investigar la comunicación. propuestas ibero-americanas*. Guadalajara, Universidad de Guadalajara/ALAIC, 1994.
- LOPES, Maria Immacolata V. de. *O rádio dos pobres*. São Paulo, Loyola, 1988.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *De los medios a las mediaciones*. México, Gustavo Gili, 1989.
- MAZIERO, José Carlos. *Pesquisadores da Intercom: panorama da pesquisa em Comunicação Social no Brasil: GT de Comunicação e Recepção*. São Bernardo do Campo, IMS, 1995. (Mimeo).
- MICELI, Sérgio. *A noite da madrinha*. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- MILANESI, Luiz Augusto. *O paraíso via Embratel*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
- OROZCO, Guillermo. El papel mediador de la familia y la escuela como comunidades de legitimación del aprendizaje de los niños. *Cuadernos de Comunicación y Prácticas Sociales*. México, UIA, n. 2, 1991.
- RONSINI, Veneza M.. Cotidiano rural e recepção de TV: o caso Três Barras. Dissertação (Mestrado). São Paulo, ECA-USP, 1993
- PACHECO, Elsa Dias. *O Pica-Pau: herói ou vilão?* São Paulo, Loyola, 1985.
- SARQUES, Jane. *A ideologia sexual dos gigantes*. Dissertação (Mestrado). Brasília, UnB, 1981.
- SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *Muito além do Jardim Botânico*. São Paulo, Summus, 1985.
- SOUSA, Mauro Wilton. *Rosa púrpura de cada dia: trajetória de vida e cotidiano urbano-industrial*. Tese (Doutorado). São Paulo, ECA-USP, 1986.
- TILBURG, João Luis. Elementos para democratização da televisão no Brasil. Tese (Doutorado). ECO-UFRJ, 1987.
- TRIGUEIRO, Osvaldo. A TV Globo em duas comunidades rurais da Paraíba. Dissertação (Mestrado). Recife, UFPE, 1987.
- VVAA. *Educación para la comunicación: manual latinoamericano*. Chile Ceneca, 1992.





## A comunicação rural nos congressos da Intercom: balanço para entrar no século XXI\*

**Angelo Brás Fernandes Callou**

*Professor do Mestrado em Administração Rural e Comunicação Rural da  
Universidade Federal do Pernambuco (UFRPE) e  
Coordenador do GT de Comunicação Rural, da Intercom.*

O presente trabalho realiza um balanço dos *papers* apresentados no GT de comunicação rural dos congressos da Intercom, ao longo das seguintes categorias: ecologia; ensino-pesquisa; difusão de inovações; discurso; mídia; desenvolvimento local; e associativismo. Como ponto de partida, aborda aspectos históricos da comunicação rural no Brasil. Algumas considerações são realizadas em torno das novas tecnologias de comunicação e informação e seus possíveis impactos no meio rural na perspectiva de abrir novas frentes de debates e de pesquisas.

### 1. Introdução

Extensão rural, extensão pesqueira, comunicação para o desenvolvimento, comunicação e mudança, difusão de inovações na agricultura, comunicação e comunidade, educação e desenvolvimento Rural são “disciplinas” que estão associadas ao campo complexo e, de certa forma hoje indeterminado, da Comunicação Rural. A noção de desenvolvimento, pautada na passagem de um estágio social “tradicional” para o “moderno”<sup>1</sup>, tem sido, ao longo do tempo, o fio condutor de todas essas disciplinas no âmbito da pesquisa, do ensino e das estratégias de ação no meio rural. Essa concepção de desenvolvimento marcou profundamente a comunicação rural. Tanto é assim, que os esforços de pesquisa, ensino e extensão ancorados no modelo de comunicação horizontal ou participativo,

---

\* Texto apresentado nas reuniões do GT de Comunicação Rural, no XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>1</sup> Diz Lerner, por meio de Schramm: “O processo de modernização começa quando alguma coisa estimula o camponês a querer ser um fazendeiro ou agricultor proprietário, o filho do camponês, a querer aprender a ler, de modo que ele possa trabalhar na cidade, a mulher do camponês, a não mais procriar, a filha deles, a querer usar vestido e fazer penteado.” LERNER, Daniel. Apud SCHRAMM, Wilbur. Comunicação e mudança. In: LERNER, D. e SCHRAMM, W. *Comunicação e mudança nos países em desenvolvimento*. São Paulo, Edusp, 1973, p. 33.

realizados a partir do livro *Extensão ou Comunicação?*<sup>2</sup> (1969), só muito recentemente vêm se consolidando no contexto brasileiro.

Essa hegemonia da comunicação rural no Brasil dificilmente poderia ser diferente se considerarmos os seguintes aspectos: 1) a influência do funcionalismo norte-americano na pesquisa em comunicação na América Latina, difundida mediante o Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para América Latina (Ciespal); 2) a formação dos primeiros PhD brasileiros no campo da comunicação, a maioria deles pelas universidades americanas de Wisconsin e Michigan, centros importantes da pesquisa funcionalista voltada ao desenvolvimento rural; e 3) os desdobramentos dessa formação nos cursos de graduação das Ciências Agrárias (particularmente pela disciplina Extensão Rural) e nos cursos de pós-graduação em Extensão Rural (UFV/MG e UFSM/RS, a partir de 1968 e 1975, respectivamente) e comunicação rural (UFRPE, a partir de 1979).

A noção de desenvolvimento em seus diferentes matizes se mantém colada, ainda hoje, à concepção de comunicação rural. Ou seja, como “o esforço interativo de organizações governamentais e não-governamentais com a população rural no sentido de promover mudanças sociais. Essas mudanças variam desde a legitimação de políticas agrícolas às tentativas de transformações estruturais do sistema sócio-econômico do meio rural.”<sup>3</sup> Entretanto, cabe-nos perguntar se essa concepção sobreviverá aos desafios colocados pelo avanço e expansão da informática, da microeletrônica e da biotecnologia no meio rural. E mais, se teremos a mesma resistência/lentidão do passado em atualizar o pensamento desta área de especialização da Teoria da Comunicação.

Tomando como ponto de partida esses aspectos históricos, o presente trabalho pretende mapear os *papers* apresentados no GT de Comunicação Rural nos congressos da Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, ao mesmo tempo identificando as principais tendências assumidas pela comunicação rural nesses últimos anos. Para isso, catalogamos os objetivos e justificativas constantes nos resumos dos trabalhos apresentados, bem como sua procedência institucional. Ao lado disso, lançamos mão de relatórios e cartas-circulares escritos pelos coordenadores do GT, na perspectiva de suprir lacunas deixadas pelos resumos. Incluímos no mapeamento os trabalhos inscritos no GT deste ano. Procuramos ainda situar a comunicação rural nos congressos da Intercom antes mesmo da criação dos grupos de trabalho, em 1991. Trata-se de um *paper* que, além de apresentar as principais tendências da comunicação rural no Brasil, procura sinalizar as preocupações que deveriam pautar a pesquisa nessa área de conhecimento no século XXI.

<sup>2</sup>FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

<sup>3</sup>CALLOU, Angelo Brás Fernandes, SANTOS, Maria Salett Tauk, SILVEIRA, Miguel Ângelo da et alii. Comunicação rural. São Paulo, Intercom. Texto produzido para manual de comunicação Brasil-França. Inédito.

## 2. A comunicação rural na raiz da Intercom

A Intercom, criada em 1977, praticamente surgiu incorporando a temática da comunicação rural nos seus congressos anuais. Isso parece evidente quando consideramos não apenas os aspectos históricos há pouco abordados, mas também quando levamos em conta que, no Brasil, pelo menos desde 1969, já havia uma preocupação em torno da temática. De um lado, isso está refletido no livro *Comunicação das novas idéias*<sup>4</sup>, de 1969, organizado por Gordon Whiting e Lytton Guimarães, totalmente voltado à pesquisa em difusão de inovações e, de outro, no já mencionado livro, de Paulo Freire, *Extensão ou comunicação?* Em 1971, José Marques de Melo lança a obra *Comunicação, opinião, desenvolvimento*<sup>5</sup>, na qual inclui capítulo exclusivo sobre Comunicação e Desenvolvimento Rural. Antecede ainda a criação da Intercom o livro *Comunicação, modernização e difusão de inovações no Brasil*<sup>6</sup>, organizado pelo mesmo Marques de Melo, em 1976. Nele encontram-se textos de pesquisadores norte-americanos e brasileiros ligados à difusão de inovações. Entre os brasileiros está Gustavo Martin Quesada, o qual influenciou marcadamente a construção e consolidação da comunicação rural no âmbito da difusão de inovações no Brasil,<sup>7</sup> através dos cursos de mestrado em Extensão Rural da UFV e da UFSM. Muitos dos trabalhos desenvolvidos por Quesada e as dissertações por ele orientadas foram apresentados nos primeiros congressos da Intercom.

Com a criação do curso de mestrado em Administração Rural, da UFRPE, em 1979, sob a influência do professor Roberto Benjamim, foi organizada a área de concentração em comunicação rural que, junto com os mestrados em Extensão Rural da UFSM e da UFV, passou também a contribuir nas discussões da comunicação rural dentro dos congressos Intercom. Podemos dizer que a difusão de inovações na agricultura foi, durante alguns anos, o cerne da produção acadêmica desses cursos de pós-graduação.<sup>8</sup>

<sup>4</sup>WHITTING, Gordon e GUIMARÃES, Lytton (orgs.). *Comunicação das novas idéias*: pesquisas aplicáveis ao Brasil. Rio de Janeiro, Edições Financieiras, 1969.

<sup>5</sup>MELO, José Marques de. *Comunicação, opinião, desenvolvimento*. 3ª ed. Petrópolis, Vozes, 1977.

<sup>6</sup>MELO, José Marques de (org.). *Comunicação, modernização e difusão de inovações no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1976.

<sup>7</sup>Vide: QUESADA, Gustavo M. *Comunicação e comunidade*: mitos da mudança social. São Paulo, Loyola, 1980.

<sup>8</sup>AMOY e NOVOA (apud NUNES, Laércio Nunes e. *Discussão sobre difusão e adoção de inovações na agricultura*. Brasília, 1977. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, 1977) consideram que o Brasil juntamente com a Colômbia e o México concentraram duas terças partes dos estudos realizados no campo da difusão de inovações na agricultura. Na década de 1980, os estudos sobre difusão de inovações na agricultura ainda têm forte apoio dos pesquisadores em comunicação rural. Vide especialmente: BUENO, Wilson. *Comunicação rural e realidade brasileira*. *Comunicação & Sociedade*. São Bernardo do Campo, IMS, n. 15, 1987.

A crítica ao modelo norte-americano de pesquisa em comunicação rural<sup>9</sup> só muito lentamente foi influenciando os estudos acadêmicos dos três cursos de pós-graduação em extensão rural e comunicação rural no Brasil. A pesquisa em comunicação rural pelo viés da comunicação horizontal ou participativa é o resultado mais promissor desse tipo de crítica. Nasce possivelmente com Luis Ramiro Beltrán, por meio de sua tese de doutoramento<sup>10</sup>, na qual é notória a influência dos trabalhos de Paulo Freire, e se consolida com os trabalhos de Juan Díaz Bordenave<sup>11</sup> e de João Bosco Pinto.<sup>12</sup> É importante unir a essas contribuições os livros *A modernização dolorosa*, de José Graziano da Silva<sup>13</sup>, e *Os camponeses e a política no Brasil*, de José de Souza Martins<sup>14</sup>, além das contribuições de Romeu Padilha<sup>15</sup> e de Maria Tereza Lousa da Fonseca<sup>16</sup>. Não podem ser esquecidas as reflexões críticas desenvolvidas por um grupo de alunos do curso de mestrado em Extensão Rural da UFSM, no início dos anos oitenta, cujos resultados contribuíram para a modificação das linhas de pesquisas ali desenvolvidas, então basicamente voltadas à difusão de inovações.<sup>17</sup>

<sup>9</sup>Ver especialmente: BELTRÁN, Luis Ramiro. *Communication in Latin America: persuasion for "status quo" or for national development?* Michigan, 1972. Tese (Doutorado em Comunicação de Massa) – Michigan State University, 1973. Mimeografado; ROGERS, Everett (org.). *Communication and development: critical perspectives*. London, Sage, 1976; MATTELART, Armand. Críticas a la "communication research". In: MATTELART, Armand et alii. *Los medios de comunicación de masas: la ideología de la prensa liberal*. Buenos Aires, Schapire, 1976. p. 11-12; e BELTRÁN, Luis Ramiro. Adeus a Aristóteles: comunicação horizontal. *Comunicação & Sociedade*, n. 6, p. 5-35, set. 1981.

<sup>10</sup>BELTRÁN, Luis Ramiro. Op. cit.

<sup>11</sup>Vide, por exemplo: BORDENAVE, Juan Díaz e CARVALHO, Horácio Martins de. *Planificación y comunicación*. Quito, Ciespal, 1978. p. 29-50: La comunicación en las mallas de la dominación; BORDENAVE, Juan Díaz. *O que é comunicação rural?* São Paulo, Brasiliense, 1983.

<sup>12</sup>PINTO, João Bosco. La comunicación participatoria como pedagogia del cambio: fundamentos epistemológicos. *Cadernos de Comunicações*. João Pessoa, a. 2, n. 1, p. 7-17, 1980. Vide também: PROAÑO, Luis Eládio. *Planificación y comunicación*. Quito, 1980.

<sup>13</sup>GRAZIANO DA SILVA, José. *A modernização dolorosa: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

<sup>14</sup>MARTINS, José de Souza. *Os camponeses e a política no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1981.

<sup>15</sup>FIGUEREDO, Romeu Padilha. *Extensão rural: extensão do capitalismo? Análise do sistema Abcar/Emater (1948-1979)*. Campinas, [1979?]. 23 p. Mimeografado. Projeto de tese de doutorado apresentado à Unicamp; Idem: *A extensão rural face à problemática da produção no Brasil*. Rio de Janeiro, 1981. Mimeografado. Trabalho apresentado no II Seminário de Educação e Meio Rural; Idem: *Assistência técnica e extensão rural: um instrumento de desenvolvimento rural?* Macció, 1982. Mimeografado. Palestra apresentada no I Seminário sobre Políticas Agrícolas para o Setor Público Estadual; Idem: *A extensão rural no Brasil*. Santa Maria, 1982. Palestra apresentada no Curso de Pós-Graduação em Extensão Rural da UFSM/RS. Mimeografado.

<sup>16</sup>FONSECA, Maria Tereza Lousa da. *Extensão rural no Brasil: um projeto educativo para o capital*. São Paulo, Loyola, 1985.

<sup>17</sup>CALLOU, Angelo Brás Fernandes, CANUTO, João Carlos, DIAS, Joanes de Oliveira et alii. *Dos senões conceituais da extensão rural à busca de sua definição*. Santa Maria, RS, 1982. 19 p. Seminário 1 – Universidade Federal de Santa Maria (RS). Trabalho mimeografado; CANUTO, João Carlos. *Capital, tecnologia na agricultura e o discurso da Embrater*. Santa Maria, 1984. 137 p. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Santa Maria, 1984; CALLOU, Angelo Brás Fernandes. *Movimentos sociais de pescadores em Pernambuco, 1920-1983*. Santa Maria, 1986. 238 p. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Santa Maria, 1986.

Todas essas influências possibilitaram o aparecimento de uma linhagem de pesquisadores que buscariam modificar o perfil meramente difusionista da comunicação rural dentro dos congressos Intercom. O I Seminário Brasileiro de Comunicação Rural, realizado no X Congresso da Intercom, em 1987, pode ser considerado o marco desse processo e do que seria, anos depois, o GT de Comunicação Rural. Os resultados desse seminário encontram-se no livro *Estudos de comunicação rural*, organizado por Miguel Ângelo da Silveira e João Carlos Canuto.<sup>18</sup> No ano seguinte, a comunicação rural reaparece no congresso da Intercom, agora como temática central. O livro *Comunicação rural: discurso e prática*, organizado por Geraldo Magela Braga e Margarida M. Krohling Kunsch<sup>19</sup>, reúne os trabalhos apresentados na ocasião e mostra como a comunicação rural é mais complexa do que imaginavam os difusionistas. A diversidade como o tema é tratado pelos principais pesquisadores brasileiros e estrangeiros que participaram do evento dá a dimensão dessa complexidade. Eles abordam desde a difusão de inovações na agricultura até alternativas de comunicação rural e comunicação popular, passando pelos modelos de desenvolvimento e suas políticas, além da pesquisa e do ensino de comunicação rural no Brasil. (Vide quadro I, adiante). Entretanto, no ano seguinte, no XII Congresso da Intercom, em Florianópolis (SC), prorroga-se a questão da terra como tema do II Seminário de Comunicação Rural, coordenado por Miguel Ângelo da Silveira, Laércio Nunes e Nunes e Neila Bianchim (Quadro I).

Em 1990, um ano antes da criação dos Grupos de Trabalho da Intercom, pela primeira vez no Brasil é realizada a aproximação da comunicação rural com a ecologia, por meio do III Seminário Brasileiro de Comunicação Rural, coordenado por Angelo Brás Fernandes Callou e Maria Salett Tauk Santos. As preocupações que nortearam a realização desse evento no XIII Congresso da Intercom, cujo mote foi “Comunicação rural e ecologia: um cruzamento inevitável dos anos 90”<sup>20</sup>, estavam ligadas aos efeitos nefastos provocados no meio ambiente e nas populações rurais pela “modernização da agricultura”. Além disso, existia por parte dos pesquisadores uma necessidade de se incorporar o debate sobre a questão ecológica já desenvolvido pelas organizações não-governamentais no meio rural. Os coordenadores do seminário tinham em mente que a questão ecológica dentro da comunicação rural não devia se voltar apenas para a depreciação da fauna e da flora e para os aspectos sócio-econômicos aí embutidos, mas

<sup>18</sup> SILVEIRA, Miguel Ângelo da e CANUTO, João Carlos (orgs.). *Estudos de comunicação rural*. São Paulo, Loyola, 1988.

<sup>19</sup> BRAGA, Geraldo Magela e KUNSCH, Margarida M. Krohling (orgs.). *Comunicação rural: discurso e prática*. Viçosa, UFV, 1993.

<sup>20</sup> A esse respeito vide: SANTOS, Maria Salett Tauk e CALLOU, Angelo Brás Fernandes. Comunicação rural e ecologia: um cruzamento inevitável dos anos 90. *Quintana Rural*, n. 47, p. 4, Recife, UFRPE, jul. 1990.

também para os impactos dessa depredação sobre o homem em termos de sua subjetividade, no sentido empregado por Félix Guatarri.<sup>21</sup>

Quadro I  
Eventos de comunicação rural

Eventos	Congresso	Coordenação	Resultados
I Seminário Brasileiro de Comunicação Rural	Intercom 87 - Unicamp	Miguel Ângelo da Silveira; João Carlos Canuto	Livro <i>Estudos de Comunicação Rural</i> (vide bibliografia)
Comunicação rural: discurso e prática (tema Congresso)	Intercom 88 - UFV	Margarida M. K. Kumsch e Geraldo Magela Braga	Livro <i>Comunicação Rural: discurso e prática</i> (vide bibliografia)
II Seminário Brasileiro de Comunicação Rural (tema: questão agrária)	Intercom 89 - UFSC	Miguel Ângelo da Silveira; Laércio N. e Nunes e Neila B.	Não há registro
III Seminário Brasileiro de Comunicação Rural (tema: ecologia)	Intercom 90 - UERJ	Angelo Brás Fernandes Callou e Maria Salett Tauk Santos	13 papers
Reuniões do GT	Intercom 91 - UFRGS	Maria Salett Tauk Santos	Não há registro
Reuniões do GT	Intercom 92 - Umesp	Maria Salett Tauk Santos	Não há registro
Reuniões do GT	Intercom 93 - UFES	João Carlos Canuto	24 papers (8 pesquisadores ausentes)
Reuniões do GT	Intercom 94 - Unimep	José Geraldo F. de Araújo	8 papers
Reuniões do GT	Intercom 95 - UFSE	José Geraldo F. de Araújo	9 papers
Reuniões do GT	Intercom 96 - UEL	Angelo Brás Fernandes Callou	11 papers
Reuniões do GT	Intercom 97 - Unisantos	Angelo Brás Fernandes Callou	11 papers

Os resultados do II Seminário Brasileiro de Comunicação Rural demonstram, mediante os treze papers apresentados<sup>22</sup>, que havia uma espécie de interesse de pesquisa reprimido em torno da questão ecológica na interface com a comu-

<sup>21</sup> Sobre isto vide: GUATARRI, Félix. *As três ecologias*. Campinas, Papirus, 1990.

<sup>22</sup> São eles: SILBEIRA, Ada Cristina Machado et alii. *A concepção instrumentalista de comunicação e a questão ecológica*; MARQUES, Paulo de Moraes. *A comunicação rural como instrumento da luta ecológica: realidade ou utopia?*; FRANCO, Geraldo A. Lobato. *As interações das tecnologias apropriadas e da ecologia de meio ambiente: um passado problemático e um futuro incerto*; NOVAES, Ricardo Carneiro et alii. *Fatores a serem considerados para a implantação de projeto de educação ambiental com lavradores de concessão do Araguaia - PA*; LUCENA, Célia Regina P. de Toledo et alii. *Uma ação de resgate do ambiente voltada para informação e formação*; SILVA, Sidney Gomes Domingues da et alii. *Alterações antrópicas no "brejo" da Serra dos Cavalos - Caruaru-PE*; LAVOR, Maria Luiza de et alii. *A Universidade Federal Rural de Pernambuco e sua política ambiental*; ARAÚJO, José Geraldo Fernandes de. *O rádio na extensão rural*; COSTA, Mário M. *A percepção que têm alguns produtores rurais sobre experiências de trabalho coletivo agrário no Rio Grande do Sul*; MORENO, José Armando Torres. *A propaganda é a alma do negócio: agrológicos antes e depois do despertar ecológico*; MODTKOWSKI, Cristina Ana. *Agricultor tradicional de Rondônia: espécie em extinção*; CAPORAL, Francisco Roberto et alii. *Extensão rural e ecologia: velhas abordagens para novas questões*; MACHADO, Nilton Balieiro et alii. *Os pescadores artesanais: degradados com os ecossistemas aquáticos*.

nicação rural. Tanto é assim que “Comunicação rural e ecologia” se tornou tema de GT dentro dos congressos da Intercom, a partir de 1991, com a criação dos Grupos de Trabalho. Os coordenadores sugeriram ao final do evento a continuidade das reflexões em torno da temática da ecologia nos seguintes aspectos: comunicação rural e subjetivação; comunicação rural, meio ambiente e ONGs; comunicação rural, ecologia e vídeo; comunicação rural e pesquisa ecológica; extensão rural institucional e ecologia; comunicação, ecologia e televisão; comunicação rural e movimentos ecológicos; ensino da comunicação rural e meio ambiente; comunicação rural, meio ambiente e questão agrária; comunicação rural, ecologia e impressos.

### 3. O GT de Comunicação Rural: balanço para o ano 2000

O GT de Comunicação Rural e Ecologia funcionou dentro dos congressos da Intercom de 1991 a 1993. A partir daí transformou-se em GT de Comunicação Rural. Do primeiro período temos registro apenas dos trabalhos apresentados por ocasião do XVI Congresso da Intercom, na Universidade Federal do Espírito Santo, em 1993. O GT de Comunicação Rural e Ecologia retoma nesse momento as linhas de reflexão<sup>23</sup> sugeridas pelo II Seminário de Comunicação Rural (1990).<sup>24</sup>

O resultado desse GT constou da inscrição de 24 resumos, tendo sido apresentados dezesseis trabalhos. Além de questões teórico-metodológicas, epistemológicas e éticas ligadas à comunicação rural e à ecologia, os trabalhos abordaram as seguintes temáticas: “Educação e consciência ambiental”, “Organização popular e cidadania”, “Comunicação e agricultura sustentável” e “Meios de comunicação e ecologia”.<sup>25</sup> Os pontos que permearam a discussão dessas temáticas foram, entre outros, *“a ação das empresas de extensão rural via multimeios para fins de produção agrícola sem degradação ambiental; ação educativa sobre o uso de agrotóxicos na rede de ensino oficial; ... a assimetria entre o extensionista rural e o produtor; (...) verificação do relacionamento entre ecologia e comunicação rural nas redações de jornais e o tratamento dado à informação ecológica como notícia; avaliação do meio vídeo na comunicação ecológica, bem como do rádio rural.”*<sup>26</sup>

<sup>23</sup>Vide CANUTO, João Carlos. *Carta circular n.1*. GT de Comunicação Rural e Ecologia, XVI Congresso da Intercom, 1993.

<sup>24</sup>Ver CANUTO, João Carlos. Comunicação rural e ecologia. Anexo à *Carta Circular n. 2*, 7 jul. 1993.

<sup>25</sup>CANUTO, João Carlos. Avaliação do GT de Comunicação Rural e Ecologia. Relatório apresentado no XVI Congresso da Intercom. Vitória, UFES, 1993. p. 50-51.

<sup>26</sup> Idem, p. 50.



Quadro II  
Trabalhos apresentados pelo GT de Comunicação Rural  
Ecologia

Trabalho	Autores	Entidade - Ano
A educação ambiental nas empresas estaduais de pesquisa e extensão rural – potencialidades e feitos	DUTRA, Guido H.	Embrapa - 1993
A “razão” da questão ecológica	TOMAZETTI, Elizetti et alii	UFMS - 1993
Agrotóxicos: relato de um projeto educativo	PINTO, Abelardo G. et alii	CATI - 1993
Os meios de comunicação, a ética e as questões ambientais	SCROFERNEKER, Cleusa	Famecos-PUC/RS - 1993
Produção de programas de rádio que resgatem a história da luta pela reforma agrária no Brasil.	GIRARDI, Ilza M. T.	UFRGS - 1993
A questão comunitária como interconexão entre ações institucionais e modos de vivência	DALMORA, Eliane et alii	UFMS - 1993
Alternativas de produção para sustentabilidade econômica das reservas extrativistas	MOURA, Joaquim et alii	UFV - 1993
Comitê de defesa do consumidor: uma experiência inédita no Brasil	TAGLIARI, Paulo	Denocor - 1993
TV sobre a microbacia do Rio Piaguí	FIGUEIREDO, Helena et alii	CATI/Cecor - 1993
Programa atualidades agrícolas	FIGUEIREDO, Helena D.	CATI/Cecor - 1993
Ações institucionais intransitivas: efeitos de um modelo de gestão ambiental tecnocrática e não-conscientizadora	DALMORA, Eliane	UFMS - 1993
A comunicação rural, o antigo e o novo paradigma da Embrapa	SILVEIRA, M. Ângelo da	Embrapa/CNPMA - 1993
Comunicação rural e ecologia: notas para um debate	CANUTO, João Carlos	Embrapa/CNPMA - 1993
Comunicação, informação e dinâmica de sistemas ecológicos	BARRETO, Gilson O.	UFMS - 1993
Determinação social da degradação ambiental e o papel da comunicação	DIESEL, Vivien	UFMS - 1993
Uso de fontes de informação pelos agricultores ecologistas	GIRARDI, Ilza	UFRGS - 1993
Comunicação rural e pesquisa em meio ambiente	PAIVA, Denise	SNLCS/Embrapa - 1993
A assimetria entre técnico e produtor: os dilemas da pesquisa aplicada	SILVEIRA, Paulo et alii	UFMS - 1993
A articulação pesquisa-extensão na agricultura	TAGLIARI, Paulo S.	Epagri - 1993
Eficácia de um jornal na difusão de novos conhecimentos junto ao produtor rural	DUARTE, Jorge	Embrapa/SP - 1993
Comunicação rural, ecologia e imprensa	JANSSEN, Eloah	PUC-RS - 1993
Comunicação rural em transporte comunitário municipal	WEBER, Solange	Prefeitura de São Venolelino (RS) - 1993
O vídeo na extensão rural: incomunicação ecológica	OLIVEIRA, Luiz C. F.	ESAL - 1993
Uma experiência radiofônica na Zona da Mata de Minas Gerais	ARAÚJO, José Geraldo F.	UFV - 1993
Sintonia da terra: programa radiofônico sobre reforma agrária e ecologia	GIRARDI, Ilza Maria T.	UFRGS - 1995
Les radioemisoras regionales y el desarrollo Agropecuario: de la estructura a la recepción mediática	CARNIGLIA, E et alii	UNRC/Argentina - 1995
Ecologia, trabalho e religiosidade no discurso do folclore camponês na América Latina	VELA, Hugo A. G.	UFMS - 1996

O uso do vídeo na sistematização de experiências em agricultura sustentável no Sul do Brasil - Rede Alternativas/Sul	BOSA, Celestino et alii	URNRGS - 1996
Uso de mensagens sobre biotecnologia para agricultores ecologistas	GIRARDI, Ilza M. T.	UFRGS - 1997
Percepção social dos habitantes do município de Paraíso do Sul (RS) sobre a ecologia e o meio ambiente	VELA, Hugo et alii	UFSM - 1997

É interessante observar, considerando a quantidade de trabalhos apresentados e a diversidade das abordagens, que a temática da ecologia é, de fato, uma tendência importante da pesquisa em comunicação rural. Ainda que o GT tenha perdido a sua especificidade, em 1994 – ou seja, de GT de Comunicação Rural e Ecologia passou a se chamar GT de Comunicação Rural –, o interesse pela ecologia se manteve permanente. Catalogamos a apresentação de seis trabalhos ligados à temática ecológica a partir de então. Assim, foram ao todo trinta trabalhos apresentados no GT de Comunicação Rural até o presente momento (Quadro II), perfazendo 47,5 % do total (Tabela 1). Cabe ressaltar que o interesse pela temática da ecologia entre os pesquisadores de comunicação rural está ligado não apenas à importância que se vem atribuindo à questão ecológica na atualidade, mas também à atenção dada ao assunto pela Intercom e pelos coordenadores do GT de Comunicação Rural no âmbito da comunicação, ao ponto de torná-lo tema central do XVI Congresso da Intercom, em 1993.

Tabela 1  
Trabalhos apresentados pelo GT de Comunicação Rural  
nos congressos da Intercom, por categoria temática

Categoria temática	Papers	%
Ecologia	30*	47,5
Ensino-pesquisa	12	19,0
Difusão de inovações	9	14,0
Discurso	4	6,5
Desenvolvimento local e associativismo	4	6,5
Mídia	4	6,5
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

\* Houve ausência de 8 pesquisadores.

A partir de 1994, ao lado da temática da ecologia, o GT vem se dedicando a outras linhas de pesquisa, que agrupamos em seis categorias, assim denominadas: ensino-pesquisa; difusão de inovações; discurso; mídia; desenvolvimento local; e associativismo.

A categoria de Ensino-Pesquisa (vide relação dos trabalhos no Quadro III), a segunda mais representada depois da categoria Ecologia, contribuiu com doze

*papers* na história do GT, ou seja, 19 % do total (Tabela 1). As justificativas apresentadas para realização desses trabalhos estiveram ligadas desde a percepção da comunicação rural como espaço que produz conhecimento distante das Ciências da Comunicação (Araújo, Quadro III), até o mapeamento das políticas de comunicação rural que estão em movimento nos anos noventa (Sampaio et.alii., Quadro III). Verificamos ainda a existência de estudos sobre as pesquisas desenvolvidas no Brasil no campo da comunicação rural, mediante seus principais núcleos: GT de Comunicação Rural (Intercom), Universidade Federal de Santa Maria, Universidade Federal de Viçosa e Universidade Federal Rural de Pernambuco (Callou, Vela, Braga et.alii.; Ataíde et.alii. Quadro III).

Quadro III  
Trabalhos apresentados pelo GT de Comunicação Rural  
Ensino-Pesquisa

Análise de uma escola-família agrícola como proposta metodológica para o meio rural	ALVES, Rosa ; BRAGA, Magela	UFV - 1994
Manual para relacionamento do pesquisador da Embrapa com a imprensa	DUARTE, Jorge A. Menna	Embrapa/DF - 1994
Extensão rural: um cenário para o futuro.	SCHMITT, Wilson	Emater/RS - 1994
Imagem, cultura e produção de sentido: um olhar semiológico sobre a comunicação rural	ARAÚJO, Inesita	Espaço Aberto Consultoria - 1995
O ensino da comunicação social na UNISC numa proposta regional.	ATROHSCHOEN, Ana	UNISC - 1995
O GT de Comunicação Rural nos congressos da Intercom: balanço para entrar no século XXI	CALLOU, Angelo Brás F.	UFRPE - 1997
A pesquisa em comunicação rural no CMARCR (1981-1996)	ATAÍDE, M. Das Graças et alii	UFRPE - 1997
Contribuição do Curso de Pós-Graduação em Extensão Rural da UFSM, para os estudos de comunicação rural	VELA, Hugo et alii	UFSM - 1997
Estudios de comunicación rural: un recorrido desde la disciplina por los distintos es cenarios latinoamericanos	CIMADEVILLA, G. et alii	UNRG/Argentina - 1997
A pesquisa e as publicações do Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Leite: a quem se destinam?	ARAÚJO, José Geraldo F. et alii	UFV - 1997
Pesquisa em comunicação rural: análise das teses de mestrado em extensão rural, UFV, período de 1969-1996	BRAGA, Geraldo M et alii	UFV - 1997
Políticas de comunicação rural nos anos 90	SAMPAIO, Cenira et alii	UFRPE - 1997

A categoria de Difusão de Inovações (vide Quadro IV), apesar das consistentes críticas endereçadas ao modelo de difusão e adoção de inovações na agricultura, inclusive pelos seus próprios fundadores e seguidores, ainda tem seu lugar de importância entre os pesquisadores de comunicação rural. Essa categoria assumiu a terceira posição dentro do GT, isto é, 14 % do total dos *papers* apre-

sentados (Tabela 1). É bem verdade que os aportes teóricos desses trabalhos não têm, necessariamente, ligação direta com a teoria rogeriana que ancora o modelo difusionista. Mas, ao que parece, pretendem “superá-lo” à luz de novos paradigmas (Echegaray) ou “atualizá-lo” a partir da emergência e da expansão das novas tecnologias de comunicação e informação (Trindade et.alii) e mesmo “mantê-lo”, como sugere o estudo dos telespectadores do *Globo Rural* acerca do interesse pela vermicompostagem (Aquino et.alii).

Quadro IV  
Trabalhos apresentados pelo GT de Comunicação Rural  
**Difusão de inovações**

Proposta para difusão da agricultura orgânica.	ASSIS, R. e AREZZO, D.	NPAB/Embrapa - 1994
Comunicação: dominação e dependência: o caso do fumo no RS	STROHSCHOEN, A. et alii	UFV - 1994
Difusão de tecnologia para pequenos produtores rurais na agricultura latino-americana	COUTO, Andreia T.	UNIMEP - 1994
A inovação tecnológica na zona rural de Goiás: estudo em dez municípios	ECHEGARAY, M. A.	UFG - 1994
Características e interesses de telespectadores do <i>Globo Rural</i> pela vermicompostagem	AQUINO, Adriana de et alii	CNPAB/Embrapa - 1995
A inovação tecnológica na Zona rural à luz de novos paradigmas	ECHEGARAY, M. A.	UFG - 1995
A emergência de um novo comunicador para a Embrapa	DUARTE, Jorge	Embrapa - 1995
Comunicação rural: estudo comparativo entre as regiões de Minas Gerais (Brasil) e Lleida (Cataluña - Espanha)	BRAGA, Geraldo Magela	UFV - 1996
Transferência de tecnologia agropecuária: modernização de difusão de inovações tecnológicas através da utilização de hipertextos e <i>homepages</i>	TRINDADE, Ana Mirtes et alii	Embrapa - 1996

Na categoria de Discurso (Quadro V), as contribuições vieram principalmente do campo da comunicação organizacional (Lima; Araújo) e da análise do discurso de imprensa no tratamento de questões ligadas ao meio rural (Anjos; Couto; Froehlich). No primeiro caso, as justificativas apresentadas dizem respeito à determinação das características do discurso organizacional, particularmente em torno de produtos agrícolas e da reestruturação empresarial na atualidade. No segundo, elas se voltam, sobretudo, para a existência de um tipo de “higienização” dado pela imprensa no tratamento da questão agrária, a qual contribui, segundo seus autores, para que a sociedade tenha uma visão distorcida, ou atenuada, da violência no campo. Foram ao todo quatro trabalhos (6,5 %) apresentados nessa categoria (Tabela 1).

Quadro V  
Trabalhos apresentados pelo GT de Comunicação Rural  
**Discurso**

A defesa da semente melhorada pela Abrasen e Absen: um estudo de comunicação rural organizacional	LIMA, Dejoel de B.	UFRPE - 1995
A polifonia em textos jornalísticos sobre a questão agrária brasileira	ANJOS, Netília dos	UFP - 1995
Questão agrária na imprensa: o MST na <i>Folha de S. Paulo</i>	COUTO, Andrcia T.	Unicamp - 1996
Rede de poderes e MCM: a inserção dos MCM na construção do discurso de “liberação de costumes” no espaço agrário	FROEHLICH, José Marcos	UFMS - 1997

No que se refere ao Desenvolvimento Local e ao Associativismo (Quadro VI), os *papers* apresentados (6,5 % do total – Tabela 1) ora se preocupam em refletir teoricamente o desenvolvimento local como estratégia de resolução do problema da fome e da exclusão em tempo de globalização (Santos), ora relatam experiências de desenvolvimento local, como o turismo rural, por exemplo, enquanto forma de sobrevivência das populações no campo (Almeida). O associativismo foi tratado do ponto de vista econômico-produtivo e do ponto de vista da comunicação interpessoal. No primeiro caso, o associativismo assume importância no desenvolvimento local (Jesus) e, no segundo, serve de análise do comportamento de agricultores, para demonstrar correlações entre problemas e necessidade de apoio, a partir de aportes teórico-metodológicos da pesquisa funcionalista norte-americana (Sperry).

Quadro VI  
Trabalhos apresentados pelo GT de Comunicação Rural  
**Desenvolvimento local e associativismo**

O turismo rural: o caso de Restinga Seca	ALMEIDA, Joaquim	UFMS - 1996
Globalização e práticas culturais: o local enquanto espaço de (re)construção da cidadania	SANTOS, M. Salett Tauk	UFRPE - 1996
A comunicação rural entre os produtores rurais organizados do município de Silvânia (GO)	SPIERRY, Suzana	Embrapa/DF - 1996
Culturas e produção associativista/cooperativista	JESUS, Paulo de	UFRPE - 1996

Quanto à última categoria estabelecida, Mídia (Quadro VII), foram apresentados quatro trabalhos (6,5% – Tabela 1), que versaram sobre: as transformações produzidas no sistema dos meios de comunicação de um povoado (Carniglia et.alii); o relato de uma recepção de vídeo entre trabalhadores rurais, questionando os limites desse instrumento no campo da comunicação rural (Sampaio et.alii); e a descrição das mídias, particularmente jornal, revista, rádio e televisão, no mercado rural brasileiro (Pinho).

Quadro VII  
Trabalhos apresentados pelo GT de Comunicação Rural  
Mídia

Audiência e recepção de TV: o caso da TV Viçosa	BRAGA, G. e NEVES, A.	UFV - 1994
Entre propaladoras y satélites, los medios y las audiências agrárias en el sur de Córdoba	CARNIGLIA, E. e CIMADEVILLA, G.	UNRC/Argentina - 1996
Comunicação rural e tecnologia: o vídeo como veículo de comunicação rural	SAMPAIO, Cenira et alii	UFRPE - 1996
Mídia rural: contornos do mercado de comunicação especializada no Brasil	PINHO, José Benedito	UFV - 1997

No que diz respeito à origem institucional dos trabalhos apresentados no GT de Comunicação Rural, durante os congressos da Intercom, podemos dizer que a Embrapa e a UFSM contribuíram, cada uma delas, com 17,5 % do total. Em seguida vieram UFV, com 14,3 %, e a UFRPE, com 11,1 % (Tabela 2). Portanto, no cômputo geral, as universidades concentraram o maior número de pesquisas em comunicação rural no Brasil.

Tabela 2  
Origem institucional dos trabalhos apresentados pelo  
GT de Comunicação Rural

Instituição	Quantidade	%
Embrapa (Sul, Sudeste, Centro-Oeste)	11	17,5
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM	11	17,5
Universidade Federal de Viçosa - UFV	9	14,3
Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE	7	11,1
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS	4	6,4
Universidade Nacional de Río Cuarto, Argentina - UNRC	3	4,6
Coordenadoria de Assistência Técnica Integral	3	4,6
Pontifícia Universidade Católica Rio Grande do Sul - OUC/RS	2	3,2
Organizações não-governamentais	2	3,2
Universidade Federal de Goiás - UFGO	2	3,2
Universidade Regional do Nordeste Rio Grande do Sul - URNRGS	1	1,6
Emater/RS	1	1,6
Universidade Estadual de Campinas - Unicamp	1	1,6
Universidade Federal de Pelotas - UFP	1	1,6
UNISC	1	1,6
Universidade Metodista de Piracicaba - Unimep	1	1,6
Escola Superior de Lavras - MG	1	1,6
Empresa de Pesquisa Agropecuária e Difusão de Tecnologia - SC	1	1,6
Prefeituras municipais	1	1,6
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100,0</b>

#### 4. Considerações finais

Apesar de a pesquisa em comunicação rural, no Brasil, vir se desenvolvendo nos últimos anos para além do modelo funcionalista norte-americano de difu-

são de inovações, os avanços, no plano teórico, são ainda insignificantes. A julgar pelos *papers* apresentados no GT de Comunicação Rural, o que percebemos, de um modo geral, são, de um lado, relatos de experiências vividas por organizações governamentais e não-governamentais com as populações rurais, a partir do modelo de comunicação participativa; de outro, são resultados de pesquisas apenas associados à comunicação rural porque se voltam para questões ligadas ao campo. Poucas são as contribuições que teorizam em torno da comunicação rural, como o fizeram, competentemente, os difusionistas. Não fossem as discussões realizadas sobre a temática da ecologia e do desenvolvimento local, poderíamos dizer que, depois de Paulo Freire, Luis Ramiro Beltrán, Juan Díaz Bordenave e João Bosco Pinto, nada de novo teríamos a dizer sobre a comunicação rural.

Frente a esse quadro, é de se perguntar se os conceitos e as estruturas teóricas da comunicação rural disponíveis são suficientes para explicar e enfrentar as modificações que estão sendo operadas hoje no meio rural por meio da informática, da microeletrônica e da biotecnologia. Parece-nos indefensável a idéia da introdução dessas tecnologias como uma introdução a mais nos moldes da “modernização da agricultura” dos anossetenta/oitenta. Como já observou Marcondes Filho, trata-se de uma introdução *sui generis*, em torno da qual “reordena-se o sócius, reestrutura-se a política, os comportamentos, as normas éticas e a subjetividade.”<sup>27</sup> Não é por acaso que José Graziano da Silva chama a atenção para a necessidade de se ampliar o conceito de espaço agrário no Brasil. Diz ele: “É preciso ampliar essa velha noção de rural para além das atividades produtivas tradicionais (tais como culturas e criação de animais) e incluir no espaço agrário a produção de serviços (tais como lazer, turismo, preservação do meio ambiente etc.) e de bens não agrícolas como, por exemplo, moradia e artesanato, incluídas aí também as formas modernas de trabalho a domicílio, tão comuns nos países desenvolvidos.” Diz mais Graziano: “A nova e esperada onda de modernização no campo assentada na informática, na microeletrônica e na biotecnologia deverá ser ainda mais excludente que suas anteriores. (...) As evidências empíricas disponíveis, no caso brasileiro, indicam que as melhorias das condições de vida e trabalho das populações rurais estão muito mais relacionadas com o ‘nível de urbanização’ que com o grau de desenvolvimento tecnológico alcançado pelas atividades agropecuárias de uma região.”<sup>28</sup>

Nesse sentido, o Curso de Mestrado em Administração Rural e Comunicação Rural da UFRPE vem discutindo, desde 1995, por meio da disciplina Teoria da Comunicação, algumas temáticas que possibilitem, pouco a pouco, repensar a comunicação rural na era das altas tecnologias. O primeiro resultado dessa experiência encontra-se em *Comunicação rural e pós-modernidade*<sup>29</sup>. Com essa mesma pre-

<sup>27</sup>MARCONDES FILHO, Ciro. *Teoria da comunicação e era tecnológica*. Campinas, 1994, p.1. Trabalho apresentado no III Encontro Anual da COMPÓS.

<sup>28</sup>GRAZIANO DA SILVA, José. *Reforma Agrária*. São Paulo, n. 2, vol. 23, mai./ago. de 1993, p.11.

<sup>29</sup>CALLOU, Angelo Brás Fernandes (org.). *Comunicação rural e pós-modernidade*. Recife, Imprensa Universitária/UFRPE. Série Ensaio, n.1, 1996.

ocupação o CMARCR criou recentemente a linha de pesquisa de Comunicação Rural e Era Tecnológica e formalizou o Núcleo Avançado do Projeto de Pesquisa em Nova Teoria da Comunicação - NTC/Recife.<sup>30</sup> Esse núcleo, que tem publicação própria, os cadernos *Fractais*<sup>31</sup>, embora não esteja especificamente ligado à comunicação rural, tem nas tecnologias de comunicação o centro das suas atenções.

Acreditamos que uma proposta dessa natureza, aliada ao que se vem discutindo nas categorias de Ecologia, Desenvolvimento Local e Mídia, no GT de Comunicação Rural, da Intercom, seja o caminho mais promissor para agendar a pesquisa em comunicação rural no século XXI.

## 5. Referências bibliográficas

- BELTRÁN, Luis Ramiro. *Communication in Latin America: persuasion for "status quo" or for national development?* Michigan, 1972. Tese (Doutorado em Comunicação de Massa) – Michigan State University, 1973. Mimeografado.
- BELTRÁN, Luis Ramiro. Adeus a Aristóteles: comunicação horizontal. *Comunicação e Sociedade*. São Bernardo do Campo, IMS, n. 6, p. 5-35, set. 1981.
- BORDENAVE, Juan Díaz e CARVALHO, Horácio Martins de. La comunicación en las mallas de la dominación. In: *Planificación y comunicación*. Quito, Ciespal, 1978. p. 29-50.
- BORDENAVE, Juan Díaz. *O que é comunicação rural?* São Paulo, Brasiliense, 1983.
- BRAGA, Geraldo Magela e KUNSCH, Margarida M. Krohling (orgs.). *Comunicação rural: discurso e prática*. Viçosa, UFV, 1993.
- BUENO, Wilson (edit.). *Comunicação rural e realidade brasileira. Comunicação & sociedade*. São Bernardo do Campo, IMS/Edições Liberdade/Imprensa Metodista, n. 15, 1987.

<sup>30</sup>O projeto de pesquisa "Nova Teoria da Comunicação" foi elaborado pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Novas Tecnologias, Comunicação e Cultura - NTC/SP, com sede na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. O projeto vem se desenvolvendo, desde 1989, sob a coordenação do Prof. Ciro Marcondes Filho, mediante uma série de debates, cursos e pesquisas com o objetivo de consolidar "um novo referencial teórico que dê conta do quadro que envolve os processos de comunicação na sociedade contemporânea" (Marcondes Filho, Compós, 1994). O projeto partiu de uma crítica radical às teorias de comunicação estabelecidas, por considerá-las desatualizadas frente aos acontecimentos gerados pelo crescimento das novas tecnologias de comunicação neste final de século. Ele rejeita, por exemplo, o esquema emissor-canal (mensagem)-receptor e conceitos como "cultura de massa" e "indústria cultural", a partir de estudos desenvolvidos por Jean-François Lyotard, Jean Baudrillard, David Harvey, Gianni Vattimo, Frederic Jameson, Paul Virilio, Lucien Sfez, Günther Anders, Philippe Quéau, Marc Guillaume, entre outros. O resultado dessa experiência está refletido, principalmente, na revista *Atrator Estranho*, já no seu vigésimo sexto número, e no livro *Pensar-pulsar: cultura comunicacional, tecnologias, velocidade* – MARCONDES FILHO, Ciro (coord.). São Paulo, Edições NTC, 1996.

<sup>31</sup>CALLOU, Angelo Brás Fernandes (coord.). *Ecologia ano 2000. Fractais*. Recife, UFRPE, Imprensa Universitária, n. 1, 1997. 43 p. No prelo. Workshop, com João Carlos Canuto como convidado especial.



- CALLOU, Angelo Brás Fernandes (coord.). *Ecologia ano 2000. Fractais*. Recife, UFRPE, Imprensa Universitária, n. 1, 1997. 43 p. No prelo. Workshop, com João Carlos Canuto como convidado especial.
- CALLOU, Angelo Brás Fernandes (org.). *Comunicação rural e pós-modernidade*. Recife, Imprensa Universitária/UFRPE. Série Ensaio, n.1, 1996.
- CALLOU, Angelo Brás Fernandes. *Movimentos sociais de pescadores em Pernambuco, 1920-1983*. Santa Maria, 1986. 238 p. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Santa Maria, 1986.
- CALLOU, Angelo Brás Fernandes, CANUTO, João Carlos, DIAS, Joanes de Oliveira et alii. *Dos senões conceituais da extensão rural à busca de sua definição*. Santa Maria, 1982. 19 p. Seminário 1 - Universidade Federal de Santa Maria. Trabalho mimeografado.
- CALLOU, Angelo Brás Fernandes, SANTOS, Maria Salett Tauk, SILVEIRA, Miguel, Ângelo da et alii. *Comunicação rural*. São Paulo, Intercom. Texto produzido para manual de comunicação Brasil-França. Inédito.
- CANUTO, João Carlos. *Avaliação do GT de Comunicação Rural e Ecologia*. Relatório apresentado no XVI Congresso da Intercom. Vitória, UFES, 1993. p. 50-51.
- CANUTO, João Carlos. *Capital, tecnologia na agricultura e o discurso da Embrater*. Santa Maria, 1984. 137 p. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Santa Maria, 1984.
- CANUTO, João Carlos. *Carta circular n.1*. GT de Comunicação Rural e Ecologia, XVI Congresso da Intercom, 1993.
- CANUTO, João Carlos. *Comunicação rural e ecologia*. Anexo à *Carta Circular n. 2*, 7 jul. 1993.
- FIGUEREDO, Romeu Padilha. *Assistência técnica e extensão rural: um instrumento de desenvolvimento rural?* Maceió, 1982. Mimeografado. Palestra apresentada no I Seminário sobre Políticas Agrícolas para o Setor Público Estadual.
- FIGUEREDO, Romeu Padilha. *A extensão rural face à problemática da produção no Brasil*. Rio de Janeiro, 1981. Mimeografado. Trabalho apresentado no II Seminário de Educação e Meio Rural.
- FIGUEREDO, Romeu Padilha. *A extensão rural no Brasil*. Santa Maria, 1982. Palestra apresentada no Curso de Pós-Graduação em Extensão Rural da UFSM. Mimeografado.
- FIGUEREDO, Romeu Padilha. *Extensão rural: extensão do capitalismo?* Análise do sistema ABCAR/Emater (1948-1979). Campinas, [1979?]. 23 p. Mimeografado. Projeto de tese de doutorado apresentado à Universidade Estadual de Campinas.
- FONSECA, Maria Tereza Lousa da. *Extensão rural no Brasil: um projeto educativo para o capital*. São Paulo, Loyola, 1985.

- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- GRAZIANO DA SILVA, José. *A modernização dolorosa: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- GRAZIANO DA SILVA, José. *Reforma Agrária*. N. 2, vol. 23, mai./ago., 1993, p. 5-16.
- GUATARRI, Félix. *As três ecologias*. Campinas, Papirus, 1990.
- LERNER, D. e SCHRAMM, W. *Comunicação e mudança nos países em desenvolvimento*. São Paulo, Edusp, 1973.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Teoria da comunicação e era tecnológica: proposta de metodologia do trabalho científico para as universidades brasileiras numa era pós-ideológica*. Apresentação do método da autoconstituição espontânea do conhecimento. Campinas, 1994, 14 p. Trabalho apresentado no GT de Comunicação e Política, no III Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós).
- MARCONDES FILHO, Ciro (coord.). *Pensar-pulsar: cultura comunicacional, tecnologias, velocidade*. São Paulo, Coleções NTC, 1997. 423 p.
- MARQUES DE MELO, José (org.). *Comunicação, modernização e difusão de inovações no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- MARQUES DE MELO, José. *Comunicação, opinião, desenvolvimento*. 3ª ed. Petrópolis, Vozes, 1977.
- MARTINS, José de Souza. *Os camponeses e a política no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1981.
- MATTELART, Armand. Críticas a la "communication research". In: MATTELART, Armand et.alii. *Los medios de comunicación de masas: la ideología de la prensa liberal*. Buenos Aires, Schapire, 1976.
- NUNES, Laércio Nunes e. *Discussão sobre difusão e adoção de inovações na agricultura*. Brasília, 1977. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília.
- PINTO, João Bosco. La comunicación participatória como pedagogia del cambio: fundamentos epistemológicos. *Cadernos de Comunicações*. João Pessoa, a. 2, n.1, p.7-17, 1980.
- PROAÑO, Luis Eladio. *Planificación y comunicación*. Quito, Ciespal, 1980.
- QUESADA, Gustavo Martín. *Comunicação e comunidade: mitos da mudança social*. São Paulo, Loyola, 1980.
- ROGERS, Everett (org.). *Communication and development: critical perspectives*. London, Sage, 1976.
- SANTOS, Maria Salett Tauk e CALLOU, Angelo Brás Fernandes. *Comunicação rural e ecologia: um cruzamento inevitável dos anos 90*. *Quinzena Rural*. Recife, UFRPE, n. 47, p. 4, jul. 1990.
- SILVEIRA, Miguel Ângelo da e CANUTO, João Carlos (orgs.). *Estudos de comunicação rural*. São Paulo, Loyola, 1988.
- WHITING, Gordon e GUIMARÃES, Lytton (org.). *Comunicação das novas idéias: pesquisas aplicáveis ao Brasil*. Rio de Janeiro, Edições Financeiras, 1969.



## Estudios de comunicación rural: un recorrido desde la disciplina por los distintos escenarios latinoamericanos\*

*Gustavo Cimadevilla y Edgardo Carniglia*  
Docentes investigadores del  
Departamento de Ciencias de la Comunicación,  
de la Universidad Nacional de Río Cuarto, Argentina.

### Introducción

Lo rural, como escenario específico del desarrollo humano, ha interesado a los intelectuales desde el mismo momento que se concibió, por oposición, lo urbano. La identidad de ese espacio no podría haber sido pensada sin la existencia de su contrario. Pero reconocida la ciudad o los poblados como tal, los escenarios rurales convocaron interrogantes, manifestaron especificidades y sirvieron de parámetro para diferenciar a las organizaciones sociales de aglutinación.

En su conocimiento, el ir y venir entre el registro literario, el interrogante sociológico y los proyectos y experiencias de intervención del estado parecen ser una constante entre los antecedentes que comienzan a dar vida a la dispersión disciplinar del campo que hoy se reconoce como “estudios de comunicación rural” y que particularmente se muestran en la obra *La bocina que habla*.<sup>3</sup>

En el contexto cercano, un recorrido por la experiencia latinoamericana en la especialidad permite identificar *tres escenarios* diferentes con respecto a cómo ha evolucionado la disciplina. En ese marco, sin dudas, Brasil se manifiesta como el territorio donde mayor desarrollo han alcanzado los estudios y desde donde se han generado las principales referencias académicas, tanto desde el punto de vista teórico como del registro de experiencias de comunicación en espacios rurales. Este trabajo pretende, entonces, semblantear ese recorrido, señalando las

---

\* Ponencia en las sesiones del GT de Comunicación Rural, de Intercom, en el XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>3</sup> Específicamente en CIMADEVILLA, G. Relatos, informes y ensayos: un recorrido por los estudios de comunicación rural. Río Cuarto, UNRC-INTA, 1997.

tendencias que orientan a cada uno de los escenarios y la incidencia que ha tenido particularmente Brasil para los estudios argentinos.

### Algunos antecedentes

Si se toma como punto de articulación entre los primeros aportes y los estudios que hoy se reconocen como “comunicacionales” a los clásicos enfoques “difusionistas” – cuyo principal referente es la obra de E. Rogers<sup>4</sup>, *Diffusion of innovations* (1962) – en América Latina, algunas publicaciones particularmente brasileñas marcaron hitos significativos. A nivel de recopilación, por ejemplo, la que los sociólogos rurales Gordon Whiting – estadounidense – y Lytton Guimarães – brasileño – realizaron sobre la base de algunas experiencias de conocimiento realizadas en Perú, Colombia y Brasil en la década del 1960 *Comunicação das novas idéias: pesquisas aplicáveis ao Brasil*<sup>5</sup>, y, posteriormente, el trabajo de Marques de Melo, *Comunicação, modernização e difusão de inovações no Brasil* (1978)<sup>6</sup>, como resultado de una paciente investigación en las principales bibliotecas de universidades y centros de consulta norteamericanos

Desde una perspectiva crítica, por otra parte, el aporte más importante y que dio fundamento incluso a buena parte del pensamiento revisor de los ochenta, es el trabajo que Paulo Freire dedicara a analizar el papel de la extensión rural como “inoculadora”, más que liberadora de las conciencias campesinas, con su obra *Extensão o comunicação*, escrita a finales de los sesentas y publicada en español y portugués por Tierra Nueva y Siglo XXI en diversos países del continente.

La década del 1980, en tanto, asume luego otras características con respecto a la producción intelectual vinculada al área. El gradual, trabajoso y arduo proceso de reconquista del estado de derecho en distintas naciones latinoamericanas<sup>7</sup> trajo aparejado la posibilidad de una mayor libertad de pensamiento y expresión y, por tanto, de una mayor crítica y autocrítica sobre el quehacer de las instituciones, los modelos de convivencia y desarrollo y las condiciones sociales de las distintas regiones, grupos y segmentos sociales.

### La crítica comunicacional y el “repensar” extensionista

<sup>4</sup> En su segunda edición actualiza la obra con I. Shoemaker bajo el título *Communication of innovation* (1971), publicada también por The Free Press, New York.

<sup>5</sup> WHITING, Gordon y GUIMARÃES, Lytton. *Comunicação das novas idéias: pesquisas aplicáveis ao Brasil*. Rio de Janeiro, Edições Financeiras, 1969.

<sup>6</sup> MARQUES DE MELO, José. *Comunicação, modernização e difusão de inovações no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1978.

<sup>7</sup> En particular de la mayoría de los países del Cono Sur, entre los que cabe citar a Argentina, Brasil, Uruguay, Paraguay, Chile, Bolivia y Perú.

Sí la década del 1950 fue teñida por la institucionalización de las intervenciones al medio rural a través de un estado fuerte, que posteriormente en los sesenta recibió – no desinteresadamente – la ayuda de organismos y entidades internacionales suponiendo que la planificación y el reformismo eran posibles; sí la década del 1970 mostró serios conflictos y luchas sociales que finalmente terminaron con taxativos procesos de intervención militar, éxodo de intelectuales, desapariciones y “mordazas” sobre los centros de estudios y organismos de proyección social; en los ochentas, entonces, lo que no pudo decirse antes comenzó a aflorar como una instancia crítica que trascendió lo político y se profundizó en el conjunto de las disciplinas sociales y humanas.

Después de Freire, otros autores y otras obras, con mayor o menor profundidad en las críticas, dieron cierta continuidad a esta línea de pensamiento cuestionadora. Así, por ejemplo, Díaz Bordenave – paraguayo y residente en Brasil desde finales de los sesenta, con formación en agronomía y luego en comunicación –, orientó parte de su trabajo a rescatar el papel de la participación para la construcción de relaciones “verdaderamente democráticas”.<sup>8</sup> Analizó la evolución que la “comunicación rural” asumió en ciertos organismos de promoción del desarrollo como el IICA - Instituto Interamericano de Cooperación para la Agricultura e insistió para que el “diálogo”, la “planificación” y la “educación” permearán siempre el trabajo técnico vinculado a la transferencia de conocimientos en el medio rural.

De su extensa obra el título que mayor difusión tuvo, vinculado a este campo de interés, fue justamente *O que é comunicação rural* (São Paulo, Brasiliense, 1983) en y posteriormente editada en ciudad de México. Escrito en el que el autor consigue en pocas páginas ofrecer un recorte más o menos logrado de las relaciones que giran en torno a la “comunicación”, lo “agrícola” y la “transferencia de tecnología” y el “desarrollo rural”.

Contemporáneo de Bordenave, Luis Ramiro Beltrán es otro intelectual latinoamericano – de nacionalidad boliviana – que también deja su huella en el pensamiento crítico de la especialidad, particularmente para alertar sobre la incidencia del pensamiento “foráneo” en las propias reflexiones hechas desde el continente y en el peso del “modelo difusionista”. “*Un supuesto básico del enfoque de difusión es que la comunicación por sí misma puede generar desarrollo, independientemente de las condiciones socioeconómicas y políticas*”, afirma el autor (1985, p. 79), analizando

---

<sup>8</sup> Para un listado bibliográfico detallado de la obra de Juan Díaz Bordenave puede consultarse la tesis de maestría de AMARAL, Marcia Franz. *Juan Díaz Bordenave e a comunicação para o homem rural*. Santa María, 1993. Tesis (Maestría) – Universidade Federal de Santa Maria.

luego los argumentos que descartan la falacia de la hipótesis para finalmente delinear una “*nueva ciencia de la comunicación en Latinoamérica*”.<sup>9</sup>

Por otra parte, Luiz Beltrão — brasileño — también hará un aporte importante desde un enfoque más antropológico, analizando y reflexionando sobre los habitantes rurales, los medios y mensajes que circulan en su cultura “tradicional”. La obra *Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados*<sup>10</sup> publicada es desde esa perspectiva un clásico para la consulta y un punto de referencia para pensar lo que queda al “margen” de la cultura occidental dominante.

En ese marco de compromisos críticos, no sólo las cuestiones temáticas serán centro de revisión, sino también aquellas vinculadas al propio acto de conocimiento y a la actitud de transformación del intelectual. En ese sentido, uno de los nombres que trascendió en la línea de lo que se denomina “investigación-acción” es João Bosco Pinto que, luego de su clásico *Extensão y educação: uma disyuntiva crítica*, de 1973<sup>11</sup>, dedicó gran parte de su obra a precisar y operacionalizar la “*pesquisa ação*” como “un proyecto de práctica social y nunca como un libro de recetas” — según el propio Bosco Pinto aclaraba —, con el objetivo mayor de que esa práctica sirviera para la “toma de conciencia colectiva para una acción”.<sup>12</sup>

En esa misma línea, Carlos R. Brandão, con su *Repensando a pesquisa participante* (São Paulo, Brasiliense, 1984), y Michel Thiollent, con *Metodologia da pesquisa-ação* (São Paulo, Cortez, 1985), conformaban junto a Bosco Pinto un tríptico para la lectura que no estuvo ausente de las aulas y los espacios de discusión en los cuales, por ejemplo, la comunicación y la extensión rural eran centro de análisis. Ello, por cuanto los escritos obligaban a pensar cada acción intervencionista a partir del juego de intereses de las fuerzas actuantes, de los respetos socioculturales de quienes eran sujetos convocados al cambio y de las metodologías y finalidades que los proyectos podían involucrar, además del nivel de compromiso y papel transformador que debía asumir el agente participante. ¿Qué puedo y debo hacer yo?, era la pregunta inquisidora para quienes, como agentes intervinientes, tenían algún grado de responsabilidad en las transformaciones que se buscaban para las diversas realidades cuestionadas.

Y en esos términos, el papel de las universidades, particularmente en Brasil, fue clave para avanzar sobre las preguntas sin respuestas o sobre los problemas no resueltos. Desde sus posgrados, las universidades federales de Santa Maria,

<sup>9</sup> BELTRÃO, Luis Ramiro. Premisas, objetos y métodos foráneos en la investigación sobre comunicación en América Latina. En: MORAGAS, Miguel de (org). *Sociología de la comunicación de masas*. Barcelona, Gustavo Gilli, 1985.

<sup>10</sup> BELTRÃO, Luis. *Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados*. São Paulo, Cortez, 1980.

<sup>11</sup> PINTO, João Bosco. *Extensão y educação: uma disyuntiva crítica*. *Desarrollo Rural en las Américas*. Bogotá, 4(3): 15-25.

<sup>12</sup> *A pesquisa ação. Detalhamento da sequência metodológica*. Recife, 1984. Universidade Federal de Pernambuco. Mecanografiado, pag. 40.

Viçosa y Rural de Pernambuco – las dos primeras con maestrías en extensión rural y la nordestina con comunicación rural – permitieron acrecentar y producir importantes trabajos, convirtiéndose sin duda en referentes y vanguardia del campo disciplinar en la región latinoamericana.

Así, en los ochentas, la tendencia a estudiar con enfoques y esquemas difusionistas fue apartándose para favorecer la búsqueda de problemas y respuestas locales, tratando de tomar distancia de la “americanofilia” que hasta entonces condicionaba – según Quesada (1982)<sup>13</sup> – a los estudios de comunicación rural brasileña. Aportando, este autor, profesor e investigador de la Universidad Federal de Santa Maria, su libro *Comunicação e comunidade: mitos da mudança social* (São Paulo, Loyola, 1980).

En Viçosa, la restante universidad con posgrado en extensión rural en Brasil, los trabajos de Geraldo Magela Braga y Fernandez de Araújo dieron continuidad a la tradición en estudios de difusión y adopción de innovaciones que caracterizó a la escuela, en particular para retratar las instancias del cambio técnico en la realidad rural de Minas Gerais.

La Universidad Federal Rural de Pernambuco, por su parte, encontró en Maria Salett Tauk dos Santos a su referente de mayor proyección, trabajando alternativamente las cuestiones ideológicas de los mensajes y discursos que se transfieren al mundo rural (por ejemplo “A ideologia da modernização e o rádio rural”, en la *Revista Intercom* – n. 55, 1986) y el papel de la comunicación para los problemas de los “sin tierra” y los pequeños productores (“Comunicação e educação no mundo rural: uma experiência libertadora com pequenos agricultores”, en *Comunicação e educação: caminhos cruzados*, 1986<sup>14</sup>).

Desde otras universidades y cursos, a veces vinculados a la problemática desde la sociología, la antropología, la educación o el mismo desarrollo rural, otros trabajos también aportarán enfoques y radiografías útiles. Entre ellos, la obra de Maria Teresa Lousa da Fonseca, *A extensão rural no Brasil: um projeto educativo para o capital* (1985), será la que mayor notoriedad alcanzará. Particularmente para discutir el papel de las instituciones extensionistas y los valores y condiciones que resultaron ser el centro de sus políticas de difusión y transferencia, en plena etapa de consolidación de las relaciones capitalistas en el campo.

Pero en Brasil, ese repensar al que se hace referencia no fue sólo un guión para el ensayo académico o discursivo. De hecho, la entonces Embrater (Empresa Brasileña de Asistencia Técnica y Extensión Rural), particularmente de la mano de Romeu Padilha de Figueiredo como presidente (1985-1988), asumió

<sup>13</sup> *Comunicação rural? It's O.K. y hasta luego*. Ponencia presentada al V Congreso Intercom. São Paulo, 1982. Mecanografiado.

<sup>14</sup> KUNSCH, Margarida M. Hrohling (org.). *Comunicação e educação: caminhos cruzados*. São Paulo, Loyola, 1986).



un compromiso con la Nova República y le imprimió un carácter progresista a la gestión. Implicaba, en palabras de Padilha, que “*el desempeño de (nuestras) funciones técnicas debe ser respaldado por un sentido político de actuación junto y al lado de los grupos sociales más pobres, los desheredados y los excluidos por la “modernización dolorosa”. Esta es una tarea inalienable del nuevo Estado democrático brasileño*”.<sup>15</sup>

Esa etapa, sin dudas, fue muy rica en planteamientos, giros y contragiros y concreción de muchas experiencias alternativas en comunicación, a través de diversos proyectos que permitieron que extensionistas, comunicadores y sujetos rurales compartieran experiencias con videos, materiales educativos, procesos grupales y elaboración de propuestas para el Estado y las entidades de intervención y afiliación.<sup>16</sup>

En esa década, entidades como Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), Sober (Sociedade Brasileira de Economía e Sociologia Rural) y PIPSA (Projeto de Intercâmbio de Pesquisa Social em Agricultura), entre otras, también dieron espacio al campo de estudio que, quizás en 1988, tuvo su momento de mayor auge cuando Intercom convoca a su XI Congreso para discutir especialmente la temática. Así, como resultado de ello, se publicó posteriormente el libro que organizaron Geraldo Magela Braga y Margarida M. Krohling Kunsch bajo el título *Comunicação rural: discurso e prática* (1993), editado por la Universidad Federal de Viçosa.

Pero si los ochenta en Brasil fueron sinónimo de un momento fecundo para la disciplina, no puede decirse lo mismo para el resto de los países de habla hispana del continente, al menos por lo que se puede juzgar de la literatura que trascendió las fronteras nacionales.

### **Lo rural en retirada o con escasos antecedentes**

Después del libro *Comunicación y desarrollo rural* (1981), de Carlos Arntmann y Francisco Fernández,<sup>17</sup> en el cual se presenta una serie de trabajos que discuten los modelos de difusión y el desarrollo rural – incluyendo aportes de los americanos E. Rogers y F. Fliegel y otros colegas universitarios chilenos –, poco material circuló en el ambiente académico y las viejas obras ligadas a la problemática continuaron siendo referentes. Así, el manual de J. Ramsay, H.

<sup>15</sup> *Informe final del I Seminario de Extensão Rural* organizado por FAO/EMBRATER, Brasilia, 1986, Pág. 26.

<sup>16</sup> Existe una vasta y significativa cantidad de materiales, documentos, informes de experiencias comunicacionales y evaluación de proyectos que mínimamente se encuentran analizados en *A modernização tardia* (Santa Maria UFSM, 1990).

<sup>17</sup> Publicado por ediciones La Ciudad, por interés del Instituto de Ciencias Históricas y Sociales de la Universidad Austral de Chile.

Frias y L. R. Beltrán, *Extensión agrícola: dinámica del desarrollo rural*<sup>18</sup>, siguió presente con su enfoque disciplinar segmentado según el aporte de la filosofía, la psicología educativa y la comunicación y analizando los problemas “metodológicos” y “administrativos” de la extensión rural.

Específicamente comunicacional, la edición del Segundo Curso sobre Comunicación Social del IICA-Cira (1973), en el marco del Programa Nacional de Capacitación Agropecuaria, fue otro de los escasos referentes acopiados en las bibliotecas. Y ese tipo de enfoque, el que vincula la comunicación a la capacitación y el entrenamiento o a la educación de adultos, es el que generalmente resultó convocante en esa etapa; así se suman títulos como *Adiestramiento para la Agricultura y el Desarrollo Rural* (FAO, Roma, 1977) y *Extensión y Capacitación Rurales – Manuales para Educación Agropecuaria* (SEP-Trillas, México, 1982), para el primer caso, y *Hacia nuevas estrategias de comunicación en la educación de adultos*, de Mario Kaplún (Santiago, Unesco, 1983) para el segundo.

De la consulta a la base de datos del Centro de Documentación del Consejo Nacional para la Enseñanza y la Investigación de las Ciencias de la Comunicación (Coneicc) de México – para esa década del 1980 –, se desprende igualmente que la problemática rural sólo aparece tratada en temas vinculados a la educación o al papel de los medios de comunicación en áreas rurales, particularmente en lo referente a la radio. La “comunicación rural”, como categoría que identifica un campo de estudios, o la difusión y transferencia de tecnología en el medio rural, en particular, no se destacan a nivel de referencias en las temáticas de la producción mexicana allí relevada.<sup>19</sup>

En ese sentido, otro de los materiales de circulación importante en la región como lo es la revista *Chasqui*, de Ciespal - Centro Internacional de Estudios Superiores de Periodismo para América Latina, muestra más o menos el mismo perfil, encontrándose sólo algunos artículos que refieren a la comunicación y lo rural en circunstancias de discutir problemas de desarrollo o cuestiones de medio ambiente. Temáticas clásicas que vinculan la comunicación a la educación, el papel de la radio y la investigación y planificación, con breves referencias a lo rural, también se presentan en algunos artículos de las revistas.

En la revista *Diálogos* – órgano de divulgación de la Felafacs - Federación Latinoamericana de Asociaciones de Facultades de Comunicación Social –, por

<sup>18</sup> Su primera versión es de 1960, pero continuó publicándose por la editorial del IICA de Lima, en sucesivas ediciones.

<sup>19</sup> Las pocas citas existentes generalmente se vinculan a períodos anteriores; por ejemplo aparecen trabajos en los años sesenta, como “Estudio de la difusión del maíz híbrido en cuatro municipios del estado de Guanajuato”, de Jesús Reding Martínez (*Agricultura Técnica de México*, 2(3), 1963, o *La difusión y adopción del cultivo de la soja en el Valle del Yagui*, de Abdo Magdub Mendes, presentado en el I Simposium Interamericano de Investigación de las Funciones de Divulgación en el Desarrollo Agrícola, organizado por la Universidad de Wisconsin en 1964, entre otros.

su parte, el fenómeno más o menos es el mismo. Raúl Fuentes Navarro, en su estudio sobre la evolución de la disciplina en América Latina<sup>20</sup>, comentará, al analizar lo publicado por *Diálogos* en el período 1987-1990, que los enfoques de “comunicación y cultura” resultan predominantes, en tanto desaparecen los referidos a “comunicación y desarrollo” (pág. 22). En ese sentido, esa observación también va al encuentro de otro trabajo del autor en el que al analizar los documentos correspondientes a la investigación en comunicación realizada en México sobre las “funciones sociales de la comunicación”, las problemáticas de la *educación* y la *política* concentraban la mitad de los estudios, en tanto el desarrollo rural, que por su vinculación aquí interesa, estaba en el conjunto temático menor, con una proporción de siete puntos sobre cien (pág. 19).<sup>21</sup>

En esa línea menor, el Ipal - Instituto Para América Latina aportará una obra específica: *Comunicación y desarrollo* (1987), como resultado de la mesa redonda que en Lima se llevó a cabo con la colaboración de Unesco y SELA y en la que participaron diversos especialistas del continente.

En temáticas afines al campo de estudio, entonces, la educación y el uso de la tecnología comunicacional para fines educativos y ciertas preocupaciones políticas parecen resultar ejes centrales de los títulos de mayor circulación en los países centroamericanos y andinos.

En Argentina, en tanto, la falta de presencia de títulos vinculados a la “comunicación rural” no resulta extraña para la década e incluso años anteriores. El carácter urbano del desarrollo de los estudios de la comunicación y la información (nacidos en La Plata con fuerte inclinación hacia el periodismo y la crítica literaria)<sup>22</sup> y la inexistente valoración de la comunicación en el organismo que hasta los ochentas prácticamente monopolizaba la investigación y transferencia de tecnología - INTA - no abonó el terreno para que la “comunicación rural” armara su nido.<sup>23</sup>

<sup>20</sup> *Un campo cargado de futuro: el estudio de la comunicación en América Latina*. México, Conicc, 1992.

<sup>21</sup> “Investigación sobre comunicación en México: los retos de la institucionalización”, en coautoría con Enrique Sánchez Ruiz, publicado por la Universidad Iberoamericana, México, 1992, en la obra colectiva *La investigación de la comunicación en México: tendencias y perspectivas para los noventa*.

<sup>22</sup> La consulta a las obras *La investigación en comunicación social en Argentina*, de J. Rivera (Montevideo, Puntosur, 1987) y *Mapa Nocturno*, n. 6, Diálogo con los investigadores argentinos de comunicación (Buenos Aires, 1996), permite observar el perfil característicamente urbano que han tenido los estudios en el área.

<sup>23</sup> En un trabajo preparado por Luis R. Beltrán, G. Isaza y F. Ramírez para la Oficina Regional para América Latina del Centro Internacional de Investigaciones para el Desarrollo - CIID, los autores recopilan las investigaciones sobre comunicación para el desarrollo rural en la región correspondientes al período 1955-1975. Se observa en un cuadro comparativo que sobre 490 experiencias Argentina tiene 13, en tanto Brasil 105, Colombia 143 y México 76. Al respecto Raúl Fuentes Navarro comentará: “Es evidente que la investigación para el desarrollo rural se concentró en tres países: Colombia, Brasil y México” (*Un campo cargado de futuro*, op. cit., pág. 90). Con respecto a la escasa valoración del INTA a lo comunicacional, puede consultarse el documento sobre la asesoría que realizara Díaz Bordenave a ese efecto (*Consultoría en comunicación rural*, INTA, 1985).

En realidad, podría afirmarse que lo “comunicacional” nunca fue un tema prioritario o de peso en el organismo, si bien – como veremos posteriormente – esa posición varía levemente en los noventa. Un recorrido por el acervo bibliográfico y documental de su biblioteca central permite, por otra parte, sostener esa apreciación. Del material allí acumulado, los textos o documentos vinculados a la comunicación o a aspectos comunicacionales de la difusión de tecnología son muy escasos.

En cuanto a las casas de altos estudios, vale recordar que a mediados de los ochentas en la Universidad Nacional de Río Cuarto comienza a generarse la línea de trabajo que hoy da lugar a este escrito. La presencia del hispano-brasileño Gustavo Quesada, en la carrera de Comunicación, sirvió como disparador para que una serie de monografías y trabajos finales ligaran las problemáticas rurales al campo de estudio y se comenzase a acumular conocimiento y experiencia al respecto.<sup>24</sup>

En ese marco y con esos antecedentes, los años noventa tuvieron entonces materia suficiente como para esperar una mayor proyección de la disciplina en ese acotado territorio.

### Los noventas en perspectiva

La década que se transita arrastra historias que, según se relatara, difieren bastante entre sí como para concluir en tendencias generalizables a todos los países de la región latinoamericana. Sin embargo, un esfuerzo de síntesis parece posible a nivel de identificación de escenarios, entre los que cabe señalar al menos tres. El primero lo ocupa Brasil, donde el campo disciplinar ha logrado instituirse con continuidad y reconocimiento, particularmente a través de Intercom y de algunas universidades federales. Posteriormente figuran los países que se han denominado andinos – refiriendo con ello a las regiones que dan al Pacífico, incluyendo Centroamérica –, vinculados mayoritariamente a Ciespal, Coneicc o Felafacs. Este segundo escenario, entonces, aparece con una referenciación menor e incluso en escala descendente en lo que respecta a la presencia de la disciplina en los vehículos académicos o documentales. Finalmente se ubica Argentina, país que a través de algunos grupos de trabajo a nivel universitario y ciertos cambios en las entidades de extensión y transferencia

<sup>24</sup> Inauguró esa serie de trabajos la monografía *Comunicación rural: marco de referencia para un sistema de extensión y comunicación* (1985), de S. Berti, G. Cimadevilla y otros; a la que le siguieron Trabajos Finales de Licenciatura como *Relevamiento de los niveles de información-acción de los productores e instituciones del distrito Río Cuarto de Conservación de Suelos con relación al problema de la erosión hídrica: una propuesta comunicacional* (1986) de S. Berti, G. Cimadevilla, M. Isoardi, y *Análisis del papel que cumplen los medios de comunicación de masas en la potencial migración del productor rural en Suco* (1986), de G. Neild, entre otros. Todos correspondientes a la carrera Licenciatura en Ciencias de la Comunicación, de la UNRC.

agrícola va aumentando su valorización del campo de estudio. A continuación se ven entonces estos escenarios con mayor detalle.

**Escenario I:** El Brasil de la “comunicación rural” creció a través de distintos aportes, tanto académicos como profesionales. Desde los Seminarios de Comunicación Rural, organizados en el marco de los congresos de Intercom (1987-1989), hasta los posteriores Grupos de Trabajo (GTs, 1991 en adelante), se logró afianzar el área otorgándole identidad propia. En ese sentido, la presencia continua de universitarios de los cursos de extensión rural de Santa Maria y Viçosa, así como de los cursos de comunicación rural de Pernambuco, entre otros, junto a participantes de las empresas estatales de extensión y/o miembros de Embrapa y del sector privado, permitió ratificar el interés sostenido por la problemática y justificar la existencia de la especialidad en los GTs.

La diversidad de enfoques y temáticas, por otro lado, en las que conviven los enfoques afines al difusionismo con los tratamientos críticos u otras exploraciones más recientes a través de los estudios culturales o socioinstitucionales<sup>25</sup>, son un aliciente con significado propio que permite estimar la riqueza de los aportes en su conjunto.

En ese marco, si bien la producción bibliográfica específica no abunda en referencias --son escasas las citas que registra para el caso la obra de Marques de Melo, *Fontes para o estudo da comunicação* (São Paulo, Intercom, 1995) --, es importante el número de artículos distribuidos en revistas de la propia institución<sup>26</sup> o en libros que al tratar problemáticas afines incluyen trabajos de interés.<sup>27</sup> Desde esa perspectiva, también vale citar a las publicaciones que se realizan en los entornos universitarios o incluso como iniciativas de las editoriales comerciales. Viçosa, por ejemplo, ha llevado al papel una edición del I Seminário de Comunicação Rural: Perspectivas Atuais e Futuras (UFV, 1994). Santa Maria, por su parte, también ofrece compartir el producto del esfuerzo intelectual que allí se realiza a través de la revista *Extensão Rural* (DEAER/CPGER), que con la coordinación de Hugo González Vela ya lleva tres años de continuidad, o de

<sup>25</sup> En los congresos de Aracaju (1995) o Londrina (1996), por ejemplo, se presentaron en el GT de Comunicación Rural trabajos tan diversos como: *Síntoma da terra: programa radiofônico sobre reforma agrária e ecologia*, de Ilza Maria Tourinho Girardi (1995); *A inovação tecnológica na zona rural à luz de novos paradigmas*, de Maria A. de Echegarray (1995); *Comunicação rural: estudo comparativo entre as regiões de Minas Gerais (Brasil) e Lleida (Espanha)*, de Geraldo Magela Braga (1996); *O uso do vídeo na sistematização de experiências em agricultura sustentável no sul do Brasil*, de Celestino Perin y Jairo Bosa (1996); o *Globalização e práticas culturais: o local enquanto espaço de (re)construção da cidadania*, de Maria Salett Tauk Santos (1996); por citar sólo algunos.

<sup>26</sup> Como por ejemplo el trabajo de Veneza M. Ronsini, “Cotidiano rural e recepção da televisão: o caso Três Barras” (*Intercom*, v. XVIII, n. 1, 1995, p. 108-118).

<sup>27</sup> Un claro ejemplo al respecto es el libro *Comunicação e meio ambiente*, publicado por Intercom bajo la organización de Ada de Freitas Maneti Dencker y Margarida M. Krohling Kunsch (São Paulo, Intercom, 1996). En sus páginas pueden encontrarse artículos específicos como “Comunicação rural e sustentabilidade agrícola”, de Miguel A. da Silveira, u otros varios afines al campo: “A comunicação para o desenvolvimento sustentável na sociedade globalizada”, de Margarida M. Krohling Kunsch, o “Um novo imaginário social: o desenvolvimento sustentável”, de João C. Canuto, por citar algunos.

publicaciones ad-hoc como la serie de *Cadernos de Extensão Rural*.<sup>28</sup> En ambos vehículos las cuestiones comunicacionales no son centro específico de tratamiento, pero no obstante comparten con otras dimensiones de análisis ciertos espacios de reflexión. En el caso de la Universidad Federal Rural de Pernambuco, el sostenido trabajo de Maria Salett Tauk Santos y Angelo Brás Fernandes Callou se refleja también en la reciente aparición de su serie *Cadernos*, que presenta los avances de su línea de investigación y discusión orientada por los estudios culturales.

A nivel de editoras comerciales, en tanto, la comunicación y lo rural surge remozado por los moldes del marketing. En ese sentido, Richard Jakubaszko, con larga trayectoria en la publicidad, el periodismo agrario y el marketing rural, hizo punta en el escenario de la especialidad con la obra *Marketing rural: como se comunicar com o homem que fala com Deus* (São Paulo, Best Seller, 1992).

En Brasil, entonces, la suma de los intereses académicos, de órganos públicos<sup>29</sup> y de la iniciativa privada – aunque diferenciados – permiten construir un escenario rico en producción intelectual, experiencias de conocimiento y proyección de la comunicación en los espacios rurales.

**Escenario II:** Para el segundo escenario, antes planteado, las referencias documentales no parecen decir lo mismo. La producción intelectual de los países andinos, en vidriera a través de la bibliografía comercial o académica, la realización de eventos y publicaciones de Felafacs, Ciespal o Coneicc, por citar los de mayor trayectoria, indica que las preocupaciones por lo rural y sus vinculaciones a la comunicación no se plasman como temas convocantes. Más bien, podría decirse que están entre paréntesis o encubiertos por otras temáticas. La circunstancia, vista a la luz de la importancia que tienen los espacios rurales en las geografías centroamericanas y andinas – en la cual la mayoría de los países funda su economía nacional en actividades primarias –, parece ser paradójica. Sin embargo, y al mismo tiempo, puede resultar a tono con la época, en el sentido de que el panorama de las ciencias sociales y humanas desde un recorte comunicacional parece más seducido a tratar algunas temáticas como la globalización y regionalización, la universalización de los flujos mediáticos e informáticos y sus impactos sociales, políticos y culturales, en cuyo caso suelen partir de escenarios urbanizados, compleja tecnología e ingeniería social post-industrial. Lo rural, entonces, queda incluido y afectado, pero no necesariamente tratado.

**Escenario III:** Se dijo anteriormente que en la Argentina de los noventas los *estudios de comunicación rural* cobraron mayor atención que en años anteriores.

<sup>28</sup> Los últimos números presentan trabajos de académicos de Uruguay (Pedro de Hegedus), Argentina (Edgardo Carniglia) y Paraguay, reflejando distintas problemáticas del desarrollo rural y la transferencia de tecnología en los países miembros del Mercosur.

<sup>29</sup> Aunque con menor presencia y producción documental que en la época de Embrater.

La combinación de una serie de razones colaboraron en ese tramado, entre las cuales tres parecen tener mayor peso en el reparto:

a) En primer lugar y como consecuencia de las políticas de ajuste del Estado, su repliegue y por tanto el abono para un mayor crecimiento del sector privado, se observa rápidamente que las relaciones de competencia en el sistema de generación y transferencia de tecnología colocan al INTA en una situación particular. Ya desde mediados de los ochentas el avance de las empresas agroindustriales (lácteas y oleaginosas), químicas y productoras de semillas, así como la mayor participación de las entidades gremiales y cooperativas, coadyuvaron para que el organismo oficial redefiniera sus estrategias de acción y articulación institucional; marco en el cual los problemas de legitimación cobraron destacado significado. La comunicación, entonces, vino al encuentro de algunas medidas necesarias para reavivar la presencia del organismo en el medio. En esta coyuntura, una serie de trabajos desde la dependencia central o desde iniciativas del interior fueron publicados, como la serie Comunicación Rural que llegó a editar dos de los diez títulos previstos<sup>30</sup> – *Introducción a la comunicación rural* (1994) y *Mediación de materiales para la comunicación rural* (1995). Ambos bajo la autoría de Daniel Prieto Castillo y con la consigna de ser útiles para el autoaprendizaje de quienes cumplen actividades de comunicación con los sectores rurales. Otro trabajo significativo y que valoriza el enfoque disciplinar es el informe titulado *Validación de la Revista Campo y Tecnología* (1994).<sup>31</sup>

Desde el interior, otra serie de trabajos interesantes sacaron a luz los resultados de algunas investigaciones en el área de la extensión y comunicación rural. Desde Rosario, por ejemplo, Sandra Massoni y otros colegas elaboraron el *Diagnóstico Comunicacional del Proyecto de Agricultura Conservacionista* (1991). La comunicadora, por su parte, publicó en la revista *Chasqui* el artículo “Los destinatarios como protagonistas” (n. 41, 1992). También desde el interior se destacaron los trabajos del Ing. Agr. Ricardo Thornton y colegas, quienes entre 1990 y 1993 realizaron un significativo esfuerzo de valorización del área y concretaron relevamientos de medios, análisis de estructuras y contenidos programáticos y pautas de consumo de algunas audiencias rurales. Títulos como *Programas de radio y televisión en la provincia de La Pampa* (1991), de R. Thornton y Z. Roberto, *La comunicación como proceso integrador: una propuesta para el trabajo interdisciplinario* (1992), de C. Fernández Alsina, M. Fior de Leguizamón, G. Varela, S. Pizarro y R. Thornton, o *Los medios de comunicación masiva en el proyecto*

<sup>30</sup> Los ocho restantes serían *El lenguaje radial*, *El lenguaje televisivo*, *Formatos radiales*, *Formatos televisivos*, *Diagnósticos de comunicación*, *Análisis de mensajes*, *Trabajo con grupos*, y *Validación de materiales*.

<sup>31</sup> La revista *Campo y Tecnología* es una publicación del INTA destinada a productores y técnicos del medio rural con temáticas afines a las novedades técnicas, situación económica y perspectivas para el campo y notas de carácter regional sobre los distintos sistemas productivos. El trabajo de evaluación e informe estuvo a cargo de Luis Bonetto, Sandra Pizarro, Adrián Birón y Verónica Pagani, director y técnicos de la Dirección de Comunicaciones del INTA, respectivamente.

Caldenal (1994), de R. Thornton, H. D'Adam y Z. Roberto, entre otros, dan cuenta de esa producción del Centro Regional La Pampa - San Luis del INTA. Desde el interior de Buenos Aires, en tanto, Sandra Pizarro y equipo se encargaron del *Diagnóstico Comunicacional de la EEA Bordenave* (1996).

b) Una segunda razón importante para la valorización de lo comunicacional y de la complejidad de las relaciones inter e intrainstitucionales estuvo dado por el papel que la formación de posgrado cumplió a través del personal ligado a la extensión oficial o a las instituciones universitarias. En el caso del INTA, si bien Cosse (1991) advierte que “muchos más investigadores que extensionistas” salieron a hacer posgrados --por ejemplo para 1983 las proporciones fueron de 19.8 y 4.3 respectivamente (1991, p. 739<sup>32</sup>) –, ello sirvió para revitalizar aquellas áreas no necesariamente tecnológicas que desde la corrida política e ideológica de los setentas fueron minoritarias. Así, las lecturas para adentro y las miradas críticas con interrogantes sobre problemas de relación y articulación favorecieron al campo disciplinar. En algunos casos porque los estudios fueron o incluyeron enfoques comunicacionales y, en otros, porque en contacto con posgraduandos de esas áreas el trabajo conjunto permitió la vinculación. En ese marco, las experiencias desarrolladas en Brasil fueron muy importantes.

Del conjunto de esas instancias de formación algunos trabajos merecen tenerse en cuenta. Emilio Severina (1990), por ejemplo, dedica su tesis de maestría a analizar el desarrollo del sector agropecuario pampeano y la evolución de la extensión rural. Caracteriza entonces, en un escenario de múltiples fuentes, a las principales organizaciones y servicios de extensión rural y de asistencia técnica. Finalmente, analiza las posibilidades de un trabajo de coordinación institucional para aprovechar los acuerdos que puedan establecerse entre el sector público y privado de acuerdo a sus intereses diferenciados.<sup>33</sup>

El pampeano Thornton, por su parte, también hace una experiencia interesante en su doctorado en comunicación y rescata como metodología de acción y conocimiento el trabajo de los grupos de discusión focalizada, los que se registran en su tesis *Análisis de la difusión de innovaciones de la política agrícola comunitaria y técnico-económica en Navarra, España: modelo de comunicación de innovaciones en el ámbito agrario* (Universidad de Navarra, 1995).

Para el caso de los universitarios, algunas experiencias de posgrado en extensión,<sup>34</sup> compartiendo aulas, debates y trabajos con profesionales de diversas áreas, facilitó el diálogo al menos multidisciplinar entre las ciencias sociales y agrarias y posteriormente se proyectó en la posibilidad de trabajos y esfuerzos de

<sup>32</sup> En: BARSKY, O. (edit.). *El desarrollo agropecuario pampeano*. Buenos Aires, CEAL, 1991.

<sup>33</sup> SEVERINA, Emilio. *A extensão rural na região pampeana argentina: uma interpretação do desenvolvimento e conjuntura atual*. Santa Maria, 1990. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria.

<sup>34</sup> Que para el caso de E. Carniglia y G. Cimadevilla se desarrolló en la Universidad Federal de Santa Maria, RS, Brasil.



investigación. En ese marco, por ejemplo, la experiencia de posgrado del INTA y la Universidad Nacional del Litoral, en Esperanza y Rafaela, no avanzó en esa línea de interrogación y por ello no son muchos los puntos de referencia que tiene la “comunicación rural” en esos ámbitos. Desde esa perspectiva, quizás algunos trabajos conjuntos que se realizaran desde la UNRC con la institución INTA puedan considerarse como parte de los primeros esfuerzos en la materia. Los informes realizados en coautoría con E. Carniglia para el proyecto AMCPAG (Alternativas Mejoradas Conservacionistas para la Agricultura y Ganadería) e INTA-Pampas (Proyectos regionales agrupados) y que llevan por título *Elementos para una estrategia complementaria de difusión* (1992) y *Diagnóstico Comunicacional Conjunto Proyecto INTA-Pampas* (1994) son antecedentes concretos para el área.

c) Finalmente, una mayor dinámica en el sistema de ciencia y técnica vinculado a las universidades, no exento de polémicas respecto al papel de los incentivos a la investigación y las prioridades institucionales, muestra la capacidad de las instituciones universitarias para generar conocimiento y el enorme potencial que guardan asociado a que se ofrezcan condiciones más o menos favorables para el trabajo académico.

Desde las cátedras de extensión o desarrollo rural, principalmente, la presentación de resultados de los proyectos de investigación confirma esos esfuerzos. Particularmente a través de las Jornadas Nacionales de Extensión Rural de la Asociación Argentina de Extensión Rural (Aader), los docentes de las universidades nacionales de La Plata, Córdoba, Rosario, Río Cuarto, Buenos Aires, La Pampa y del Litoral comparten espacios de presentación, discusión e intercambio de resultados que, en su última edición, congregó a más de cincuenta ponencias y 150 participantes.<sup>35</sup>

En ese marco, si bien la comunicación rural no resulta eje temático central – quizás porque la mayoría de los interlocutores son agrónomos o de especialidades afines –, algunas problemáticas más o menos clásicas ligadas a la difusión, capacitación e interacción en contextos grupales, suelen aproximar el análisis al campo de estudio. En ese sentido, vale recordar como antecedente específico que las VI Jornadas de Aader del año 1990 se convocaron a partir de la discusión de “La comunicación en la extensión rural”.<sup>36</sup> Con el ánimo de reconocer, como reflexionó el Lic. S. Oriol, que “*sin diálogo no hay comunicación, y sin comunicación no hay extensión. Extensión no como transferencia del saber, sino*

---

<sup>35</sup> Con el título *Avances de los trabajos presentados*, una publicación a cargo de A. Cantú y G. Cimadevilla se permite registrar los resúmenes y presentaciones hechas a las Jornadas 1996 de la Aader, realizadas conjuntamente con la Universidad Nacional de Río Cuarto.

<sup>36</sup> Algunas de las ponencias y trabajos presentados correspondieron a los temas “Los medios de comunicación y la extensión rural” y la “Preparación de los extensionistas en el área de la comunicación”.

*principalmente como encuentro de interlocutores en una actitud de reciprocidad...*" (Conferencia de Apertura, p. 9).

Con importante presencia universitaria, otros eventos como los convocados por la Asociación Latinoamericana de Sociología Rural (Alasru)<sup>37</sup> o por la Red Nacional de Investigadores en Comunicación<sup>38</sup> cuentan con trabajos en donde la comunicación y lo rural tienen su espacio de discusión. En ese sentido, la presencia de la Universidad Nacional de Río Cuarto, a través de los trabajos del Departamento de Ciencias de la Comunicación, ha sido una constante que permitió generar una identidad para el área. En ese sentido, lo que hoy se denomina como línea de investigación "Campo-ciudad: comunicación y transformaciones socioculturales", permite converger a una serie de proyectos que como objetivo general e integrador se proponen analizar algunos de los cambios más significativos que tiene la región en sus cruces urbanos y rurales como consecuencia de: a) el retraimiento del Estado y la búsqueda de redefiniciones funcionales; b) la veloz reconversión de la estructura económica con sus procesos de concentración-exclusión e impacto en el medio ambiente; y c) la multiplicación de los flujos comunicacionales y la modificación de los escenarios de socialización e interacción.

Desde otros espacios universitarios y en el marco de las ciencias sociales, lo rural a veces emerge en las carreras de antropología, sociología o geografía, pero desde la perspectiva comunicacional, sin embargo – y fuera de lo que aquí se describiera –, el desarrollo de los estudios resulta realmente acotado, al menos desde lo que se puede evaluar por su circulación y divulgación de resultados.

En síntesis, hay algún nivel de producción técnica y académica que ponen a la especialidad en la lista de las "reconocibles", aún cuando resulta conveniente afirmar que el camino recién empieza a construirse.

### **Al final del recorrido**

Los escenarios que se han identificado a nivel de ambientes de estudio de "comunicación rural" permiten observar el significativo papel que Brasil ha tenido y tiene por haber consolidado la especialidad y proyectar su producción académica al resto del continente.

Al mismo tiempo, en tanto parece advertirse que en los países andinos la problemática ya no resulta convocante o al menos se muestra cubierta por otros

---

<sup>37</sup> En Neuquén, octubre de 1990, y en Concepción, Chile, diciembre de 1994. Se encuentran publicados los resúmenes de trabajos en las *Actas de las Jornadas de Alasru*.

<sup>38</sup> Entidad de reciente constitución que nuclea principalmente a investigadores de universidades nacionales e institutos incorporados. Sesionó en 1995 en Buenos Aires y en 1996 en la ciudad de Olavarría. Sobre esta segunda jornada hay una publicación de los *Abstracts* presentados, a cargo de la Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires.

velos temáticos, en Argentina la disciplina va adquiriendo mayor reconocimiento y posibilidades de expansión.

En ese marco, si Brasil abrió y consolidó un camino, resta ampliar los recorridos, profundizar las comparaciones e interesar a las instituciones y actores que desde lo rural viven la comunicación como un cotidiano que merece estudiarse y en muchos casos transformarse.

Para quienes la convergencia de la comunicación y lo rural resulta un campo suficientemente atractivo, los antecedentes que hasta el momento se han sumado parecen indicar que hay material suficiente para encontrar algunas respuestas y seguramente generar muchos más interrogantes. Si es así, el campo es lo suficientemente fértil como para intentar sumar nuevos esfuerzos.

El campo se reconoce novel comparado con el recorrido de otras disciplinas y no hay que olvidarlo. Pero ello no ha de desmerecer las posibilidades que un futuro de trabajo puede depararle. En ese sentido, tal vez haya que reconocer que uno de los "secretos" atesorados por aquellos que se dedican a la generación de conocimiento es que sólo la continuidad y el esfuerzo lo hacen realidad. Si, en ese tránsito, la valorización del conocimiento, la promoción de la investigación y la libertad de crítica y pensamiento resultan además posibles a nivel de proyecto social, una parte significativa de las condiciones necesarias para éste como para otros estudios estarán dadas.

---

NOTA: dado el carácter referencial de la ponencia, se optó por incluir la totalidad de los datos bibliográficos en el propio texto.

## IV

---

*“Levantar, organizar e sistematizar a produção dos cursos de comunicação social é fator fundamental para um avanço consistente da ciência da comunicação e impulsor de novas formas de decifrar a realidade comunicacional, o que só será possível mediante uma interação permanente entre os acadêmicos, cientistas e profissionais de comunicação da região.”*

*Luiz Roberto V. de Jesus*



## Um panorama da pesquisa em comunicação na região norte\*

*Luiz Roberto V. de Jesus*

*Professor do Departamento de Comunicação e  
assessor de comunicação da Reitoria  
da Universidade Federal do Pará (UFPA).*

### I. Introdução

Dos sete estados que compõem a região norte do País, três não possuem Curso de Comunicação Social: Amapá, Acre e Rondônia. Os quatro estados que mantêm o curso são: Maranhão (faz parte da Amazônia Legal, daí a sua participação), Pará, Amazonas e Roraima. Estes possuem universidades federais e particulares, sendo que só a Universidade Federal do Pará já formou turmas, já que as demais estão em processo incipiente de implementação de seus cursos.

Esta apresentação, portanto, reporta-se aos cursos que já possuem produções acadêmicas e científicas e que atenderam à convocação feita pela Intercom, objetivando um levantamento empírico dessas realizações, principalmente as contemporâneas, no bojo de seus contextos institucionais, no intuito de delinear a realidade produtiva de cada curso, possibilitando, dessa forma, um conhecimento específico das realizações de cada Estado e, ao mesmo tempo, uma visão global da produção regional.

As Universidades que mantêm cursos de Comunicação Social na região norte são: Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade da Amazônia (Unama), Universidade Federal de Roraima (UFRR) e Universidade do Amazonas (UA).

### II. Justificativa

Os cursos de Comunicação Social da região norte experimentam um processo de amadurecimento acadêmico e científico, ao voltarem-se para a capacitação dos seus quadros docentes, cientes de que a atividade científica deveria ser tanto

---

\* Resultados de pesquisa apresentados no CXX Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, durante o XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

maior quanto maior fosse a qualificação de seus docentes. Portanto, levantar, organizar e sistematizar suas produções são fatores fundamentais para um avanço consistente da ciência da comunicação e impulsores de novas formas de decifrar a realidade comunicacional, o que só será possível através de uma interação permanente entre os acadêmicos, cientistas e profissionais de comunicação da região, evitando, assim, sobreposições desnecessárias e desperdícios de recurso humanos e materiais pela ignorância dos fatos, as realizações de cada estado.

A construção desse processo que organiza e sistematiza a produção regional redundará, certamente, no enriquecimento de seus profissionais, instigando-os a parcerias ainda inéditas no desvendamento de novos horizontes cognitivos sobre o papel da comunicação no contexto amazônico e não apenas na perspectiva das fronteiras geográficas de seus estados. A importância da pesquisa não se restringe apenas ao aprimoramento intelectual: como diz Marques de Melo (1985), *“é preciso conceber a pesquisa como instrumento básico para a transformação das nossas sociedades e não como mero exercício intelectual de pesquisadores sintonizados com os seus pares do mundo acadêmico”*.

### III. Metodologia

Este trabalho norteou-se, basicamente, pelos seguintes procedimentos:

1. Levantamento dos estados da região norte que possuem cursos de Comunicação Social, seja em instituições públicas seja em particulares.
2. Levantamento das habilitações de cada curso.
3. Identificação dos responsáveis pelas áreas de pesquisa e produção acadêmica.
4. Orientação sobre o método a ser desenvolvido para a execução do trabalho, sendo utilizado o recomendado pela Intercom, através de “roteiro” fornecido.
5. Realização do II Sipec da Região Norte.
6. Solicitação aos representantes de cada estado de fornecimento de uma cópia dos trabalhos sobre suas produções científicas e acadêmicas.
07. Leitura, organização e sistematização desses trabalhos.
8. Redação do documento final.
9. Encaminhamento à Intercom.
10. Apresentação no XX Congresso da Intercom.

### IV. O estado da pesquisa em comunicação na região norte

A pesquisa e a produção acadêmica dos cursos de comunicação da região norte estão atravessando um período importante na sua edificação histórica, já que os dados, as informações e os estudos apresentados no II Sipec da Região Norte, demonstram que, a partir da década de 1990, um volume crescente de trabalhos vem sendo realizado, seja através da docência, seja através da discência.

Mas, para que possamos entender melhor a realidade das produções dos cursos do norte, faz-se necessária uma breve contextualização dos mesmos em relação às suas condições institucionais, laboratoriais e do mercado de mídia vigente.

No dizer de Lourdes de Oliveira (1990), *“a pesquisa não deve ser descontextualizada, pois é impossível entender o processo investigativo e seus resultados sem entender os acontecimentos políticos e sociais da época e da região onde foi desenvolvido”*.

Na tabela 1, tem-se uma visualização dos cursos do norte, suas habilitações e vagas-ano ofertadas, como também a composição total da região. Percebe-se que apenas a UFPA oferta a habilitação em Publicidade-Propaganda, embora, os novos cursos que estão surgindo no Maranhão e no Amazonas apresentem mais esta alternativa acadêmica.

Por sua vez, somente a UFMA oferta a habilitação em Radialismo, mesmo sendo a mídia mais forte (em quantidade) na região.

Tabela 1  
Habilitações e vagas-ano ofertadas por instituição

Habilitações	UFMA <sup>1</sup>	UFPA	Unama	UA <sup>3</sup>	UFRR	Total	%
Jornalismo	24	35 <sup>2</sup>	-	20	30	1 9	38
Publicidade	-	15 <sup>2</sup>	50	-	-	65	22
Relações Públicas	24	-	50	20	-	94	32
<b>Radialismo</b>	24	-	-	-	-	24	8
<b>Total</b>	<b>72</b>	<b>50</b>	<b>100</b>	<b>40</b>	<b>30</b>	<b>292</b>	<b>100</b>

<sup>1</sup> Em São Luis foi aberto mais um Curso de Comunicação, através do Centro de Ensino Unificado do Maranhão, particular, com o primeiro vestibular em agosto de 1997, sendo 240 vagas para Publicidade.

<sup>2</sup> Demandas históricas: 2/3 para jornalismo e 1/3 para publicidade.

<sup>3</sup> Em Manaus foram abertos mais dois Cursos de Comunicação, através das Faculdades Nilton Lins, que ofertam as habilitações de Jornalismo, Publicidade e RRPP ; e Faculdade Objetivo, com as mesmas três habilitações sendo ofertadas. Ambas particulares. Nenhuma turma formada, ainda, pelos dois cursos.

A habilitação de jornalismo se destaca com 1 9 vagas-ano, o que equivale a 38 % de todas as vagas da região, que somam 292 entradas-ano, seguida da habilitação Relações Públicas, que predomina com 32 %, ou 94 vagas-ano, estando ausente apenas no estado de Roraima, que possui um curso novo, com cinco



anos de existência e oferta a habilitação de jornalismo, sendo 30 vagas-ano. A publicidade e propaganda só em Belém do Pará, com 65 vagas ou 22 % do universo, mas que deverá, em breve, ser a habilitação de maior oferta da região com os novos curso criados no Maranhão e no Amazonas. O radialismo só é ofertado no Maranhão, com 24 vagas-ano, ou 8 % do total, muito pouco para a pujança dessa mídia na região e sua importância nos interiores amazônicos.

No desdobramento desse quadro de entradas nos cursos, apresentam-se a seguir os dados da tabela 2, que revelam a atual composição de cada curso em relação às quantidades de professores e alunos existentes e, também, à correlação entre elas, o que possibilita uma visão holística de sua constituição.

A UFMA detém o maior número de professores de comunicação, com 29% do quadro efetivo da região, seguida da Unama de Belém, com 25%, e da UFPA, com 19%. O maior contingente de discentes também encontra-se no Maranhão com 28% desse universo, seguido do Pará com 26% e do Amazonas com 20 % do corpo discente. Na correlação professor-aluno, destacam-se a UFPA e a UA, com um professor para cada dezenove alunos de seus cursos.

Tabela.2  
Corpos docente e discente e sua correlação, por instituição

Corpos	UFMA	UFPA	Unama	UA	UFRR	Total
Docente	33	22	29	17	13	114
Discente	450	420	240	325	185	1.620
DO/DI*	1/14	1/19	1/8	1/19	1/14	1/14**

\* DO/DI: relação entre o número de docentes e quantidade de discentes.

\*\* Média geral.

No desenvolvimento dessa contextualização acadêmica emerge a realidade do percebendo-se que a mídia no norte é composta, pelo menos, por 255 empresas, embora se saiba que o espaço profissional seja bem mais abrangente. A região conta com 128 rádios FM e AM, o que equivale a 50% do espaço midiático. As televisões abertas, com 12% de participação, evidentemente são retransmissoras, mas possuem um bom espaço de produção local, como jornalismo, esporte, cultura, política, social, o que gera um significativo campo profissional.

Os jornais diários somam quinze publicações, ou 6% das empresas de comunicação na região, distribuindo-se equilibradamente pelos estados, tendo o Amazonas cinco diários, o Maranhão, quatro e Roraima e Pará, três periódicos diários, embora as tiragens sejam pequenas, algumas até insignificantes. Os heb-

domadários e as revistas são poucos, com 2% do mercado, prevalecendo os meios de São Paulo e Rio de Janeiro, nesse segmento.

Tabela.3  
Mercado profissional por mídia, por estado e geral

Mídias	Maranhão	Pará	Amazonas	Roraima	Total	%
Rádios (AM/FM)	60	50	15	3	128	50
TVs abertas	10	9	6	5	30	12
TVs fechadas	-	2	1	-	3	1
Jornais diários	4	3	5	3	15	6
Jornais semanais	-	2	3	-	5	2
Revistas	-	1	5	-	6	2
Agências de propaganda	35	22*	8	3	68	27
<b>Total</b>	<b>74</b>	<b>89</b>	<b>43</b>	<b>14</b>	<b>255</b>	<b>100</b>

\*Agências sindicalizadas

As agências de publicidade e propaganda, com 27% de participação, em sua grande maioria são pequenas agências familiares, remunerando muito mal seus poucos funcionários. No Pará, não mais do que quatro ou cinco veiculam mais de 1 milhão de reais por ano.

Completando essa contextualização acadêmica-profissional da região norte, a tabela-4 apresenta as atuais condições laboratoriais dos cursos na região, percebendo-se que eles possuem recursos técnicos, aparentemente, suficientes para uma consistente produção acadêmica e científica, destacando-se os cursos da UNAMA e da UA com todos os laboratórios à sua disponibilidade, como também o da UFMA. Os da UFPA, embora existam, estão em precárias condições de uso (exceção ao de rádio) e bem defasados tecnologicamente.

Tabela.4  
Infra-estrutura laboratorial, por instituição

Infra	UFMA	UFPA	Unama	UA	UFRR	Total
Agência de RP	X	-	X	X	-	3
Rádio	X	X	X	X	X	5
Televisão	X	X	X	X	X	5
Redação	X	X	X	X	X	5
Fotografia	X	X	X	X	X	5
Hemeroteca	X	-	X	X	-	3
Videoteca	-	X	X	X	-	3

Anfiteatro	X	X	X	X	X	5
Informática	X	X	X	X	-	4
<b>Total</b>	<b>8</b>	<b>7</b>	<b>9</b>	<b>9</b>	<b>5</b>	<b>38</b>

A partir dessa panorâmica das realidades institucional e midiática na região, foquemos nossas atenções no perfil da qualificação docente, destacando, inicialmente, o quadro do corpo docente por titulação e instituição, o que permitirá, posteriormente, estabelecer correlações com a produção científica e acadêmica.

A tabela 5 demonstra que, dos 114 professores existentes nas universidades da região norte e abrangidas por este estudo, 27% encontram-se no nível da graduação, o que é um indicador da pouca produção científica, principalmente nos cursos emergentes. A especialização, alcançando 32% do professorado, se destaca como o principal nível de qualificação e o mestrado, com 18%, sendo mais 14% em fase de realização, somando os mesmos 32% da especialização, para os próximos anos. Contabilizando todos esses percentuais, teremos 87% dos quadros da região sem condições de reivindicar junto às agências de fomento recursos para programas e projetos de pesquisa, já que a **não**-qualificação como doutor inviabiliza o desencadeamento de um processo consistente de produção científica, principalmente, devido à política oficial que exige como cabeça de projeto um doutor. Apenas 4% possuem doutorado na região e outros 5% o estão realizando. Inexiste o pós-doutor.

Tabela.5  
Corpo docente, por titulação e por instituição

Titulação	UFMA	UFPA	Unama	UA	UFRR	Total	%
Graduação	11	7	3	1	9	31	27,2
Especialização	12	4	13	7	1	37	32,5
Mestrado	5	7	6	3	-	21	18,4
Mestrando	3	2	5	3	3	16	14,0
Doutor	-	1	1	2	-	4	3,5
Doutorando	2	1	1	1	-	5	4,4
Pós-doutorado	-	-	-	-	-	-	-
<b>Total</b>	<b>33</b>	<b>22</b>	<b>29</b>	<b>17</b>	<b>13</b>	<b>114</b>	<b>100,0</b>

Esse panorama da qualificação docente nos remete para uma primeira abordagem da produção científica regional, e que trata sobre a produção didática, aquela desenvolvida através de programas especiais ou projetos de pesquisa dentro de disciplinas ou trabalhos de conclusão de curso, hoje denominados de projetos experimentais.

Na tabela 6, o Departamento de Comunicação da UA sozinho no desenvolvimento de programas que induzam o alunado à carreira científica e acadêmica, o que corrobora as afirmações anteriores sobre a dependência do doutorado no desenvolvimento da pesquisa, uma forma pouco inteligente de se incentivar e gerar novos conhecimentos e tecnologias. Todos sabem qual o nível escolar de Bill Gates. Na França, o Centro Nacional de Pesquisa Científica, com a participação do Ministério de Educação Nacional, desenvolve desde 1993 o projeto “Pai-xão-pesquisa: os aprendizes de pesquisadores”, voltado para estudantes e professores do 2º grau que se unem em torno de um tema científico, seja um ponto de programa, o estudo de uma técnica, uma discussão sobre o vácuo etc. Esse centro tem permitido que o jovem descubra de forma prática o funcionamento da pesquisa e os imprevistos na elaboração do conhecimento.

É importante ressaltar que a UA foi o primeiro curso de comunicação no Brasil a incorporar o PET - Programa Especial de Treinamento e já para 1998 estará completando dez anos de existência. Também se revela como o único curso a desenvolver o Pibic na região e o que possui a maior produção de pesquisa dentro de disciplina e de projetos experimentais. No total são 557 trabalhos realizados nesta década, com predominância do projetos experimentais, com 84 % da produção científica didática.

Quadro.6  
Produção de pesquisa didática, por instituição

Pesquisa didática	UFMA	UFPA	Unama	UA	UFRR	Total	%
Pibic	-	-	-	13	-	13	2,3
Pet	-	-	-	6	-	6	1,1
Pesquisa dentro da disciplina	-	19 <sup>2</sup>	24 <sup>2</sup>	25	-	68	12,2
Projetos experimentais	57 <sup>1</sup>	137 <sup>3</sup>	97 <sup>4</sup>	151	28	470	84,4
<b>Total</b>	<b>57</b>	<b>156</b>	<b>121</b>	<b>295</b>	<b>28</b>	<b>557</b>	<b>100,0</b>

<sup>1</sup> TCCs produzidos de 94 a 96.

<sup>2</sup> Disciplinas: Metodologia de Pesquisa-2/96 (UFPA); Pesquisa em Comunicação-96 (4), Técnica de Comunicação Dirigida-96 (1) e Comunicação Comunitária-96 (17) – Unama.

<sup>3</sup> TCCs produzidos de 90 a 96.

<sup>4</sup> TCCs produzidos de 93 a 96.

Dos projetos experimentais (os TCCs), as principais linhas de estudo podem ser conhecidas a partir da tabela 7, que demonstra haver uma forte concentração em Estudos de Mídia, com 33% dos trabalhos realizados (que somam

470), desenvolvendo análises dos componentes paradigmáticos da comunicação. Os projetos de Relações Públicas, com 28% da produção, não foram destrinchados para uma análise mais profunda de suas temáticas. Em terceiro lugar nas produções aparecem os Temas Gerais, com 14% (jornalismo+publicidade) e que se reportam a estudos do tipo “A arquitetura rococó no início do século em Belém do Pará” ou “Um olhar saudosista sobre as águas do rio Guamá”, ou seja, são trabalhos que fogem do âmbito comunicacional. O restante é distribuído por várias áreas temáticas, como pode ser visto na tabela 7.

Quadro 7  
Principais linhas de estudos dos TCCs

Linhas	UFMA	UFPA	Unama	UA	UFRR	Total	%
Com. e cultura contemporânea	5	-	-	3	1	9	1,9
Comunicação comunitária	9	-	-	10	-	19	4,0
Estudos de mídia	17	41	-	75	23	156	33,0
Comunicação organizacional	14	6	-	12	-	32	6,8
Difusão de informações	12	-	-	6	-	18	3,8
Comunicação popular	-	3	-	4	-	7	1,5
Comunicação e semiologia	-	4	-	2	2	8	1,7
Hist. da Com.	-	-	-	-	3	3	0,6
Comunicação e fotografia	-	5	-	3	-	8	1,7
Temas gerais em jornalismo *	-	40	-	2	-	42	8,9
Programação visual	-	3	-	-	-	3	0,6
Publicidade	-	-	-	-	-	-	-
Propaganda política	-	3	-	-	-	3	0,6
Linguagem publicitária	-	3	-	-	-	3	0,6
Campanhas publicitárias	-	8	-	-	-	8	1,7
Temas gerais*	-	21	-	-	-	21	4,5

em publicidade							
Relações Públicas	-	-	97	34	-	131	27,8
<b>Total</b>	<b>57</b>	<b>137</b>	<b>97</b>	<b>151</b>	<b>29</b>	<b>471</b>	<b>100,0</b>

Agregando-se à produção didática, os trabalhos científicos e acadêmicos ampliam o panorama da produção nortista, evidenciada nas duas próximas tabelas. A produção acadêmica se revela tímida, principalmente dos cursos do Pará. O destaque é a UA, quando os dados demonstram, através da tabela 8, que ela desenvolve uma política consistente para os projetos de extensão, fazendo com que a ponderação estatística incline rispidamente para esse parâmetro, com 54 % da produção acadêmica regional. Os artigos publicados também aparecem com destaque no bojo dessa produção com 36% das realizações acadêmicas. Ensaio se destacam com 7%, com a UA sendo a responsável por 86% dessa produção e, por último, as publicações em anais e assemelhados que, praticamente, estão fora da pauta dos cursos do norte, paradoxalmente, já que a região dispõe de quatro doutores, 22 mestres, dezesseis mestrandos e cinco doutorandos.

Tabela. 8  
Produção acadêmica, por instituição e geral

<b>Produção</b>	<b>FMA</b>	<b>UFPA</b>	<b>Unama</b>	<b>UA</b>	<b>UFRR</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Artigos publicados	20	8	12	35	-	75	36
Ensaio	2	-	-	12	-	14	7
Publicações em anais	3	2	1	-	-	6	3
Projetos de extensão	6	3	-	16	-	115	54
<b>Total</b>	<b>31</b>	<b>13</b>	<b>13</b>	<b>153</b>	<b>-</b>	<b>210</b>	<b>100</b>

Por sua vez, a produção científica se revela mais eficaz, considerando as dificuldades destacadas e, também, as de deslocamentos para os principais pólos da produção científica do país, devido as grandes distâncias geográficas que encarecem os custos, embora hodiernamente, com a internet, ainda em implementação

nos cursos do norte (salvo alguma rara exceção), deva mudar radicalmente a dinâmica dessas realizações regionais a médio prazo.

A tabela 9 destaca as monografias de especialização respondendo por 37% da produção regional, enquanto as comunicações científicas e as dissertações de mestrado, praticamente, juntas com 19% e 18%, respectivamente, do bolo produtivo. Novamente, a UA desponta em relação aos projetos de pesquisa, com 28 em desenvolvimento, que, somados aos do Pará e Maranhão, perfazem 24% da produção regional.

Devido a uma série de fatores operacionais, o delineamento do perfil das linhas de pesquisa da região norte fica em débito e inviabilizando um aprofundamento naquilo que Immacolata (1994) diz: *“As linhas de pesquisa são dispositivos científicos que, ao selecionarem aspectos e dimensões de problemas para a investigação, acabam precisando o sentido de um objeto de conhecimento, além de esclarecer o como ele deve ser estudado”*. Informação importante que revelaria as tendências paradigmáticas da região, embora, em relação ao Pará possamos afirmar que as produções hodiernas desenvolvem a linha “comunicação e cultura contemporânea”, quebrando aquele caráter eclético que predominou nos anos oitenta.

No, geral, são 157 trabalhos científicos gerados nos últimos sete anos, para um universo de 114 professores; evidentemente aí não estão computados os que recentemente se aposentaram precocemente; mesmo assim, é uma produção relevante, considerando-se as contingências já destacadas anteriormente.

Tabela. 9  
Produção científica, por instituição e geral

Produção	UFMA	UFPA	Unama	UA	UFRR	Total	%
Monografias especialização	12	26	07	10	1	56	37
Comunicações científicas	6	-	3	20	-	29	19
Projetos de pesquisa	5	4	-	28	-	37	24
Dissertações de mestrado	5	17	2	3	-	27	18
Teses de doutorado	-	1	1	2	-	4	3
<b>Total</b>	<b>28</b>	<b>48</b>	<b>13</b>	<b>63</b>	<b>1</b>	<b>153</b>	<b>100</b>

Nas próximas tabelas, para encerrar, são apresentados os tipos de pesquisas em andamento e os tipos de apoio às mesmas. Na tabela 10, os dados revelam uma predominância quase que absoluta dos trabalhos individuais e acadêmicos sobre os de equipe, com 88% da produção regional sendo feito por esse tipo de pesquisa.

Quadro 10  
Tipos de pesquisa em andamento, por instituição

Tipos	UFMA	UFPA	Unama	UA	UFRR	Total	%
Individual							
acadêmica	-	2	07	28	3	40	88
ñ-acadêmica	-	-	2	-	-	2	5
De equipe							
acadêmica	-	2	1	-	-	3	7
ñ-acadêmica	-	-	-	-	-	-	-
<b>Total</b>	<b>-</b>	<b>4</b>	<b>10</b>	<b>28</b>	<b>3</b>	<b>45</b>	<b>100</b>

A tabela 11 informa que UA está reinando com 28 bolsas de auxílio, fruto de sua obstinação histórica pela ciência e, por outro lado, pela falta de uma política consistente dos outros cursos da região em relação à pesquisa e à ciência.

Tabela.11  
Pesquisa por tipo de apoio e por instituição

Tipo	UFMA	UFPA	Unama	UA	UFRR	Total
Bolsa auxílio	-	-	2	28	-	30
Bolsa parcial	-	-	2	-	-	2
<b>Total</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>4</b>	<b>28</b>	<b>-</b>	<b>32</b>

## V. Conclusão

Pela primeira vez, desde o surgimento dos cursos de comunicação na região norte do País – que ocorreu concomitantemente no Amazonas (UA) e no Maranhão (UFMA), em 1971, e, depois com o Pará (UFPA), em 1976, e a Unama, em 1986, e Roraima (UFRR), em 1992, portanto há 26 anos –, os cursos desta região



somaram esforços e se conscientizaram da importância de se unirem e trabalharem em sintonia no intuito de se desvendar a realidade da pesquisa em comunicação, subjacente às suas fronteiras geográficas, realizando os levantamentos e estudos necessários para o conhecimento do atual estágio científico e acadêmico dos cursos desta região.

A organização e sistematização desses dados e informações evidenciam que o norte também já pode ser considerado como parte integrante e importante da comunidade científica de comunicação no Brasil, pois hoje o seu contingente de profissionais soma 82% com qualificação de especialistas, mestres e doutores, com uma produção científica já ultrapassando os 150 trabalhos, entre monografias, teses, dissertações e pesquisas em curso, e com o Estado do Amazonas, através da UA, já com tradição na capacitação de seu corpo discente, restando às demais seguirem o seu exemplo.

Para encerrar, destacamos Margarida Kunsch, que enfatiza em sua obra *Universidade e comunicação na edificação da sociedade* (São Paulo, Loyola, 1992): *“As empresas que tanto têm explorado a Amazônia, por exemplo, na extração de minérios, ouro e madeira, por que não poderiam contribuir com mais projetos para a área educacional [e, acrescentamos, pesquisa], na região?”*

A realização do II Sipec da Região Norte, em Belém do Pará, em junho último, foi a alavanca propulsora de todo este trabalho inédito para a região e que, sem a colaboração das colegas Profa. Shirley Luft, do Departamento de Comunicação da UFRR, das professoras Conceição Derzi, Socorro Pereira e Luiza, atual chefe do Departamento de Comunicação da UA, da Profa. Luciana Oliveira e do Prof. Francisco Gonçalves, da UFMA, e da Profa. Analaura Conradi, da Unama de Belém do Pará, jamais teríamos adquirido este novo conhecimento de nossa realidade acadêmica e científica que, de fato revela as potencialidades e competências de cada estado e da região norte como um todo.

## Balanco da pesquisa em comunicação na região nordeste\*

*Luiz Momesso*

*Professor do Departamento de Comunicação da  
Universidade Federal do Pernambuco (UFPE).*

### I. Introdução

Embora a pesquisa em comunicação no Brasil tenha surgido primeiramente no Nordeste, mais precisamente, em Pernambuco, só mais recentemente ela vem adquirindo um desenvolvimento na região e apontando para perspectivas animadoras.

Conforme trabalho apresentado por Roberto Benjamim no V Sipec da Região Nordeste, realizado na UFPE, em Recife, nos dias 14 a 16 de junho de 1997, as primeiras atividades de pesquisa acadêmica realizadas na área de comunicação se deram a partir da criação do Instituto de Ciências da Informação (Ic-inform), junto ao curso de jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), em 1960, pelo jornalista e professor Luiz Beltrão, que, em julho de 1965, lançou a primeira revista de comunicação na área acadêmica, com o nome de *Comunicações & Problemas*. As pesquisas voltavam-se a estudos de jornalismo e de atividades comunicativas que não se prendiam aos meios de massa e que Beltrão chamou de folkcomunicação.

Os cinco simpósios realizados no Nordeste, especialmente o IV, em Macaíó, em 1996, e o V, em Recife, em junho deste ano, representam um esforço para constituir um fórum regional de levantamentos, debates e busca de avanços na produção científica na área de comunicação na região. A preocupação que marcou o V Sipec foi a de aproximar as escolas e unir esforços com objetivo de crescimento conjunto da pesquisa e da pós-graduação na região.

Para o levantamento, o simpósio elaborou um roteiro com a justificativa dos objetivos, destacando a importância do trabalho a ser feito, e o enviou para um convidado de cada estado. A discussão no simpósio foi bastante positiva e os relatórios apresentados, embora contendo uma série de deficiências, permitiram fazer um balanço da situação atual da pesquisa no Nordeste e uma série de constatações iniciais.

---

\* Resultados de pesquisa apresentados no XX Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, durante o XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

O quadro geral é de uma produção ainda muito pequena, com crescimento significativo nos últimos anos e perspectivas de avanços bem maiores em futuro próximo. Há, também, uma situação de disparidade. A Bahia já possui um programa de doutorado, enquanto o Rio Grande do Norte e o Piauí até o momento só contam com um mestre no curso.

## II. A pesquisa na região nordeste

Os estados que compõem o Nordeste são: Alagoas, Ceará, Bahia, Paraíba, Piauí, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe.

### Escolas de comunicação no Nordeste

Estado	Instituições	Graduação	Habilitações	Pós-graduação
Alagoas	UFAL	Comunicação Social	Jornalismo Relações Públicas	
Bahia	UFBA	Comunicação Social	Jornalismo	Mestrado
	UEBA			
	Católica Privada			Doutorado
Ceará	UFCE	Comunicação Social Biblioteconomia	Jornalismo	Especialização
	Privada			
Paraíba	UFPB	Comunicação Social	Jornalismo	
	UEPB	Jornalismo	Jornalismo	Especialização
Pernambuco	UFPE	Comunicação Social	Jornalismo Rádio/TV Publicidade e Propaganda	
	UFRPE	Comunicação Rural		Mestrado
	Esurpe	Relações Públicas	Relações Públicas	
	Unicap	Comunicação Social	Jornalismo Relações Públicas Turismo	
Piauí	UFPI	Comunicação Social	Jornalismo	
Rio Grande do Norte	UFRN	Comunicação Social	Jornalismo	
Sergipe	UFS	Comunicação Social	Jornalismo Rádio/TV Arte e Educação	
	Unit	Comunicação Social	Jornalismo Relações Públicas Publicidade e Propaganda	

**PESQUISAS PRODUZIDAS NAS  
UNIVERSIDADES DO NORDESTE**

<b>Total</b>	<b>Graduação</b>		<b>Pós-graduação</b>	
<b>759</b>	Iniciação científica	39	Teses de doutorado	37
	Projetos experimentais	504	Dissertações de mestrado	145
	Pesquisa em disciplina	14	Trabalhos de especialização	14
	Outras	6	Outros	-
	<b>Total</b>	<b>563</b>	<b>Total</b>	<b>196</b>

### 1. Alagoas

O Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) conta com quatro doutores, de formação recente, número que prevê dobrar em breve, graças ao trabalho no sentido de criar seu curso de mestrado.

**PESQUISAS PRODUZIDAS EM ALAGOAS**

<b>Total</b>	<b>Graduação</b>		<b>Pós-graduação</b>	
<b>78</b>	Iniciação científica	4	Teses de doutorado	4
	Projetos experimentais	42	Dissertações de mestrado	14
	Pesquisa em disciplina	6	Trabalhos de especialização	2
	Outras	6	Outros	-
	<b>Total</b>	<b>58</b>	<b>Total</b>	<b>20</b>

#### 1.1. Teses de doutorado

Foram relacionadas 4 teses de doutorado produzidas na área de comunicação e 1 em outra área, tendo como linhas de pesquisa: semiologia, comunicação e poder; identidade cultural.

#### 1.2. Dissertações de mestrado

Foram relacionadas 14 dissertações de mestrado, todas feitas em escolas brasileiras: 8 em São Paulo (7 na ECA-USP e 1 na PUC/SP), 5 em Pernambuco (3 na UFRPE e 2 na UFPE) e 2 em Alagoas (UFAL/Letras). Quatro destas teses foram feitas em áreas afins. Tiveram financiamento da Capes e do CNPq 11

pesquisas. As linhas de pesquisa em que se inseriam são: semiótica; comunicação/extensão rural; comunicação e sociedade; comunicação e cultura.

### **1.3. Especialização**

Foram relacionadas 2 monografias com temas de história e teoria da comunicação, realizadas em outras áreas de conhecimento.

### **1.4. Iniciação científica**

Não há, ainda, uma prática sistemática de pesquisa em nível de iniciação científica. Foram relacionadas 4 pesquisas (duas não concluídas) com temas de jornalismo e imagem.

### **1.5. Projetos experimentais**

As 42 monografias resultantes de projetos experimentais que foram qualificados como pesquisas não tiveram financiamento e distribuem-se pelas seguintes linhas de pesquisa: relações públicas (11); comunicação e cultura (9); recuperação/memória dos meios (8); comunicação alternativa e popular (4).

### **1.6. Pesquisas em disciplinas**

Vinculadas à disciplina Teoria e Métodos de Pesquisa, foram produzidas 6 monografias não financiadas, tendo como temas linhas de comportamento e opinião e relações públicas.

### **1.7. Pesquisas não vinculadas à universidade**

Foram relacionados 6 trabalhos na área de marketing e propaganda, todos sem financiamento.

As pesquisas financiadas por instituições de fomento não estão associadas a programas e projetos mais amplos de pesquisa, com objetivos definidos. Na realidade, trata-se de apoio à qualificação do quadro docente. Não constam, praticamente, financiamentos a projetos.

## 2. Ceará

Na Universidade Federal do Ceará, o Departamento de Comunicação abrange a área de comunicação e biblioteconomia e mantém um curso de especialização. Tem um quadro de docente com 31 professores, sendo 4 doutores, 6 doutorandos, 7 mestres, 7 mestrandos e os demais têm especialização. Estuda a possibilidade de criar curso de mestrado.

### PESQUISAS PRODUZIDAS NO CEARÁ

Total	Graduação		Pós-graduação	
	158	Iniciação científica	5	Teses de doutorado
	Projetos experimentais	118	Dissertações de mestrado	19
	Pesquisa em disciplina	-	Trabalhos de especialização	12
	Outras	-	Outros	-
	<b>Total</b>	<b>123</b>	<b>Total</b>	<b>35</b>

### 2.1. Teses e dissertações

Do corpo docente, 3 doutores e 2 doutorandos realizaram ou realizam seus cursos, 2 os fazem no próprio Estado ou em outras áreas. Dos 14 mestres e mestrandos, 9 realizaram ou realizam seus cursos em outras áreas. Ou seja, das 24 teses e dissertações resultantes da titulação de professores, 15 são computadas por outras universidades e nove, pela UFC, em áreas afins.

### 2.2. Especialização

O Curso de Especialização em Teoria da Comunicação e da Imagem apresentou 12 monografias, tendo como linhas de pesquisa: planejamento de comunicação; estudos dos meios; análise de discurso.

### 2.3. Iniciação científica

A criação do núcleo de pesquisa, em 1996, estimulou o interesse entre professores e alunos. Com participação de 5 bolsistas de iniciação – CNPq/Pibic –,

estão sendo orientados 7 projetos com temas sobre: estudos dos meios; comunicação e poder; semiologia.

## 2.4. Projetos experimentais

Há uma presença grande da pesquisa nos projetos experimentais. Foram catalogadas 118 pesquisas, que podem ser agrupados nos temas: análise de conteúdo/discurso (32); estudos dos meios (26); comunicação e cultura (20); comunicação empresarial (18); comunicação e educação (12).

## 3. Paraíba

A Paraíba conta com dois cursos de comunicação: um na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), criado em 1970, com habilitação em jornalismo, e outro na Universidade Federal (UFPB).

O curso de jornalismo da UEPB, apesar de mais antigo, apresenta baixa titulação e sua produção de pesquisa vincula-se às dissertações de mestrado (dois mestres e dois mestrandos) e às monografias dos cursos de especialização.

### PESQUISAS PRODUZIDAS NA PARAÍBA

Total	Graduação		Pós-graduação	
157	Iniciação científica	8	Teses de doutorado	5
	Projetos experimentais	125	Dissertações de mestrado	9
	Pesquisa em disciplina	-	Trabalhos de especialização	10
	Outras	-	Outros	-
	<b>Total</b>	<b>133</b>	<b>Total</b>	<b>24</b>

### 3.1. Pesquisa em cursos de especialização

Foram realizados, durante sua existência, 6 cursos de especialização, tendo como clientela profissionais de comunicação, pedagogos e agentes comunitários. Nestes cursos foram produzidas monografias com os seguintes temas: planejamento e comunicação no processo educacional; comunicação e religião; análises de conteúdo (imprensa, rádio, cinema); folclore e indústria cultural; comunicação, educação e extensão rural.

Na UFPB, as atividades de pesquisa vêm se desenvolvendo, em ritmo crescente, há cerca de dez anos. No seu quadro docente, um professor tem pós-doutorado, 4 têm doutorado, sendo três formados em Paris e um pela ECA-USP; 15 professores são mestres, sendo um formado pela ECA-USP e os demais em outros cursos.

### **3.2. Pesquisa em projetos de iniciação científica**

Oito bolsistas de iniciação científica – CNPq/Pibic – trabalham com projetos nas áreas de: ética jornalística; relações entre imprensa cinematográfica e vídeos na Paraíba.

### **3.3. Pesquisa produzidas em projetos experimentais e disciplinas**

As pesquisas na graduação começaram há dez anos, vinculadas a disciplinas, resultando em algumas monografias. Cerca de metade dos projetos experimentais constituem trabalhos de pesquisa, resultando em 125 monografias produzidas por alunos, nos últimos dez anos, cujos temas mais comuns são: análises de conteúdo/discurso; estudo de meios; comunicação e sociedade; comunicação e cultura; comunicação e ideologia; estudos de recepção; estudos semióticos; estudos de teorias da comunicação. O relatório aponta um amadurecimento pedagógico, metodológico e científico de professores e alunos, constatado através das defesas em bancas.

### **3.4. Pesquisa de comunicação em áreas afins**

a) O mestrado em ciências da informação (biblioteconomia), com uma média de 21% de alunos egressos do curso de comunicação, produz várias dissertações sobre comunicação e informação, com as linhas de pesquisa: comunicação e sociedade contemporânea; informação e desenvolvimento regional; ciência e tecnologia; informação e mídia.

b) O curso de ciências sociais também tem produzido pesquisas sobre: comunicação e cultura; mídia regional; comunicação e sociedade.

c) No mestrado em sociologia rural foram produzidas dissertações sobre: indústria cultural; cultura popular; comunicação e contexto rural.



## 4. Pernambuco

### 4.1. Situação

Pernambuco tem quatro cursos de comunicação: dois federais – Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); com habilitação em jornalismo, rádio e TV e publicidade e propaganda; e Mestrado em Administração Rural e Comunicação Rural da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE); um confessional – Curso de Comunicação Social da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap); e um privado – Escola Superior de Relações Públicas de Pernambuco (Esurpe).

O Curso de Comunicação Social da UFPE conta com 26 professores, sendo 3 doutores, 5 doutorandos (em fase de conclusão), 7 mestres, 1 mestrando, 6 especialistas e 4 graduados. Dos 8 doutores/doutorandos, 5 realizaram seus cursos na Europa, 2 na ECA-USP e um na UFPE, em Letras. Os mestrados foram todos feitos no próprio Estado, 6 em outras áreas e um na UFRPE. O curso vem adotando uma política de qualificação do corpo docente e de estímulo à pesquisa. Em 1994 foi criado o Núcleo de Pesquisa em Comunicação - NPC e se encaminharam projetos de iniciação científica, mantendo-se, nos dois últimos anos, uma média entre 16 e 18 bolsistas (6 bolsas do CNPq/Pibic, 9 do CNPq/balcão em um projeto de estudo de comunicação sindical e 1 da Facepe). Também a disciplina de Metodologia da Pesquisa em Comunicação passou a trabalhar com planos de pesquisa, produzindo diversos trabalhos e preparando alunos para pesquisa em projetos experimentais ou de iniciação. Tendo como base a produção de pesquisa, foi criada a revista *Ícone*, que está preparando sua terceira edição. Estão ocorrendo discussões com vistas a elaborar um projeto de mestrado.

O Mestrado em Administração e Comunicação Rural da UFRPE conta com 3 professores-doutores no quadro permanente e mantém uma média 20 mestrandos de comunicação. Com quase vinte anos de existência, é responsável pela formação de técnicos e professores para escolas da região, vários dos quais prosseguiram seus estudos. As pesquisas seguiram uma linha difusionista e de folkcomunicação, passando, atualmente, por um processo de reestruturação.

A Unicap até o momento tem uma produção de pesquisa bastante limitada, mas nota-se um início de incentivo e uma perspectiva de crescimento neste sentido.

Quanto à Esurpe, está voltada para o mercado de trabalho e não foram encontradas pesquisas produzidas por seus professores ou alunos.

#### PESQUISAS PRODUZIDAS EM PERNAMBUCO

Total	Graduação		Pós-graduação	
159	Iniciação científica	16	Teses de doutorado	10
	Projetos experimentais	44	Dissertações de mestrado	63
	Pesquisa em disciplina	8	Trabalhos de especialização	-
	Outras	18	Outros	-
	<b>Total</b>	<b>86</b>	<b>Total</b>	<b>73</b>

#### 4.2. Produção de pesquisa nas universidades pernambucanas

##### a) Teses de doutorado

Foram localizadas 10 teses de doutorado, todas produzidas fora da região, sendo metade em outros países (4 na Europa e 1 nos EUA). Temas tratados: estudos dos meios (5); comunicação e cultura (2); comunicação e educação (2); comunicação sindical (1).

##### b) Dissertações de mestrado

Foram relacionadas 63 dissertações de mestrado, sendo 6 fora da região (2 no exterior e 4 em outros estados), 32 no Mestrado de Comunicação Rural da UFRPE e 23 em cursos da UFPE, em outras áreas de conhecimento, especialmente em sociologia e letras. Linhas de pesquisa: comunicação organizacional/publicidade (14); extensão rural (13); estudos de meios regionais (12); análise de conteúdo/discurso (11); comunicação e cultura popular (6); temas diversos (7).

##### c) Iniciação científica

As 16 monografias resultantes de pesquisas de iniciação científica relacionadas foram todas produzidas na UFPE, sendo 14 no Curso de Comunicação Social e 2 em outras áreas. Uma foi financiada pela Facepe, as demais pelo

CNPq/Pibic. Linhas de pesquisa: estudos de meios (6); comunicação e cultura popular (4); comunicação organizacional/publicidade (4); comunicação e poder (2).

#### **d) Projetos experimentais**

Foram relacionadas 44 monografias resultantes de pesquisas em projetos experimentais, sendo 38 feitas na UFPE e 6 na Unicap. A prática de pesquisa em projetos experimentais vem se acentuando nos últimos anos, mas ainda é muito forte a tendência à produção de trabalhos práticos relacionados ao exercício profissional, como matérias para jornal, vídeos, peças publicitárias, programas radiofônicos etc. As pesquisas de projetos experimentais não contam com apoio financeiro. Linhas de pesquisa: estudos de meios (15); análises de conteúdo/discurso (9); comunicação e cultura popular (5); comunicação organizacional/publicidade (5); temas diversos (4).

#### **e) Pesquisas desenvolvidas em disciplinas de graduação**

Foram relacionadas 8 pesquisas na UFPE, na disciplina de Metodologia da Pesquisa em Comunicação: estudos de meios (5); análise de conteúdo (2); comunicação e cultura (1).

#### **f) Outras pesquisas**

Foram relacionadas ainda 18 pesquisas, sendo 14 na UFRPE, 3 na UFPE e uma na Unicap, tendo como linhas de pesquisa: comunicação e cultura popular (6); estudos de meios (5); análise de conteúdo/discurso (5); comunicação organizacional (2).

### **5. Piauí**

O Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Piauí (UFPI), criado em 1983, está vinculado ao Departamento de Educação e ao Centro de Ciências da Educação. Inicialmente tinha como proposta formar jornalistas educadores, objetivando especialmente a educação popular. Posteriormente transformou-se num curso voltado para a formação de profissionais para o mercado.

No quadro docente de 15 professores, existe apenas um mestre que está se doutorando, 12 são mestrandos e os demais, especialistas. O problema da qualificação dos professores está sendo resolvido com um convênio com o curso de comunicação da UFRJ, visando ao mestrado e depois ao doutorado.

#### PESQUISAS PRODUZIDAS NO PIAUÍ

Total	Graduação		Pós-graduação	
	191	Iniciação científica	-	Teses de doutorado
	Projetos experimentais	150	Dissertações de mestrado	X
	Pesquisa em disciplina	-	Trabalhos de especialização	X
	Outras	-	Outros	-
	<b>Total</b>	<b>150</b>	<b>Total</b>	<b>41</b>

Das 191 pesquisas localizadas no Piauí, uma parte significativa corresponde a dissertações de mestrado e tem relação com estudos da comunicação no contexto regional. Algumas são de iniciação científica e outras, trabalhos produzidos em disciplinas de graduação (o relatório é genérico e não permite maiores detalhes). Dos 150 projetos experimentais, 50 são monografias que podem ser consideradas pesquisas científicas. Desenvolvem principalmente estudos dos meios, análises de conteúdo e discurso, estudos de teori, entre outros temas.

#### 6. Sergipe

Em Sergipe existem dois cursos de comunicação, ambos recentes: o da universidade Federal de Sergipe (UFS), que funciona no Departamento de Letras e é vinculado ao Núcleo de Ciências Sociais, criado em 1993, com habilitações em jornalismo, arte e educação e rádio/TV; e o da Universidade Tiradentes (Unit), criado em 1985, com habilitações em jornalismo, relações públicas e publicidade e propaganda.

#### PESQUISAS PRODUZIDAS EM SERGIPE

Total	Graduação		Pós-graduação	
	137	Iniciação científica	6	Teses de doutorado
	Projetos experimentais	125	Dissertações de mestrado	3
	Pesquisa em disciplina	-	Trabalhos de especialização	-
	Outras	-	Outros	-
	<b>Total</b>	<b>131</b>	<b>Total</b>	<b>6</b>

### **6.1. Teses de doutorado**

Foram relacionadas 3 teses de doutorado, sendo 1 em comunicação social e 2 em outras áreas. Este índice se repete na categoria de mestrado, todos vinculados à UFS.

### **6.2. Iniciação científica**

Foram relacionadas 6 pesquisas de iniciação científica, sendo 3 em comunicação social e 3 em outras áreas, com apoio da Capes e do CNPq. Os trabalhos de pós-graduação e de iniciação totalizam doze pesquisas em comunicação social enontradas na UFS.

### **6.3. Projetos experimentais**

Na Universidade Tiradentes (Unit) foram classificados como trabalhos de pesquisa 125 monografias resultantes de projetos experimentais, embora o relatório alerte para "deficiências no que diz respeito a metodologia, linguagem, plano de ação dos projetos de monografia e até na definição de um tema centrado na área de comunicação social", especialmente nos trabalhos apresentados por alunos da Unit. Poucas pesquisas tratam de questões específicas da área de comunicação. Assumem mais características de ensaio e reportagem.

O relatório aponta um crescimento da tendência para a pesquisa e para a formação de pesquisadores, havendo necessidade de incentivo e planejamento.

## **7. Bahia**

A Bahia, em relação à produção de pesquisa, tem uma situação diferenciada do conjunto do Nordeste, pelo trabalho realizado no Curso de Comunicação Social da Universidade Federal da Baía (UFBA), que mantém um mestrado criado em 1990, já consolidado e considerado de boa qualidade, e mais recentemente criou um programa de doutorado. Em seu quadro docente conta com 11 doutores, que desenvolvem vários projetos de pesquisa financiados pelo CNPq e por outras instituições de fomento.

**PESQUISAS PRODUZIDAS NA BAHIA**

<b>Total</b>	<b>Graduação</b>		<b>Pós-graduação</b>	
<b>151</b>	Iniciação científica	-	Teses de doutorado	-
	Projetos experimentais	125	Dissertações de mestrado	26
	Pesquisa em disciplina	-	Trabalhos de especialização	-
	Outras	-	Outros	-
	<b>Total</b>	<b>125</b>	<b>Total</b>	<b>26</b>

### **7.1. Dissertações de mestrado**

Foram registradas 26 dissertações de mestrado, produzidas entre 1990 e 1996, com as seguintes linhas de pesquisa: comunicação e cultura contemporânea; comunicação e poder; estudos de recepção; estudos de meios.

### **7.2. Projetos experimentais**

Foram relatados 125 trabalhos produzidos por alunos em projetos experimentais. Apesar de não ter sido apresentada uma avaliação sobre eles, percebe-se que nem todos podem ser rigorosamente catalogados como pesquisa científica. Essa distinção não foi possível ser feita com base nas informações apresentadas.

Linhas de pesquisa: comunicação e cultura (30); análise de conteúdo (30); estudos de meios (29); comunicação e poder (13); publicidade e propaganda (13); outros temas (10).

## **III. Algumas considerações finais**

1. Historicamente o desenvolvimento da pesquisa foi maior na Bahia, que tem um mestrado já consolidado e um programa de doutoramento iniciado recentemente. Já Pernambuco, apesar de ter sido onde a pesquisa em comunicação teve início no Brasil, junto a uma universidade confessional, esta atividade acadêmica só pode se desenvolver graças ao Mestrado em Administração Rural e Comunicação Rural da UFRPE, que abrigou alguns dos primeiros discípulos de Luiz Beltrão. Só mais recentemente, no Curso de Comunicação Social da UFPE a pesquisa se tornou uma atividade permanente, com uma demanda que ainda não pode ser atendida pela carência de um maior número de professores titulados e, principalmente, pela limitação do apoio das instituições de fomento. Também na Paraíba, no Ceará e em Alagoas as atividades de pesquisa vêm crescendo de forma promissora, o que pode ser atribuído à qualificação de um número ainda pequeno e recente de professores

que adquiriram doutoramento e um número maior de mestres. A maioria dos cursos de comunicação das escolas federais, que é onde vem se desenvolvendo a pesquisa, têm até 25 anos – alguns são bem recentes. Dedicar-se, durante estes anos, ao ensino e à pesquisa apenas aparecia praticamente como um sub-produto, resultado de esforços individuais (ou de algum grupo).

2. Há, no Nordeste, pode-se dizer, uma relação direta entre a qualificação do quadro docentes das universidades e a produção da pesquisa acadêmica. As qualificações em nível de mestrado e doutorado, no geral, foram realizadas por motivações, iniciativas e decisões individuais, não se percebendo, até recentemente, a presença de orientações e planejamentos. Em consequência, cada professor foi desenvolvendo pesquisas a partir de uma perspectiva pessoal. Parte significativa dos doutorados foi feita no exterior, basicamente na França, Inglaterra e Espanha). Parte significativa dos mestrados, por carência de programas na área de comunicação, na região, foi ou está sendo realizada em outras áreas de conhecimento. Parte foi feita no mestrado da UFRPE, parte em escolas de comunicação de outras regiões. O mestrado da Bahia, embora no Nordeste, quase não aparece como formador de professores para a região. Esta realidade propicia algumas facilidades para a interdisciplinaridade nos cursos de comunicação, porém, como apenas recentemente se começou, na maioria dos estados, a pensar na definição e consolidação de linhas de pesquisa, ainda parece prevalecer a dispersão e a falta de definição mais clara do campo de pesquisa em comunicação.

3. Hoje, com a necessidade de planejamento para produção de pesquisa e principalmente para a criação de programas de pós-graduação, inclusive para a própria sobrevivência e o desenvolvimento intelectual do recém-doutorado, estão se desenvolvendo esforços no sentido de se agruparem as atividades investigatórias em linhas de pesquisa que viabilizem esses futuros programas de pós-graduação.

4. Os professores dos cursos das universidades federais que estão à frente desta atividade de criação de programas de pós-graduação, no Nordeste, estão se reunindo, a partir do V Sipec, para realizar um trabalho coordenado, complementar e de apoio mútuo. São vários estados que estão com previsão de criação de mestrados num prazo curto (três com previsão para o próximo ano).

5. A pesquisa em comunicação, no Nordeste, vem se desenvolvendo associada às atividades acadêmicas das universidades. Raras são as pesquisas encontradas fora deste contexto. E são as universidades federais que vêm produzindo pesquisas. O volume de produção das universidades privadas e confessionais é mínimo.

## O estado da pesquisa em comunicação na região centro-oeste\*

*Maria Helena Antunes*

*Professora do Departamento de Comunicação  
da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT).*

### I. Justificativa

O ciclo de estudos tem sido tradicionalmente o espaço privilegiado que os congressos anuais da Intercom dedicam ao debate de seu tema central. Neste ano, em comemoração dos vinte anos de existência da entidade, o XX Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação propõe como tema a pesquisa de comunicação, avaliando sua trajetória nas duas últimas décadas, bem como suas perspectivas para o próximo século.

O mapeamento que apresentamos a seguir abrange dez escolas da região centro-oeste: Universidade de Brasília (UnB), Universidade Católica de Brasília (UCB) e Centro de Ensino Unificado de Brasília (CEUB), no Distrito Federal; Universidade Federal de Goiás, em Goiás; Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Instituto Varzeagrandense de Educação (IVE), Universidade de Cuiabá (Unic) e Faculdade Cândido Rondon, no Mato Grosso; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), no Mato Grosso do Sul.

### II. Metodologia

Este levantamento abrange o período de 1974-1997. O ano de 1974 foi adotado como ponto de partida, pois marca o surgimento do Curso de Pós-

---

\* Resultados de pesquisa apresentados no XX Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, durante o XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.



Graduação da UnB, o primeiro da região centro-oeste. A pesquisa vem sendo desenvolvida em 70% das dez escolas da região. Não foi relatada nenhuma pesquisa em comunicação social na Universidade de Cuiabá (Unic), na Faculdade Cândido Rondon e no Centro de Ensino Unificado de Brasília (CEUB). Relacionamos, ainda, os projetos de iniciação científica desenvolvidos nas escolas da região. As informações foram obtidas junto aos pesquisadores, aos coordenadores de cursos de graduação e pós-graduação e às bibliotecas das escolas, a partir de um roteiro pré-estabelecido e aplicado a todas as escolas. Na seqüência descrevem-se os resultados obtidos.

### **III. Estado da pesquisa na região centro-Oeste**

#### **1. DISTRITO FEDERAL**

##### **1.1. Universidade de Brasília (UnB)**

O programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (curso de mestrado *stricto sensu*) foi criado em 1974 e tem uma área de concentração e quatro linhas de pesquisa, somando até agora um total de cem pesquisas realizadas.

##### **Área de concentração: comunicação e cultura contemporânea**

O título ainda é inspirado no Center for Cultural and Contemporary Studies da Universidade de Birmingham, Inglaterra, criado na década de 1970, em que a expressão “comunicação de massa” era impotente para representar toda a gama de complexidade dos estudos da comunicação e da cultura de massa.

Passou-se então a preferir o conceito “comunicação como uma das expressões da cultura contemporânea” ou, simplesmente, “comunicação e/ou cultura contemporânea para designar amplamente este fenômeno das massas, dos meios de comunicação de massa, da cultura de massas.

Saiu-se do empirismo e do positivismo das pesquisas dos efeitos a curto prazo da comunicação sobre as massas, e pensou-se em construir e pensar a sociedade através também da comunicação de massa. Da psicologia e da sociologia quantitativa à sociologia do conhecimento e da cultura, estas constituindo-se nas bases teóricas desta nova construção.

Estes conceitos, nitidamente europeus, atingiram em cheio o programa de Mestrado em Comunicação da Universidade de Brasília. Na época – meados dos anos oitenta –, a influência dos estudos culturais ingleses era uma evidência entre nós. Não por uma simples cópia e importação, mas por uma adequação perfeita ao que se pensava e queria na UnB como paradigma comunicacional. De lá para cá as coisas mudaram, por exemplo, com a explosão das novas tecnologias de comunicação. Mas os paradigmas não foram destruídos, apenas sofreram algumas modificações. A construção social da realidade pela comunicação ainda permanece como a grande idéia teórica com a qual pensamos a comunicação em Brasília.

Comunicação e Cultura Contemporânea significa para a UnB pesquisar este processo complexo, de ordem social e cultural, também político e econômico, que envolve a comunicação e as novas tecnologias de comunicação.

### **Linhas de pesquisa**

- Comunicação e Processos Sociais
- Comunicação e Imagem
- Comunicação e Interpretação de Produtos Culturais
- Economia e Política da Comunicação/Novas Tecnologias da Comunicação

Quadro 1  
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)  
Linhas de pesquisa em comunicação

Linhas de pesquisa	Número de pesquisas	%
1. Comunicação e Processos Sociais	34	34
2. Interpretação De Produtos Culturais	30	30
3. Economia Política da Comunicação / Novas Tecnologias de Comunicação	26	26
4. Comunicação Visual	10	10

### **Justificativa das linhas de pesquisa e de seus percentuais**

#### **a) Economia e Política da Comunicação**

Uma das grandes vocações da casa, foi acrescida agora da expressão Novas Tecnologias de Comunicação (NTC). Manifesta-se pela pesquisa das recentes legislações que orientam o sistema de concessões do poder público à exploração das novas tecnologias de comunicação, ligadas ao Ministério das Comunicações, e que há algum tempo atrás se detinha nas questões ligadas ao código de telera-diodifusão.

Esta linha encontra-se temporariamente num período de entressafra, tendo em vista a constante passagem de professores e pesquisadores para o mercado econômico e político da cidade, principalmente nas tarefas de assessoramento ao governo e às empresas interessadas na privatização das telecomunicações. A pesquisa deixa de ser acadêmica e passa a ser feita sob forma de consultorias. Mas é uma questão transitória e, pensamos, esta linha voltará a enriquecer-se com a contratação de novos professores e com a chegada de doutorandos que estão no exterior.

Uma outra forma de explicar o fenômeno: as pesquisas que são feitas nesta linha, ainda na academia, migram para a linha Comunicação e o Processo Social, que, por sinal, é a mais forte neste momento na UnB, pela sua abrangência. Por exemplo, as questões colocadas pelas Novas Tecnologias de Comunicação, e que são mais de caráter cultural e social, cumprem esta trajetória de migração interna. A Economia Política acaba mesmo ficando restrita às problemáticas ligadas ao Ministério das Comunicações.

## **b) Interpretação de Produtos Culturais**

Sempre manteve um percentual razoável de pesquisa, pela tradição da casa em aplicarem os recursos das análises lingüísticas aos fenômenos da comunicação, mais especificamente da mídia, e aos produtos culturais. Anteriormente estes estudos eram de cunho semiológico estrutural, quando a linha de pesquisa se chamava Comunicação e Linguagens. Alguns poucos até se dedicavam à análise de conteúdos. Agora são as análises de discurso e as interpretações hermenêuticas tendo como objeto a mídia e a cultura. A análise detalhada das cem dissertações de mestrado já produzidas na UnB, assim como das pesquisas já feitas ou em execução diretamente financiadas pelo CNPq, e até mesmo dos projetos experimentais de graduação, revela uma nítida preferência atual pela aplicação da análise do discurso a produtos culturais especificados. A pesquisa nesta linha tem uma prioridade pela metodologia qualitativa do discurso. A pesquisa em Processos Sociais faz o caminho inverso, preocupa-se mais com o tema do que com a metodologia.

Quadro 2  
**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)**  
**Interpretação de produtos culturais**  
**e os objetos analisados**

1. Cartoon Ziraldo
2. Marketing: Publicidade Fiat/Publicidade Narciso/Embalagem/Moda
3. Televisão: Telenovela/Novela <i>Os Gigantes/Xuxa</i>
4. Instituições Governamentais: Banco do Brasil (Três Pesq.)
5. A Imprensa e: Velhice/ Reforma Agrária/ Imposto De Renda/ Negritude/ Militares/ Césio 137/ Televisão/ Políticas de Medicalização no Brasil
6. Cinema: Glauber Rocha
7. Design: Elifas Andreato
8. Práticas Sociais e Culturais: Meninos de Rua/ Índios e Conflito Interétnico/ Bumba-Meu-Boi/ Cordel -Nordeste/ Anos 60/ Doentes Terminais
9. Revistas: <i>Veja</i> (capas)

### c) Comunicação Visual

É a revelação do momento, fruto de um investimento maciço em mão-de-obra especializada em Cinema e principalmente em Fotografia. No caso da Fotografia e até mesmo da Antropologia Visual, pensa-se em criar um centro de leitura e análise da imagem em Brasília, versada para os mídia e a cultura, a partir de cinco doutores ora contratados pela UnB nas áreas de fotografia, vídeo e novela e cinema.

Recentemente, o reitor da UnB passou às mãos da Faculdade de Comunicação o CPCE - Centro de Produção Cultural e Educativa da UnB.

Fazendo um outro tipo de reflexão, poderíamos dizer que a Comunicação Visual tem hoje as preferências que havia antes para os estudos de Economia e Política da Comunicação. Em níveis percentuais houve mesmo uma troca. Mas, como já vimos, a Economia Política e Econômica continua sendo praticamente englobada pela linha Processos Sociais da Comunicação e a Comunicação Visual vem atender à crescente iconização dos símbolos culturais, a partir do evento Internet.

### d) Comunicação e Processos Sociais

Fica com a maior parte das pesquisas, mesmo porque é uma linha bastante abrangente, colhendo também pesquisas feitas sem uma maior especificidade.

**Pesquisas de Iniciação Científica, Especialização e Apoio Técnico**

**a) Sexo - Afeto e era tecnológica**

Coordenação: Prof. Sérgio Dayrell Porto

Bolsa: CNPq

Resumo: A pesquisa visa buscar as possíveis modificações comportamentais em jovens que utilizam os *chats* que praticam sexo virtual e também aqueles de ordem afetiva, na rede Internet. Ao analisar afetos e vida sexual modificados pela Internet (linha de ponta das novas tecnologias de comunicação), A pesquisa busca principalmente as transformações que talvez estejam acontecendo na produção da intimidade contemporânea.

**b) S.O.S. Imprensa - Formas de apoio às vítimas de imprensa**

Coordenação: Prof. Luis Martins da Silva

Bolsa: CNPq

Resumo: A pesquisa visa analisar aquelas pessoas, e até mesmo aqueles leitores de jornais, que têm sua vida prejudicada pela atuação da mídia, tendo como finalidade maior a sua defesa pública. Seria o equivalente a se criar um instituto de defesa do consumidor de jornais. E a janela aberta para esta defesa seriam delegacias, com plantões 24 horas, entra dia sai dia, utilizando a rede Internet (a *home page* já se acha em funcionamento), o que revela uma pesquisa estreitamente ligada também com as novas tecnologias de comunicação.

**c) Banco de Dados da Pesquisa em Comunicação**

Coordenação: Prof. José Luiz Braga

Bolsa: CNPq (um bolsista em cada universidade filiada à Compós - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação).

Resumo: Na primeira fase da pesquisa, encerrada em outubro de 1996, buscou-se a obtenção dos dados dos programas, dos cursos, dos professores, dos pesquisadores, das dissertações, das teses e das pesquisas. Agora, na segunda fase, trata-se de: passagem da versão beta para a versão 1.0; ampliação e abran-

gência do ingresso de dados sobre a pesquisa em pós-graduação de comunicação no Brasil; desenvolvimento do manual do usuário para consultas e relatório; estudo de viabilidade do funcionamento *on-line*; pesquisa sobre as áreas de interesse, palavras-chaves e linhas de pesquisa. Mesmo sendo uma pesquisa mais técnica, cujo objeto é a montagem de programas que possibilitem a informatização dos próprios dados, enfatiza-se o contato íntimo desta pesquisa com as novas tecnologias de comunicação, a cultura midiática da época.

#### **d) A Re-regulamentação das Comunicações Brasileiras**

Coordenação: Prof. Murilo Ramos

Resumo: Análise do processo de regulamentação das comunicações brasileiras, após a quebra do monopólio estatal em 1995. Esta pesquisa consta da linha de pesquisa Economia Política da Comunicação, sendo, portanto, diretamente ligada às Novas Tecnologias da Comunicação e Telecomunicações.

### **1.2. Universidade Católica de Brasília (UCB)**

Não há Programa de Pós-graduação. O Curso de Comunicação Social foi criado em 1996, com habilitações em Jornalismo e Publicidade e Propaganda.

Há duas pesquisas realizadas. A primeira é a dissertação de mestrado do Prof. Eufrásio Prates, “Música quântica - de um novo paradigma estético-físico-musical: transversalidade e dimensão comunicacional”, que se propõe investigar, através da transversalidade da dimensão comunicacional, os pontos efetivos de contato entre a estética da música experimentalista e a filosofia da física quântica. A segunda é do Prof. José Salomão Davi Amorim, “Abertura para o mercado e proteção do interesse público: estudo sobre a televisão de sinal aberto”. Financiada pelo CNPq, a pesquisa analisa os fatores condicionantes do aparecimento da televisão de mercado e procura conhecer como, frente a uma dinâmica privatizante, que pressiona no sentido de privilegiar os valores mercantis em detrimento dos sócio-culturais, se efetiva a proteção do interesse público na televisão.

## **2. GOIÁS**

**Universidade Federal de Goiás (UFG)**

Não há Programa de Pós-Graduação. O Curso de Comunicação Social foi criado em 1966, com a habilitação em Jornalismo. Outras habilitações foram depois implantadas: Relações Públicas, em 1975; Radialismo (Rádio e TV), em 1981; e Publicidade e Propaganda, em 1997.

### **Linhas de pesquisa**

Há duas linhas de pesquisa definidas:

- **Comunicação, Estado e Sociedade**
- **Comunicação, Informação e Cidadania**

Foram levantadas quinze pesquisas, sendo doze concluídas e três em andamento. Das concluídas, seis são em nível de mestrado, duas em nível de doutorado e quatro não se vinculam à capacitação docente. Das pesquisas em andamento, uma é de mestrado e duas são de doutorado. Quanto às áreas temáticas pode-se observar o que se segue no Quadro 3.

Quadro 3  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)  
Áreas temáticas

1. Regulamentação da Profissão de Jornalista
2. Comunicação e Trabalho
3. Comunicação Rural
4. Comunicação Comunitária
5. Comunicação e Tecnologia
6. Televisão
7. Ensino de Jornalismo
8. Comunicação e Movimentos Culturais
9. Comunicação e Cultura

### **Pesquisas de Iniciação Científica**

- a) **Globalização, Regionalização e Turismo: identidades em Goiás**

Coordenação: Maria Auxiliadora Andrade de Echegaray

**Resumo:** A pesquisa pretende contribuir, com outros pesquisadores da USP, para o aperfeiçoamento de teorias e metodologias que permitem o estudo das diversas formas de inserção dos produtos culturais e simbólicos das classes subalternas (de determinados pólos turísticos do estado de Goiás) no processo de globalização, através do sistema de comunicação e da expansão do turismo.

### **b) Campo de Trabalho do Profissional de Comunicação no Brasil**

**Coordenação:** Maria Auxiliadora Andrade de Echegaray

**Resumo:** A pesquisa integra uma proposta de trabalho da Federación Latinoamericana de las Facultades de Comunicación Social (Felafacs), que tem como objetivo recomendar que todas as escolas de Comunicação Social da América Latina façam um amplo levantamento sobre mercado de trabalho, a partir de seus egressos formados nos últimos dez anos (1984/1993).

### **c) Identidades Globais/Regionais na Cultura Brasileira: Imagens Midiáticas do Natal de 1996**

**Coordenação:** Maria Beatriz Ribeiro Costa

**Resumo:** O estudo consiste no resgate das imagens natalinas projetadas pela mídia brasileira durante as celebrações de 1996. A UFG participa da pesquisa feita pela Rede Nacional de Pesquisa Comparativa, coordenada pela Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, da Universidade Metodista de São Paulo, dentro da categoria de “jornais editados em pólos mesorregionais”. A amostra, no caso de Goiânia, é o jornal *O Popular*.

## **3. MATO GROSSO DO SUL**

### **3.1. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)**

Não há Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Contudo, o Mestrado em Educação da UFMS desenvolve uma linha de pesquisa em Comunicação e Educação, com a defesa, até agora, de cinco dissertações com temática



interdisciplinar, cujo eixo está centrado na comunicação. O Curso de Comunicação Social foi criado em 1989, com a habilitação em Jornalismo.

No período compreendido entre 1981 e 1996 foram concluídas dezoito pesquisas, envolvendo dezesseis pesquisadores (professores e profissionais), sendo que grande parte está relacionada à capacitação docente, no caso, dissertações de mestrado. É importante registrar que o Curso de Jornalismo da UFMS priorizou a capacitação de seus docentes e hoje conta, em seu quadro, com dois doutores, sete mestres e um graduado. E dos seis mestres três estão, atualmente, cursando doutorado.

Não há linhas de pesquisa, propriamente definidas, mas áreas temáticas (Quadro 4).

Quadro 4'  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL (UFMS)  
Áreas temáticas

Áreas temáticas/linhas de pesquisa	Quantidade	%
Comunicação e Educação	09	50,0
Comunicação e Meio Ambiente	02	11,1
Comunicação e Linguística	02	1,1
Comunicação e Cultura	02	11,1
Comunicação e Política	01	5,5
Comunicação Rural	01	5,5
Comunicação Empresarial	01	5,5
Jornalismo Especializado(Policial)	01	5,5
História da Imprensa	01	5,5
Opinião Pública	01	5,5

\*A soma supera 100% porque algumas pesquisas se enquadram em mais de uma área temática/linha de pesquisa.

Com relação às pesquisas realizadas, alguns fatores merecem ser destacados:

- A prioridade dos pesquisadores tem sido pela área temática **Comunicação e Educação** (Quadro 4), ainda não transformada em linha de pesquisa sistemática por questões de organização interna do Curso de Mestrado em Educação da UFMS. Mas com o retorno dos professores que estão cursando doutorado, nos próximos dois anos, a linha de pesquisa poderá ser efetivada.

▪ A mídia impressa (Quadro 5) é a fonte de informação mais pesquisada, com 12 (66,6%) das investigações do Estado. Seguem-se Televisão, com 6 (33,3%), Documentos Diversos, com 4 (22,2%), e Rádio, com 3 (16,6%). Escolas de 1º e 2º Graus tem apenas 1 (5,5%) cada.

Quadro 5  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL (UFMS) -  
Pesquisa e objeto-alvo\*

Objeto alvo	Quantidade	%
Mídia Impressa	12	66,6
Mídia Televisiva	06	33,3
Mídia Radiofônica	03	16,6
Documentos Diversos	04	22,2
Escola de 1º grau	01	5,5
Escola de 2º grau	01	5,5

\*A soma ultrapassa 100% porque algumas pesquisas elegeram como objeto-alvo mais de uma mídia e/ou outra fonte

### 3.2. Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Não há Programa de Pós-Graduação. O Curso de Comunicação Social foi criado em 1994, com as habilitações em Relações Públicas e Publicidade e Propaganda. A partir de 1997 a UCDB está realizando, em convênio com a ECA-USP, o primeiro Curso de Especialização em Comunicação Social e, ao final do curso, os alunos realizarão pesquisa sobre tema regional.

A única pesquisa concluída é do Prof. Gerson Luiz Martins: “As Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso - Fucmt e o desenvolvimento da educação e da cultura segundo a opinião pública”. Financiada pela Capes e pela UCDB, a pesquisa procura determinar a real função da FUCMT, enquanto promotora de cultura em Mato Grosso do Sul.

## 4. MATO GROSSO

### 4.1. Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

A partir de 1997, a UFMT está desenvolvendo, em convênio com a ECA-USP, o Programa de Mestrado Interinstitucional. O Curso de Comunicação Social foi criado em 1990, com as habilitações em Jornalismo, Radialismo e Publicidade e Propaganda.

O Mestrado em Educação da UFMT possibilitou a produção de duas dissertações com temática interdisciplinar, cujo eixo está centrado na comunicação.

O levantamento inclui também oito pesquisas de docentes ou servidores da UFMT oriundos de outros departamentos, com a temática relacionada com a comunicação.

No total, são quarenta pesquisas – dez concluídas e trinta em andamento. Entre as pesquisas concluídas, temos: seis de mestrado; uma de doutorado; uma de especialização; e duas não relacionadas com a capacitação docente. Das trinta pesquisas em andamento, uma é em nível de doutorado e 29 são de mestrado.

A prioridade dos pesquisadores em termos de área temática tem sido Comunicação e Cultura, seguindo-se, em ordem decrescente, Comunicação Visual e História da Imprensa, dentre outras (Quadro 6).

Quadro 6  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO (UFMT)  
Áreas temáticas

Áreas temáticas/linhas de pesquisa	Quantidade	%
Comunicação e Cultura	11	27,5
Marketing	07	17,5
Comunicação e Imagem	06	15,0
História da Imprensa	03	7,5
Comunicação e Educação	02	5,0
Comunicação e Meio Ambiente	02	5,0
Novas Tecnologias da Comunicação	02	5,0
Jornalismo Especializado (Revista)	02	5,0
Comunicação e Questões de Gênero	01	2,5
Comunicação e Linguística	01	2,5
Comunicação Rural	01	2,5
Comunicação e Movimentos Sociais	01	2,5
Opinião Pública	01	2,5

Quadro 7  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO (UFMT) -  
Pesquisa e objeto-alvo

Objeto-alvo	Quantidade	%
Mídia Impressa	15	37,5

Publicidade	09	22,5
Televisão	08	20,0
Rádio	04	10,0
Teatro	02	5,0
Cinema	01	2,5
História em Quadrinhos	01	2,5

#### 4.2. Instituto Varzeagrandense de Educação (IVE)

Não há Programa de Pós-Graduação. O Curso de Comunicação Social foi criado em 1991, com a habilitação em Jornalismo. A única pesquisa encontrada foi a Dissertação da Prof<sup>a</sup> Adriana Azevedo Paes de Barros, “A implantação da TV em Cuiabá e sua influência no Bairro do Porto”.

#### IV. Conclusão

Algumas considerações finais precisam ser feitas a título de interpretação dos dados levantados.

1. Apenas a Universidade de Brasília (UnB) possui Programa de Pós-Graduação consolidado, funcionando desde 1974, em nível de mestrado. O programa da UFMT foi criado em 1996, através de convênio interinstitucional firmado com a ECA-USP.

2. O número de cem pesquisas relatadas na UnB corresponde à produção desenvolvida no programa de pós-graduação em nível de mestrado da escola. A pesquisa realizada pelos docentes da UnB que resultou em titulação de doutorado ou pós-doutorado não está computada neste levantamento..

3. A pesquisa realizada em comunicação social na região centro-oeste está, em grande parte, relacionada com a capacitação docente e distribuída da seguinte maneira:

Quadro 8<sup>\*</sup>  
NÚMERO DE PESQUISAS NA REGIÃO CENTRO-OESTE

Local	Total de pesquisas	Doutorado	Mestrado	Outros
Distrito Federal	102	-	101	01
Goiás	15	08	03	04
Mato Grosso do Sul	18	-	14	04
Mato Grosso	40	02	35	03
Total	175	10	153	12

Os totais englobam pesquisas concluídas e pesquisas em andamento.

Dentre os fatores que poderiam explicar esse dado está a constatação de que, dentre dez escolas, seis têm menos de dez anos de implantação do Curso de Comunicação Social.

4. Quanto às linhas de pesquisa ou áreas temáticas, observa-se a seguinte predominância:

Quadro 9  
**PESQUISA DE COMUNICAÇÃO NA REGIÃO CENTRO-OESTE**  
**Linhas de pesquisa / áreas temáticas**

Local	Linhas de pesquisa/áreas temáticas predominantes	%
Distrito Federal	Comunicação e Processos Sociais	41,0
Goiás	Comunicação, Estado e Sociedade	*
Mato Grosso do Sul	Comunicação e Educação	50,0
Mato Grosso	Comunicação e Cultura	27,5

\* Não há dados precisos quanto ao número de pesquisas em cada uma das duas linhas da UFC, mas essa linha foi considerada predominante, por ter sido criada há muito mais tempo que a segunda, ainda emergente.

5. Há três áreas emergentes na pesquisa em comunicação no Centro-Oeste, que deverão se confirmar como tendências fortes nos próximos anos:

- **Comunicação e Imagem**

É a revelação do momento na UnB, onde estão sendo feitos investimentos maciços e pensa-se em criar um centro de leitura e análise da imagem, versada para a mídia e a cultura. Esta linha de pesquisa vem atender à crescente iconização dos símbolos culturais, a partir do evento Internet.

- **Comunicação e Meio Ambiente**

Tendência que está sendo impulsionada de maneira significativa em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, devido à existência de três ecossistemas relevantes nos dois estados e carentes de pesquisa: o Pantanal, a Serra e o Cerrado. As pesquisas realizadas até agora enfocam o comportamento da mídia, registram as mudanças culturais devido ao crescimento do turismo ecológico e alertaram para

a necessidade dos meios de comunicação se aliarem a outras áreas de conhecimento para enfrentar o quadro crescente de devastação ambiental.

#### ▪ **Comunicação Rural e Mercosul**

São áreas com tendência a crescer dentro do universo das pesquisas de comunicação social na região centro-oeste. Comunicação Rural é uma linha que está fortemente ligada à realidade econômica da região, com destaque para a produção de gado de corte em Mato Grosso do Sul e de grãos em Mato Grosso. Já a intensificação do comércio entre os países integrantes do Mercosul surge como um desafio para a comunicação e um campo fértil para a realização de pesquisas.

6. Os convênios firmados entre a ECA-USP e duas escolas da região, a UFMT, para a implantação do Mestrado Interinstitucional, e a UCBC, para a realização de um Curso de Especialização, deverão resultar em forte incentivo à pesquisa em comunicação social na região.



## A pesquisa em comunicação na região sul\*

*Marli Hatje*

*Professora da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc).*

*Eugenia Barichello*

*Professora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).*

### Justificativa

“Quem não pode lembrar o passado não pode sonhar o futuro e, portanto, não pode julgar o presente”. A afirmação de Walter Benjamin vem ao encontro da necessidade de conhecermos nossa história. E, no nosso caso, a história da pesquisa em comunicação na região sul do Brasil.

Relatar de forma sistematizada a situação da pesquisa no Brasil é sem dúvida uma iniciativa ousada e de muita coragem, frente às enormes dificuldades encontradas para organizar um trabalho como este. No entanto, a divisão por regiões proposta pela Intercom permite esta iniciativa.

Conhecer a situação da produção científica no Brasil é de fundamental importância para avançar no processo de discussão da comunicação. Somente com a sistematização dos dados é possível fazer uma correta avaliação.

### Metodologia

Para iniciarmos a coleta de dados para este levantamento, listamos primeiramente as universidades da região sul que possuem o curso de Comunicação Social. Conhecidas as instituições, organizamos o roteiro recebido da presidente da Intercom, Maria Immacolata Vassalo de Lopes, que também serviu para a elaboração do relatório final do estado da pesquisa na região. Enviamos os questionários via fax no mês de maio, antes da realização do V Sipec da Região Sul, em Santa Maria, solicitando que fizessem um levantamento dos últimos seis anos. Diante das dificuldades encontradas em responder ao questionário, elaboramos e

---

\* Resultados de pesquisa apresentados no XX Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, durante o XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.



enviamos um novo roteiro, acompanhado de disquete, bem mais específico. Solicitou-se que o mesmo fosse devolvido até o dia 20 de junho. Neste, além das questões formuladas por Immacolata, acrescentamos outras de forma bastante sistematizada, que oportunizassem a coleta de dados adicionais para a análise e facilitassem a organização das informações pelas universidades.

Além dos constantes contatos telefônicos com as instituições, enviamos novo fax a elas dia 24 de junho, pois ainda não haviam dado retorno ao nosso pedido, justificando a demora com a dificuldade em organizar os dados, especialmente quanto ao grande número de informações que estávamos solicitando, pois as universidades não dispõem delas de forma sistematizada.

Só no final da primeira quinzena de julho começaram a chegar os dados das universidades maiores e que possuem os cursos mais antigos. Das instituições menores e com cursos novos conseguimos alguns dados por telefone ou fax. Das universidades do Paraná e de Santa Catarina não conseguimos praticamente nenhuma informação além daquelas apresentadas durante o V Sipec.

No dia 25 de julho iniciamos o processo de organização e análise dos dados resultantes da nossa investigação. Buscamos sistematizá-los de forma a permitir uma correta avaliação, pois nenhuma universidade enviou todas as informações solicitadas da graduação e da pós-graduação. Enviaram ou dados da graduação ou da pós-graduação (ou ambas incompletas) e em diferentes períodos, embora tivéssemos estabelecido como critério os últimos seis anos. Trabalhou-se, então, com dados parciais de todas as instituições. Como não foi estabelecido um órgão (financiador de pesquisa) no roteiro original, o qual usaríamos como critério para enquadrar as informações – como as linhas de pesquisa onde o projeto se encaixa e das quais resultam os temas de pesquisa, por exemplo – , tomou-se como referência para a classificação o assunto ou tema.

Mesmo diante do exposto, acreditamos que os dados selecionados, apesar de parciais, permitirão uma análise preliminar sobre a situação da pesquisa na região sul. As informações foram analisadas pelos mesmos critérios, mas de cada universidade individualmente. No final, avaliou-se a situação em cada Estado. Além disso, foram elaboradas tabelas para valorizar mais as informações..

O presente relatório está dividido por estados, a saber: Rio Grande do Sul; Santa Catarina; e Paraná. Os dados coletados nas universidades desses estados foram divididos em três partes: graduação - TCCs; pós-graduação; e outras pesquisas em andamento em 1997 – que não são TCCs ou trabalhos de pós-graduação. Somente esta última parte foi agrupada numa mesma tabela. Os outros dados foram analisados separadamente.

## Resultados

### I. Estado da pesquisa nas universidades da região sul

Conforme se pode ver na tabela 1, o Rio Grande do Sul é o estado que possui mais cursos de comunicação. Das treze universidades que oferecem o curso, onze são particulares e apenas duas públicas. Cinco cursos surgiram entre 1994 e 1996 (Unisc, Unicruz, UPF, Unijuí e Urcamp). Em Santa Catarina existem seis cursos de graduação em Comunicação Social, três deles em implantação (Joaçaba, Tubarão e Palhoça). O Paraná tem duas universidades particulares (PUC e Fiset), uma federal (UFPR) e duas estaduais (Ponta Grossa e Londrina).

Em nível de pós-graduação, observa-se que com exceção da Universidade Estadual de Londrina (UEL), que mantém dois cursos de especialização, um em parceria com os departamentos de Artes e de Línguas Venâculas e Clássicas, somente o Rio Grande do Sul possui cursos de pós-graduação. Três são *lato sensu* (especialização) e cinco *stricto sensu* (mestrado). Em Santa Catarina, a Universidade Federal tem estudos para a implantação de dois mestrados na área da comunicação. Enquanto isso, mantém parcerias com as áreas da Engenharia (Tecnológica) e das Ciências Humanas, especialmente Antropologia, Literatura e Artes, com muitos de seus professores desenvolvendo trabalhos de pós-graduação.

Tabela 1  
As universidades

Universidade	Resposta	Sem resposta	Instituição	Pós-graduação
<b>RS</b>				
PUC/RS	X		Privada/Confessional	E - M
UFRGS	X		Pública/Federal	M
Unisinos	X		Privada/Confessional	E-M
UCS		X	Privada	M
Ulbra		X	Privada/Confessional	X
UFSM	X		Pública/Federal	E-M
PUC/Pelotas		X	Privada	X
Unisc'	X		Privada	X
Unicruz'	X		Privada	X
UPF'	X		Privada	E
Unijuí'	X		Privada	X
Urcamp'		X	Privada	X
Feevale	X		Privada	X
<b>SC</b>				
UFSC		X**	Pública/Federal	X
UR-Blumenau	X		X	X
Uitajai		X	X	X
Joaçaba'		X	X	X
Tubarão'		X	X	X
Palhoça'		X	X	X
<b>PR</b>				
UFPR		X**	Pública/Federal	X
PUC/PR		X**	Privada/Confess.	X
UEPG		X	Pública/Estadual	X
UEL		X**	Pública/Estadual	E
Fiset		X	Privada	X

' Cursos novos em implantação

\*\* Dados extraídos do documento apresentado no V Sipeca da Região Sul.

## II. Rio Grande do Sul

### 1. Cursos de graduação – Trabalhos de conclusão de curso (TCCs)

#### a) Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Devido à diversidade de dados fornecidos pelas universidades gaúchas, optou-se por analisar cada instituição em separado, reunindo os dados em tabelas e procurando comparar as informações constantes em todas as universidades.

Conforme pode ser observado nas tabelas 2 e 3, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, desde 1951, quando teve início o curso de Jornalismo, já foram defendidos 1.397 Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs).

Tabela 2  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
Início dos cursos e número de alunos

Curso	Início	Formados	Alunos 1997
Jornalismo	1951	876	225
Publicidade e Propaganda	1970	393	234
Relações Públicas	1985	128	183
<b>Total</b>		<b>1.397</b>	<b>642</b>

Tabela 3  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
Temas dos TCCs concluídos e defendidos de 1989 a 1996

Ano	Assunto	Total
1989	Comunicação	19
	Literatura	1
	Administração de Empresas	2
	Cultura	1
	Cinema	1
1990	Comunicação	15
	Cinema	6
	Mercadologia	1
	Literatura	3
	Imprensa	1
	Relações Públicas	1
	Biblioteconomia	1
	Administração de Empresas	3
1991	Comunicação	23
	Psicologia	1
	Administração de Empresas	1
	Literatura	2
	Comunicação/Turismo	1
1992	Fotografia	1
	Comunicação	37
	Cinema	10
	Administração de Empresas	11
	Fotografia	7
	Semiologia	1
	Relações Públicas	6
Artes Gráficas	3	

	Literatura	2
	Meio Ambiente/ensino	1
	Ciência Política	1
	Sociologia	1
	Radiodifusão	5
	Publicidade e Propaganda	7
	Imprensa	7
	Turismo	1
	Mercadologia	2
	Música	1
	Ensino da Comunicação	2
	Psicologia	1

<b>1993</b>	Comunicação	5
	Mercadologia	3
	Imprensa	7
	Artes Gráficas/Computação	4
	Mercadologia	1
	Relações Públicas	2
	Radiodifusão	3
	Publicidade e Propaganda	4
	Língua Portuguesa	1
	Fotografia	1
	Cinema	1

<b>1994</b>	Comunicação	6
	Mercadologia	3
	Imprensa	13
	Publicidade e Propaganda	15
	Radiodifusão	9
	Relações Públicas	11
	Fotografia	4
	Música	4
	Literatura Infantil/Psicologia	1
	Indumentária	1
	Ciência Política	2
	Marketing	8
	Cinema	4
	Literatura Brasileira/Semiologia	2
	Artes Gráficas	1

<b>1995</b>	Comunicação	33
	Artes Gráficas	2
	Música	4
	Fotografia	2
	Comunicação Indumentária	1

	Arte	1
	Cinema	2
	Marketing	3
	Literatura	2
	Pesquisa Científica	1
	Imprensa	1
	Publicidade e Propaganda	1
	Relações Públicas	1
	Rádiodifusão	1

<b>1996</b>	Comunicação	24
	Literatura	2
	Cinema	3
	Filosofia	1
	Economia Internacional	1
	Fotografia	1
	Programação	1

<b>1997</b>	Comunicação	17
	Fotografia	2
	Cinema	1
	Administração de Empresas	1
	Artes Gráficas	1

Os principais temas que nortearam os trabalhos defendidos entre 1989 e 1996, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, foram: Comunicação (162 trabalhos), Imprensa (29), Cinema (27), Publicidade e Propaganda (26), Relações Públicas (21) e Administração de Empresas (17), conforme pode ser observado pela tabela 4.

Tabela 4  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
Temas norteadores dos TCCs defendidos de 1989 e 1997

Período	Tema	Total
1989-1997	Comunicação	162
	Imprensa	29
	Cinema	27
	Publicidade e Propaganda	26
	Relações Públicas	21
	Administração de Empresas	17

Conforme relatado no V Sipecc da Região Sul, as cerca de 320 monografias aprovadas nos últimos seis anos representam uma tendência: os temas enfatizam a imagem, a tecnologia, o rádio e o marketing.

### *b) Universidade Federal de Santa Maria*

Na Universidade Federal de Santa Maria, desde o ano de 1972, quando tiveram início os cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas, foram levados a efeito 757 TCCs, os quais, até a mudança de currículo ocorrida em 1988, constaram de relatórios de estágio e, a partir de então, são monografias e pesquisas experimentais, conforme mostra a tabela 5.

Tabela 5  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - UFSM  
Início dos cursos e número de alunos

Curso	Início	Formados	Alunos 1997*
Jornalismo	1972	350	88
Publicidade e Propaganda	1972	221	98
Relações Públicas	1972	186	89
<b>Total</b>		<b>757</b>	<b>275</b>

\* O ingresso anual é de 20 alunos por curso, num total de 60 por ano.

Entre os anos de 1991 e 1996 foram desenvolvidos 213 trabalhos de conclusão de curso, sendo 81 na área de Jornalismo, 74 em Publicidade e Propaganda e 58 em Relações Públicas, de acordo com os dados constantes na tabela 6.

Tabela 6  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - UFSM  
Temas dos TCCs concluídos e defendidos de 1991 a 1996

Ano	Jornalismo	Publicidade e Propaganda	Relações Públicas	Radialismo	Cinema	Total
1991	8	6	4	-	-	18
1992	10	7	8	-	-	25
1993	11	7	10	-	-	28
1994	13	18	12	-	-	43
1995	16	20	11	-	-	47
1996	23	16	13	-	-	52
<b>Total</b>	<b>81</b>	<b>74</b>	<b>58</b>	-	-	<b>13*</b>

\* Desde 1972 quando do início dos cursos já foram defendidos 757 TCCs.

Os principais temas que nortearam trabalhos na área do Jornalismo, de 1994 a 1996, foram Estudos de Recepção; Semiologia dos Discursos; Comunicação e Cultura; Ensino da Comunicação; Comunicação e Esporte; Comunicação e Ética, desenvolvidos em três linhas principais de pesquisa – Comunicação e Cultura; Semiologia dos Discursos; e Comunicação e Ética. Na área de Publicidade e Propaganda, os temas norteadores foram Estudos de Recepção; Comunicação e Imagem, Novas Tecnologias; Semiologia dos Discursos; Ensino da Comunicação; Ética; Comunicação e Marketing, desenvolvidos em três linhas de pesquisa – Novas Tecnologias; Estudos de Recepção e Comunicação e Marketing. Na área de Relações Públicas, os principais temas nos TCCs foram Comunicação Organizacional; Comunicação e Poder; Comunicação e Turismo; Estudos da Recepção; Comunicação e Esporte; Comunicação e Práticas Legitimatórias, desenvolvidos em três linhas – Comunicação e Práticas Legitimatórias; Comunicação Organizacional e Comunicação e Recursos Humanos (tabelas 7 e 8).

Tabela 7

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - UFSM**  
**Temas que nortearam os TCCs entre 1994 e 1996**

<b>Jornalismo</b>	<b>Publicidade e Propaganda</b>	<b>Relações Públicas</b>
Estudos de Recepção	Estudos de Recepção	Comunicação Organizacional
Semiologia dos Discursos	Comunicação e Imagem	Comunicação e Poder
Comunicação e Cultura	Novas Tecnologias	Comunicação e Turismo
Ensino da Comunicação	Ensino da Comunicação	Estudos da Recepção
Comunicação e Esporte	Semiologia dos Discursos	Comunicação e Esporte
Comunicação e Ética	Ética	Com. e Práticas Legitimatórias
--	Comunicação e Marketing	--

Tabela 8

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - UFSM**  
**Linhas de pesquisa dos TCCs entre 1994 e 1996**

<b>Jornalismo</b>	<b>Publicidade e Propaganda</b>	<b>Relações Públicas</b>
Comunicação e Cultura	Novas Tecnologias	Comunicação e Práticas Legitimatórias
Semiologia dos Discursos	Estudos de Recepção	Comunicação Organizacional
Comunicação e Ética	Comunicação e Marketing	Comunicação e Recursos Humanos

Quanto a metodologia dos TCCs, a tabela 9 mostra que na área do Jornalismo a preferência foi pelos trabalhos experimentais e qualitativos; na área de Publicidade e Propaganda os alunos optaram em sua maioria pelos trabalhos qualitativos, o mesmo aconteceu na área de Relações Públicas.



Tabela 9  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - UFSM**  
**Metodologias dos TCCs entre 1994 e 1996**

Metodologia	Jornalismo	Publicidade e Propaganda	Relações Públicas	Total
Experimental	22	6	3	29
Qualitativa	20	40	29	87
Quantitativa	4	1	-	3
Exploratória	-	3	-	3
Bibliográfica	6	4	4	12
<b>Total</b>	<b>52</b>	<b>54</b>	<b>36</b>	<b>134</b>

*c) Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos*

Na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, desde o início das atividades dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações, em 1973, 2.624 alunos já colaram grau (tabela 10).

Tabela 10  
**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS**  
**Início dos cursos e número de alunos**

Curso	Início	Formados	Alunos 1997
Jornalismo	1973	1085	639
Publicidade e Propaganda	1973	923	923
Relações Públicas	1973	616	300
<b>Total</b>		<b>2.624</b>	<b>1862</b>

Entre os anos de 1991 e 1996 foram realizados 900 TCCs, sendo 354 em Jornalismo, 364 em Publicidade e Propaganda e 182 em Relações Públicas, conforme atesta a tabela 11.

Tabela 11  
**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS**  
**Temas dos TCCs concluídos e defendidos de 1991 a 1996**

<b>Ano</b>	<b>Jornalismo</b>	<b>Publicidade e Propaganda</b>	<b>Relações Públicas</b>	<b>Radialismo</b>	<b>Cinema</b>	<b>Total</b>
1991	44	65	34	-	-	143
1992	70	71	25	-	-	166
1993	78	73	40	-	-	191
1994	82	85	47	-	-	214
1995	50	40	27	-	-	117
1996	30	30	9	-	-	69
<b>Total</b>	<b>354</b>	<b>364</b>	<b>182</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>900</b>

O curso de jornalismo tem três linhas de pesquisa: Teoria e Ética da Comunicação; Linguagem da Comunicação e História da Comunicação (tabela 12).

Tabela 12  
**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS**  
**Linhas de pesquisa dos TCCs**

<b>Jornalismo</b>	<b>Publicidade e Propaganda</b>	<b>Relações Públicas</b>
Teoria e Ética da Comunicação	-	-
Linguagem da Comunicação	-	-
História da Comunicação	-	-

Os principais temas que nortearam os trabalhos nas três habilitações foram: Comunicação de Massa; Linguagem Técnica e Produção Jornalística em Rádio, TV e Impresso; Histórico e Evolução de Periódicos; Projetos Comunitários e Comunicacionais; Mídia e Recepção e Análise e Linguagem de Projeto Gráfico (tabela 13).

Tabela 13  
**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS**  
**Temas e linhas de pesquisa que nortearam os TCCs nas três habilitações**

Temas
Comunicação de Massa
Linguagem, Técnica e Produção Jornalística em Rádio, Televisão e Impresso
Histórico e Evolução de Periódicos
Projetos Comunitários Comunicacionais
Análise e Linguagem de Projeto Gráfico
Mídia e Recepção

*d) Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC/RS*

Na PUC/RS, entre os anos de 1991 e 1996, foram realizados 995 TCCs, sendo que, dos anos de 1993 e seguintes, só foram fornecidas informações referentes aos trabalhos com nota superior a 8,5 (tabela 14).

Tabela 14  
**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL – PUC/RS**  
**Trabalhos de conclusão de curso (TCCs) defendidos entre 1991 e 1996**

Ano	Jornalismo	Publicidade e Propaganda	Relações Públicas	Total
1991	63	50	55	168
1992	70	74	58	202
1993	42	69	64	175
1994	54	66	51	171
1995	47	64	30	141
1996	30	75	33	138
<b>Total</b>	306	398	291	995

A partir de 1993 só foram computados os trabalhos com nota superior a 8,5.

Na área do Jornalismo, os temas que nortearam a pesquisa dos TCCs foram, conforme a Tabela 16A: Mídia Impressa; Teoria da Comunicação; Cinema; Televisão; Semiótica e Tecnologia. Estes foram desenvolvidos em oito linhas de pesquisa, ou seja: Mídia Impressa; Teoria da Comunicação; Cinema; Televisão; Semiótica, Tecnologia, Rádio e Fotografia, conforme evidência a tabela 15.

Em Publicidade e Propaganda, os temas que mais subsidiaram pesquisas de final de curso foram, segundo indica a Tabela 16A: Estudos Culturais; Mercá-

dologia/Marketing; Cinema/Televisão – Indústria Audiovisual; Design Básico/Comunicação Visual; Promoção Institucional (marketing esportivo, cultural, político); Arte e Produção Gráfica; Atendimento, Cultura e Novas Tecnologias; Psicologia; Mídia; Recepção e Meios de Comunicação. Os temas foram desenvolvidos em sete linhas de pesquisa (áreas nas quais se enquadram os professores do curso): Mídia; Marketing; Artes Gráficas; Psicologia; Ciências da Comunicação; Agências, Ética e Legislação; e Criatividade, como mostra a Tabela 15A.

Na área de Relações Públicas, os principais temas dos TCCs foram Marketing; Mercosul; Mercadologia; Turismo e Campanhas, desenvolvidos em nove linhas de pesquisa – Administração da Comunicação; Relações Públicas na Área Privada; Comunicação Organizacional; Relações Humanas; Marketing Cultural e Político; Política e Tendências da Administração; Assessoria de Imprensa; Relações Públicas e Negociação; Relações Públicas e as Relações no Mundo do Trabalho. Os dados do curso de Relações Públicas quanto à pesquisa no âmbito dos TCCs, na PUC/RS podem ser visualizados nas tabelas 15 e 16.

Tabela 15

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL – PUC/RS**  
**Linhas de pesquisa dos TCCs**

<b>Jornalismo</b>	<b>Publicidade e Propaganda</b>	<b>Relações Públicas</b>
Teoria da Comunicação	Mídia	Administração da Comunicação
Tecnologia	Marketing	Relações Públicas na Área Privada
Semiótica	Artes Gráficas	Comunicação Organizacional
Mídia Impressa	Psicologia	Relações Humanas
Televisão	Ciências da Comunicação	Marketing Cultural e Político
Rádio	Agência, Ética e Legislação	Políticas e Tendências da Administração
Cinema	Criatividade	Assessoria de Imprensa
Fotografia		Relações Públicas e Negociação
		Relações Públicas e Relações no Mundo do Trabalho

Tabela 16  
**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL – PUC/RS**  
**Temas que nortearam os TCCs**

<b>Jornalismo*</b>	<b>Publicidade e Propaganda**</b>	<b>Relações Públicas***</b>
Mídia Impressa	Estudos Culturais	Marketing
Televisão	Mercadologia/Marketing	Mercosul
Teoria da Comunicação	Cinema, Televisão, Audiovisual	Mercadologia
Cinema	Design Básico Comunicação Visual	Turismo
Semiótica	Promoção Institucional	Campanhas
Tecnologia	Arte e Produção Gráfica	
	Atendimento - Cultura	
	Novas Tecnologias - Psicologia	
	Mídia, Recpeção e Meios de comunicação	

\*Período: 1994 a 1996

\*\*1993 a 1997

\*\*\*1993 a 1996

**e) Universidade de Passo Fundo – UPF**

Na Universidade de Passo Fundo (UPF), cujos cursos tiveram início em 1996, ainda não existem linhas de pesquisa e nem TCC defendidos (tabela 17).

Tabela 17  
**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS**  
**Início dos cursos e número de alunos**

<b>Curso</b>	<b>Início</b>	<b>Formados</b>	<b>Alunos em 1997</b>
Jornalismo	1996	X	90
Publicidade e Propaganda	1996	X	102
Relações Públicas	1996	X	75

**f) Universidade de Cruz Alta - Unicruz**

Também na Universidade de Cruz Alta os cursos iniciaram em 1996, não existindo ainda linhas de pesquisa nem TCCs defendidos (tabela 18).

Tabela 18  
**UNIVERSIDADE DE CRUZ ALTA - UNICRUZ**  
**Início dos cursos e número de alunos**

Curso	Início	Formados	Alunos em 1997
Jornalismo	1996	-	-
Publicidade e Propaganda	1996	-	-
Relações Públicas	1996	-	-

*g) Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul - Unijuí*

Tendo iniciado seu curso de comunicação apenas em 1995 (tabela 19), a Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul (Unijuí) já instituiu três linhas de pesquisa: Comunicação Rural; Comunicação e Cultura e Comunicação e Educação.

Tabela 19  
**UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO RIO GRANDE DO SUL - UNIJUI**  
**Início dos cursos e número de alunos**

Curso	Início	Formados	Alunos em 1997
Jornalismo	1995	-	77
Publicidade e Propaganda	1995	-	69
Relações Públicas	1995	-	53

*h) Universidade de Santa Cruz do Sul - Unisc*

A Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc) oferece os cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda desde 1994 e o de Relações Públicas desde 1996 (tabela 20) e, por isso, também não contabiliza TCCs.

Tabela 20  
UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL - UNISC  
Início dos cursos e número de alunos

Curso	Início	Formados	Alunos em 1997
Jornalismo	1994	-	65
Publicidade e Propaganda	1994	-	71
Relações Públicas	1996	-	36

Embora as linhas de pesquisa ainda estejam em discussão, elas, nas três áreas, apontam para: Comunicação; Teoria e Ética da Comunicação; Comunicação Impressa e Eletrônica; Comunicação Comunitária; Comunicação Rural; Mídia, Arte e Cultura; Comunicação Organizacional; Mídia, Política e Religião; Novas Tecnologias e Novos Mercados em Comunicação (tabela 21).

Tabela 21  
UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL - UNISC  
Linhas de pesquisa nas três habilitações\*

Cursos	Linhas de pesquisa
Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas	Comunicação
	Teoria e Ética da Comunicação
	Comunicação Impressa e Eletrônica
	Comunicação Comunitária
	Comunicação Rural
	Mídia, Arte e Cultura
	Comunicação Organizacional
	Mídia, Política e Religião
Novas Tecnologias	
Novos Mercados em Comunicação	

\*Linhas de pesquisa ainda em discussão.

### *i) Feevale*

Na Federação de Estabelecimentos de Ensino Superior em Novo Hamburgo (Feevale) é ministrado somente o curso de Relações Públicas, iniciado em 1970, sendo que as pesquisas convergem para o tema da pesquisa de opinião, embora esta não esteja instituída oficialmente.

## 2. Cursos de pós-graduação

### a) *Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS*

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) possui Mestrado na área de Comunicação e Informação, contando com 33 alunos. As linhas de pesquisa são: Indústrias Culturais no Cone Sul; Mídia e Estudos Culturais e Informação e Novas Tecnologias (tabela 22). É importante salientar que, como o início do Mestrado ocorreu em 1995, ainda não há trabalhos defendidos. O curso conta com um total de onze bolsas, sendo sete do CNPq, três da Propesp/Pibic e uma da Fapergs. Oito dessas bolsas são concedidas para alunos do curso de Mestrado.

Tabela 22  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS  
Cursos de mestrado

Áreas de concentração	Linhas de pesquisa
Comunicação e Informação	Indústrias Culturais no Cone Sul
	Mídia e Estudos Culturais
	Informação e Novas Tecnologias

### b) *Universidade Federal de Santa Maria - UFSM*

A Universidade Federal de Santa Maria conta com um curso de Especialização denominado Teoria e Estratégias de Comunicação, seguindo as linhas de pesquisa: Teorias de Comunicação; Estratégias de Comunicação e Metodologias de Comunicação. A instituição conta também com um curso de Mestrado Interinstitucional em Comunicação e Cultura, através de convênio com a UFRJ, seguindo as linhas de pesquisa: Comunicação e Discurso; Comunicação e Sistemas de Pensamento; Comunicação e Sociedade e Comunicação e Sujeito. A área de concentração está voltada à Comunicação e Cultura (tabela 23).



Tabela 23  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO DE SANTA MARIA – UFSM**  
**Cursos de pós-graduação**

Curso	Áreas de concentração	Linhas de pesquisa
Especialização	Teoria e Estratégias de Comunicação	Teorias da Comunicação
		Estratégias de Comunicação
		Metodologia de Comunicação
Mestrado	Comunicação e Cultura	Comunicação e Discurso
		Comunicação e Sistemas de Pensamento
		Comunicação e Sociedade
		Comunicação e Sujeito

Cabe ressaltar que o curso de pós-graduação *lato sensu*, iniciado em 1996, já teve dez trabalhos concluídos, ao passo que o *stricto sensu* ainda não possui trabalhos defendidos, por ter sido criado em 1997 (tabela 24). Quanto ao apoio financeiro, o curso de Mestrado possui um total de dezoito bolsas parciais, oriundas da Capes.

Tabela 24  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO DE SANTA MARIA – UFSM**  
**Pesquisas já realizadas**

Curso/Início	Área de concentração	Linha de pesquisa	Trabalhos defendidos
Especialização/1996	Teorias e Estratégias de Comunicação	Estratégias de Comunicação	10
Mestrado/1997	Comunicação e Cultura	-	-

### ***c) Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos***

A Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos oferece um curso de especialização denominado Curso de Comunicação para a Pastoral, contando com um total de 96 alunos. O curso concentra-se nas áreas de Comunicação e Artes e Técnica e Produção Jornalística, seguindo a linha de pesquisa de Teoria, Técnica e Produção Jornalística. O curso de mestrado, por sua vez, conta com 57 alunos e concentra-se na área de Semiótica, seguindo a linha de pesquisa de Mídia e Recepção (tabela 25). Em relação às pesquisas já realizadas na pós-graduação, o Mestrado possui um trabalho defendido na linha Mídia e Recepção, com o tema voltado à Semiótica e à Música.

Tabela 25  
**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS**  
 **Cursos de pós-graduação**

Curso	Áreas de concentração	Linhas de pesquisa	Trabalhos defendidos
Especialização	Comunicação e Artes	Teoria, Técnica e Produção Jornalística	
	Técnica e Produção Jornalística		
Mestrado	Semiótica	Mídia e Recepção	1

Outros assuntos que estão em desenvolvimento no Mestrado são: Linguagem; Mídia e Recepção, com dois trabalhos em andamento; Processos Intersemióticos, com oito trabalhos em andamento e Estudos Cognitivos e Tecnologia da Informação, com dois trabalhos em andamento (tabela 26).

Quanto às bolsas, o mestrado conta com quatro vindas do CNPq e sete oriundas de outras instituições.

Tabela 26  
**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS**  
 **Pesquisas em andamento**

Assunto	Total
Linguagem, Mídia e Recepção	2
Processos Intersemióticos	8
Estudos Cognitivos e Tecnologia da Informação	2

#### **d) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC/RS**

A Pontifícia Universidade Católica (PUC/RS) conta com um curso de pós-graduação *strictu senso*, concentrado em Comunicação, Linguagem e Cultura, seguindo estas linhas de pesquisa: Cultura e Tecnologia das Mídias; Linguagem e Produção de Sentido em Comunicação; Comunicação; Linguagem e Poder nas Organizações e Teorias da Comunicação. A instituição também oferece curso de Especialização em Teoria do Jornalismo e Comunicação de Massa (tabela 27).

Tabela 27  
**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL – PUC/RS**  
**Cursos de Pós-Graduação**

<b>Curso</b>	<b>Área de concentração</b>	<b>Linhas de pesquisa</b>
Especialização	--	--
Mestrado	Comunicação, Linguagem e Tecnologia	Cultura e Tecnologia das Mídias
		Linguagem e Produção de Sentido em Comunicação
		Comunicação, Linguagem e Poder nas Organizações
		Teorias da Comunicação

Não foram fornecidas informações sobre o curso de especialização.

***e) Universidade de Passo Fundo - UPF***

A Universidade de Passo Fundo ofereceu em 1996 um curso de especialização denominado Comunicação Social: Trajetórias e Perspectivas, concentrado na área de Ciências da Comunicação, seguindo a linha de pesquisa de Trajetórias, Perspectivas e Regionalização (tabela 28).

Tabela 28  
**UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO – UPF**  
**Curso de especialização**

<b>Curso</b>	<b>Área de concentração</b>	<b>Linhas de pesquisa</b>
Comunicação Social: Trajetórias e Perspectivas	Ciências da Comunicação	Trajetórias, Perspectivas e Regionalização

Em relação às pesquisas em andamento, na área de concentração de Regionalização, existem trabalhos voltados aos Estudos dos Processos Regionais, mas nenhum está defendido (tabela 29).

Tabela 29  
**UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO – UPF**  
**Curso de especialização**

Curso	Área de concentração	Assunto	Trabalhos defendidos
Especialização	Regionalização	Estudo dos Processos Regionais de Comunicação	--

### 3. Outras pesquisas

Foi possível também levantar as pesquisas atualmente em andamento nas universidades do Rio Grande do Sul, dentre as quais a maioria é levada à efeito por equipes acadêmicas, como na Universidade Federal de Santa Maria, ou individualmente pelos professores, como na Unisinos e na Unicruz, entre outras universidades. Algumas dessas pesquisas contam com alunos bolsistas (tabela 30). Um dos aspectos que chama atenção nessa tabela são as pesquisas interinstitucionais realizadas entre si pela UFRGS, a Universidade Federal de Santa Maria e a UNISC. A UPF participa de um projeto com a Metodista de São Bernardo do Campo.

Tabela 30  
**OUTRAS PESQUISAS EM ANDAMENTO**  
**NOS CURSOS DE COMUNICAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL**

	UFRGS	Unisinos	UFSM	Unisc	UPF	Unijuí	Unicruz	TOTAL
Equipe/Acadêmica/Institucional	6	0	22	0	0	0	0	28
Acadêmica/Particular	1	11	0	1	1	1	6	21
Equipe/Acadêmica/Intennstucional	1	0	1	1	1	0	0	04
Total	8	11	24	2	2	2	6	53

\*Algumas dessas pesquisas possuem alunos bolsistas.

A grande maioria das pesquisas em andamento tem metodologia qualitativa, sendo realizadas também pesquisas quantitativas, históricas e pesquisas que aliam mais de um método como está disposto na tabela 31.

Tabela 31  
**METODOLOGIA DAS PESQUISAS EM ANDAMENTO  
 NOS CURSOS DE COMUNICAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL**

Metodologia	UFRGS	Unisinos	UFSM	Unisc	UPF	Total
Exploratória	0	1	1	0	0	02
Histórica	0	2	3	0	0	05
Qualitativa	3	3	13	0	2	21
Qualitativa/quantitativa	2	0	4	1	0	07
Histórica/quantitativa	1	0	0	1	0	02
Histórica/qualitativa	0	2	0	0	0	02
Quantitativa	0	0	2	0	0	02
(?)	2	3	0	0	0	05
<b>Total</b>	<b>8</b>	<b>11</b>	<b>23</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>46</b>

Das 53 pesquisas levantadas, que estão em desenvolvimento nos cursos de comunicação das universidades gaúchas, 51 são financiadas por instituições de fomento à pesquisa. Como pode ser observado na tabela 32, a maioria, ou seja, 25 delas são financiadas por órgãos de fomento locais, 13 pelas Capes, nove pelo CNPq e quatro pela Fapergs.

Tabela 32  
**APOIO ÀS PESQUISAS EM ANDAMENTO  
 NOS CURSOS DE COMUNICAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL**

Órgão	UFRGS*	Unisinos	UFSM	Unisc	UPF	Unijuí	Unicruz	Total
CNPq	5	0	3	0	0	1	0	09
Fapergs	1	0	2	1	0	0	0	04
Capes	0	1	12	0	0	0	0	13
Fomento local	0	10	06	1	1	1	6	25
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>11</b>	<b>23</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>6</b>	<b>51</b>

\*A própria Universidade também financia pesquisas, mas não foi especificado quantas. Segundos dados do V Sipecc da Região Sul, a UFRGS tem 26 bolsistas.

Quanto ao âmbito de realização da pesquisa em andamento, como pode ser observado na tabela 33, de um total de 224 pesquisas, mais da metade, ou seja, 154 referem-se a TCCs. Em segundo lugar vêm as pesquisas de iniciação científica financiadas pelo Pibic/CNPq, órgãos de financiamento regional (Fapergs) ou locais que somam 38 trabalhos. Em terceiro e quarto lugar aparecem as pesquisas realizadas nas disciplinas e no Programa Especial de Treinamento – PET da

Universidade Federal de Santa Maria, com doze bolsistas que desenvolvem projetos de iniciação científica sob a orientação de um professor tutor.

Tabela 33  
**ÂMBITO DE REALIZAÇÃO DAS PESQUISAS EM ANDAMENTO  
 NOS CURSOS DE COMUNICAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL\***

Âmbito	UFRGS	Unisinós	UFSC	Unisc	UPF	Unijuí	Unicruz	Total
Iniciação científica**	6	10	11	2	2	1	6	38
PET	-	-	12	-	-	-	-	12
Conclusão de curso***	33	69	52	-	-	-	-	154
Na disciplina	-	11	9	-	-	-	-	20
<b>Total</b>	<b>39</b>	<b>90</b>	<b>84</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>6</b>	<b>224</b>

\*Não foram computados os dados da PUC/RS.

\*\*Consideradas as pesquisas financiadas pelo Pibic/CNPq, Fapergs e agências de fomento local.

\*\*\*Foram considerados para efeito de comparação os TCCs defendidos em 1996.

### III. Pós-graduação na Universidade Federal de Santa Catarina

Não obtivemos retorno quanto aos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) e nem de outras pesquisas das universidades do estado de Santa Catarina. Por isso, fazemos aqui apenas uma pequena análise da situação da pós-graduação na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a partir de informações coletadas no V Sipec da Região Sul.

Santa Catarina é um estado com características atípicas em nível de pós-graduação quando considerados os outros dois estados da região sul (Rio Grande do Sul e Paraná). O Departamento de Comunicação da UFSC ainda não oferece Pós-Graduação, mas está estudando a implantação de dois cursos de mestrado. O departamento buscou estabelecer parcerias com outras áreas do conhecimento, concretamente a Tecnológica (Engenharias) e a de Ciências Humanas (Antropologia, Literatura e Artes).

Os professores da área de jornalismo, além da aproximação com o campo das engenharias, que trouxe resultados significativos para o Curso de Comunicação (tabela 34), também firmaram parcerias com a área de Linguística (tabela 35), onde professores realizaram seus trabalhos de pós-graduação.

Tabela 34  
**Comunicação social e o campo das engenharias**

Resultado da aproximação	Projeto
Núcleo de Pesquisa em Produção Jornalística apoiada em Computador	O uso da internet como ferramenta de trabalho no jornalismo
Mestrado com abordagem pluridisciplinar – objeto: a informação jornalística	Professores de comunicação vão atuar no mestrado em Engenharia da Criação e da Informação
Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção	Linha de pesquisa: Mídia e Conhecimento (três disciplinas específicas)

Tabela 35  
**Comunicação social e a lingüística**

Resultado da aproximação	Trabalhos
Produção de teses	Humor do Barão de Itararé O discurso político recente O texto da revista <i>Veja</i>

A primeira aproximação com as engenharias foi a criação de um Núcleo de Pesquisa em Produção Jornalística Apoiada em Computador. A segunda é um estudo para colocar em funcionamento um mestrado com abordagem pluridisciplinar, tendo por objeto a informação jornalística. Já a pós-graduação em engenharia de produção oferece uma linha de pesquisa denominada Mídia e Conhecimento, que possui três disciplinas específicas da comunicação, conforme mostra a tabela 34.

O primeiro mestrado deve surgir do Laboratório de Estudos Culturais (LEC) – aproximação com a antropologia –, com a oferta de quatro linhas de pesquisa: Fenômenos culturais na sociedade contemporânea; Relação comunicação e imaginário; Expressão audiovisual e outras formas de narrativa (tabela 36). O LEC já ofereceu Especialização, com o apoio de professores de outras áreas, e que deverá ser transformado em outro Mestrado.

Tabela 36  
**Aproximação com a antropologia, a literatura e as artes**

Curso	Linha de pesquisa
Especialização	-
Mestrado (a ser implantado)	Fenômenos culturais na sociedade contemporânea Relação comunicação e imaginário Expressão audiovisual Outras formas de narrativas

Nas tabelas 37 e 38, respectivamente, pode-se observar que os temas que nortearam os trabalhos de pós-graduação dos professores tanto da área de jornalismo quanto do LEC são bastante diversificados. Esta diferença evidencia-se com mais veemência nos trabalhos produzidos pelos docentes do LEC, pela aproximação dos docentes com as Ciências Humanas. Dos dez trabalhos realizados por professores da área do jornalismo e computados nesta pesquisa, nove possuem enfoque restrito ao tema da comunicação e apenas um trabalho buscou embasamento na literatura (tabela 37), enquanto que no LEC foram desenvolvidos assuntos em diversas áreas, destacando-se dentre eles: Tele-amizade; Jornalismo infantil; Imagem; Homossexualidade; e Estudos de Caso (tabela 38).

Tabela 37  
Trabalhos de professores em nível de pós-graduação

Assunto	Total
Literatura	1
Ensino do jornalismo	1
Rádio	2
Interferência da informação jornalística	1
Mídia impressa	2
Novas tecnologias	1
Ética	1
Opinião Pública	1
Total	10

Tabela 38  
Trabalhos de pós-graduação realizados por professores

Laboratório de Estudos Culturais	Pesquisas
	Tele-amizade (tecnologias de comunicação interpessoal)
	A propaganda dos fast-food
	A publicidade da Benetton
	Cinema
	Jornalismo infantil
	Recepção da comunicação de massa pelo público infantil
	Estudo etnográfico sobre os jornalistas de São Paulo
	Construção da imagem pública de Ayrton Senna após sua morte
	As relações de gênero na comunicação
	Homossexualidade
	Relações amorosas e eróticas



Embora ainda não tenha mestrado no departamento, o Curso de Comunicação é ainda subsidiado por outras áreas, como mostram as tabelas 39 e 40. O Curso de Pós-Graduação em Antropologia oferece uma linha de pesquisa denominada Cultura e Comunicação. Outros trabalhos foram produzidos na área da pós-graduação em Sociologia Política, apesar de esta não ter uma linha de pesquisa voltada à comunicação. Os nove trabalhos realizados na área da sociologia política referem-se à área da comunicação especificamente, alguns com enfoque mais amplo que outros (tabela 40).

Tabela 39  
**Aproximação com a antropologia social e a literatura**

<b>Resultado da aproximação</b>	<b>Trabalhos</b>
Curso de Pós-Graduação em Antropologia	Linha de pesquisa: Cultura e comunicação

Tabela 40  
**Aproximação com a sociologia política**

<b>Resultado da aproximação</b>	<b>Trabalhos</b>
Não oferece linha de pesquisa específica na pós-graduação	1 - O jornalismo como forma de conhecimento 2 - Rádios livres 3- Movimento pela democratização da comunicação 4 - A Internet em Santa Catarina 5 - A cobertura da ecologia na <i>Gazeta Mercantil</i> 6 - O marketing dos sindicatos 7 - O controle da mídia pelas elites do Estado 8 - O código nacional de telecomunicações 9 - A implantação da RBS em Santa Catarina

Outra parceria existe com o curso de Psicologia (tabela 41).

Tabela 41  
**Aproximação com a psicologia**

<b>Resultado da aproximação</b>	<b>Projetos/pesquisas</b>
Laboratório de Psicologia da Comunicação (1989)	Recepção de revistas femininas
	Recepção de rádios AM
	Recepção de telenovelas
	O papel da mídia na representação social da AIDS

#### IV. Paraná

##### 1. Cursos de graduação – Trabalhos de conclusão de curso (TCCs)

Sobre os TCCs só obtivemos dados da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Podemos observar, na tabela 42, que ela oferece, desde 1985, o curso de jornalismo. Até 1996 haviam se formado 289 alunos.

Tabela 42  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA – UEPG  
Curso e números de alunos

Curso	Início	Formados	Alunos em 1997
Jornalismo	1985	289	148

Os TCCs foram realizados nas seguintes linhas de pesquisa: Comunicação Comunitária; Comunicação e Educação; e Jornalismo Aplicado (tabela 43).

Tabela 43  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA – UEPG  
Linhas de pesquisa dos TCCs

Jornalismo	Linhas de pesquisa
	Comunicação comunitária
	Comunicação e educação
	Jornalismo aplicado

Os temas que embasaram a maioria dos 101 TCCs defendidos de 1991 a 1996 foram: Meninos de rua, Ecologia, Saúde, História da imprensa, Fotojornalismo, Ética na comunicação; e Meios de Comunicação e Religião (tabela 44).

Tabela 44  
**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA – UEPG**  
**Temas que nortearam 101 TCCs**

<b>Jornalismo</b>	<b>Temas</b>
	Meninos de rua
	Ecologia
	Saúde
	História da imprensa
	Ética na comunicação
	Meios de comunicação e religião
	Fotojornalismo

## 2. Cursos de pós-graduação

Assim como o Estado de Santa Catarina, o Paraná também apresenta um quadro tímido na área da pós-graduação, sem cursos de mestrado e doutorado em comunicação.

A Universidade Estadual de Londrina (UEL) oferece dois cursos de especialização, intitulados Relações Públicas Empresariais e Discurso Fotográfico, este último em parceria com os Departamentos de Arte e Línguas Vernáculas e Clássicas (tabela 45). Dois professores da UEL realizaram trabalhos de pós-graduação em Paris e na Universidade de São Paulo.

Tabela 45  
**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA - UEL**  
**Cursos de especialização**

<b>Curso</b>	<b>Nome</b>
Especialização	Relações públicas empresariais
	Discurso fotográfico*

\* Em parceria com os departamentos de Arte e de Línguas Vernáculas e Clássicas.

Em geral, os professores de comunicação das universidades paranaenses buscam especialização em outras áreas do conhecimento, na Universidade Federal do Paraná ou em instituições fora do Estado, e em diferentes temas. Os docentes da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR), por exemplo, realizaram trabalhos de especialização nos temas Mercado; Ética na Comunicação; e Mídia Impressa (tabela 46).

Tabela 46  
**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ – PUC/PR**  
**Especialização dos docentes**

<b>Especialização</b>	<b>Assunto</b>
	Mercado
	Ética na comunicação
	Mídia Impressa

Já na Universidade Federal do Paraná (UFPR), os professores buscam sua especialização em outros departamentos, especialmente na Sociologia, na Administração de Empresas e na Lingüística. Embora os trabalhos dos professores, em sua maioria, sejam realizados fora da área da comunicação, os temas que norteiam os trabalhos específicos são: Comunicação e política; Imprensa sindical; Dialógica jornalística; e Abordagem pragmática. A metodologia predominante é a qualitativa. Apenas um enquadra-se na bibliográfica. Dos seis trabalhos apresentados nos últimos três anos, três foram financiados pela Capes, um pelo CNPq e um pelo Banco do Brasil, todos em nível de mestrado (tabela 47).

Tabela 6C  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**  
**Trabalhos de mestrado realizados**

<b>Assunto</b>	<b>Metodologia</b>	<b>Pesquisa</b>	<b>Instituição</b>	<b>Apoio</b>
Dialógica jornalística	Análítica qualitativa	Dissertação	Sociologia (UFPR)	CNPq
Imprensa sindical	Análítica qualitativa	Dissertação	Administração de Empresas (UFPR)	--
Internacionalização	Bibliográfica	Dissertação	Lingüística (UFPR)	Capes
Linguagem	Análítica qualitativa	Dissertação	Lingüística (UFPR)	Banco Brasil
Abordagem pragmática	Análítica qualitativa	Dissertação	Lingüística (UFPR)	Capes
Comunicação e Política	Análítica qualitativa	Dissertação	Jornalismo (ECA-USP)	Capes

### 3. Outras pesquisas

As pesquisas realizadas no âmbito da Universidade Federal do Paraná (UFPR), da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e da Universidade Estadual de Londrina (UEL), sistematizadas neste trabalho, são classificadas como de iniciação científica e acadêmicas. Nove são realizadas em equipe e duas delas são particulares do professor, conforme mostra a tabela 48.

Tabela 48  
Outras pesquisas em andamento

Classificação	UFPR	UEPG	UEL	PUC	Total
Acadêmica/De equipe	-	5	4	-	9
Acadêmica/Particular	-	-	2	-	2
<b>Total</b>	-	5	6	-	11

Os temas que nortearam estes trabalhos na UEPG são Mídia e política; Mídia e cultura; Mercado de trabalho; e Arte/Mídia e religião. Já na UEL, os assuntos que embasaram os trabalhos foram: Atividade de lazer; Movimento negro; Rádio, Comunicação e Política e Turismo. Ainda, conforme mostra a Tabela 11C, na UFPR os temas das pesquisas em andamento são: Comunicação interna e externa; Relações públicas e Internet; Gestão ambiental - PP/RP; Satisfação moral; Produção e recepção; e Influência publicitária (tabela 49).

Tabela 49  
Temas norteadores dos trabalhos em andamento em 1997

UFPR	UEPG	UEL
Comunicação interna e externa	Mídia e Política	Atividade de Lazer
Relações e Internet	Mídia e Cultura	Movimento Negro
Gestão Ambiental - PP/RP	Mercado de Trabalho	Rádio
Satisfação moral	Arte/Mídia e Religião	Comunicação e Política
Produção e recepção		Turismo
Influência publicitária		

Quanto à metodologia utilizada para a realização destas pesquisas, a maior parte enquadra-se no método qualitativo (tabela 50), seguido da bibliográfica/histórica e da histórica. Outros trabalhos foram realizados utilizando-se a metodologia quantitativa e histórica/investigativa. Enquanto na UEL se destaca a qualitativa, na UEPG sobressai-se a bibliográfica/histórica.

Tabela 50  
Metodologia das pesquisas em andamento

Metodologia	UFPR	UEPG	UEL	PUC	Total
Qualitativa	-	1	3	-	4
Histórica	-	-	2	-	2
Histórica/Investigativa	-	-	1	-	1
Bibliográfica/Histórica	-	3	-	-	3
Quantitativa	-	1	-	-	1
<b>Total</b>	-	5	6	-	11

O apoio para as pesquisas em andamento nas universidades paranaenses provém especialmente de agências de fomento locais, conforme fica evidenciado na tabela 51: de doze trabalhos financiados, onze recebem apoio local e apenas um recebe auxílio de outro órgão (empresa particular). Das universidades que enviaram informações, somente a UEPG recebe recursos do CNPq.

Tabela 13C  
Apoio nas pesquisas em andamento

Órgão	UFPR	UEPG*	UEL	PUC	Total
CNPq	-	-	-	-	-
Capes	-	-	-	-	-
Fomento local	05	-	06	-	11
Outros	01	-	-	-	01
<b>Total</b>	<b>06</b>	-	<b>06</b>	-	<b>12</b>

\*A UEPG recebe apoio do CNPq, mas não informou quantas bolsas recebe.

## V. Conclusões

### 1. Rio Grande do Sul

A pesquisa em comunicação no Rio Grande do Sul tem tido um crescimento significativo tanto no âmbito da graduação quanto no da pós-graduação. O surgimento de cinco novos cursos de graduação entre 1994 e 1996 ainda não provocou alterações no índice de pesquisa, mesmo porque esses cursos ainda não

formaram nenhuma turma, não possuindo Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) defendidos, além de estarem estão iniciando a prática da pesquisa em nível de iniciação científica na graduação.

A pesquisa é realizada principalmente nas universidades mais antigas e já consolidadas, como a UFRGS, a PUC/PR, a UFSM e a Unisinos. Se considerarmos o âmbito de realização da pesquisa em andamento na graduação, veremos que atualmente apenas pouco mais da metade das investigações é composta pelos TCCs, mostrando que o Estado avança no sentido de uma sistematização da pesquisa na graduação. De um total de 224 pesquisas em andamento, cerca de 23% (cinquenta pesquisas) são realizadas em nível de iniciação científica com apoio de órgãos de fomento como CNPq, Capes, Fapergs ou da própria universidade. Além disso há uma proporção considerável de pesquisas realizadas no âmbito das disciplinas, especialmente na UFSM.

Os esforços empreendidos no sentido de uma autonomia regional vêm sendo demonstrados pela criação recente de cursos em nível de pós-graduação, na UFRGS, na PUC/RS, na Unisinos, na UFSM e na UPF em 1996. Embora as linhas de pesquisa da pós-graduação gaúcha ainda tenham um cunho genérico, pode-se visualizar tentativas no sentido da busca de uma identidade que retrate as inquietações dos pesquisadores locais. Ao mesmo tempo, cada vez mais são celebrados convênios com universidades nacionais e internacionais formando redes de investigação. Fato que reflete o ambiente internacional da pesquisa, as pressões que a instituição universitária vem sofrendo para acompanhar o seu tempo e a afirmação de uma realidade em que local e global são cada vez mais próximos.

Quanto à pesquisa na pós-graduação, cabe mencionar que a UFRGS, por exemplo, não possui linhas de pesquisas instituídas, porque estas resultam da produção individual de professores depois que retornam do seu doutorado com focos de interesse claramente identificados.

## **2. Santa Catarina**

Com exceção da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), da qual colhemos dados durante o V Sipec da Região Sul, realizado em Santa Maria (RS), não obtivemos informações de nenhuma outra universidade quanto a TCCs, trabalhos de pós-graduação e outras pesquisas. A UFSC, com seus diversos departamentos, é o único centro de pesquisa produzindo conhecimentos em Santa Catarina. A expectativa é de que em breve aumente consideravelmente a produção científica, com a implantação de dois mestrados de comunicação. Teoria do jornalismo orientada para uma nova prática profissional e a área de Estudos culturais destacam-se na produção científica.

### 3. Paraná

A exemplo do que acontece em Santa Catarina, no Paraná a produção científica também é tímida. Os cursos de comunicação não possuem uma política de pesquisa que oriente linhas de pesquisa e poucas são as pesquisas feitas. O fato de haver apenas dois cursos de pós-graduação em nível de especialização também pode ser um dos motivos da baixa produção científica. A Universidade Estadual de Londrina oferece dois cursos *lato sensu* denominados Relações Públicas Empresariais e Discurso Fotográfico, este em parceria com os departamentos de Arte e de Línguas Vernáculas e Clássicas. Alguns trabalhos são realizados também em pós-graduação em Marketing. Nos trabalhos de pós-graduação realizados por professores de comunicação, predomina o método qualitativo e praticamente todas as pesquisas são financiadas ou pela Capes ou pelo CNPq. Nos últimos três anos, uma pesquisa foi financiada pelo Banco do Brasil

Conforme evidenciado durante o V Sipec da Região Sul, na área da graduação, os alunos têm optado por trabalhos de conclusão que permitem aplicabilidade imediata e menor exigência quanto ao rigor teórico e científico. Muitos professores optam por projetos de extensão, em detrimento de pesquisas científicas. O apoio para pesquisas de iniciação científica é concedido apenas para alunos orientados por professores com titulação mínima de mestre; mesmo assim, muitas bolsas são de agências de fomento local ou das próprias instituições.

## VI. Propostas

Esta investigação sobre a situação da pesquisa na região sul deve ser apenas o início de um amplo e completo trabalho de sistematização. A falta de organização das informações nas universidades ainda é um problema no aspecto quantitativo e qualitativo. Entende-se, porém, que esta iniciativa deve prosseguir com um roteiro em nível nacional. Para isso, propõe-se uma investigação particular de toda a produção científica de forma sistematizada, a partir de um roteiro comum, para que se tenha acesso aos mesmos dados em todas as universidades – um documento pelo qual os cursos novos e antigos possam organizar os trabalhos e conseqüentemente sistematizá-los. Só assim, torna-se possível uma completa investigação da produção científica dos cursos de comunicação, tanto na graduação quanto na pós-graduação. Nesse sentido também poderíamos levantar os projetos que são feitos na área da extensão.

Frente à dificuldade em obter respostas de algumas universidades da região sul – por não terem estes dados organizados ou por falta de tempo e pessoas disponíveis para este trabalho ou, ainda, por não saberem ao certo como sistematizá-



zâ-los para que cumpram seu objetivo na investigação geral —, seria oportuno um trabalho em nível de Brasil, onde cada universidade teria um professor-pesquisador encarregado, pelo período de um ano, com bolsa de algum órgão de pesquisa. Este professor-pesquisador organizaria os dados de sua instituição, a partir de um roteiro geral bem específico e definido, de forma a não gerar dúvidas. Na área da pós-graduação o trabalho seria bastante facilitado, pois, como os cursos ainda estão surgindo no Brasil, será oportuno organizar a produção científica desde logo.

Entende-se que os dados constantes neste relatório, bem como dos outros quatro Sipec's, devem servir como ponto de partida para uma completa sistematização da pesquisa e para uma tomada de consciência da importância de um registro na universidade. Propõe-se que após o congresso da Intercom, este trabalho seja retomado, de forma conjunta, pelos coordenadores dos Sipec's e pelos relatores. Acredita-se que a partir de agora o trabalho será facilitado, porque muitas universidades já organizaram parte das informações. Caso não se continue com este trabalho, corre-se o risco de as instituições interromperem esta sistematização, pela falta de uma orientação que converge num mesmo sentido e para o mesmo objetivo. Para isso, no entanto, temos que motivar os chefes de departamento, coordenadores de curso e professores.

Seria interessante também que cada Estado tivesse os dados organizados, mas, como nem as universidades possuem esta sistematização, a proposta torna-se inviável. Uma alternativa seria, então, incentivar a criação de um banco de pesquisa onde serão cadastrados todos os trabalhos concluídos ou em andamento.